

PIERRE CHARRON

DA SABEDORIA

ED. 1604

Explicação da figura do frontispício do livro

Na parte mais alta, sobre a inscrição do livro, a sabedoria é representada por uma bela mulher completamente nua, cujas vergonhas não aparecem, *quase non essent*. O rosto é são, robusto, feliz e sorridente, o olhar forte e magistral. Seu corpo está reto, os pés juntos sobre um cubo, os braços cruzados como se abraçasse a si mesma, como se ela se limitasse a si mesma, sobre si e em si, contente de si. Sobre a cabeça uma coroa de louro e de oliveiras: vitória e paz. Em volta há um espaço vazio que significa liberdade. Ela se olha em um espelho distante dela, sustentado por uma mão que sai de uma nuvem. Neste aparece uma outra mulher, parecida com ela, pois ela sempre se vê e se conhece. À sua direita as palavras de sua divisa: *eu não sei*. À sua esquerda outras palavras: paz e pouco, a divisa do autor, expressa por um rábano colocado em uma estaca, envolvido em um ramo de oliveira e rodeado por dois galhos ovais de louro.

Em baixo encontram-se quatro mulheres feias, definhadas, enrugadas e acorrentadas. Suas correntes se entregam e terminam no cubo que está sob os pés da sabedoria que as despreza, condena e pisoteia. Dentre elas, duas estão do lado direito da inscrição do livro: paixão e opinião. A paixão, magra, tem o rosto totalmente alterado. A opinião, com os olhos perdidos, volúvel, está urdida, sustentada por muitas pessoas: o povo. As duas outras estão do outro lado da inscrição. A superstição, com o rosto transido, juntando as mãos como uma serva que treme de medo. E a ciência, virtude ou prudomia artificial e adquirida, pedante, apaixonada pelas leis e costumes, com o rosto inchado, glorioso, arrogante, com as sobrancelhas elevadas, lê um livro onde está escrito sim, não. Esta figura também é explicada pelo soneto que segue.

Soneto

A sabedoria está nua, direita e sem artifício,
De oliveira e louro sua cabeça está verdejante,
Seu espelho é sustentado pelos dedos do fulminante,
E se eleva acima do cubo da justiça.
Sob seus pés na golilha, as mães de todo vício
Pisoteando de despeito, resmungando, latindo,
Contra ela em vão o esforço de sua raiva empregando,
Tão forte e firme é o edifício da sabedoria.
A paixão se anima impetuosamente;
O povo favorece e carrega obstinadamente
A louca opinião, surda, cega e perversa;
Tremendo e sem saber, a superstição
Se estrangula ela mesma; e a presunção
Pela pedante é derrubada.

C.D.E.E.D.B.

Superanda omnis fortuna ferendo est.

Ao Monsenhor, Duque de Espernon, par e coronel da infantaria da França.

Monsenhor,

Todos estão de acordo que as duas coisas que mais se ligam ao céu, que estão mais em relevo e são as duas mestras do mundo, são a virtude e a boa fortuna, a sabedoria e a boa sorte. Com relação à preferência destas existe disputa; cada uma possui seu preço, dignidade e excelência. À virtude ou sabedoria, como é mais laboriosa, suarenta e arriscada, são por direito devidas estima e recompensa. À sorte ou boa fortuna, sendo mais alta e divina, são propriamente devidas admiração e adoração. Esta, por seu esplendor, toca e arrebatava mais os mais simples e populares; aquela é melhor percebida e reconhecida pelas pessoas de julgamento. Raramente encontram-se juntas, em um mesmo sujeito, pelo menos em mesmo grau e lugar. Ambas são tão grandes que não podem aproximar-se e misturar-se sem alguma inveja ou contestação de prioridade. Uma não tem seu brilho e não consegue emergir na presença da outra. Mas se conseguem entender-se bem e unir-se, daí decorre uma harmonia muito melodiosa: a perfeição. Disto o senhor é, Monsenhor, um exemplo muito rico, dos mais ilustres que tenha aparecido em nossa França desde há muito tempo. A boa fortuna e a sabedoria sempre deram as mãos e fizeram-se conjuntamente valer no teatro de sua vida. Sua boa fortuna surpreendeu e penetrou todos pela sua luz e esplendor. Sua sabedoria é reconhecida e admirada pelos mais sensatos e judiciosos. É ela quem soube bem dispor e manter o que a boa fortuna colocou em suas mãos. Por ela o senhor soube não somente preencher bem, conduzir e realçar a boa fortuna. O senhor a construiu e fabricou. Como dizem: o sábio é artesão de sua fortuna. O senhor a atraiu, tomou, ligou e obrigou ao senhor. Sei,

assim como todos que o zelo e a devoção à verdadeira religião, a bravura e suficiência militar, a destreza e boa conduta em todos os assuntos fizeram com que o senhor adquirisse o amor e a estima de nossos reis, a benevolência dos povos e a glória em todo lugar. Mas ousou e quero dizer que sua sabedoria foi quem mais teve parte nisso, ela coroa e perfaz todas estas coisas. É justamente por isto e muito a propósito que este livro é dedicado e consagrado ao senhor: ao sábio, a sabedoria. O seu nome, colocado à frente, é o verdadeiro título e sumário deste livro. É uma bela e doce harmonia, o modelo ocular com o discurso verbal, a prática com a teoria. Se for permitido falar de mim, Monsenhor, direi confidentemente, com sua permissão, que, tendo anteriormente a cabeça cheia do barulho de seu nome, desde o primeiro dia em que tive a felicidade de vê-lo e considerá-lo unicamente com os olhos (o que fiz muito atentamente), fui tomado por uma inclinação. Desde então, sempre levei em meu coração uma inteira afeição e desejo por seu bem, grandeza e prosperidade. Mas sendo daqueles que somente possuem o desejo em seu poder e as mãos demasiado curtas para ir aos fatos, quis dizê-la ao mundo e publicá-la por esta oferta que lhe faço muito humildemente. Por meio de um assunto muito rico (pois existe algo maior no senhor e no mundo do que a sabedoria?), é verdade, mas que mereceria ser mais elaborado e elevado para ser apresentado ao senhor. O que poderá acontecer com o tempo, que purifica e recoze todas as coisas? Na verdade, eis um assunto infinito, ao qual podemos sempre acrescentar. Mas tenho confiança de que, como está, será recebido humanamente por vós, e talvez empregado para a leitura de meus senhores suas crianças, que após a ideia viva, e patrão animado de *sabedoria no senhor*, encontrarão aí alguns traços e delineamentos. De minha parte, permaneceré sempre, Monsenhor, seu muito humilde e muito obediente servidor.

Charron.

Certidão do privilégio do rei.

Por graça e privilégio do rei é permitido ao Sr. Pierre Charron, teologal e cantor da Igreja catedral de Comdom fazer imprimir, pelos impressores e livreiros que este desejar, as Três verdades aumentadas de novo, os livros da Sabedoria e outros discursos e homilias cristãs por ele feitos e compostos. E é proibido à todos os súditos de sua majestade imprimi-las ou mandar imprimir sem o consentimento e permissão do dito Sr. Charron. Isto até o tempo e termo de dez anos terminados e cumpridos, começando no dia em que terá sido terminada a impressão, sob pena de seiscentos escudos de multa e de todas as despesas, danos e interesses, contanto que no começo ou no final dos tais livros seja colocado um extrato sumário das tais cartas de patente dadas em Chambéry no dia 27 de setembro de 1600.

Pelo rei em conselho. Du Fos.

O dito Sr. Charron permitiu à David Douceur livreiro na universidade de Paris imprimir ou fazer imprimir os três livros da Sabedoria por ele revistos e aumentados. Para este fez a transferência de todo o tempo de seu privilégio para dele utilizar contra os que o transgredirem, como é evidente pelo contrato deste, passado frente a Fardeau e Saint Vaast, notários em Chastellet no dia 20 de outubro de 1603.

O privilégio para os livros do Sr. Charron foi registrado no Parlamento de Bordeaux segundo a sentença da dita corte de 16 de novembro de 1600.

Assinado de Pontac.

O assunto e a ordem destes três livros.

O primeiro livro ensina a conhecer-se, assim como a condição humana – que é fundamento da sabedoria – por cinco grandes e capitais considerações acerca do homem, e contém 62 capítulos. O segundo contém as regras capitais da sabedoria, os privilégios e as qualidades próprias do sábio, e possui 12 capítulos. O terceiro discorre pelas quatro virtudes morais: prudência, justiça, força e temperança, oferece os ensinamentos particulares de sabedoria em 43 capítulos.

Índice dos capítulos destes três livros acerca da Sabedoria.

Livro primeiro, acerca do conhecimento de si, e da condição humana.

Exortação a estudar-se e a conhecer-se.

Prefácio do primeiro livro.

Primeira consideração acerca do homem: natural que se faz pelas peças das quais é composto.

1. Da formação do homem.
2. Distinção primeira e geral do homem.
3. Do corpo e primeiramente de todas estas partes, matéria daquelas.
4. Das propriedades singulares do corpo humano.
5. Dos bens do corpo, da saúde, da beleza e outros.
6. Das vestimentas do corpo.
7. Da alma em geral.
8. Da alma em particular, e primeiramente da faculdade vegetativa.
9. Da faculdade sensitiva.
10. Dos sentidos da natureza.
11. Do ver, do ouvir e do falar.
12. Das outras faculdades: imaginativa, memorativa e apetitiva.
13. Da faculdade intelectiva e verdadeiramente humana.

14. Do espírito humano, suas partes, funções, qualidades, razão, invenção e verdade.
15. Da memória.
16. Da imaginação e da opinião.
17. Da vontade. Das paixões e das afecções.
18. Das paixões em geral. Das paixões em particular.
19. Do amor em geral.
20. Da ambição.
21. Da avareza e sua contra-paixão.
22. Do amor carnal.
23. Dos desejos e da cupidez.
24. Da esperança e da falta de esperança.
25. Da ira.
26. Do ódio.
27. Da inveja.
28. Do ciúme.
29. Da vingança.
30. Da crueldade.
31. Da tristeza.

32. Da compaixão.

33. Do temor.

Segunda consideração acerca do homem, feita por sua comparação com os outros animais.

Terceira consideração acerca do homem, segundo seu estilo de vida.

35. Estima, brevidade, descrição da vida humana e de suas partes.

Quarta consideração moral acerca do homem, segundo seus costumes, humores, condições, bem viver e notável.

Prefácio contendo uma pintura geral do homem.

36. Da vaidade.

37. Da fraqueza.

38. Da inconstância.

39. Da miséria.

40. Da presunção.

Quinta e última consideração do homem, pela grande variedade e diferença existentes nele e suas comparações.

41. Da diferença e da desigualdade dos homens em geral.

42. Primeira distinção e diferença dos homens, natural e essencial, tirada da diversa disposição do mundo.

43. Segunda distinção e diferença mais sutil dos espíritos e suficiência dos homens.

44. Terceira distinção accidental dos homens, de seus graus, estados e empregos.

Dos estados e graus dos homens em particular.

45. Do comandar e do obedecer.

46. Do casamento.

47. Dos pais e dos filhos.

48. Dos senhores e dos escravos, dos mestres e dos servidores.

49. Do estado, da soberania e dos soberanos.

50. Dos magistrados.

51. Dos legisladores, dos doutores e dos instrutores.

52. Do povo ou do vulgo.

Quarta distinção e diferença dos homens tirada de suas diversas profissões e condição de vida. Prefácio.

53. Da distinção e comparação de três tipos e graus de vida.

Fim do índice dos capítulos do livro I.

Prefácio

Aqui falamos do nome, assunto, propósito e método desta obra, com aviso ao leitor. É aqui conveniente saber desde a entrada o que é a sabedoria, e como tencionamos tratá-la nesta obra, já que ela traz seu nome e seu título. Em relação à primeira e simples audição da palavra Sabedoria, todos em geral facilmente concebem e imaginam alguma qualidade, suficiência ou hábito não comum, nem popular, mas excelente, singular e sublime, acima do comum e do ordinário. Seja para bem ou para mal, pois ela é tomada e usurpada (talvez impropriamente) de ambas as maneiras: *Sapientes sunt ut faciant mala*. E não significa propriamente qualidade boa e louvável, mas distinta, singular e excelente no que quer que seja, com a qual se pode dizer sábio tanto um tirano, quanto um pirata, ladrão, quanto sábio rei, piloto, capitão, quer dizer: suficiente, prudente e distinto: não simplesmente e popularmente, mas excelentemente. Por isto se opõe à Sabedoria não somente a loucura, que é um desregramento e um vício – e a Sabedoria é uma regra bem medida e proporcionada – mas também a vileza e simplicidade comum e popular, pois a Sabedoria é sublime, forte e excelente. Assim a sabedoria, seja para bem ou para mal, comporta duas coisas: suficiência, que é a provisão e guarnição de tudo o que é requerido e necessário, e que ela esteja em muito alto grau. Eis o que – ao primeiro simples som da palavra Sabedoria – os mais simples imaginam. A partir disto eles admitem que existem poucos sábios, que são raros – como o é toda excelência – e que a eles pertence o direito de comandar e guiar os outros; que eles são como oráculos dos quais nos vem o provérbio de crer nos sábios e se remeter a eles. Entretanto, definir bem a coisa de fato, e a distinguir por suas partes, nem todos sabem fazê-lo nem estão de acordo, e não é fácil. O vulgo, os filósofos e os teólogos falam dela de maneiras

diferentes: são as três etapas e classes do mundo. Estas duas procedem com ordem, regras e preceitos, a outra confusa e muito imperfeitamente.

Ora, podemos dizer que há três tipos e graus de Sabedoria: a divina, a humana e a mundana, que correspondem a Deus, à natureza pura e inteira e à natureza viciada e corrompida. De todos estes tipos, e de cada uma delas, discorrem e falam todas estas três classes do mundo que dissemos, cada uma de acordo com seu alcance e seus meios. Mais própria e formalmente o comum – ou seja o mundo – fala da mundana, o filósofo da humana e o teólogo da divina.

A mundana e mais baixa, diversa de acordo com os três grandes chefes deste baixo mundo: opulência, volúpia, glória ou então avareza, luxúria e ambição. *Quidquid est in mundo est concupiscentia oculorum, concupiscentia carnis, superbia vitae*. É chamada por S. Jacques de três nomes, *Terrena, Animalis, Diabolica*; é reprovada pela filosofia e pela teologia, que a denomina loucura diante de Deus, *stultam fecit Deus sapientiam hujus mundi*. Não falamos dela neste Livro, senão para condená-la.

A mais sublime – que é a divina – é definida e tratada pelos filósofos e teólogos um pouco diversamente (eu desdenho e abandono aqui tudo o que acerca dela pode dizer o homem comum, como profano e indigno de ser ouvido sobre tal coisa). Os filósofos fazem-na completamente especulativa, dizem que é o conhecimento dos princípios, das primeiras causas e mais altos motores de todas as coisas, e enfim da causa soberana, que é Deus; é a Metafísica. Esta reside toda no entendimento, é seu soberano bem e sua perfeição, é a primeira e mais elevada das cinco virtudes intelectuais, que pode existir sem probidade, ação, e sem nenhuma virtude moral. Os Teólogos não a elaboram de maneira tão especulativa, a ponto de não ser de forma nenhuma prática, pois eles dizem que é

pelo conhecimento das coisas divinas que se chega a um julgamento e a uma regra das ações humanas. E fazem dupla a Sabedoria divina: uma é atingida pelo estudo, e é mais ou menos aquela dos filósofos que eu acabo de mencionar; a outra, infusa e dada por Deus. *De sursum descendens*. É o primeiro dos sete dons do Espírito Santo. *Spiritus Domini spiritus sapientiae*, que não se encontra senão nos justos e limpos de pecado. *In malevolam animam non introibit sapientia*. Desta Sabedoria divina também não pretendemos falar aqui. Ela é em certo sentido e medida tratada em minha primeira verdade, e em meus discursos acerca da Divindade.

Segue-se pois que é da Sabedoria humana que nosso livro trata e de que leva o nome. É preciso ter dela uma pintura breve e geral, que seja como o argumento e o sumário de toda a obra. As descrições comuns são diversas e todas curtas. Alguns e a maior parte dos homens pensam que é uma prudência, discrição e comportamento prudente nos negócios e na conversa. Isto é digno do homem comum que relaciona quase tudo ao exterior, à ação, e não considera outra coisa senão o que parece. Ele é todo olhos e ouvidos, os movimentos internos o tocam e pesam para ele muito pouco. Assim, segundo sua opinião, a Sabedoria pode existir sem piedade e sem probidade essencial: é uma boa aparência, uma doce e modesta fineza.

Outros pensam que é uma singularidade rude e espinhosa, uma austeridade contraída de opiniões, costumes, palavras, ações e modo de viver – de tal forma que chamam, àqueles que são feridos ou tocados por este humor, filósofos. Em outras palavras, em seu jargão, extravagantes, esquisitos, heteróclitos. Ora, tal Sabedoria – de acordo com a doutrina de nosso livro – é antes uma loucura e uma extravagância.

É preciso então aprender que é de outras pessoas e não do homem comum, a saber dos filósofos e dos teólogos, que ambos trataram em suas doutrinas morais. Aqueles mais longa e propositadamente como sua verdadeira presa, seu assunto próprio e formal, pois eles se ocupam com aquilo que é da natureza e com o fazer. A teologia vai mais além, conta e se ocupa com as virtudes infusas teóricas e divinas, ou seja, com a Sabedoria divina e com o crer. Assim, os filósofos se demoraram e se estenderam mais aí, regulando e introduzindo não somente o particular, mas também o comum e o público, ensinando o que é bom e útil às famílias, às comunidades, às repúblicas e aos impérios.

A Teologia é mais mesquinha e taciturna nesta parte, visando principalmente ao bem e à salvação de cada um. Os Filósofos a tratam mais delicada e agradavelmente, os Teólogos mais austera e secamente. A Filosofia, que é a primogênita – como a natureza é a primogênita da graça e o natural do sobrenatural – parece persuadir graciosamente e querer agradar aproveitando, como a poesia.

Simul et jucunda, et idonea dicere vitae

Lectorem delectando pariterq; monendo,

Revestida e enriquecida de discursos, razões, invenções, agudezas engenhosas, exemplos, semelhanças; ornada com belos dizeres, apotegmas, palavras sentenciosas, paramentada com eloquência e artifício. A Teologia – que veio em seguida – parece comandar e ordenar imperiosa e magistralmente. De fato, a virtude e probidade dos Teólogos é toda desgostosa, austera, sujeita, triste, temerosa e popular. A filosófica, tal qual este livro ensina, é toda alegre, livre, feliz, elevada e, se é preciso dizer, jovial. No entanto, bem forte, nobre,

generosa e rara. Certamente os Filósofos foram excelentes nesta parte, não somente por tratá-la e ensiná-la, mas ainda por representá-la viva e ricamente em suas vidas nobres e heroicas. Eu entendo aqui por filósofos e sábios não somente aqueles que levaram o nome de sábios, como Tales, Sólon, os outros que tiveram envergadura e os do tempo de Ciro, Creso, Pisístrato. Também aqueles que vieram em seguida e ensinaram em público, como Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Aristipo, Zenão, Antístenes, todos chefes de partido, e tantos outros seus discípulos, diferentes e divididos em seitas. E ainda todos os grandes homens que faziam profissão singular e exemplar de virtude e sabedoria, como Fócio, Aristides, Epaminondas, Alexandre – que Plutarco chama tanto de Filósofo quanto de Rei dos Gregos. Os Fabrícios, Fábios, Camilos, Catões, Torquatos, Régulos, Lélios e Scipiões: romanos que em sua maioria foram generais de exército.

Por estas razões eu sigo e emprego em meu livro de melhor grado e ordinariamente a opinião e o dizer dos Filósofos, sem todavia omitir ou rejeitar a dos teólogos, pois também em substância eles estão todos de acordo e muito raramente têm diferenças, e a Teologia não desdenha empregar e fazer valer os belos dizeres da Filosofia. Se eu tivesse empreendido instruir para o claustro e para a vida conciliar, ou seja, para a profissão dos conselhos Evangélicos, ter-me-ia sido necessário seguir *ad amussim*, a opinião dos teólogos.

Mas nosso livro instrui para a vida civil e forma um homem para o mundo, ou seja, para a Sabedoria humana e não divina. Dizemos então naturalmente e universalmente com os filósofos e com os teólogos que esta Sabedoria humana é uma retidão, bela e nobre composição do homem inteiro em seu interior, seu exterior, seus pensamentos, palavras, ações e todos os seus movimentos. É a

excelência e perfeição do homem como homem, ou seja, segundo leva e requer a lei primeira, fundamental e natural do homem. Da mesma forma que dizemos ser uma obra bem feita e excelente quando ela está completa em todas as suas partes e quando todas as regras da arte foram nela observadas. Homem sábio é aquele que sabe com excelência fazer o homem.

Ou seja, para dar uma pintura mais particular, pois se conhecendo bem (assim como a condição humana) evita todos os vícios, erros, paixões e defeitos, internos, seus e próprios como externos, comuns e populares. Mantendo seu espírito limpo, livre, franco e universal. Considerando e julgando todas as coisas, sem se obrigar a nada nem jurar de nada. Visando sempre e se regulando em todas as coisas segundo a natureza, ou seja, a razão primeira, lei universal e luz inspirada por Deus, que ilumina em nós, à qual ele se curva e acomoda a sua própria e particular. Vivendo no exterior e com todos, segundo as leis, costumes e cerimônias do país no qual está, sem ofensa a ninguém, se comportando prudentemente e discretamente em todos os assuntos, avançando sempre com firmeza, alegre e contente de si mesmo, esperando pacificamente tudo o que pode advir, inclusive a morte. Todos estes traços e partes, que são vários, podem, para facilitar, se resumir e se reportar a quatro chefes principais: conhecimento de si, liberdade de espírito distinta e generosa, seguir a natureza (esta tem uma enorme extensão e poderia praticamente ser suficiente) e o verdadeiro contentamento. Eles quais não se encontram senão no sábio, pois aquele que falta em um destes pontos não é sábio. Quem se desconhece, quem mantém seu espírito em algum tipo de servidão, de paixões ou de opiniões populares o torna parcial, se obriga a alguma opinião particular e se priva da liberdade e jurisdição de ver, julgar e examinar todas as coisas. Quem se choca e vai contra a natureza, sob qualquer pretexto que seja, seguindo antes a opinião ou a paixão que a

razão, que não tem estabilidade, perturbado, preocupado, descontente e temeroso da morte não é sábio. Eis em poucas palavras a pintura da sabedoria e da loucura humanas, e o sumário daquilo que pretendo tratar nesta obra. Especialmente no segundo livro, que propositadamente contém as regras, traços e ofícios de sabedoria, que é mais meu do que os dois outros, e que uma vez pensei em produzir sozinho. Esta pintura verbal da sabedoria é visivelmente representada na porta e no frontispício deste livro por uma mulher completamente nua no vazio, não se segurando em nada, em seu puro e simples natural. Ela se olha em um espelho, seu rosto alegre, risonho e varonil. Está reta, os pés juntos sobre um cubo, e se abraça, tendo sob os pés quatro mulheres acorrentadas, como escravas. Paixão com o rosto alterado e hediondo. Opinião com os olhos perdidos, leviana, avoadada, sustentada por cabeças populares. Superstição toda enregelada e de mãos juntas. Virtude, prudomia ou ciência pedantes com o rosto inchado, as sobrancelhas elevadas, lendo em um livro onde está escrito sim, não. Tudo isto não necessita maior explicação que a já oferecida, mas ela se encontrará ao longo do segundo livro.

Para chegar a esta fortuna e adquiri-la, há dois meios. O primeiro está na conformação natural e no caráter primeiro, ou seja, no temperamento da semente dos pais. Em seguida, no leite nutritivo e na primeira educação em relação à qual se diz alguém ser bem ou mal nascido, ou seja, bem ou mal formado e disposto para a Sabedoria. Não se crê o quanto este começo é poderoso e importante; pois se se cresse, ter-se-ia com ele um cuidado e uma diligência diferentes do que se tem. É coisa estranha e deplorável que se esteja em tal indolência com a vida, de não ter nenhum cuidado com a vida e com a boa vida daqueles que nós queremos serem outros nós mesmos. Nos assuntos menores damos cuidado, atenção e

empregamos conselhos. Aqui, no maior e no mais nobre, não pensamos senão por acaso ou por coincidência.

Quem é aquele que se inquieta, que consulta, que se coloca no dever de fazer o que é devido, se guardar e preparar como é necessário para criar filhos viris, sãos, espirituais e próprios para a Sabedoria – já que o que serve para uma destas coisas serve para as outras, e a intenção da natureza visa conjuntamente a tudo isto? Ora, é no que menos se pensa, e mal se pensa simplesmente em fazer filhos, mas apenas em saciar seu prazer, como animais. Este é um dos mais notáveis e importantes erros que pode haver em uma República, do qual ninguém se adverte ou se queixa, e não há nenhuma lei, regra ou aviso público a este respeito. É certo que, se se comportassem como se deve, teríamos outros homens e não os que temos. O que é requerido nisto e na primeira alimentação, está dito em nosso terceiro livro, no capítulo quatorze.[\[1\]](#)

O segundo meio está no estudo da filosofia. Eu não me refiro a todas as suas partes, mas à moral (sem todavia esquecer a natural), que é a luz, o guia e a regra de nossa vida, que explica e representa muito bem a lei da Natureza, instrui o homem universalmente em tudo, no domínio público e no privado, só e em sociedade, para toda conversa doméstica e civil, tira e suprime todo o lado selvagem que está em nós, ameniza e domestica o natural rude, feroz e selvagem, habitua e afeiçoa aquele à sabedoria. Enfim, é a verdadeira ciência do homem. Todo o resto face a ela é somente vaidade, e não é nem necessário nem útil, pois ela ensina a bem viver e a morrer bem, o que é tudo. Ensina uma brava prudência, uma hábil e forte *prudomia*[\[2\]](#) e uma probidade bem avisada.

Mas este segundo meio é quase tão pouco praticado e mal empregado quanto o primeiro. Nem todos se preocupam com esta sabedoria, tão atentos

estão à vida mundana. Eis os dois meios de chegar à sabedoria e obtê-la, o natural e o adquirido. Quem foi feliz no primeiro, ou seja, quem foi favorecido pela natureza e tem um temperamento bom e afável, o qual produz uma grande bondade e suavidade de costumes, avançou bem no segundo. Sem muito esforço ele se encontra completamente propenso à sabedoria. Quem for constituído de modo contrário deve, com grande e laborioso estudo e exercício do segundo meio recompor-se e completar o que lhe falta. Como Sócrates, um dos mais sábios, dizia de si: que, pelo estudo da filosofia, tinha corrigido e endireitado seu mau natural.

Contrariamente há dois impedimentos formais para a sabedoria e dois contra-meios ou encaminhamentos poderosos para a loucura, o natural e o adquirido: O natural vem da têtpora e temperamento original, que torna o cérebro muito mole, úmido, suas partes grosseiras e materiais, o espírito permanecendo tolo, fraco, pouco capaz, vulgar, enfraquecido e obscuro, tal qual a maior parte dos comuns. Ou então quente demais, ardente e seco, tornando o espírito louco, audacioso e viciado. São as duas extremidades, tolice e loucura, a água e o fogo, o chumbo e o mercúrio, males próprios à sabedoria que requer um espírito muito vigoroso e generoso, não obstante doce, flexível e modesto. Todavia o segundo parece mais fácil de corrigir pela disciplina que o primeiro. O adquirido vem de cultura e instrução nula ou má, que consiste entre outras coisas em um choque e prevenção jurada de certas opiniões, das quais o espírito se cumula e toma um forte conhecimento superficial, se tornando inábil e incapaz de ver e encontrar algo melhor, de se elevar e se enriquecer. Diz-se deles que são passionais e emotivos, que têm um conflito e uma comoção na cabeça, que piora se a ciência é acrescentada, pois ela incha, traz presunção, temeridade e empresta armas para sustentar e defender as opiniões antecipadas. Ela acaba por fim

formando a loucura e tornando-a incurável. Fraqueza natural e prevenção adquirida já são dois grandes impedimentos, mas a ciência – se ela não os cura, o que raramente faz – fortifica-os e torna-os invencíveis. O que não leva à desonra ou ao descrédito a ciência, como poderíamos pensar, mas antes à sua honra.

A ciência é um bastão útil e bom, mas não se deixa manusear por todas as mãos. Mas, quem não sabe manejá-lo bem, recebe dele mais danos que proveitos. Ela torna opiniático e enfraquece, diz um grande homem hábil, os espíritos fracos e doentes, mas lustra e aperfeiçoa os fortes e bons naturais. O espírito fraco não sabe possuir a ciência, aplicá-la e se servir dela como deve.

Pelo contrário ela o possui e o governa a bel prazer, ele se dobra a ela e permanece seu escravo. Como o estômago fraco carregado de carnes que não pode cozer nem digerir; como o braço fraco que, não tendo poder nem habilidade para manejar bem seu bastão – que é forte e pesado demais para ele –, se cansa e se distrai completamente. O espírito forte e sábio não desfruta [a ciência], maneja-a como mestre, se serve dela para seu bem e vantagem, forma seu julgamento, retifica e acomoda sua vontade e sua luz natural, se sentindo mais hábil onde o outro se torna mais tolo e inepto; e com isto presunçoso.

Assim, o erro não é da ciência, nem a censura é dirigida a ela. Não mais que ao vinho ou a outra droga muito forte e boa, que não se pode ajustar à necessidade. *Non est culpa vinis, sed culpa bibentis*. Ora, contra tais espíritos fracos por natureza, preocupados, envaidecidos e impedidos pelo adquirido^[3] como inimigos formais da Sabedoria, eu luto propositalmente neste livro. E o faço frequentemente através da palavra Pedante – não encontrando outra mais adequada – que é neste sentido usurpada do original por muitos bons autores. Em sua origem grega ela é bem colocada, mas em outras línguas posteriores, em

razão do abuso e da maneira errônea de proceder e se portar com as letras e as ciências, é vil, sórdida, opiniática, brigona, presunçosa e ostentativa. Praticada por muitos, foi usurpada como em derisão e injúria, e é daquelas palavras que, com um lapso de tempo, mudam de significado, como tirano, sofista, e outras. O senhor de Bellay depois de ter anotado todos os vícios concluiu como sendo o maior: Eu odeio por cima de tudo um saber pedantesco, e ainda.

Você pensa que eu não tenho como me vingar,

senão que você só é feito para beber e comer.

Mas eu tenho algo ainda mais satírico,

É, dizendo com poucas palavras, que você é um pedante.

Talvez alguns se ofenderão com esta palavra, pensando que ela lhes diz respeito e que por ela eu quis taxar e atacar os professores de letras e instrutores. Mas eles se apaziguarão – se lhes agrada – com esta franca e aberta declaração que lhes faço aqui, de não designar com tal palavra nenhum estado de invólucro ou profissão literária. Tanto é que por toda parte eu gosto muitíssimo dos filósofos, e atacaria a mim mesmo, já que eu o sou e tenho isto como ocupação habitual.

Mas designo uma certa qualidade e grau de espírito que retratei acima, ou seja, aqueles que têm capacidade e suficiência naturais muito comum e medíocre, mal cultivados, preconceituosos e obstinados em certas opiniões, os quais se encontram em todas as profissões, sob qualquer fortuna e condição vestido de "longo e de curto". *Vulgum tam chlamidatos, quam coronam voco.* Se me fornecerem uma outra palavra que signifique tal espírito, eu a abandonarei de

muito bom grado. Depois desta minha declaração de boa fé, quem se queixar, se acusará e se mostrará muito desgostoso.

Podemos perfeitamente opor ao sábio outros além do Pedante, neste sentido particular de comum, profano e popular. E o faço largamente, como o baixo ao alto, o fraco ao forte, o vulgar ao distinto, o comum ao raro, o servo ao mestre, o profano ao sagrado. Também podemos opor o Louco ao Sábio, que, de fato, no primeiro sentido das palavras, é seu verdadeiro oposto. Mas é como o desregrado ao regrado, o glorioso opiniático ao modesto, o partidário ao universal, o prevenido e maculado ao livre, franco e claro, o doente ao são. O Pedante porém, no sentido em que o tomamos, compreende tudo isto, e ainda mais.

Isto porque ele designa aquele que não somente é dissemelhante e contrário ao Sábio, como os citados acima, mas ainda aquele que arrogantemente e orgulhosamente lhe resiste de frente. E, como se estivesse armado de todas as ferramentas, se eleva contra ele e o ataca, falando resolutamente e magistralmente. Como o Sábio não o teme de modo algum, já que se sente descoberto e visto até o âmago e ao natural e seu jogo sendo perturbado, o Pedante o persegue com um ódio seguro e interno, empreende censurá-lo, depreciá-lo e condená-lo, se estimando e se portando como o verdadeiro sábio: não há louco maior.

Depois da intenção e argumento desta obra, venhamos à ordem e ao método. Há três livros. O primeiro trata em sua totalidade do conhecimento de si e da condição humana que prepara para a sabedoria. Isto é tratado amplamente por cinco grandes considerações capitais, que também possuem divisões. O segundo contém os traços, ofícios e regras gerais e principais de sabedoria. O

terceiro contém as regras e instruções particulares de sabedoria, pela ordem e pelo discurso das quatro virtudes morais principais: prudência, justiça, força e temperança. Sob elas está incluída toda instrução da vida humana e todas as partes do dever e da honestidade. De resto trato e ajo aqui não de maneira escolástica ou pedante nem com extensão de discurso, aparelho de eloquência ou algum artifício. A sabedoria nobre e gloriosa demais (*que si oculis ipsis cerneretur, mirabiles excitaret amores fui*) não tem nada a fazer com todas estas maneiras para sua recomendação. Mas ajo brusca, aberta e ingenuamente, o que talvez não agrada a todos. As proposições e verdades são aqui espessas, mas frequentemente secas e cruas, como aforismas, aberturas e sementes de discurso.

Alguns acham este livro muito ousado e livre, chocando as opiniões comuns, e se ofendem. Eu lhes respondo em quatro ou cinco palavras. Primeiramente a sabedoria que não é nem comum nem popular tem propriamente esta liberdade e autoridade, *jure suo singulari*, de julgar de tudo. É o privilégio do sábio e espiritual, *spiritualis omnia dijudicat, et à nemine judicatur*. E ao julgar, de censurar e condenar (como a maioria é errônea) as opiniões comuns e populares. Quem então o fará? Fazendo-o pode ser que ela se exponha ao desfavor e à inveja do mundo.

Aliás reclamo deles e lhes censuro esta fraqueza popular e delicadeza feminina como indigna e demasiado tenra para compreender coisas que valham, além de totalmente incapaz de sabedoria. As mais fortes e ousadas proposições são as mais convenientes ao espírito forte e elevado e não é em nada estranha para aquele que sabe o que é o mundo. É fraqueza se espantar com todas as coisas, é preciso retesar sua coragem, firmar sua alma, endurecê-la e aguçá-la a ouvir, saber, escutar, julgar todas as coisas, por mais estranhas que pareçam.

Tudo sai do espírito e é sua caça, mas que ele não falte consigo mesmo. Ele só deve fazer e consentir às boas e belas, ainda que todos comentem. O sábio mostra igualmente em ambas sua coragem, já os delicados, não são capazes nem de uma nem de outra, são fracos em ambas.

Em terceiro, de tudo que proponho, não pretendo obrigar ninguém, apresento unicamente as coisas e as exponho como sobre uma mesa. Não me enfureço se não acreditam em mim, isto é coisa de pedantes. A paixão testemunha que a razão não está presente, e quem se apega a uma, não se apega à outra. Mas porque se irritam? Não sou sempre de sua opinião? Não me irrita por não serem da minha opinião. Seria por acaso por eu dizer coisas que não são de seu gosto nem do do comum? É por isso que eu as digo. Não digo nada sem razão, se sabem senti-la e experimentá-la, se têm uma melhor que destrua a minha, escutarei com prazer e gratificação quem a dirá. E que não pensem me derrotar pela autoridade, pela multidão e alegação de outrem, pois tudo isso tem muito pouco crédito para mim. A não ser em matéria de religião onde a autoridade por ela mesma vale sem razão. É aí seu verdadeiro império, como em qualquer outro lugar a razão sem ela, como reconheceu muito bem Santo Agostinho. É uma tirania injusta e uma loucura enraivecida querer sujeitar os espíritos a crer e seguir tudo o que os antigos disseram e o que o povo, que não sabe o que diz nem o que faz, sustenta. Há alguns tolos que se deixam levar assim, este livro não é para eles. Se ele fosse recebido e aceito popularmente, se encontraria bem decaído de suas pretensões. É preciso ouvir, considerar e levar em conta os antigos. E se quiséssemos segui-los, como faríamos? Eles não estão de acordo. Aristóteles quis parecer o mais hábil e empreendeu fazer um processo com todos seus antecessores, disse absurdos mais pesados que todos, não está de acordo consigo mesmo, algumas vezes não sabe onde está. Testemunha disso

são as matérias da alma humana, da eternidade do mundo, da geração dos ventos e das águas, etc. Não se deve ficar admirado que todos não tenham a mesma opinião, mas deveríamos nos admirar se todos tivessem a mesma opinião. Não há nada mais conveniente à natureza e ao espírito humano que a diversidade. O sábio e divino São Paulo coloca-nos todos em liberdade por estas palavras: “que cada um tenha seu parecer e que ninguém julgue ou condene aquele que faz de outra forma e tenha outra opinião”. Ele o diz com relação a um assunto muito mais forte e coeguento. Não para o fato e a observação externa para os quais dizemos que é preciso se conformar com o comum, o prescrito e costumeiro, mas no que diz respeito à religião, ou seja, na observância religiosa das carnes e dos dias. Ora, toda minha liberdade e ousadia só se encontra nos pensamentos, julgamentos e opiniões com as quais ninguém tem relação a não ser aquele que as tem, cada um se dirige a si mesmo.

Não obstante tudo isso, muitas coisas que poderiam parecer muito cruas, curtas, rudes e duras para os simples (pois os fortes e elevados têm o estômago quente o suficiente para tudo digerir), por amor deles expliquei, esclareci e suavizei nesta segunda edição revista e em muito aumentada.

Gostaria de avisar o leitor que empreende julgar esta obra que evite cair em algum destes sete enganos, como fizeram alguns na primeira edição: trazer para o direito e dever aquilo que é do fato. Para o fazer o que é do julgar. Para a resolução e determinação o que não passa de proposto, sacudido e disputado problemáticamente e academicamente. Para mim e minhas próprias opiniões, o que é de outrem, e com relação. Para o estado, profissão e condição externa o que é do espírito e suficiência interna. Para a religião e crença divina o que é da

opinião humana. Para a graça e operação sobrenatural o que é da virtude e ação natural e moral.

Toda paixão e preocupação afastada, ele encontrará nestes sete pontos bem entendidos algo que lhe ajudará resolver suas dúvidas, responder a todas as objeções que ele mesmo e outros poderiam lhe fazer e se esclarecer acerca de minha intenção nesta obra. Se, ainda assim, depois de tudo ele não se contenta e não a aprova, que ele a ataque ousadamente e vivamente – pois somente desdize-las, morder e desbastar o nome de outrem é muito fácil, mas muito indigno e pedante. Ele terá logo uma franca confissão e consentimento, pois este livro faz glória e festeja a boa fé e a ingenuidade, ou então um exame de sua impertinência e loucura.

[1] No terceiro livro da *Sabedoria* Charron apresenta as aplicações particulares da sabedoria, caracterizada em seus aspectos gerais no segundo livro. O capítulo quatorze trata dos “deveres dos pais e filhos”.

[2] Virtude, lealdade perfeita, probidade. A concepção charroniana de prudomia (*preud’homme*) deriva de Montaigne que critica «uma certa imagem de probidade escolar, serva de preceitos», defendendo uma outra «nascida em nós e de suas próprias raízes pela semente da razão universal impressa em todo homem não desnaturado» (*Os ensaios*, trad. de Rosemary Costhek Abílio, São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 414).

[3] Espíritos impedidos – paralisados – pelas crenças adquiridas.

Da sabedoria

Livro Primeiro

Conhecimento de si e da condição humana.

Exortação a estudar-se e conhecer-se.

Prefácio do primeiro livro.

O conselho mais excelente e divino, o melhor aviso e mais útil de todos, mas o menos praticado, é o de estudar-se e aprender a conhecer-se. Ele é o fundamento da sabedoria e o encaminhamento para qualquer bem. Loucura é ser atento e diligente para conhecer todas as outras coisas antes que à si mesmo. A verdadeira ciência e o verdadeiro estudo do homem, é o homem.

Deus, a natureza, os sábios, todo o mundo ensina o homem e o exorta de fato e pela palavra à estudar-se e à conhecer-se. Deus se olha, se considera e se conhece incessante e eternamente. O mundo tem todas as suas vistas concentradas no interior, seus olhos abertos para ver-se e olhar-se. Da mesma forma o homem é obrigado e dirigido a estudar-se e a conhecer-se, já que o pensar lhe é natural, e que ele está próximo de si mesmo. A natureza limita para todos esta tarefa. Meditar e entreter seus pensamentos é uma coisa mais fácil do que qualquer outra, ordinária e natural. É a forragem, o entretenimento e a vida do espírito, *cuius vivere est cogitare*. Ora, por onde começaria e depois continuaria a meditar e a entreter-se mais justamente e naturalmente do que por si mesmo? Existe algo que lhe diga mais respeito?

Certamente ir para outro lugar e esquecer-se é coisa desnaturada e muito injusta. Pensar-se e gostar de si é a vocação verdadeira e principal de cada um. Da mesma forma vemos que cada coisa pensa em si, estuda primeiramente a si, tem limites para suas ocupações e desejos. E você, homem, que quer abraçar o universo, conhecer, controlar e julgar tudo, não se conhece nem se estuda; mas querendo passar-se pelo mais hábil e pelo sândico da natureza, permanece o único idiota do mundo. É o mais vazio e necessitado, o mais vão e miserável de todos. E, não obstante o mais altivo e orgulhoso. Por isto olha dentro de ti, reconhece-te, atém-te a ti. Seu espírito e sua vontade que se consome alhures, traga-o de volta para ti mesmo. Você se esquece, espalha-se e perde-se no exterior, trai-se e esquiva de ti mesmo, olhando sempre na sua frente: examina-te, descobre-te, conhece-te.

Nosce teipsum, nec te quaesieris extra.

Respue quod non es, tecum habita, et

Noris quam sit tibi curta suppellex.

Tute consule.

Teipsum concute, nunquid vitiorum

Inseverit olim natura, aut etiam consuetudo mala.

Pelo conhecimento de si o homem sobe e chega ao conhecimento de Deus mais cedo e melhor, do que por qualquer outro meio, isto porque encontra em si mais meios de conhecê-lo, mais marcas e traços da divindade do que em todo o resto que pode conhecer; mas também por que pode sentir-se e saber melhor do que em qualquer outra coisa o que existe e se agita dentro dele. *Formasti me et*

posuisti super me manum tuam, ideo mirabilis facta est scientia tua I. tui, ex me.
A sentença *Conhece-te* estava gravada com letras de ouro sobre o frontispício do templo de Apolo, Deus (segundo os pagãos) da ciência e da luz. Como uma saudação e um aviso de Deus para todos, lhes mostrando que, para ter acesso à divindade e entrar em seu templo, é preciso conhecer-se, dali deve ser rejeitado quem se desconhece. *Si te ignoras ô pulcherrima egredere; et abi post haedos tuos.*

Para tornar-nos sábios e levar uma vida mais regrada e suave não é preciso instrução de outro lugar senão de nós mesmos. Se fôssemos bons alunos, aprenderíamos melhor de nós do que de todos os livros. Quem confia em sua memória e observa bem o excesso de sua cólera passada, até onde esta febre o levou, verá muito melhor a feiura desta paixão, e terá dela o horror e o ódio mais justos do que teria por tudo que dizem Aristóteles e Platão. O mesmo acontece para todas as outras paixões, abalos e movimentos da alma. Quem se lembrar das inúmeras vezes que errou em seu julgamento e dos múltiplos enganos de sua memória aprenderá a não confiar mais nela. Quem notar quantas vezes lhe aconteceu de pensar, apreender e compreender bem uma coisa ao ponto de querer garantir e responder por ela aos outros e à si mesmo, sendo que o tempo depois lhe fez ver o contrário, aprenderá a desfazer-se desta arrogância inoportuna, desta presunção brigona inimiga capital da disciplina e da verdade. Quem observar bem todos os males por que passou e que o ameaçaram, as ocasiões leves que o deslocaram de um estado a outro e quantos arrependimentos lhe vieram à cabeça, se preparará para as mutações futuras e para o reconhecimento de sua condição. Conservará a modéstia, se conterà em seu lugar, não ferirá ninguém, não perturbará nada e não começará coisas que ultrapassem suas forças. Eis a justiça e a paz por toda parte. Enfim, não teríamos

espelho mais belo nem livro melhor do que nós mesmos. Se quiséssemos estudar bem nele, como devemos, guardando sempre o olho aberto sobre nós e espreitando-nos de perto.

Mas é aquilo em que menos pensamos, *nemo in sese tentat descendere*. De onde advém que nós caímos mil vezes com o nariz no chão, e recaímos sempre no mesmo erro, sem senti-lo ou sofrer muito. Passamos por idiotas às nossas custas. As dificuldades nas coisas só são percebidas por aqueles que se conhecem. Mas ainda é necessário algum grau de inteligência para poder perceber sua ignorância. É preciso empurrar uma porta para saber que ela está fechada. O fato de alguém ver-se tão resolvido e satisfeito e pensar ser suficientemente compreendido significa que este alguém não entende absolutamente nada. Se nos conhecêssemos bem, proferiríamos muito melhor nossos assuntos. Teríamos vergonha de nós, de nosso estado e nos tornaríamos bem diferentes do que somos. Quem não conhece seus defeitos não se preocupa em corrigi-los. Quem ignora suas necessidades não se preocupa em provê-las. Quem não sente seu mau nem sua miséria não reflete sobre as reparações e não corre atrás dos remédios. *Deprehendas te oportet priusquam emendes; sanitatis initium sentire sibi opus esse remedio*. Eis nossa infelicidade: pensamos que tudo vai bem e está em segurança. Estamos contentes demais conosco e por isto duplamente miseráveis. Sócrates foi julgado o mais sábio dos homens não por ser o mais sábio e hábil ou por ter alguma suficiência acima dos outros. Mas por melhor conhecer-se do que os outros, atendo-se a seu lugar e fazendo bem o homem. Ele era o rei dos homens, como se diz que os caolhos são reis entre os cegos duplamente privados dos sentidos. Eles são por natureza fracos e miseráveis, são orgulhosos e não sentem seu mal. Sócrates era somente caolho, pois sendo homem como os outros, fraco e miserável, ele o sabia, e reconhecia de

boa fé sua condição. Ele se regrava por ela e vivia segundo ela. É o que, na verdade, queria dizer, àqueles presunçosos que por escárnio lhe haviam dito: então em sua opinião somos todos cegos? Se vocês fossem, diz ele, ou seja pensassem sê-lo, vocês veriam. Mas já que pensam ver, permanecem completamente cegos. Pois os que vêm pela opinião são na verdade cegos, mas os que são cegos às opiniões dos outros vêm. É uma loucura miserável do homem tornar-se animal por não conhecer-se bem como homem. *Homo enim cum fis, id fac semper intelligas.* Para servir-lhe de freio e de regra muitos grandes ordenaram que lhes dissessem sempre aos ouvidos que eles eram homens. Que belo cuidado, se isto entrasse-lhes no coração como soa a seus ouvidos! Não eram más as palavras dos Atenienses à Pompeu o grande: tanto eres Deus quanto te reconheces homem. Saber-se homem é ser um homem excelente.

O conhecimento de si (coisa muito difícil e rara, da mesma forma que se decepcionar e errar é muito fácil) não se adquire por outrem, por comparação, medida ou exemplo. *Aliis de te quam tu tibi credere noli.* Menos ainda pelo dizer e pelo julgamento, que frequentemente é curto para ver e desleal ou temerário para falar. Nem por algum ato singular que algumas vezes escapole sem que tenhamos pensado nele, levado por alguma ocasião nova, rara e forte que será antes um golpe da fortuna ou um ímpeto de algum entusiasmo extraordinário do que uma produção verdadeiramente nossa. Não estimamos a grandeza, a largura e a força de um rio pela água advinda de um súbito aluvião e do transbordamento das torrentes e dos riachos próximos. Um fato corajoso não conclui um homem valente, nem uma obra justa o homem justo. As circunstâncias e o vento das ocasiões e acidentes carregam-nos e mudam-nos. Frequentemente somos levados a fazer o bem pelo vício mesmo. Assim o homem é muito difícil de conhecer. Ele também não se adquire pelas coisas externas e adjacentes, ofícios,

dignidades, riquezas, nobreza, graça e aplauso dos grandes ou do povo. Nem pelos maus procedimentos feitos em público pois, tendo fracassado, desconfiamos retemo-nos e concentramo-nos. O temor, a vergonha, a ambição e outras paixões fazem-nos representar este personagem que vêm. Para bem conhecê-lo é preciso vê-lo no privado, no seu dia a dia. Ele é frequentemente diferente dentro de casa e na rua, no palácio e na praça. Diferente com seus domésticos e com os estrangeiros. Saindo de casa para ir ao público representa uma farsa: não se detenha aí, não é ele mas um outro, não o conheceriam.

O conhecimento de si não se adquire por nenhum destes quatro meios nos quais não devemos confiar, mas sim por um estudo de si verdadeiro, longo e assíduo, por um exame sério e atento. Não somente de suas palavras e ações, mas de seus pensamentos mais secretos (seu nascimento, progresso, duração e repetição), de tudo o que se move nele, até os sonhos da noite, se espreitando de perto, se testando frequentemente a toda hora, pressionando e beliscando até o âmago. Pois existem muitos vícios escondidos em nós que não se fazem sentir por causa da força e do meio, da mesma forma que a cobra venenosa entorpecida pelo frio se deixa manipular sem perigo. E não é suficiente reconhecer seu erro em detalhe e individualmente e esforçar-se para repará-lo. É preciso reconhecer sua fraqueza e sua miséria em geral, chegar a uma reforma e emenda universais.

Precisamos de aplicar-nos seriamente neste primeiro livro para a conhecer o homem, tomando-o em todos os sentidos, olhando-o em todos os rostos, tateando-lhe o pulso, construindo-o até o âmago, entrando dele dentro com o candelabro e a proveta, vasculhando e remexendo por todos os buracos, cantos, desvios, esconderijos e segredos. E não sem causa, pois é o mais fino, fingido, coberto, dissimulado de todos; e quase irreconhecível.

Consideremo-nos pois de cinco maneiras representadas nesta tabela, sumário deste livro.

Cinco considerações acerca do homem e da condição humana.

Primeira, natural: todas as partes de que é composto e seus pertences.

Segunda, natural e moral: sua comparação com os animais.

Terceira: sua vida em geral.

Quarta, moral: seus costumes, humores e condições reportando-se a cinco coisas:

1 – Vaidade,

2 – Fraqueza,

3 – Inconstância,

4 – Miséria,

5 – Presunção.

Quinta, natural e moral: diferenças existentes entre os homens:

1 – em seu Natural.

2 – em seu espírito e suficiência.

3 – em suas cargas e graus de superioridade e inferioridade.

4 – em suas profissões e condições de vida.

5 – em suas vantagens e desvantagens naturais, adquiridas e fortuitas.

Primeira consideração do homem é natural por meio das partes de que é composto.

Da formação do homem.

Capítulo I.

Ele pode ser considerado de duas maneiras. A primeira e original, imediatamente de Deus em sua criação sobrenatural. A segunda e ordinária em sua geração natural. De acordo com a pintura que nos dá Moisés da obra e criação do mundo (a peça mais audaciosa e rica que jamais o homem produziu em luz, quero dizer a história dos nove primeiros capítulos da Gênese a respeito do mundo nascido e renascido) o homem foi feito por Deus não somente depois de todos os outros animais, mas o mais perfeito, mestre e superintendente de todos, *ut praesi piscibus maris, volatilibus coeli, bestiis terrae*. No mesmo dia em que os quadrúpedes e os terrestres, que mais se aproximam dele (ainda que os dois mais parecidos com ele sejam, por dentro, o porco; por fora, o macaco). Depois de tudo feito e acabado, para fechamento, selo e carimbo de suas obras imprimiu aí seus brasões e seu retrato. *Exemplumque Dei quisquis est in imagine parvua. Signatum est super nos lumen vultus tui*. Eis uma recapitulação sumária de todas as coisas, um retrato do mundo que está todo no homem de forma resumida e em pequeno volume. Em função disto é chamado de pequeno mundo e o universo de grande homem. Ele é o nó, o meio e a ligação entre anjos e animais, coisas celestes e terrestres, espirituais e corporais. Em uma palavra: ele é a última mão, a realização, a obra de arte, a honra e o milagre da natureza. É por isto que Deus tendo-a feito com deliberação e aparato. *Dixit faciamus hominem*

ad imaginem et similitudinem nostram, se descansou. Este repouso ainda foi feito para o homem, *Sabbathum propter hominem, non contra*. Depois não fez nada de novo, a não ser se fazer homem ele mesmo, e isto ainda por amor pelo homem, *propter nos homines, et propter nostram salutem*. Vemos então que em todas as coisas Deus visou o homem para finalmente nele e por ele, *brevi manu*, remeter tudo à si, o começo e o fim de tudo.

Completamente nu afim de que fosse mais belo, educado, limpo, delicado por causa de sua humildade sutil, bem temperada e condimentada. Ereto, segurando e tocando muito pouco a terra, cabeça erguida para o alto tendendo para o céu, onde ele olha, se vê e se conhece como em seu espelho. Completamente oposto à planta que tem sua cabeça e raiz dentro da terra, o homem é também uma planta divina, que deve florescer no céu. O animal, como se estivesse no meio, é oblíquo, tendo suas duas extremidades mais ou menos em direção aos cantos ou extremidades do horizonte. A causa desta posição ereta, depois da vontade de seu mestre operário, não é propriamente a alma racional, como vemos nos curvados, corcundas e mancos, nem a linha reta da espinha das costas, que existe também nas cobras, nem o calor natural ou vital que é igual ou maior em alguns animais, ainda que tudo isto possa por acaso servir a alguma coisa. Esta postura é devida e convém ao homem: animal santo e divino.

Sanctius his animal mentisque capacius alttae.

Ele é o rei daqui de baixo. Nas realezas pequenas e particulares há certas marcas de majestade, como se vê no delfim coroadado, na cobra basílica, no leão com seu colar e a cor do seu pelo, nos olhos da águia e no rei das abelhas. O homem, rei universal daqui de baixo, anda com a cabeça erguida como mestre

que rege tudo em sua casa, pelo amor ou pela força, domando ou cativando. Seu corpo foi o primeiro a ser edificado de terra virgem e vermelha, da qual teve seu próprio nome: Adam, pois o apelativo já era Is. E ainda não fora molhada de chuva, mas de água da fonte.

Mixtam fluvialibus undis,

Finxit in effigiem.

Com razão o corpo é mais velho do que a alma, como a matéria o é de sua forma, o domicílio deve ser feito e levantado antes do habitar, o ateliê antes que o operário possa nele trabalhar. Em seguida o espírito foi provido e inculcado pelo sopro divino no corpo que foi animado e feito vivo, *inspiravit eius apiraculum vitae etc.*

Na geração e conformação ordinária e natural, que se faz pela semente no ventre da mulher, a mesma ordem se mantém. O corpo é formado tanto pela força elementar da energia e virtude formadora que está na semente, ajudando de algum modo o calor da matriz, quanto pela celeste que é influência e virtude do sol. *Sol et homo generant hominem.* De tal forma que nos sete primeiros dias as sementes do pai e da mãe se tomam, se unem e coalham juntos, como um creme: daí se faz um corpo, é a concepção. *Nonne sicut lac mulsisti me, et sicut caseum me coagulasti.* Os sete seguintes, esta semente cozinha, engrossa e se torna uma massa informe de carne e sangue, rudimento e matéria próprios do corpo humano. Na terceira semana, desta massa é feito e formado o corpo em geral. Aproximadamente no vigésimo dia são produzidas as três partes nobres e heroicas: o fígado, o coração e o cérebro (distantes em cumprimentos ovais ou, como diziam os hebreus, se sustentando por ligaduras desamarradas, que depois

se enchem de carne. Da mesma forma que a formiga, na qual há três partes mais grossas ligadas pelo intermédios desamarrados). Nos outros sete, que terminam próximos do trigésimo dia, todo o corpo termina-se, aperfeiçoa-se, articula-se e organiza-se. Deixa de ser um embrião e como uma matéria preparada em sua forma torna-se capaz de receber a alma. Esta só se introduz e se investe no trigésimo-sétimo ou quadragésimo dia, depois de passadas quatro semanas. Dobrando este termo, ou seja, no terceiro mês, esta criança animada se movimenta e se faz sentir, começam a aparecer o pelo e as unhas. Triplicando este termo, ou seja, no nono mês, ela sai e se mostra à luz. Estes trimestres não são prefixados tão justamente à ponto de não poderem se adiantar ou atrasar um pouco, segundo a força ou fraqueza do calor, tanto da semente quanto da matriz. Isto porque, sendo forte, ela se apressa, sendo fraca ela se atrasa. Por isto as sementes menos quentes e mais úmidas, de onde são concebidas as fêmeas, têm seu trimestre mais longo, e não são animadas senão no quadragésimo dia ou mais tarde ainda, só se movem no quarto mês, quase um quarto mais tarde que os machos.

Distinção primeira e geral do homem.

Capítulo II.

O homem, enquanto animal prodigioso, é feito de partes contrárias e inimigas. A alma é como um pequeno Deus, o corpo como um animal, um estrume. Todavia esta duas partes são tão acopladas têm tanta necessidade uma da outra para suas funções, *Alterius sic altera poscit opem res, et conjurat amicem*, e se abraçam tão bem uma com a outra apesar de suas querelas, que não podem permanecer sem guerra, nem se separar sem tormento e pesar. Como

se segurasse o lobo pela orelha, cada uma pode dizer para a outra: não posso viver contigo, nem sem ti, *nec tecum nec sine te*.

Mas também na alma existem duas partes bem diferentes. A alta, pura, intelectual e divina, na qual o animal não tem lugar. E a baixa, sensitiva e bestial que pertence ao corpo e à matéria, como meio termo entre a alta e o corpo. Podemos observar três partes e graus no homem fazendo uma distinção moral e política: o espírito, a alma e a carne. O espírito e a carne são as extremidades, como o céu e a terra. A alma mediana é onde se encontram os meteoros, o barulho e a tempestade. O espírito é a parte mais elevada e teórica; fragmento, brilho, imagem e defluente da divindade no homem. Como um rei na república, respira somente o bem e o céu para onde tende. A carne ao contrário é a líbia de um povo embrutecido, o marco e a sentina do homem, tende sempre para a matéria e para a terra. A alma, no meio como os principais do popular entre o bem e o mal, é perpetuamente solicitada pelo espírito e pela carne. De acordo com o partido que toma é espiritual e boa, carnal e ruim. Nela estão alojadas as afecções naturais não virtuosas ou viciosas, como o amor por seus parentes e amigos, temor da vergonha, piedade pelos aflitos e desejo de boa reputação.

Esta distinção ajudará muito a conhecer o homem a discernir suas ações, para evitar o engano de julgar pela crosta e pela aparência, pensando que é do espírito o que é da alma ou até mesmo da carne, atribuindo à virtude o que é da natureza ou do vício. Quantas boas e belas ações produzidas pela paixão, ou por inclinação e complacência naturais: *ut seruiant genio, et suo indulgeant animo?*

Do corpo: suas partes e sua disposição.

Capítulo III.

O corpo humano é edificado com um grande número de peças, internas e externas, quase todas redondas, orbiculares, ou próximas desta figura. As internas são de dois tipos: umas são espalhadas por todo o corpo em número e quantidade. Como os ossos, base e sustento de todo o edifício. Dentro destes, para sua alimentação, a moela. Os músculos, para o movimento e a força. Saindo do fígado são canais do sangue primeiro e natural. As artérias vindas do coração são condutores do segundo sangue, mais sutil e vital. Estas duas, quando estão acima do fígado e do coração, que são suas fontes, são mais estreitas que as que vão para baixo ajudar a fazer o sangue subir; pois o estreito mais apertado serve para fazer subir os líquidos. Os nervos procedem por duplas, são instrumentos dos sentidos, movimento e força do corpo e condutores dos espíritos animais. Existem há sete pares que são moles e servem aos sentidos da cabeça: à vista, à audição, ao gosto e à palavra. Os duros, em trinta pares, procedem da espinha das costas aos músculos; os tendões, os ligamentos e as cartilagens; os quatro humores, o sangue, a bÍlis amarela ou cólera abrem, empurram, penetram e impedem as obstruções, jogam fora os excrementos e trazem alegria. A bÍlis negra e acre, ou melancolia, provoca o apetite por todas as coisas e modera os movimentos súbitos. A pituíta doce atenua a força das duas bÍlis e todos os ardores. Os espíritos são as fumaças que saem do calor natural e da umidade radical; eles existem em três graus de excelência; o natural, o vital e o animal. Por fim, o enxerto, parte mais espessa e gordurenta do sangue.

As outras peças são singulares (exceto os rins e os testículos, que são duplos) e têm seu lugar determinado. Há quatro lugares ou regiões, níveis do corpo, oficinas e ateliês onde a natureza exerce suas faculdades e potências. A primeira e mais baixa serve à geração e contém as partes genitais que a servem. Na segunda estão as entranhas, vísceras e até mesmo o estômago puxado para o

lado esquerdo, redondo, mais estreito no fundo do que em cima, com dois orifícios ou bocas: um em cima para receber, outro em baixo que responde às tripas para jogar e se descarregar. Ele recebe, acumula, mistura e cozinha as carnes. Faz delas o quilo, ou seja, suco branco, próprio para a alimentação do corpo, que ainda se elabora dentro nas veias mesentéricas, por onde passa para ir até o fígado. Este, quente e úmido, mais para o lado direito, é a oficina do sangue, princípio das veias, sede da faculdade natural, nutriz, ou alma vegetativa. Ele faz e engendra o sangue do quilo que tira as veias mesentéricas e recebe em seu seio pela veia aorta que entra em sua cavidade, depois o envia e distribui por todo o corpo. Isto por meio da grande veia cava, que sai de sua bossa e de seus galhos, muito numerosos, como os jorros de uma fonte. O baço, do lado esquerdo, recebe a descarga e os excrementos do fígado. Os rins e as tripas permanecem unidos, mas são distintos por seis diferenças e seis nomes. Eles igualam sete vezes o comprimento do homem, como o comprimento do homem iguala sete vezes o comprimento do pé. Nestas duas primeiras partes, que alguns tomam por uma (apesar de haver duas faculdades bem diferentes: uma generativa para a espécie, a outra nutritiva do indivíduo) e fazem corresponder à parte mais baixa e elementar do universo, lugar de geração e corrupção, está a alma concupiscível.

A terceira, comparada à região do éter, é separada das precedentes pelo diafragma, e separada da do alto pelo estreito da garganta. Nela está a alma irascível e as partes peitorais *praecordia*. O coração situado próximo da quinta costela que é muito quente e que tem sua ponta sob a mama esquerda, origem das artérias, que sempre se movem e fazem o pulso, pelas quais como em canais ele envia e distribui por todo o corpo o sangue vital que cozinhou e neste o espírito e a virtude vital. Os pulmões, de substância muito mole, rara, esponjosa e

flexível, joga e empurra os sopros, instrumentos da respiração (pela qual o coração se refresca, atrai o sangue, o espírito e o ar, e se descarrega das fumaças e excrementos que a prensam) e da voz, por meio da artéria ávida.

A quarta e mais elevada, que corresponde à região celeste, é a cabeça, que contém o cérebro frio e esponjoso, envolvido por duas membranas. Uma mais dura e espessa toca a cabeça, *dura mater*, a outra mais suave e leve lhe é contígua, *pia mater*. Deste saem e derivam todos os nervos e a moela que desce e corre lentamente ao longo da espinha do dorso. O cérebro é a sede da alma racional, a fonte do sentimento, do movimento e dos espíritos animais nobres feitos de espíritos vitais que, quando sobem do coração pelas artérias até o cérebro, são cozidos, recozidos, elaborados e refinados por meio de uma multiplicidade de artérias pequenas e sutis, como fios diversamente tecidos, curvados, entrelaçados por várias voltas e retornos. Como um labirinto e uma rede dupla, *rete mirabile*, dentro do qual o espírito vital retido permanece, passa e repassa frequentemente, se afina, subtrai, se aperfeiçoa e se torna animal, espiritual e soberano em último grau.

As peças externas e patentes, se são singulares, estão no meio. Como o nariz que serve para a respiração, olfato, consolação do cérebro e descarga deste, de tal forma que por ele o ar entre e sai, em baixo nos pulmões, em cima no cérebro. Como a boca que serve para o comer e o falar é composta de várias peças que servem às mesmas funções. De fora os lábios, de dentro a língua extremamente flexível que julga os sabores. Os dentes para moer e quebrar os pedaços. O umbigo e as duas sentinas e vias de descarga.

Se elas são duplas e semelhantes, são colaterais e iguais, como os olhos, plantados na mais alta camada, como sentinelas, compostos por peças variadas e

diversas, três humores, sete túnicas, sete músculos, diversas cores com muitos feitos e artifícios. São as primeiras e mais nobres peças externas do corpo em beleza, utilidade, mobilidade, atividade e até mesmo nos acontecimentos de amor, *ως ἰδὸν ὡς ἐμανήν*. São para o rosto o que este é para o corpo, são a face da face, e por serem tenros, delicados e preciosos, são munidos e defendidos por toda parte por películas, pálpebras, sobrancelhas, cílios e pelos. As orelhas, na mesma altura dos olhos, são as escutas do corpo, guardiãs do espírito, recebedoras e juízas dos sons que sobem sempre. Elas têm suas vias oblíquas e tortuosas afim de que o ar e o som não entrem subitamente, já que o sentido da audição poderia ser machucado e não julgaria tão bem. Os braços e as mãos fazem todas as coisas e são instrumentos universais. As perna e os pés são a base de sustentação e as colunas de todo o edifício.

Das propriedades singulares do corpo humano.

Capítulo IV.

O corpo humano tem várias singularidades. Dentre elas algumas lhes são peculiares e inexistentes nos outros animais. As primeiras e principais são a palavra, a estatura ereta, a forma e o porte. Por isso os sábios (e até mesmo os estoicos) fizeram tanto caso dela e disseram ser melhor ser louco sob a forma humana que sábio sob a forma animal. Seguem-lhe a mão, que é um milagre enquanto a do macaco é de pouco uso, a nudez natural, o rir e o chorar, o sentir as cócegas, a sobrancelha na pálpebra baixa do olho, o umbigo visível, a ponta do coração na parte esquerda, o joelho para frente, a palpitação do coração, os dedos dos pés mais longos que os das mãos, o sangramento do nariz que é uma coisa estranha visto ele ter a cabeça ereta enquanto o animal a tem baixa, o enrubescer de vergonha, o empalidecer de temor, ser ambidestro, sempre

disposto às obras advindas e por fim o não mexer as orelhas que exprimem nos animais as afeições internas expressas no homem pelo enrubescer, empalidecer e pelos movimentos dos olhos e do nariz.

As outras são singulares ao homem mas não absolutamente e sim por excelência e vantagem, já que elas se encontram em menor grau nos animais. Temos a multiplicidade dos músculos e de pelos na cabeça, a flexibilidade e facilidade do corpo e de suas partes para todo movimento e em todos os sentidos, a elevação dos mamilos, a grossura e abundância do cérebro, o tamanho da bexiga, a forma do pé longo na frente e curto atrás, a abundância, claridade e sutileza do sangue, a mobilidade e agilidade da língua, a multiplicidade e variedade dos sonhos que faz parecer que o homem é único a sonhar, o espirro e por fim tantos movimentos dos olhos, do nariz e dos lábios. Há também capacidades próprias e singulares, mas diferentes. Umas são os gestos, movimentos e portes artificiais e afetados. Outros as têm tão próprias e naturais que nem as sentem nem as reconhecem como por exemplo inclinar a cabeça e assoar o nariz. Mas todos têm alguma que não vêm do discurso mas sim de uma impulsão pura, natural e pronta como colocar a mão na frente nas quedas.

Dos bens do corpo, da saúde, da beleza e outros.

Capítulo V.

Os bens do corpo são a saúde, a beleza, a alegria, a força, o vigor, a destreza e a disposição. Mas a saúde é a primeira e ultrapassa tudo. É o mais belo e rico presente que a natureza possa dar-nos e é preferível a qualquer outra coisa; não somente à ciência, à nobreza, mas até mesmo à sabedoria – segundo

os sábios mais austeros. É a única coisa merecedora de que empreguemos tudo para tê-la, até mesmo a vida; pois sem ela esta não tem gosto e é injuriosa. A virtude e a sabedoria se apagam e se desvanecem sem ela. Que socorro trará toda a sabedoria ao maior homem, se atingido pelo maior mal, por uma apoplexia?

Com exceção da própria *prudomia*, saúde da alma, não posso preferir nada a ela. A saúde comum a nós e aos animais chega a ser neles mais vantajosa, forte e vigorosa. Apesar de ser um dom da natureza (*gaudeant bene nati*) outorgado à primeira conformação, o que segue a conserva muito (o leite e a vida bem regrada que é sobriedade, exercício moderado, evitar a tristeza e todo tipo de emoção). A doença e a dor são seus contrários, os maiores e talvez os únicos males do homem. Falaremos deles em seguida. Mas na conservação também têm vantagem os animais que seguem simplesmente a natureza que lhes deu a saúde. O homem com frequência se esquece dela mas o paga em seu tempo.

Segue a beleza, peça de grande recomendação no comércio dos homens. É o primeiro meio de conciliação de uns com outros. E é verossímil que a vantagem da beleza tenha sido a primeira distinção entre os homens e a primeira consideração dando proeminência a uns sobre os outros. É também uma qualidade poderosa, ninguém deixa de lhe dar valor. Não há homem com tanta parte no comércio com os homens ou bárbaro tão resoluto que não seja tocado por ela. Ela se apresenta à frente, seduz e preocupa o julgamento, dá impressões e força com grande autoridade. Por isso Sócrates a chamava uma curta tirania e Platão privilégio da natureza.

Parece-me que quem leva no rosto os favores da natureza impressos em uma beleza rara e excelente tenha algum poder legítimo sobre nós e assim atraindo nossos olhos atraia este nossas afeições e as sujeite apesar de nós.

Aristóteles diz que o comandar pertence aos belos, pois são os mais veneráveis depois dos deuses. Só os cegos não podem ser tocados por ela. Ciro, Alexandre e César, três grandes comandantes dos homens se serviram dela em seus negócios e até mesmo Cípcion, o melhor de todos. Beleza e bondade são confins e se exprimem pelas mesmas palavras, em grego como na santa escritura. Vários grandes filósofos adquiriram sua sabedoria pela mediação da beleza. Até mesmo nos animais é considerada e procurada.

Há diversas considerações sobre a beleza. Nos homens é propriamente a forma e o tamanho do corpo. As outras são para as mulheres. Há dois tipos de beleza, uma parada e imóvel que está na proporção e cor devida aos membros, em um corpo que não seja inchado nem empolado, onde os nervos não aparecem, nem os ossos perfuram a pele. Deve sim estar cheio de sangue, de espíritos e saudável, com os músculos elevados, o corpo polido e a cor vermelha. A outra, móvel, se chama boa graça: está na condução dos movimentos dos membros, mas sobretudo nos olhos. A primeira é como morta, esta é ágil e viva. Há belezas rudes, orgulhosas e acres, outras doces e até mesmo insípidas.

A beleza é propriamente considerada no rosto. Não há nada mais belo no homem que a alma, e no corpo o rosto: alma encurtada ou apresentação e imagem da alma, seu escudo em inúmeras partes. Representa a coleção de todos os títulos de sua nobreza, plantado e colocado no portal e frontispício para que se saiba que aí está sua residência e palácio. Por ele conhecemos a pessoa, é sua abreviatura. Assim a arte imitativa da natureza só se preocupa em representar a pessoa pintando ou talhando o rosto.

Existem no rosto humano muitas singularidades que não estão nos animais (na verdade eles não possuem rosto) nem no resto do corpo humano. Existe aí

grande número e diversidade de peças e maneiras. Estão ausentes nos animais não só o queixo, as bochechas e a testa, mas ainda o comportamento. Há uma variedade de cores: só nos olhos há o preto, o branco, o verde, o azul, o vermelho e o cristalino. Na proporção, os sentidos são duplos, respondem um ao outro e se relacionam bem. O tamanho do olho é o tamanho da boca, a largura da testa é o comprimento do nariz, o do nariz é o do queixo e dos lábios. A diversidade dos rostos é admirável a ponto de não encontrarmos dois semelhantes. É uma obra de arte inigualável que não se encontra em outra coisa. Esta diversidade é muito útil, até mesmo necessária para a sociedade humana. Primeiro para o reconhecimento pois males infinitos e até mesmo a dissipação do gênero humano se seguiriam se viéssemos a nos enganar pela semelhança dos rostos. Seria uma confusão pior que a de babel. Tomariam a filha por irmã, por uma estrangeira, seu inimigo por seu amigo. Se nossos rostos não fossem semelhantes, não saberíamos distinguir o homem do animal. Se não fossem diferentes, não saberíamos distinguir o homem do homem.

É também um grande artifício da natureza que colocou, nesta parte, algum segredo para contentar um ou outro em todo o mundo. Pois graças à diversidade não há ninguém que não seja considerado belo por alguém. Há dignidade e honra em seu rosto redondo, na forma reta e muito elevada, nua e descoberta, sem pelo, pluma ou escama (como nos animais) visando o céu. Graça, doçura e charme digno de Vênus, prazeroso e agradável ao ponto de abrir os corações e encantar as vontades, como foi dito acima. Enfim, o rosto é o trono da beleza e do amor, o assento do riso e do beijo, duas coisas próprias ao homem, muito agradáveis, verdadeiros e expressos símbolos da amizade e da boa inteligência. Enfim, é próprio para qualquer mudança, para declarar movimentos internos e paixões da alma: a alegria, a tristeza, a amizade, o ódio, a vontade, a malícia, a vergonha, a

cólera, o despeito, a inveja e outros. É um marcador de relógio indicando as horas e os momentos do tempo, sendo que movimentos e rodas se escondem no interior. É como o ar que, recebendo todas as cores e mudanças do tempo, mostra como este está, também dizemos o ar do rosto, *corpus animum tegit et detegit, in facie legitur homo*.

A beleza do rosto habita testa larga e quadrada, estendida, clara e serena, sobrancelhas bem ordenadas, miúdas e delgadas, os olhos bem fendidos, alegres e brilhantes. Deixo a cor para disputa. O nariz bem terminado, boca pequena com lábios vermelhos como a alga, queixo curto e fendido com covinhas, bochechas levantadas e no meio o gracioso sorriso, orelha redonda e bem arranjada. O todo tem um semblante vivo, branco e vermelho. Todavia, esta pintura não é recebida por todos. As opiniões de beleza são bem diferentes segundo as nações. Nas Índias, a maior beleza está no que estimamos como a maior feiura: uma cor atrigueirada, lábios grossos e inchados, nariz largo e chato, dentes tingidos de preto ou vermelho, grandes orelhas dependuradas. Nos homens, testa pequena e velosa. Os seios grandes e dependurados, para que possam dá-los a seus pequenos por cima do ombro (usam de todos os artifícios para chegar a esta forma). Sem ir longe, na Espanha a beleza é esvaziada e almofaçada. Na Itália, gorda e maciça. A uns agrada a mole, delicada e graciosa; a outros a forte, vigorosa, orgulhosa e magistral.

A beleza do corpo, especialmente a do rosto deve, segundo a razão, demonstrar e testemunhar a beleza da alma (qualidade e regulamento de opiniões e de julgamentos com firmeza e constância). Nada é mais verossímil que a conformidade e relação do corpo ao espírito. Quando ela não está presente, pensamos que algum acidente interrompeu o curso ordinário, como sucede, e

vemos com frequência. Pois o leite da ama de leite (instituição primeira) e as companhias trazem grandes mudanças no natural e original da alma, seja para o bem como para o mal. Sócrates confessava a feiura de seu corpo acusar a feiura natural de sua alma corrigida pela educação. O aspecto é fiador fraco e perigoso, mas aqueles que desmentem sua boa fisionomia são mais merecedores de punição do que os outros, pois falsificam a boa promessa que a natureza plantou em sua frente e enganam o mundo.

Das vestimentas do corpo.

Capítulo VI.

Há grande verossimilhança de que a maneira original de andar dos homens seja nu (conservada ainda por grande parte do mundo). O vestir é artificial e foi inventado para apagar a natureza, como aqueles querem apagar a luz do dia com a artificial. A natureza proveu suficientemente em todo lugar as criaturas de cobertura. Não podemos acreditar que tenha tratado o homem de forma pior e o tenha deixado só e indigente, num estado em que não se mantivesse sem socorro alheio. As censuras que fazem da natureza uma madrasta são injustas. Não é crível que, se os homens fossem originalmente vestidos, tivessem a prudência de se despojar e se desnudar, tanto por causa da saúde (que teria sido muito ofendida com esta mudança) como pela vergonha. Todavia isso se faz e se mantém em muitas nações, e não devemos alegar que seja para esconder as partes vergonhosas ou contra o frio (são as duas razões sugeridas, contra o calor não há verossimilhança). A natureza não nos ensinou a ver aí partes vergonhosas, nós mesmos, por nosso erro, o fazemos. *Qui indicavit tibi quod nudus effes, nisi quod ex ligno quod praeceperam tibi ne comederes, comedisti.*

A natureza já os escondeu o bastante, colocando-os longe dos olhos e cobrindo. Na pior das hipóteses, seria preciso cobrir somente estas partes, como fazem alguns nos países onde andam nus e onde de ordinário não se cobrem. Como o homem não ousa se mostrar nu ao mundo, ele que representa o mestre, se esconde sob o despojo de outrem e até mesmo se enfeita com ele.

Quanto ao frio e outras necessidades particulares e locais, sabemos que sob o mesmo ar e céu, anda-se nu e vestido, a parte mais delicada ficando toda descoberta. Um mendigo a quem perguntaram como conseguia andar nu no inverno, respondeu que levamos sempre o rosto nu e ele era todo rosto. Vários grandes homens iam com a cabeça descoberta: Massinissa, César, Aníbal e Severo. Inúmeras nações vão à guerra e combatem nus. O conselho de saúde de Platão é não cobrir a cabeça nem os pés. Varro, quando ordenado a descobrir a cabeça em presença dos deuses e do magistrado, disse que o fez mais para a saúde e para endurecer as injúrias do tempo do que pela reverência. De resto, a invenção das coberturas e casas contra as injúrias do céu e dos homens é bem mais antiga, natural e universal que a das roupas, e em comum com vários animais. Mas a busca dos alimentos o é ainda mais. Veremos em seguida o uso das vestimentas e dos alimentos.

Da alma em geral.

Capítulo VII.

Esta matéria é mais difícil que todas as outras, tratada e agitada pelos mais eruditos e sábios de todas as nações, especialmente pelos egípcios, gregos, árabes e latinos. Por estes últimos mais timidamente, assim como a filosofia, mas com grande diversidade de opiniões – segundo as diferentes nações, religiões,

profissões – sem acordo nem resolução certa. O conhecimento geral e a discussão sobre ela se refere à dez pontos: sua definição, sua essência ou natureza, suas faculdades e ações, sua unidade ou pluralidade, sua origem, entrada e residência no corpo, seu assento, sua suficiência para exercer as funções, seu fim e a separação do corpo.

Primeiramente, é muito difícil definir e dizer o que é a alma. Isto geralmente acontece com as formas: coisas relativas que não subsistem por elas mesmas, mas são partes de um todo. Por isso a grande diversidade de definições sendo que nenhuma é recebida sem objeção. Aristóteles refutou doze que estavam em sua frente e não conseguiu estabelecer bem a sua.

É muito fácil dizer o que ela não é. Não é fogo, ar nem água. Tampouco a justa medida dos quatro elementos, qualidades ou humores, que é sempre mutável e sem a qual o animal existe e vive. Além do mais este acidente e a alma é substância. Da mesma forma os minerais e as coisas inanimadas têm sim uma justa medida dos quatro elementos e qualidades primeiras. Também não é sangue (inúmeras coisas animadas e vivas não têm sangue e inúmeros animais morrem sem perder uma gota de sangue); princípio ou causa de movimento (inúmeras coisas inanimadas se movem, como a pedra do imã move o ferro, a palha, os medicamentos, as raízes das árvores cortadas e secas atiram e se movem). Nem é ato, vida, energia ou perfeição do corpo vivo (a palavra *enthelequia* é diversamente dirigida e interpretada). Tudo isto são efeitos e ações da alma, não a alma. Também o viver, o ver e o escutar são ações da alma. Senão seguir-se-ia que a alma é acidente e não substância e não poderia existir sem este corpo do qual é ato e perfeição. Assim como a cobertura de uma casa não

pode existir sem esta e um relativo sem seu correlativo. Enfim estaríamos dizendo o que ela faz e é para o outro, não o que ela é em si.

Dizer o que é a alma, eis a dificuldade. Podemos dizer simplesmente que é uma forma essencial vivificante, que dá à planta vida vegetativa, ao animal vida sensitiva (que compreende a vegetativa) e ao homem a vida intelectual (que compreende as duas outras). Como no que diz respeito aos números, o maior contém os menores, e às figuras, o pentágono contém o quadrilátero, e este o triângulo. Disse intelectual e não racional, pois esta é compreendida pela intelectual, como o menor no maior. Segundo os maiores filósofos e a experiência a alma racional se encontra em algum sentido e medida nos animais, mas não a alma intelectual que é mais elevada. *Sicut equus et mulus, in quibus non est intellectus.*

A alma não é princípio – palavra que só convém propriamente ao autor soberano e primeiro – mas causa interna de vida, movimento, sentimento e entendimento. Ela move o corpo e não é movida, contrariamente ao corpo que é movido e não move. Digo que move o corpo e não a si mesma, pois nada move a si mesmo a não ser Deus. Tudo o que move a si mesmo é eterno e mestre de si. A capacidade de mover o corpo não vem dela mesma, mas do alto.

A questão à respeito da natureza e essência da alma (entendemos aqui a humana, pois a brutal sem nenhuma dúvida é corpórea, material, desabrocha, nasce com a matéria e com ela se corrompe) não é tão pequena quanto parece. Alguns afirmam que é corpórea, outros incorpórea. Isto é muito conciliável se não queremos ser opiniáticos. Que ela é corpórea, eis a demonstração. Os espíritos e demônios bons e maus totalmente separados da matéria são corpóreos segundo filósofos e principais teólogos: Tertuliano, Orígenes, São Basílio, Gregório,

Agostinho e Damasceno. Que diremos então da alma humana que tem comércio com a matéria e é unida à ela? A conclusão deles é que toda coisa criada, se comparada à Deus é grosseira, corpórea e material. Somente Deus é incorpóreo. Todo espírito é corpo e de natureza corpórea. Seguindo autoridade quase universal a razão é irrefutável. Tudo o que está encerrado no mundo finito é finito e limitado em virtude e em substância, limitado pela superfície, fechado e compreendido em um lugar. Estas são condições verdadeiras e naturais de um corpo, pois somente este tem superfície, é preso e encerrado em um lugar. Somente Deus está em todo lugar, é infinito e incorpóreo. As distinções ordinárias, *circunscriptive*, *definitive*, *effective*, são somente verbais e não destroem em nada a coisa, pois sempre permanece verdadeiro que os espíritos estão em um lugar. Tanto é que quando estão em um lugar não podem estar em outro. E não estão em um lugar infinito, ou muito grande, ou muito pequeno, mas igual a sua medida, sua substância finita e sua superfície. Se não fosse assim, os espíritos não mudariam de lugar, não subiriam nem desceriam, como afirmado pela escritura. Seriam antes imóveis, indivisíveis, estariam em todo lugar indiferentemente. Mudam de lugar e a mudança convence que são móveis, divisíveis, sujeitos ao tempo e à sua sucessão (obrigatória ao movimento de passagem de um lugar a outro): todas qualidades de um corpo.

Sob o nome de corpóreo, muitos homens simples imaginam o visível e o palpável (e não pensam que o ar puro, o fogo fora da chama ou carvão sejam corpos) e dizem que os espíritos separados e humanos não são corpóreos. Verdadeiramente não o são neste sentido, pois são de substância invisível – seja aérea como o querem a maioria dos filósofos e teólogos, seja celeste, como dizem hebreus e árabes, que dão mesmo nome ao céu e ao espírito. Essência própria à imortalidade ou ainda, se quisermos, mais sutil e penetrante. Mas

sempre corpórea já que finita, limitada pela posição e pelo lugar, móvel, sujeita ao movimento e ao tempo. Finalmente, se não fossem corpóreos não seriam passíveis e capazes de sofrer como fazem. O humano recebe de seu corpo prazer, desprazer, volúpia, dor; o corpo, por sua vez, os recebe dele e de suas paixões. Qualidades boas e más, virtudes, vícios e afeições: todos acidentes. E todos, sejam separados, demônios ou humanos, estão sujeitos a suplícios e tormentos. São corpóreos pois não há nada sensível que não seja corpóreo, o corpo é o sujeito dos acidentes.

A alma tem grande número de virtudes e faculdades, quase tanto quanto o corpo tem membros. Ela as tem nas plantas, mais nos animais e mais ainda no homem. O saber viver, sentir, mover, desejar, atirar, juntar, reter, cozinhar, digerir, alimentar, crescer, rejeitar, ver, ouvir, provar, cheirar, falar, aspirar, respirar, gerar, pensar, opinar, raciocinar, contemplar, consentir, dissentir, lembrar e julgar não são partes da alma (senão seria divisível e estabelecida por acidentes) mas qualidades naturais.

As ações vêm depois e seguem as faculdades. São três os graus – de acordo com a doutrina do grande Santo Denis, seguida por todos – que devemos considerar nas criaturas espirituais : essência, faculdade e operação. Pelo último, a ação, conhecemos a faculdade; por ela a essência. As ações podem ser impedidas e cessar completamente, sem prejuízo algum da alma e de suas faculdade. Desta forma a ciência ou faculdade de pintar permanece inteira no pintor ainda que tenha a mão atada e seja impossibilitado de pintar. Mas se as faculdades perecem, é preciso que a alma parta, assim como o fogo não existe mais quando perde a faculdade de esquentar.

Apresentamos depois da essência e da natureza da alma (que não foram aqui explicadas), uma das maiores questões, que é a do existir no animal e especialmente no homem, uma só ou várias almas. A diversidade de opiniões se resume na verdade a três. Alguns gregos e em seguida a quase totalidade dos árabes pensaram só haver uma alma imortal (não somente em cada homem, mas geralmente em todos). A maioria dos egípcios sustentou o contrário: uma pluralidade de almas em cada um: duas mortais, a vegetativa e a sensitiva, e uma terceira imortal, a intelectiva. A terceira opinião, mais seguida e mais comum, sustentada por várias nações, é que existe uma alma em cada animal, sem mais. Há dificuldade em todas estas opiniões.

Abandono a primeira por já ter sido demasiado refutada e rejeitada. Por um lado, na filosofia, a pluralidade de almas no animal e no homem parece estranha e absurda. Seria dar várias formas à uma mesma coisa e dizer que há várias substâncias e sujeitos em um, dois animais em um, três homens em um. Por outro lado, ela facilita muito a crença na imortalidade da intelectual, pois havendo três almas distintas, não há nenhum inconveniente em que as duas morram e a terceira permaneça imortal. A unidade parece resistir à imortalidade: como uma mesma alma indivisível poderia ser em parte mortal e em parte imortal, como parece todavia ter desejado Aristóteles?

Parece ser necessário que ela seja ou inteiramente mortal ou inteiramente imortal, dois pesados absurdos. A primeira abole toda religião e a sã filosofia, a segunda faz também dos animais seres imortais. No entanto, é bem mais verossímil que só haja uma alma em cada animal. A pluralidade e diversidade das faculdades, instrumentos e ações não derroga nem multiplica em nada esta unidade. Assim como a diversidade dos riachos não derroga a unidade da

nascente e da fonte, nem a diversidade dos efeitos do sol (esquentar, clarear, derreter, secar, branquear, escurecer, dissipar e secar) derroga a unidade e simplicidade do mesmo. Do contrário haveria um enorme número de almas no homem, e de sóis no mundo. A unidade essencial da alma não impede a imortalidade da humana em sua essência. Ainda que as faculdades vegetativa e sensitiva (que são acidentes) morram, ou seja, não possam ser exercidas fora do corpo e a alma não tenha sujeito nem instrumento para exercer suas faculdades, ela o faz sempre pela terceira ou intelectual. Ela não tem necessidade do corpo, ainda que, estando dentro deste se sirva dele para exercê-las.

Se ela retornasse ao corpo, voltaria a exercer suas faculdades vegetativa e sensitiva, como se vê nos que ressuscitam para viver aqui em baixo. Não nos que ressuscitam para viver em outro lugar, pois tais corpos não precisam do exercício de tais faculdades para viver. Da mesma forma o sol não falta, mas permanece em si inteiro, ainda que durante um eclipse total não ilumine, não esquite e não exerça seus outros efeitos nos lugares sujeitos a eles.

Tendo demonstrado a unidade da alma em cada sujeito, vejamos de onde vem e como entra no corpo. A origem das almas não é considerada por todos da mesma forma. Entendo por alma as humanas, a vegetativa e sensitiva nas plantas e nos animais sendo, na opinião de todos, toda material; assim como na semente que também é mortal. Da alma humana há quatro célebres opiniões. A primeira, dos estoicos, foi sustentada por Filo o judeu, em seguida pelos maniqueístas priscilianistas e outros. É extraída e produzida pela substância de Deus que a inspira no corpo. Para fundamentar sua tese eles usam as palavras de Moisés: *Inspiravit in faciem eius spiraculum vitae*. A segunda, sustentada por Tertuliano, Apolinário, os luciferianos e outros cristãos, diz que vem e deriva da alma dos

pais, com a semente da forma das almas brutais. A terceira, dos pitagóricos e platônicos, sustentada por vários rabinos e doutores judeus, mais tarde por Orígenes e outros doutores cristãos diz que foram todas criadas no começo por Deus. São feitas do nada e reservadas ao céu, para depois serem enviadas aqui em baixo segundo necessidade. Os corpos são formados e dispostos para recebê-las, de onde a opinião dos que pensavam que, de acordo com a vida que tinham levado no céu antes de serem incorporadas, as almas são aqui bem ou mal tratadas, alojadas em corpos sãos ou doentes. O mestre de sabedoria mostra bem que acredita que a alma é a primogênita, anterior ao corpo. *Eram puer, bonam indolem sortitus, imo bonus cum effem, corpus incontaminatum reperi.* A quarta recebida, que vem do cristianismo, é que elas são todas criadas por Deus e infusas nos corpos preparados. Tanto é que sua criação e infusão se fazem no mesmo instante. Estas quatro opiniões são afirmativas. Mas ainda há uma quinta, mais retida, que não define nada, se contentando em dizer que é coisa secreta e desconhecida dos homens. Desta opinião foram Santo Agostinho, Gregório e outros que todavia consideram as duas últimas afirmativas mais verossímeis que as primeiras.

Vejamos agora quando e como entra no corpo: se inteira, de uma só vez, ou sucessivamente. Entendo aqui ainda a humana, pois da brutal não há nenhuma dúvida, já que é natural à semente. Segundo Aristóteles (o mais seguido), por sucessão de tempo e por grau, como a forma artificial que faríamos por peças uma depois da outra. A cabeça, depois a garganta, o ventre e as pernas. A alma vegetativa e sensitiva (totalmente material e corpórea) está na semente e, com ela vem dos pais. Ela conforma o corpo na matriz que, uma vez feito, recebe a racional do exterior. Para isso não há nem duas nem três almas, nem conjuntamente nem sucessivamente. A vegetativa não se corrompe com a

chegada da sensitiva, nem a sensitiva com a da intelectual. Uma única se faz, se finaliza e se totaliza com o tempo prescrito pela natureza.

Outros acreditam que entra com todas as suas faculdades de uma só vez, quando o corpo está todo organizado, formado e acabado. Antes disso não pode haver alma, unicamente virtude e energia natural, forma essencial da semente que age pelos espíritos. Estes estão na semente com o calor da matriz e sangue maternal. Como instrumentos, formam e edificam o corpo, agenciam todos os membros, nutrem, movem e fazem-nos crescer. Isto feito, a energia ou forma seminal se desvanece e se perde. A semente deixa de ser semente, perdendo sua forma com a chegada de uma mais nobre: a alma humana. Esta faz com que a semente ou embrião passe a ser homem.

Tendo entrado no corpo, é preciso saber de que gênero e tipo é sua existência, onde e como faz sua residência. Alguns filósofos ocupados em dize-lo e em juntar bem a alma com o corpo, fazem-na permanecer e residir naquele como mestre em sua casa, piloto em seu navio, cocheiro em seu coche. Mas isso destruiria tudo, pois não seria forma nem parte interna e essencial do animal ou do homem. Não teria necessidade dos membros do corpo para aí permanecer e não sentiria em nada seu contágio. Seria uma substância totalmente distinta do corpo, subsistindo por si; poderia ir e vir a seu bel prazer, se separar do corpo sem distinção deste e sem diminuição de suas funções: todas coisas absurdas. A alma é para o corpo como forma para a matéria. Estendida e espalhada por ele ela dá vida, movimento e sentimento a todas as suas partes. Juntos formam uma hipóstase, um sujeito inteiro: o animal. Não há meio que os enlace e os ligue um ao outro, pois entre a matéria e a forma não há nenhum meio, segundo o que diz toda a filosofia. A alma está em todo o corpo. Não acrescento contudo (mesmo

que isto seja a fala do homem comum) que ela esteja em cada parte do corpo, pois isto implicaria contradição e dividiria a alma.

Se, como é dito, a alma é difusa e espalhada por todo o corpo para explorar e exercer suas faculdades, é certo que ela está mais especial e expressamente em certos lugares do corpo que em outros. Aí dizem ter ela seu assento, mas não estar inteiramente, pois o resto estaria sem alma e sem forma. Como ela tem quatro faculdades principais e mestras, também lhes dão quatro assentos: as quatro regiões que marcamos acima na composição do corpo. Essas regiões são os quatro primeiros e principais instrumentos da alma, os outros se referem a elas e dependem delas, assim como as faculdades. Ou seja, para a faculdade genital os genitores, para a natural o fígado, para a vital o coração, para a animal e intelectual o cérebro.

Abordemos então o exercício de suas faculdades. Em geral a alma é por si só sábia e suficiente. Não falha na produção do que sabe e no bom exercício de suas funções, o que faz como deve se não for impedida e desde que seus instrumentos estejam bem dispostos. Os sábios disseram com razão que a natureza é sábia, conhecedora, industriosa, suficiente, mestra, e se torna hábil para todas as coisas. *Insita sunt nobis omnium artium ae virtutum semina, magister; ex occulto Deus producit ingenia.* Isto é facilmente demonstrado pela indução. A vegetativa, sem instrução, forma o corpo na matéria de maneira excelente, nutre-o e o faz crescer; atirando a carne, retendo-a e digerindo-a. Depois rejeita os excrementos, engendra e refaz as partes que desfalecem. Estas coisas vemos nas plantas, nos animais e no homem. A sensitiva, por si mesma e sem instrução faz animais e homens mexerem os pés, as mãos e outros membros, coçarem, esfregarem, sacudirem, agitarem os lábios, mamarem,

chorarem e rirem. Com a racional acontece o mesmo. Não, como opinou Platão, por reminiscência do que sabia antes de entrar no corpo; nem, como sugeriu Aristóteles, por recepção e aquisição vindas de fora pelos sentidos, sendo em si uma carne branca e vazia, ainda que se sirva dela. Por si mesma e sem instrução imagina, entende, retém, raciocina e discorre. Mas já que isto parece mais difícil na racional que nas outras, e contraria um pouco Aristóteles, será mais tratado em seu devido lugar, no discurso sobre a alma intelectual.

Resta ainda um último ponto: a separação da alma com o corpo, que pode ocorrer de diversas formas e gêneros. A primeira, mais ordinária e natural, acontece pela morte e é diferente nos homens e nos animais. Pela morte dos animais a alma morrendo é aniquilada, como sugere a regra segundo a qual pela corrupção do sujeito a forma se perde e perece, permanecendo a matéria. Pela do homem, a alma se separa do corpo mas não se perde; ela permanece, uma vez imortal.

A imortalidade da alma é a coisa mais universal, religiosa (é o principal fundamento de toda religião) e pacificamente retida por todos. Designo aqui profissão externa e pública, pois a séria, interna e verdadeira, nem tanto. E disto testemunham tanto os epicuristas quanto os libertinos e os gozadores. Todavia os saduceus, os maiores lordes dos judeus, não fazem manha para negá-lo. A mais utilmente aceita ainda que não provada por várias razões naturais e humanas, é estabelecida pela competência da religião melhor e mais propriamente do que por qualquer outro meio. Parece haver nesta crença uma inclinação e disposição da natureza, pois o homem deseja naturalmente alongar e perpetuar seu ser. Daí vem também o cuidado e o grande e furioso amor pela posteridade e sucessão. Duas outras coisas servem para fazê-la valer e torná-la

plausível: primeiramente a esperança de glória, de reputação e o desejo de imortalidade do nome (que, apesar de vão, tem um crédito extraordinário no mundo). Em segundo, a impressão de que os vícios subtraídos à vista e ao conhecimento da justiça humana permaneçam sempre no outeiro da divina, que os castiga mesmo depois da morte. Além do homem ser levado e disposto naturalmente a desejá-la, por assim dizer em acreditar nela, a justiça divina a conclui.

Daí aprendemos a ver três diferenças e graus nas almas, ordem requisitada para a perfeição do universo, sendo que duas delas são extremas. As brutais são totalmente materiais, mergulhadas, plantadas e inseparáveis da matéria: assim com ela, são corruptíveis. A outra, pelo contrário, é daquelas que não têm nenhum comércio com a matéria ou o corpo, como os demônios imortais. No meio está a humana que, intermediária, não é absolutamente ligada à matéria nem totalmente desligada dela. É unida à matéria, mas pode subsistir e viver em ela. Um belo argumento para sua imortalidade está na ordem e distinção. Haveria um vazio, um defeito e deformidade absurdos na natureza, vergonhosa para seu autor e ruínosa para o mundo se entre dois extremos (o corruptível e o incorruptível) não houvesse um meio termo que fosse em parte um, em parte outro. É preciso necessariamente de algo que ligue e una os termos: este algo é o homem. Abaixo das ínfimas, totalmente materiais, está aquilo que não a tem, como as pedras. Acima das mais altas e imortais está o único eterno Deus.

A outra separação não é natural nem ordinária, mas se faz por impulso e de uma vez. É de difícil compreensão e perplexa. Diversa, ela se faz por êxtase e arrebatamento, por meios muito diferentes. Algumas são divinas, tal qual a escritura nos traz de Daniel, de Zacarias, de Esdras, de Ezequiel e de São Paulo.

Outras demoníacas são fornecidas pelos demônios e espíritos bons ou maus. É o que se lê de vários, como de João Duns, dito Escoto. Em seu êxtase mais longo, foi tido por morto, levado e jogado na terra; mas como sentia os golpes que lhe eram dados, reveio a si e foi retirado de lá. Mas como tinha perdido sangue e quebrado a cabeça, morreu logo. Cardan disse o mesmo de si e de seu pai. E isto permanece autentico e bem verificado em diversos lugares do mundo, a respeito de várias pessoas, quase sempre populares, fracos e mulheres possuídas. Seus corpos permanecem sem movimento e o coração e as artérias sem pulso. Mais ainda, não têm percepção alguma dos golpes mais cruéis de ferro e de fogo, e quando suas almas voltavam a eles, sentiam dores muito fortes e diziam o que tinham visto e feito muito longe dali.

Chamamos a terceira separação de humana. Ela vem da doença que Hipócrates chamava de sagrada, o vulgar epilepsia, *morbis comitialis*, que tem por marca a espuma na boca e que não pertence aos possuídos, mas em seu lugar há um cheiro fedorento. Ou então vem dos medicamentos narcóticos, estupefacientes e calmantes, ou ainda da força da imaginação, que se esforça e se retesa demasiado em alguma coisa e leva toda a força da alma.

Nestes três gêneros de êxtase e de arrebatamento (o divino, demoníaco e o humano), a questão é se a alma se separa verdadeiramente e realmente do corpo ou se, permanecendo nele, está tão ocupada com algo externo ao corpo que esquece seu próprio corpo, de onde a suspensão e desligamento de suas ações e do exercício de suas funções. Quanto à divina, o apóstolo, falando de si e de seu próprio feito, não ousa definir nada. *Si in corpore vel extra corpus nescio Deus scit*. Esta instrução deveria servir para todos os outros, assim como para as abstrações menores. Quanto à demoníaca, não sentir tão grandes golpes e trazer

o que foi feito a duzentas ou trezentas milhas daqui, são duas conjeturas grandes e violentas. Todavia não totalmente necessárias, uma vez que o demônio pode divertir e ocupar a alma de tal forma que, por algum tempo, ela não tenha nenhuma ação nem comércio com seu corpo. Neste meio tempo enlouquece e representa tanto em sua imaginação o que foi feito longe dali, que ela pode contá-lo com exatidão. Afirmar com certeza que a alma saia inteira e abandone o corpo (que assim permaneceria morto) é bem ousado e choca rudemente a natureza. Dizer que a alma não sai inteira, mas que somente a alma imaginativa ou intelectual é levada, enquanto a vegetativa permanece é se complicar ainda mais já que a alma singular por essência seria dividida ou então somente o acidente seria levado e não a substância. Quanto à humana, sem dúvida não há separação da alma, mas sim a suspensão de suas ações externas e patentes.

Quanto ao que se torna a alma e qual seu estado depois da separação pela morte, as opiniões são diversas e o assunto do livro não engloba este ponto. A metempsicose e transanimação de Pitágoras foi um pouco adotada pelos acadêmicos, estoicos, egípcios e outros. Mas não por todos ao mesmo tempo, pois uns a admitiram somente para a punição dos maus; como se lê acerca de Nabucodonosor, transformado em boi por punição divina. Vários outros grandes pensaram que as almas boas e excelentes, ao se separarem, se tornavam anjos e as más diabos. Seria mais agradável dizê-las semelhantes à eles, *Non nubent, sed erunt sicut Angeli*. Alguns disseram que as almas dos piores eram, ao termo de longo tempo, reduzidas a nada. Mas é preciso aprender a verdade de tudo isto da religião e dos teólogos, que falam acerca disso com clareza.

Da alma em particular. Primeiramente da faculdade vegetativa.

Capítulo VIII.

Após a descrição geral da alma em dez pontos, falaremos dela particularmente, segundo a ordem de suas faculdades. Começaremos pelas menores: a vegetativa, a sensitiva, a apreensiva ou imaginativa, a apetitiva e a intelectual (soberana e verdadeiramente humana). Sob cada uma delas existem várias que lhes são sujeitas, que são suas partes, como veremos quando tratarmos na ordem.

Da vegetativa e mais baixa, que é a mesma nas plantas, não falarei muito, pois este é um assunto de médicos, dentro da saúde e da doença. Diremos somente que dentro desta faculdade existem três outras grandes que se seguem; que a primeira serve à segunda, a segunda à terceira, mas não o contrário. A primeira, nutriz, ajuda na conservação do indivíduo. Trabalham para ela várias outras, tais a que atrai a carne necessária, a que prepara e a que digere, separando o próprio e bom do ruim e prejudicial. Há também a que retém e expulsa os excessos. A segunda, cumuladora, busca a perfeição, quantidade devida ao indivíduo. A terceira, geradora, cuida da conservação da espécie. Vemos por aí que as duas primeiras servem ao indivíduo, agindo dentro de seu próprio corpo. A terceira à espécie, age e tem seu efeito no exterior, em outro corpo. Esta é mais digna que as outras e se aproxima da faculdade mais elevada, a sensitiva. É grande proeza de perfeição, fazer coisa semelhante a si.

Da faculdade sensitiva.

Capítulo IX.

Seis coisas são necessárias ao exercício desta faculdade e à função dos sentidos. Dentre elas, quatro são internas, duas externas: a alma causa primeira eficiente. Uma primeira delas é a faculdade de sentir (qualidade da alma e não ela

mesma), ou seja, perceber e apreender as coisas externas. Ela se faz de cinco maneiras, que constituem os cinco sentidos (deste número falaremos no capítulo seguinte): a audição, a visão, o olfato, o gosto e o tato. Uma outra são os instrumentos corporais dos sentidos, que são cinco, assim como os sentidos: os olhos, as orelhas, a concavidade alta do nariz (entrada para os primeiros ventrículos do cérebro), a língua e a pele universal do corpo.

Uma terceira o espírito que deriva do cérebro. Ele tem origem na alma sensitiva à partir de certos nervos que são ditos instrumentos. É por esse espírito e por estes nervos que a alma exerce sua faculdade. Uma outra seria a espécie sensível ou o objeto proposto ao instrumento, diferente segundo a diversidade dos sentidos. O objeto da vista e do olho se dá de acordo com a opinião comum da cor, qualidade aderente ao corpo. Existem seis cores simples: o branco, o amarelo, o vermelho, o púrpura, o verde e o azul. Alguns ainda acrescentam uma sétima, o preto, mas na verdade esta não é uma cor e sim privação, se parecendo com as trevas, assim como as cores se parecem mais ou menos com a luz. Há uma infinidade de compostos. Melhor dizendo, é a luz que nunca está sem cor, pois sem ela as cores são invisíveis. A luz é uma qualidade que sai do corpo luminoso, se faz ver assim como a todas as coisas. Quando é limitada e interrompida por algum corpo sólido, reflete e redobra seus raios. Mas se passa sem ser freada não pode ser vista (a não ser na raiz do corpo luminoso de onde partiu) nem permite ver as outras coisas. O objeto da audição e da orelha se dá de acordo com o som (barulho proveniente do choque de dois copos) pode ser diverso. Doce e harmonioso, ele suaviza e apazigua o espírito e em seguida o corpo, caçando as doenças de ambos. Agudo, penetrante e arrebatador, pelo contrário, perturba e fere o espírito. O objeto do gosto se dá de acordo com o sabor, e este tem seis espécies simples (o doce, o amargo, o azedo, o ácido, o

salgado e o áspero) à partir dos quais derivam vários compostos. O objeto do olfato o odor, o cheiro. Este é uma fumaça que sai do objeto odorífero e sobe pelo nariz até os primeiros ventrículos do cérebro. O cheiro forte e violento prejudica muito o cérebro, como o som ruim. O temperado e bom, pelo contrário, regozijam, deleitam e confortam aquele. O objeto do toque se dá de acordo com o quente, o frio, o seco, o úmido, o suave, o polido, o áspero, o movimento, o repouso e as cócegas.

A quinta consiste no ar – não alterado nem corrompido, mas livre como é necessário – que é o meio ou entremeio do objeto e do instrumento. A percepção acontece quando a espécie sensível se apresenta pelo meio, dispõe ao instrumento são e disposto, e nele o espírito, assistindo, a recebe e apreende. Tanto é que há ação e paixão, e os sentidos não são puramente passivos, pois ainda que recebam e sejam tocados pelo objeto, em algum sentido e medida eles também agem, percebendo e apreendendo a espécie e imagem do objeto proposto.

Antigamente, antes de Aristóteles, estabeleciam diferença entre os sentidos da vista e os outros sentidos. Todos sustentavam que a vista era ativa (jogando os raios nos objetos externos ao olho) e os outros sentidos passivos (recebendo a coisa sensível). Todavia, depois de Aristóteles, foram todos considerados iguais e passivos – recebendo no instrumento as espécies e imagens das coisas. As razões dos antigos, pelo contrário são fáceis de se resolver. Diremos coisas mais belas e elevadas acerca dos sentidos em seguida.

Além dos cinco sentidos particulares, no interior existe o sentido comum, sexta e última coisa. Aqui os diversos objetos percebidos pelos outros sentidos são reunidos e apanhados, em seguida comparados, distinguidos e discernidos

uns dos outros. Isto não pode ser feito pelos particulares, já que cada um está atento a seu próprio objeto e não pode conhecer o de seu companheiro.

Dos sentidos da natureza.

Capítulo X.

Dizem-nos na escola que todo conhecimento se encaminha em nós pelos sentidos. Isto não é totalmente verdadeiro, como veremos em seguida. Eles são nossos primeiros mestres, o conhecimento começa por eles e se resolve neles. Eles são o começo e o fim de tudo. É impossível voltar atrás deles. Cada um é chefe e soberano em sua ordem, tem sobre ela grande domínio e traz um número infinito de conhecimento. Eles não estão ligados, não dependem nem têm necessidade uns dos outros. São, pois, igualmente grandes, apesar de uns terem mais extensão, seguimento e processos que outros, como um pequeno rei é tão soberano em seu pequeno distrito quanto o grande em um grande estado.

Existirem somente cinco sentidos na natureza é entre nós um axioma, na medida em que, apesar de percebemos-los em nós, é possível que existam outros. E há grande suspeita e aparência de que haja, mas é impossível sabê-lo, afirmá-lo ou negá-lo, pois não saberíamos nunca reconhecer a ausência de um sentido que nunca tivemos. Com a falta de algum de nossos cinco sentidos inúmeros animais vivem uma vida plena e inteira (com exceção do toque, que é necessário à vida). Vivemos muito comodamente com cinco, mas talvez nos falte ainda um, dois ou três. O que todavia não podemos saber já que um sentido não pode descobrir outro. Se por natureza nos faltasse um, não saberíamos dizê-lo. O homem que nasce cego, não saberia nunca dizer que não vê, nem desejar ver ou lastimar a vista. Ele poderá dizer talvez que quer ver, na medida em que ouviu

dizer ou aprendeu de outrem, que pode dizer algo acerca disto. A razão é que os sentidos são as primeiras portas e entradas para o conhecimento. Se o homem não pode imaginar outros além dos cinco que tem, não saberia adivinhar se existem outros na natureza. Mas poderiam existir. Quem sabe se as dificuldades que encontramos em várias obras da natureza e os efeitos dos animais que não podemos compreender venham da falta de algum sentido que não possuímos? Partindo do que chamamos de propriedades ocultas nas várias coisas, pode-se dizer que há faculdades sensitivas na natureza, próprias a julgá-las e percebê-las. Mas nós não as temos, e a ignorância de tais coisas vem de nossa falta. Quem sabe se algum sentido particular nos galos descobre a meia noite ou a manhã, levando-os a cantar, ou encaminha os animais a tomar certas ervas para sua cura, e tantas outras coisas como estas? Ninguém saberia dizer nem que sim nem que não.

Alguns tentam concluir que existem cinco sentidos e provar sua suficiência, distinguindo e comparando diversamente as coisas externas. Os objetos dos sentidos estão perto do corpo ou distantes dele. Quando estão perto mas permanecem fora trata-se do toque; quando entram do gosto; quando estão distantes e presentes em linha reta da vista; quando oblíquos e por reflexão da audição. Poderíamos dizer que os cinco sentidos estão à serviço do homem inteiro. Alguns são inteiramente para o corpo tais o gosto e o toque – aquele para o que entra, este para o que permanece fora. Outros são primeira e principalmente para a alma: a vista e a audição – aquela para a invenção, esta para a aquisição e comunicação. O olfato está no meio, para os espíritos médios e ligações da alma e do corpo. Além do mais, respondem aos quatro elementos e suas qualidades: o toque à terra, a audição ao ar, o gosto à água e ao úmido e o olfato ao fogo. A vista, em razão do esplendor do olho, é composta e possui tanto

a água quanto o fogo. Outros dizem que há tantos sentidos quantos artigos e gêneros de coisas sensíveis (as cores, o som, o odor, o sabor e a quinta que não tem nome próprio é o objeto do toque: o quente, o frio, o áspero, o rugoso, o polido e tantos outros). Mas se enganam, pois o número dos sentidos não é disposto pelo número de coisas sensíveis, que não são causa e que existem na mesma quantidade. De acordo com esta razão, haveria muito mais: um mesmo sentido receberia diferentes tipos de objetos. Um mesmo objeto seria percebido por diferentes sentidos (como as cócegas das axilas e o prazer de Vênus são distintos dos cinco sentidos e compreendidos por alguns no toque). Mas é antes porque o espírito só pode chegar ao conhecimento das coisas pelos cinco sentidos e a natureza lhe entregou tudo quanto era requisitado para seu bem e seu fim.

Quanto à dignidade e nobreza, suas comparações são diversas. A vista sobressai quanto aos outros em cinco pontos: ela se estende mais, percebe mais longe (até as estrelas fixas) e mais coisas, pois em tudo e em todo lugar há luz e cor, objetos da vista. É mais requintada, exata e particular, inclusive nas coisas mais miúdas e magras. É mais pronta e súbita e percebe em um momento até o céu, visto que não tem movimento. Nos outros sentidos há movimento, o que requer tempo. É mais divina; as marcas de sua divindade são várias. Sua liberdade não se iguala à das outras, pois o olho vê ou não vê em função das pálpebras prontas para abrir e fechar que são sua força para não trabalhar e não se cansar de ver. Sua atividade e poder de agradar ou desagradar, contentar ou descontentar, significar e insinuar os pensamentos, vontades, afeições. Pois o olho fala e golpeia, serve de língua e de mão, os outros são puramente passivos. O medo mais nobre é o das trevas; que é natural e vem do fato de nos sentirmos

privados e destituídos de tal guia, cuja companhia desejamos para o alívio. A vista, na luz, serve de companhia.

A audição, por sua vez, tem muitas singularidades excelentes: ela é bem mais espiritual e serve ao interior. A comparação particular destas duas (mais nobres) e do falar será feita no capítulo seguinte. Quanto ao prazer e desprazer, ainda que todos sejam susceptíveis a eles, o toque pode receber grandes dores e quase nenhum prazer, enquanto o gosto pode ter grande prazer e quase nenhuma dor. No órgão e instrumento, o toque é universal e espalhado por todo o corpo, para sentir os golpes do quente e do frio; já os outros, são consignados em um certo lugar e membro.

Da fraqueza e incerteza de nossos sentidos vêm a ignorância, os erros e o engano pois, já que por seu intermédio vem todo o conhecimento, se eles falham na correspondência, não nos resta senão agarrar-nos à opinião. Mas quem pode dizê-lo acusando-os de falhar, se por eles começamos a aprender e a conhecer? Alguns disseram que não falham nunca e que quando parecem falhar o erro vem de outro lugar; seria preciso culpar outra coisa e não os sentidos. Outros disseram o contrário: que são todos falsos e não nos ensinam nada certo. Todavia a opinião intermediária é mais verdadeira.

Que os sentidos sejam falsos ou não, em todo caso é certo que enganam e com frequência forçam o discurso e a razão. Em compensação, são também enganados por ela. Eis que bela ciência e certeza o homem pode ter, quando o interior e o exterior estão cheios de falsidade e fraqueza, e que as partes principais, as ferramentas essenciais da ciência enganam umas às outras. Vemos que os sentidos enganam e forçam o entendimento na medida em que uns esquentam em fúria, outros suavizam, outros coçam a alma. Porque os que se

fazem sangrar, incisar e cauterizar desviam os olhos, senão porque sabem bem a grande autoridade que os sentidos têm sobre o discurso? A vista de um grande precipício assusta aquele que sabe estar em um lugar seguro. Enfim, a percepção não vence e derruba todas as belas resoluções de virtude e de paciência? Mas também parece, por outro lado, que os sentidos são excitados pelo entendimento. Quando a alma é agitada pela cólera, pelo amor, pelo ódio e por outras paixões, nossos sentidos vêm e ouvem as coisas de outra maneira; algumas vezes inclusive nossos sentidos são totalmente abobados pelas paixões da alma. Parece que esta anula o interior e diverte as operações dos sentidos. Com o espírito impedido em outro lugar o olho não percebe o que está na sua frente e o que vê. Desta forma a vista e a razão julgam diversamente o tamanho do sol, dos astros e da figura de um bastão na água.

Os animais têm parte nos sentidos da natureza como nós. Algumas vezes até mais, pois alguns têm a audição mais aguçada que o homem, outros a vista, outros o olfato, outros o gosto. Afirmam que no que diz respeito à audição, o cervo está em primeiro lugar; quanto à vista seria a águia, quanto ao olfato o cão, quanto ao gosto o macaco e quanto ao toque a tartaruga. Todavia, a preeminência do toque (que é o sentido mais próprio aos animais) é dada ao homem. Se os sentidos são o meio para chegar ao conhecimento e os animais participam deles, algumas vezes até melhor do que o homem, porque não teriam conhecimento?

No entanto, os sentidos não são as únicas ferramentas do conhecimento, nem mesmo os nossos são os únicos a serem consultados e acreditados. Pois, se os animais, como o fazem, julgam as coisas de outra forma que nós pelos nossos, quem será acreditado? Nossa saliva limpa e seca nossas feridas, ela mata também

a serpente: qual será a verdadeira qualidade da saliva, secar, limpar ou matar? Para bem julgar as operações dos sentidos é preciso estar de acordo com os animais mas, mais ainda, com nós mesmos. Nosso olho Se prensamos e apertamos nossos olhos vêm de forma diferente de seu estado normal. A audição apertada ou não apertada recebe os objetos de forma diversa. Uma criança e um homem vêm, escutam e sentem o gosto de modo diferente, assim como um velho. Da mesma forma o homem são e o doente, o sábio e o tolo. Em tão grande diversidade e contrariedade, o que devemos tomar como certo? Até mesmo um sentido desmente um outro, uma pintura que parece elevada para a vista pode ser reta para a mão.

Do ver, do ouvir e do falar.

Capítulo XI.

São as mais ricas e excelentes joias dentre as que estão à mostra, e existe disputa acerca de sua proeminência. Quanto a seus órgãos, o da vista tem composição e forma admiráveis, uma beleza viva e brilhante, pela grande variedade e sutileza de tão pequenas peças. Por isso dizem que o olho é uma das primeiras partes do corpo a começar a se formar, e a última que se acaba. Por esta mesma causa é tão delicado e, como se diz, sujeito a vinte e seis doenças. Depois vem o do falar mas, em troca a audição tem várias grandes vantagens. Para o serviço do corpo, a vista é muito mais necessária e importa bem mais para os animais que a audição. Todavia para o espírito a audição vence. A vista serve para a invenção de coisas que foram quase todas descobertas por ela, mas não leva nada à perfeição. Além disso ela só é capaz de coisas corporais e dos indivíduos, e unicamente de sua crosta e superfície. É a ferramenta dos ignorantes e incapazes, *qui moventur ad quod adest, quodque presens est.*

A audição é um sentido espiritual, mediador e agente do entendimento, a ferramenta dos sábios e dos homens espirituais, capaz não somente dos segredos e das coisas interiores dos indivíduos (coisa que a vista não consegue) mas ainda de todas as espécies e coisas espirituais e divinas para às quais a vista é antes um desvio que uma ajuda. Por isso não somente houve muitos grandes sábios cegos, mas ainda aqueles que se privaram da vista propositalmente, para melhor filosofar. Mas nunca houve nenhum surdo. Por aí entramos na fortaleza e tornamo-nos seu mestre empregamos o espírito para o bem ou para o mal. Testemunho disto a mulher do rei Agamenon, contida ao dever de castidade pelo som da harpa. E Davi que, pelo mesmo meio, caçou o mau espírito de Saul e lhe devolveu a saúde. Também o tocador de flautas, que amolecia e retesava a voz do grande orador Gracos. Enfim a ciência, a verdade e a virtude não têm outra mediação e entrada para a alma senão a audição. O cristianismo ensina que a fé e a salvação se dão pela audição, e que a vista prejudica mais do que ajuda. A fé é a crença das coisas que não vemos, e é adquirida pela audição e chama seus aprendizes e noviças de auditores *κατηχουμένους*. Acrescentarei ainda esta palavra: a audição traz um grande socorro às trevas e aos adormecidos, para que, pelo som, provejam sua conservação. Por estas razões os sábios recomendam tanto a audição e deixam-na virgem e livre de toda corrupção tanto para a salvação interior como para a segurança da cidade (na qual se faz guarda nas portas e muros), a fim de que o inimigo não entre.

A palavra é presente excelente e muito necessário dada peculiarmente ao homem para o olhar daquele de onde ela sai. É o turgimão e a imagem da alma, *animi index et speculum*, o mensageiro do coração, a porta pela qual tudo o que está de fora sai e se coloca à vista. Todas as coisas saem das trevas e do segredo, vêm à luz e o espírito se mostra. Acerca disto dizia um velho a uma criança: fale,

para que enfim te veja, ou seja, teu interior. Da mesma forma que os recipientes são conhecidos (quando estão quebrados, abertos, inteiros, cheios ou vazios) pelo som e os metais pelo toque, o homem o é pelo falar. De todas as partes do corpo que se vêm e se mostram ao exterior, a mais vizinha do coração por sua raiz é a língua. A palavra é o que segue de mais perto o pensamento; a boca fala a partir da abundância do coração. Para o olhar daquele que a recebe é um mestre poderoso e um regente imperioso. Entra na fortaleza, toma o mestre, agita-o, anima-o, azeda-o, tranquiliza-o, irrita-o, contrista-o, alegra-o, lhe imprime toda paixão que quiser. Manipula e apascenta a alma do ouvinte, dobra-a a todos os sentidos, a faz enrubescer, tornar-se lívido, empalidecer, rir, chorar, tremer de medo, agitar de espanto, ficar fora de si de cólera, tremer de alegria, ultrajar e transir de paixão. Para o olhar de todos a palavra é a mão do espírito, ele toma e dá como o corpo pela sua, pede conselho e socorro, e o oferece. É o grande mediador e passador pelo qual as relações se fazem. *Merx à Mercurio*. Por ela a paz se trata, os processos se manejam, as ciências e os bens do espírito se debitam e distribuem. Ela é o ligamento e o cimento da sociedade humana, permitindo o entendimento mútuo. Diz um antigo que estamos melhor em companhia de um cão conhecido que na de um homem cuja linguagem é desconhecida, *ut externus alieno non sit hominis vice*. É a ferramenta e instrumento para todas as coisas, boas e más, *vita et mors in manibus linguae*. Não há nada melhor nem pior que a língua. A língua do sábio é a porta para um gabinete real que, ao se abrir, mostra incontinentemente mil coisas diversas, que se apresentam cada uma mais bela que a outra; das Índias, do Peru e da Arábia. A linguagem produz e faz avançar em bela ordem sentenças, aforismas da filosofia, similitudes, exemplos, histórias, belas palavras apartadas de todas as minas e tesouros velhos e novos. *Qui profert de thesauro suo nova et vetera*, que servem

para a regulamentação dos hábitos, da polícia e de todas as partes da vida e da morte. O que é utilizado em seu tempo e com razão, traz com prazer uma grande beleza e utilidade. *Mala aurea in lectis argenteis, verba in tempore suo.*

A boca do mau é um buraco fedorento e pestilencioso, a língua maledicente, assassina da honra de outrem, é um mar e universidade de males. É pior que o ferro, o fogo, o o veneno, a morte e o inferno. *Universitas iniquitatis, malum inquietum venenum mortiferum, ignis incendens omnia, mors illius nequissima, utilis potius infernus quam illa.*

A audição e a palavra respondem e referem uma à outra, têm grande parentesco e uma não é nada sem a outra, como se por natureza em um mesmo sujeito um não fosse sem o outro. São as duas grandes portas pelas quais a alma faz todo seu comercio e tem inteligência por todo lado. Por estas duas as almas se entornam umas nas outras, como os vasos, quando aplicarmos a boca de um na entrada do outro. Se estas duas portas são fechadas, como no caso dos surdos e mudos, o espírito permanece solitário e miserável. A audição é a porta de entrada, por ela o espírito recebe todas as coisas de fora e concebe como a fêmea. A palavra é a porta de saída, por ela o espírito age e produz como macho. Pela comunicação destas duas, como pelo choque e embate duro das pedras e ferros, o fogo sagrado da verdade sai e jorra, pois esfregando e limando um contra o outro eles se desenferujam, se purificam e se esclarecem: assim todo conhecimento vem à perfeição. Mas a audição é a primeira, pois nada pode sair da alma se nada entrou, e todo surdo por natureza é também mudo. É preciso primeiramente que o espírito se mobilhe e se enfeite pela audição para em seguida distribuir pela palavra. Assim o bem e o mal da palavra em quase tudo o

homem depende da audição. Quem escuta bem fala bem, e quem escuta mal fala mal. Acerca do uso e regra da palavra falaremos em seguida.

Das outras faculdades: imaginativa, memorativa e apetitiva.

Capítulo XII.

Quando a faculdade fantástica ou imaginativa recolhe e retira as espécies e imagens percebidas pelos sentidos ela os retém e reserva. De tal forma que, se os objetos estão ausentes e distantes ou até mesmo se o homem dorme e os sentidos se encontram fechados e entorpecidos, ela os representa ao espírito e ao pensamento. *Phantasmata, idola, seu imagines dicuntur.* E faz com o entendimento mais ou menos o que de fora tinha feito com os sentidos. A faculdade memorativa é guarda e registro de todas estas espécies e imagens percebidas pelos sentidos, retiradas e seladas pela imaginação. A faculdade apetitiva busca e persegue as coisas que parecem boas e convenientes.

Da faculdade intelectual e verdadeiramente humana.

Capítulo XIII.

Duas coisas têm que ser ditas antes de qualquer outro discurso: seu estado ou instrumento e sua ação. O lugar da alma racional, *ibu sedet pro tribunali*, é o cérebro e não o coração. Como tinham comumente pensado Platão e Hipócrates. Isto porque o coração tem sentimento e movimento, mas não é capaz de sabedoria. O cérebro é muito maior no homem que em todos os outros animais. Para que a alma racional aja bem, deve se aproximar da forma de um navio, não ser redondo nem muito grande ou muito pequeno, apesar de que os maiores são os menos viciosos. Deve ser composto pela substância e por partes sutis, delicadas e delgadas, juntas e unidas sem separação, nem entre duas. Deve ter

quatro pequenas concavidades ou ventres dos quais três estão no meio, dispostos na frente e nas laterais entre eles e atrás deles, pendendo para a parte de trás da cabeça. O quarto permanece só, nele se faz a preparação e conjunção dos espíritos vitais, para em seguida se tornarem animais e serem levados às três concavidades da frente. Nestas a alma racional faz e exerce suas faculdades que são três: o entendimento, a memória e a imaginação. Estes não se exercem separadamente ou distintamente, cada uma em uma cavidade ou ventre, como vulgarmente alguns pensaram. Mas em comum e em conjunto as três se exercem nas três cavidades e em cada uma delas; da mesma forma com que os sentidos externos, que são duplos e possuem duas cavidades, em cada uma das quais o sentido se exerce inteiramente. Por isso aquele que se machuca em um ou dois destes três ventres, como o parálítico, não deixa de exercer as três, apesar de fazê-lo mais fracamente, o que não aconteceria se cada faculdade tivesse sua cavidade à parte.

Alguns pensaram que a alma racional não era orgânica e não tinha necessidade de nenhum instrumento corpóreo para realizar suas funções, pensando com isto provar de forma adequada a imortalidade da alma. Sem entrar em um labirinto do discurso, a experiência ocular e comum desmente esta opinião e convence do contrário, pois sabemos que todos os homens não entendem nem raciocinam da mesma forma e igualmente, mas com grande diversidade. Um mesmo homem muda e em um certo tempo, idade, estado ou disposição raciocina melhor que em um outro. Da mesma forma um homem raciocina melhor com saúde do que na doença enquanto outro melhor na doença do que com saúde. Um mesmo homem em um momento dado estará à frente em julgamento e será fraco em imaginação em outro. De onde podem vir estas diversidades e mudanças, senão do órgão e instrumento que muda de estado? E

porque a bebedeira e a mordida do cão enraivecido, uma febre ardente, um golpe na cabeça, uma fumaça subindo do estômago e outros acidentes fazem derrubar e transtornar inteiramente o entendimento, todo o espírito intelectual e toda a sabedoria da Grécia e até mesmo forçam a alma a desalojar o corpo? Estes acidentes puramente corpóreos não podem tocar nem chegar a esta elevada faculdade espiritual da alma racional, mas somente aos órgãos e instrumentos. Quando estes estão desequilibrados e desencaminhados a alma não pode agir bem e regradamente. Forçada e violentada em demasia ela é obrigada a se ausentar e ir embora. Aliás, servir-se de instrumento não prejudica a imortalidade, pois Deus se serve dela e acomoda aí suas ações. E de acordo com a diversidade do ar, da região e do clima, Deus produz homens muito diversos em espírito e suficiência natural, pois na Grécia e na Itália, ele os produziu bem mais engenhosos que na Moscóvia e na Tartária. Também o espírito raciocina mais ou menos segundo a diversidade das disposições orgânicas dos instrumentos corporais raciocina. O instrumento da alma racional é o cérebro e seu temperamento, acerca do qual falaremos.

O temperamento é a mistura e a proporção das quatro primeiras qualidades: quente, frio, seco e úmido. Ou então de uma quinta resultante, a harmonia destas quatro. Todo o estado e ação da alma racional vem e depende do temperamento do cérebro mas o que causa e traz uma grande miséria ao homem é que as três faculdades da alma racional (o entendimento, a memória e a imaginação) requerem e se exercem pelos temperamentos contrários. O temperamento que serve e é próprio ao entendimento é seco, por isso aqueles que têm idade avançada têm vantagem quanto ao entendimento sobre os jovens, pois o cérebro se enxuga e se seca cada vez mais. Também os melancólicos são secos, os aflitos, os indigentes e aqueles que estão de jejum (a tristeza e o jejum

secam) são prudentes e engenhosos. *Splendor siccus, animus sapientissimus, vexatio dat intellectum.* Os animais de temperamento mais seco como as formigas, abelhas e elefantes são prudentes e engenhosos. Os úmidos, como testemunham os porcos, são estúpidos e sem espírito. Os meridionais são secos e moderados em calor interno do cérebro, por causa do violento calor externo.

O temperamento da memória é úmido e disso resulta que as crianças a têm melhor que os velhos e a manhã (depois da umidade adquirida pelo dormir da noite) é mais própria à memória, que é também mais vigorosa nos setentrionais. Não me refiro aqui à uma umidade aquosa e colante à qual se possa agarrar alguma impressão mais arejada, viscosa, gorda e oleosa, que facilmente recebe e guarda muito, como se vê nas pinturas feitas em óleo. O temperamento da imaginação é quente e por isso os frenéticos, maníacos e doentes de doenças ardentes são excelentes naquilo que diz respeito à imaginação, à poesia e à adivinhação. Ela é forte na juventude e na adolescência (os poetas e profetas floresceram nesta idade), assim como nos lugares intermediários entre o norte e o sul.

Da diversidade dos temperamentos decorre podermos ser medíocres em todas as três faculdades, mas não excelentes. Quem é excelente em uma das três é fraco nas outras. É claro que os temperamentos da memória e o entendimento são muito diferentes e contrários, como o seco e o úmido. Que os da imaginação sejam contrários aos outros não parece tão evidente pois o calor não é incompatível com o seco e o úmido. Todavia a experiência mostra que aqueles que são excelentes na imaginação são doentes no entendimento e na memória, tidos por loucos e furiosos. Mas isso decorre do fato de que o grande calor que serve para a imaginação consome tanto a umidade que serve para a memória

quanto a sutileza dos espíritos e figuras (que deve estar na secura que serve para o entendimento); é contrário e destrói os outros dois.

Disto se evidencia que existem três principais temperamentos que servem a alma racional, fazem-na agir e distinguem os espíritos: o quente, o seco e o úmido. O frio não vale para nada, não é ativo e só serve para impedir os movimentos e funções da alma. Quando se lê com frequência nos autores que o frio serve para o entendimento e que os que têm o cérebro frio como os melancólicos e os meridionais são prudentes, sábios e engenhosos, toma-se aí o frio não simplesmente, mas por uma grande moderação do calor. Pois não há nada mais contrário ao entendimento e à sabedoria que o grande calor, que ao contrário serve à imaginação. De acordo com os três temperamentos existem três faculdades da alma racional. Mas assim como os temperamentos, também as faculdades recebem diversos graus, subdivisões e distinções.

Existem três funções principais diferenças no entendimento: inferir, distinguir e eleger. As ciências que pertencem ao entendimento são a teologia escolástica, a teoria da medicina, a dialética, a filosofia natural e a moral. Existem três tipos diferentes de memória: receber e perder facilmente as figuras, receber facilmente e perder dificilmente e receber dificilmente e perder facilmente. As ciências da memória são a gramática, a teoria da jurisprudência, a teologia positiva, a cosmografia e a aritmética. Quanto à imaginação existem várias diferenças e em maior número ainda que no que diz respeito à memória e ao entendimento. A ela pertencem propriamente as invenções, as facécias e remoques, as pontas e sutilezas, as ficções e mentiras, as figuras e comparações, a propriedade, a clareza, a elegância e a gentileza. Por isso a ela pertencem a

poesia, a eloquência, a música, e geralmente tudo aquilo que consiste em figura, correspondência, harmonia e proporção.

De tudo isso decorre que a vivacidade, a sutileza, a prontidão e o que o comum chama de espírito, diz respeito à imaginação quente. A solidez, a maturidade e a verdade estão no entendimento seco. A imaginação é ativa e barulhenta. É ela quem remói tudo e coloca todos os outros no trabalho. O entendimento é morno e sombrio. A memória é puramente passiva, eis como. A imaginação primeiramente recolhe as espécies e figuras das coisas tanto presentes (pelo serviço dos cinco sentidos) quanto ausentes (pelo benefício do senso comum). Em seguida representa-os, se ela quiser, ao entendimento que os considera, examina, processa e julga. Em seguida ela mesma os coloca no depósito e conserva na memória, como o escritor no papel, para quando necessário tirá-las e extrai-las de novo (o que se chama de reminiscência). Ou, se ela quiser, os recomenda à memória antes de apresentá-los ao entendimento. Em consequência disso recolher e apresentar ao entendimento, colocar na memória e extrai-los são obras da imaginação. Desta forma relacionam-se a ela o senso comum, a fantasia e a reminiscência que não são potências separadas dela, como querem alguns para fazer da alma racional mais de três faculdades.

O vulgar, que nunca julga bem, estima e faz mais festa com a memória que com duas outras, porque ela conta muito, se mostra mais e faz mais barulho em público. Ele pensa que quem tem boa memória é muito sábio, e estima mais a ciência que a sabedoria. É todavia a menor das três e pode estar junto com a loucura e a impertinência. Mas muito raramente ela se sobressai ao entendimento e à sabedoria, pois seus temperamentos são contrários. Deste erro popular veio a má instrução da juventude que se vê em todo lugar. Estamos sempre prontos a

fazê-la aprender de cor (assim falam) o que os livros dizem (para poder alegá-lo) e preencher e carregar a memória com o bem de outrem mas não se preocupam em acordar e delinear o entendimento, formar o julgamento para lhe fazer valer seu próprio bem e suas faculdades naturais. Assim vemos que os mais sábios que têm todo Aristóteles e Cícero na cabeça são mais tolos e ineptos nos negócios, e que o mundo é levado e governado por aqueles que não sabem nada. Segundo opinião dos sábios o entendimento é o primeiro, a mais excelente e principal peça do arnês. Se ela funciona bem, tudo está bem e o homem é sábio. Caso contrário se ela se engana e tudo está errado. No segundo lugar está a imaginação, sendo a memória a última.

Talvez todas estas diferenças se façam melhor entender por similitude: pintura ou imitação da alma racional. Em toda corte de justiça há três ordens e níveis. O mais alto é o dos juizes onde há pouco barulho mas grande ação, pois sem se comover e agitar eles julgam, decidem, ordenam e determinam todas as coisas. Esta é a imagem do julgamento, mais alta parte da alma. O segundo é o dos advogados e procuradores onde há grande agitação e barulho não ação, pois eles não podem eliminar nada nem ordenar mas somente movimentar os assuntos. Esta é a pintura da imaginação, faculdade turbulenta, inquieta, que não para nunca (nem mesmo no sono profundo) e faz um barulho no cérebro como um pote que ferve, mas que não resolve nada. O terceiro e último nível é o do escrivão e do registro da corte, onde não há nem barulho nem ação; é uma pura paixão, um guardador e reservatório de todas as coisas, representado bem pela memória.

A ação da alma é o conhecimento e o entendimento de todas as coisas. O espírito humano é capaz de compreender todas as coisas visíveis, invisíveis,

universais, particulares, sensíveis e invisíveis. *Intellectus est omnia*. Mas, a si mesmos, ou não compreendem, como querem alguns (como testemunha tão grande e infinita diversidade de opiniões como para as dúvidas e objeções que crescem todos os dias), ou o fazem com sobriedade, imperfeitamente e indiretamente, por reflexão do conhecimento das coisas nelas mesmas. Por esta ele sente e conhece que entende: a potência e faculdade de entender é a maneira pela qual os espíritos se conhecem. O primeiro, espírito soberano – Deus –, se conhece primeiro e em si todas as coisas. O último, humano, pelo contrário, conhece todas as coisas antes de conhecer a si mesmo; e nelas, como o olho em um espelho. Como poderia agir em si sem meio e em linha reta?

Mas a questão que se coloca trata do meio pelo qual ele conhece e entende as coisas. A opinião mais comum, vinda de Aristóteles, é que o espírito conhece e entende pelo ministro dos sentidos, em si ele é como uma carta branca e vazia, que não lhe chega nada que não tenha passado pelos sentidos. *Nil est in intellectu, quod non fuerit in sensu*. Mas ela é primeiramente falsa, pois conforme foi colocado acima e retomado aqui, todos os sábios disseram que as sementes de todas as ciências e virtudes são naturalmente esparsas e insinuadas em nossos espíritos. Com elas eles podem viver ricos e felizes com sua própria, e por menos que sejam cultivados, pululam e abundam muito. Além disso é injuriosa à Deus e à natureza, pois isto seria dar à alma racional uma condição pior do que qualquer outra coisa, e mesmo do que a vegetativa e sensitiva, que se exercem por elas mesmas e são sábias ao exercerem suas funções, como foi dito. Pior que os animais, que sem disciplina dos sentidos conhecem muitas coisas, as universais pelas particulares, que conhecem todos os homens pelo aspecto de um homem, que são hábeis para evitar os perigos e coisas nocivas, e perseguir o que lhes é conveniente para eles e seus filhotes. Seria vergonhoso e absurdo que esta

faculdade tão alta e divina procurasse e mendigasse coisas tão vis e caducas, como o são os sentidos. Enfim, o que o intelecto poderia aprender dos sentidos que percebem somente os simples acidentes já não percebendo as formas, naturezas, essências das coisas e menos ainda as universais, os segredos da natureza e todas as coisas insensíveis. E se a alma fosse sábia pela ajuda dos sentidos, seguir-se-ia que aqueles que possuem os sentidos mais inteiros e vivos seriam mais engenhosos e mais sábios. Mas vemos com frequência o contrário: possuem o espírito mais pesado e são mais inábeis. Vários se privaram conscientemente do uso destes para que a alma fizesse melhor e mais livremente seus negócios. Se disséssemos que a alma é sábia por natureza sem os sentidos, todos os homens seriam sábios e sempre entenderiam e raciocinariam da mesma forma. Acontece que há muitos estúpidos e que os competentes fazem mais fracamente suas funções em um momento do que no outro. A alma vegetativa é bem mais vigorosa na juventude (até refazer as duas quedas) que na velhice, e contrariamente, a alma racional age mais fracamente na juventude que na velhice, e em certo estado de saúde ou de doença que em outro. Mas isto seria argumentar mal, pois quanto ao primeiro, dissemos que a faculdade e a virtude de compreender não é dada igualmente a todos, mas com grande desigualdade. Daí um dizer antigo e nobre na boca dos sábios: o intelecto agente é dado a muitos poucos, e esta desigualdade prova que a ciência não vem dos sentidos, pois como foi dito, os mais avantajados aos sentidos, são com frequência os mais desvantajados em ciência. O segundo, que não realizamos as funções sempre da mesma maneira, vem do fato de que os instrumentos que a alma precisa para agir não podem sempre ser dispostos como é preciso, e se o são para um tipo de faculdade e função, não o são para as outras. O temperamento do cérebro pelo qual a alma age é diverso e mutante: estando quente e úmido na juventude ele é

bom para a vegetativa e ruim para a racional; contrariamente, frio e seco na velhice ele é bom para a racional e ruim para a vegetativa. Por doença ardente o cérebro muito esquentado e tornado sutil é próprio para a invenção e a adivinhação, mas impróprio para a maturidade e solidez de julgamento e sabedoria. Por tudo isso não queremos dizer que o espírito não tire grande vantagem dos sentidos, mesmo no começo, com a descoberta e invenção das coisas. Mas dizemos que, para defender a honra do espírito, é falso que ele dependa dos sentidos e não possa nada saber, entender, raciocinar e discorrer sem eles. Pelo contrário, todo o conhecimento vem dele e sem ele os sentidos não podem nada.

Além disso, para entender, o espírito procede diversamente e por ordem. Ele entende de imediato e diretamente um leão; em seguida, por conjunção, que ele é forte; pois vendo os efeitos da força do leão conclui que ele é forte. Pela divisão ou pela negativa compreende que a lebre é temerosa, pois vendo-a fugir e se esconder conclui que a lebre não é forte mas medrosa. Ele conhece alguns por similitude, outros pela coleção.

Do espírito humano: suas partes, funções, qualidades, razão, invenção e verdade.

Capítulo XIV.

O espírito humano é um fundo de obscuridade cheio de concavidades e esconderijos, um labirinto, um abismo confuso e contorcido. É a economia desta grande e alta parte intelectual da alma, onde há tantas peças, faculdades, ações, movimentos diversos e para a qual há tantos nomes e à qual se aplicam tantas dificuldades, objeções e dúvidas. Este entendimento (assim o chamaremos com

nome geral), *intellectus, mens*, é para nós um assunto geral, aberto e disposto para receber e abraçar todas as coisas, como a matéria primeira e o espelho de todas as formas. *Intellectus est omnia*. Ele é capaz de entender todas as coisas, mas a si mesmo, ou de forma nenhuma, (como testemunha tão grande e infinita diversidade de opiniões acerca deste, de dúvidas e objeções que crescem todos os dias), ou de forma sombria, indireta e por reflexão do conhecimento das coisas para si mesmo. Por ela ele sente e conhece que entende, e a potência e faculdade de entender é a maneira pela qual os espíritos se conhecem eles mesmos.]

O espírito humano é um fundo de obscuridade cheio de concavidades e esconderijos, um labirinto, um abismo, confuso e bem contorcido este espírito humano. É a economia desta grande e alta parte intelectual da alma, onde há tantas peças, faculdades, ações, movimentos diversos e para a qual há tantos nomes e se encontrará dúvidas e dificuldades. A imaginação e a apreensão são seu primeiro ofício: receber simplesmente e apreender as imagens e as espécies de coisas, paixão e impressão na alma causadas pelo objeto e presença destas. A razão ou *λόγος* são a força e a potência para apascentar, tratar, agitar, processar e digerir as coisas recebidas pela imaginação. O discurso ou raciocínio, (grego) são a ação e ofício ou exercício desta força e potência que é de juntar, unir, separar, dividir as coisas recebidas, e ainda acrescentar a elas outras. Chama-se espírito ou *ingenium* a facilidade sutil e alegre prontidão para fazer todas as coisas e penetrar antes nelas. Por isto é o mesmo ser engenhoso, aguçado, sutil ou preciso. O julgamento é a repetição e ação de ruminar, reprocessar, repassar pela peneira da razão e elaborar mais ainda para fazer dela uma resolução mais sólida. Enfim o efeito do entendimento é o conhecimento, a inteligência e a resolução. A vontade é a ação que segue este conhecimento e resolução que está

para ser esticada, empurrada e avançada até a coisa conhecida. *Intellectus extensus et promotus.*

Todas estas coisas: entendimento, imaginação, razão, discurso, espírito, julgamento, inteligência e vontade têm uma mesma essência mas são diversas em força, virtude e ação como testemunha o fato de que cada um é excelente em uma delas e fraco na outra. Com frequência quem é excelente em espírito e sutileza é menor em julgamento e solidez.

Não impeço que se cante os louvores e grandezas do espírito humano, de sua capacidade, vivacidade e rapidez. Consinto que o chamemos imagem viva de Deus, um distanciamento da substância imortal, um fluxo da divindade, um raio celeste, ao qual Deus deu razão como timão animado para movê-lo com regra e medida, e que este seja um instrumento de harmonia completa. Por ele há parentesco entre Deus e o homem, e para recordar-lhe isto virou suas raízes para o céu a fim de que tivesse sempre sua vista na direção de seu nascimento. Enfim, não há nada tão grande na terra quanto o homem, nada de tão grande no homem quanto o espírito. Se subimos até aí, subimos acima do céu. São estas palavras plausíveis que ressoam nas escolas e nos púlpitos.

Mas desejo que depois de tudo isso que sondemos e estudemos para conhecer este espírito pois perceberemos que, apesar de tudo, é para si e para outrem um instrumento muito perigoso. É um furão que deve ser temido, um pequeno enredador e desmancha-prazeres, um esmerilhão deplorável e inoportuno que, como um afrontador e fazedor de truques, sob a sombra de algum movimento gentil, sutil e bem disposto. Forja, inventa e causa todos os males do mundo, que só existem por ele.

Há uma diversidade muito maior de espíritos que de corpos, mas também há maior campo, mais peças e mais modos. Podemos fazer deles três classes, e cada uma tem ainda vários níveis. Na mais baixa estão os pequenos, fracos e brutais, todos vizinhos dos animais, seja que isso decorra do primeiro temperamento (da semente e temperamento do cérebro muito frio e úmido, como entre os animais os peixes são ínfimos) ou por não terem sido de forma alguma sacudidos e acordados, mas terem sido abandonados à ferrugem e à estupidez. Nestes não se deve fazer nem investimento nem receita nem se pode erguer ou estabelecer uma companhia constante. Eles não conseguem ser suficientes a si mesmos em seu particular, e é preciso que estejam sempre sob a tutela de alguém: o povo comum vulgar. *Qui vigilans stertit: mortua cui vita est: prope iam vivo atque videnti.* Este não se sente nem se julga.

Na do alto estão espíritos grandes e raros espíritos que são antes demônios do que homens comuns, espíritos bem nascidos, fortes e vigorosos. Com a soma destes não se conseguiria construir uma república inteira em todos os séculos. Na do meio estão os medíocres em uma infinidade de níveis. Destes é composto quase todo o mundo. Falaremos em seguida desta distinção e de outras mais detalhadamente. Mas é preciso abordar mais particularmente as condições e o natural deste espírito, tão difícil de se conhecer, quanto um rosto a ser pintado vivo se movendo sem parar.

Primeiro é um agente perpétuo. O espírito não pode ser sem agir, ele prefere forjar assuntos falsos e fantásticos, se enganando conscientemente e indo contra sua própria crença do que permanecer sem agir. Assim como as terras ociosas: se são abundantes e férteis regurgitam mil tipos de ervas selvagens e inúteis, e é precioso assujeitá-las a certas sementes. As mulheres sozinhas

produzem massas e peças de carne disformes. Da mesma forma o espírito não ocupado com certo assunto se debanda e se joga na onda das imaginações. E não há então loucura ou sonho que não produza. Se não tiver um fim estabelecido se perde e se extravia, pois estar em todo lugar é não estar em nenhum. A agitação é a verdadeira vida e graça do espírito mas deve vir de outro lugar e não de si mesma. Se ele vai só, somente se arrasta e languesce e não deve ser violentado. Uma contenção de espírito muito grande, retesada, tensa e apertada o engana e perturba.

Ele é tão universal que se mistura por todo lado. Não possui assunto ou alçada limitada, não existe nada em que não possa exercer seu papel, nos assuntos vãos e inúteis como nos nobres e de peso; naqueles que compreendemos, como nos que não compreendemos. Reconhecer que não podemos compreendê-lo ou penetrá-lo, e que é preciso permanecer na fronteira e na casca é um traço muito belo do julgamento. A ciência e até mesmo a verdade podem alojar-se em nós sem julgamento e o julgamento sem elas. Reconhecer sua ignorância é um belo testemunho de julgamento.

Em terceiro, pronta e subitamente corre em um momento de um lado ao outro do mundo, sem parar, sem repouso, se agitando, penetrando e perfurando todo lugar. *Nobilis et inquieta mens homini data est: nunquam se tenet; spagitur vaga, quietis impatiens, novitae rerum laetissima, non mirum, ex illo caelesti spiritu descendit, caelestium autem natura semper in motu est.* Brusquidão e rapidez tão grandes, a ponta e agilidade são de uma parte admirável, das maiores maravilhas que existam no espírito. Por outro lado é coisa muito perigosa: uma grande disposição e propensão à loucura e mania, como logo diremos.

Por estas três condições de agente perpétuo, sem repouso, universal, tão pronto e brusco, consideraram-no imortal com alguma marca e faísca da divindade em si. Sua ação é sempre buscar, indagar, voltar sem cessar (como o faminto de saber), inquerir e pesquisar. Por isso Homero chama os homens de *ἀλφηστας*. Não há fim em nossas inquirições. As perseguições do espírito humano são sem termo e sem forma. Seu alimento é dúvida, ambiguidade. É um movimento perpétuo e sem alvo. O mundo é uma escola de inquirição; a agitação e a caça é propriamente de nossa alçada. Tomar ou falir na tomada é outra coisa. Mas ele age e persegue suas empresas temerária e desregradamente, sem ordem e sem medida: é uma ferramenta de chumbo e de cera. Ele dobra, se aloja, se acorda a tudo, mais flexível é maleável do que a água o ar. *Flexibilis omni humore absequentior, et ut a spiritus qui omni materia facilius ut tenuior*. É o sapato de Theramenes, bom para todos os pés. Falta somente suficiência em saber encontrá-lo já que vai sempre a torto e a direita, com a mentira e a verdade.

Ele se dá uma situação de triunfo fácil e encontra em todo testemunho razão aparente de que aquilo que é ímpio, injusto e abominável em um lugar, é piedade, justiça e honra em outro. E não saberia nomear uma lei, costume, crença geralmente recebida ou rejeitada em todo lugar. Os casamentos entre parentes, os assassinatos de crianças, dos pais velhos, comunicação das mulheres, condenados em um lugar, legítimos em outro. Platão recusou o vestido bordado e perfumado que Dionísio lhe ofereceu, dizendo ser homem e não querer se vestir de mulher. Aristipo o aceitou, dizendo que o traje não pode corromper uma coragem casta. Diógenes lavando seus repolhos e vendo-o passar lhe disse: se soubesses viver de repolho não terias que fazer a corte a um tirano. Aristipo lhe respondeu: se soubesses viver com os reis não lavaria repolhos. Diziam a Sólon

para não chorar a morte de seu filho, pois eram lágrimas inúteis e impotentes. Por isso, disse ele, elas são mais justas e tenho razão de chorar. A mulher de Sócrates redobrou seu luto porque os juizes o faziam morrer injustamente. Como, disse ele, preferirias que fosse justamente?

Não há bem, diz um sábio, senão aquele para cuja perda estamos preparados. *In aequo enim est dolor amissae rei, et timor amittendae.* Pelo contrário, diz um outro, nós apertamos e abraçamos o bem com mais força e mais afeição quando o vemos menos seguro e tememos que ele nos seja tirado. Um filósofo cínico pedia a Antígono uma dracma de dinheiro. Este respondeu que isto não era um presente de rei. Dê-me então um talento, disse o filósofo. Ao que o rei respondeu que aquilo não era presente para um cínico. Alguém dizia de um rei espartano muito clemente e bondoso: ele é muito bom, pois o é até com os maus. Como seria bom, disse um outro, se não é ruim com os maus? Eis como a razão humana está em todos os rostos. Um gládio duplo, um bastão com duas pontas. *Ogni medaglia há il suo rivreso.* Não há razão que não tenha um contrário, diz a mais sã e mais segura filosofia. O que poderia ser mostrado por quem quisesse.

Esta grande volubilidade e flexibilidade tem várias causas: a perpétua alteração e movimento do corpo, que nunca na vida está no mesmo estado duas vezes, os objetos, o próprio ar e a serenidade do céu que são infinitos,

tales sunt hominum mentes quali pater ipse

Juppiter auctiferas lustravit lampade terras,

e todas as coisas externas. Internamente, as sacudidas e oscilações que a alma se dá por sua agitação e movida por suas próprias paixões. Ela vê as coisas por

diversos postos, pois tudo o que está no mundo tem diferentes lustros e considerações. É um pote com duas asas, dizia Epicuro. Teria feito melhor em dizer com várias.

Decorre daí que se estorva em sua tarefa. Como o bicho da seda, ele se embaraça. Como acredita perceber de longe não sei que aparência de clareza e verdade imaginárias, e quer correr para ela, tantas dificuldades e tantas novas buscas atravessam sua via que extraviam e embebedam-no.

O fim que visa é duplo, o mais comum e natural para onde tende sua busca e perseguição é a verdade. Não há desejo mais natural que o de conhecer a verdade. Tentamos todos os meios que acreditamos servir para isso. Mas enfim, todos os nossos esforços são curtos pois a verdade não é uma aquisição, nem coisa que se deixe tomar, manipular, e menos ainda possuir pelo espírito humano. Ela se aloja no seio de Deus, aí está seu alojamento e seu retiro. O homem não sabe e não compreende nada retamente, na pureza e na verdade como é preciso, mas sempre rodopia e tateia sempre em torno das aparências que se encontram em todo lugar: no falso como no verdadeiro. Nascemos néscios para buscar a verdade, possuir-la pertence somente ao poder maior e mais alto. Ela não pertence àquele que a interioriza, mas a quem fizer as mais belas corridas. Se alguma verdade se encontrasse em suas mãos seria por acaso: não saberia segurá-la, possui-la nem distingui-la da mentira. Os erros se concebem em nossa alma pela mesma via e conduta que a verdade, o espírito não tem como distingui-los e escolhê-los. Pode passar por tolo tanto aquele que diz verdadeiro quanto o que diz falso. Os meios que emprega para descobri-la são razão e experiência, ambos muito fracos, incertos, diversos e ondulantes. O maior argumento da verdade é o consentimento geral do mundo. Ora, o número de

loucos ultrapassa em muito o de sábios. E como se chegou a este consentimento senão por contágio e aplauso, dado sem julgamento e conhecimento de causa, mas seguindo alguns que começaram a dança?

O outro fim, menos natural, mas mais ambicioso, é invenção. A ele tende como ao mais alto ponto de honra, para se mostrar e fazer valer. É o mais estimado e parece ser uma imagem da divindade. Da suficiência inventiva são produzidas obras que encantaram todo o mundo com admiração. E quando tiveram utilidade pública seus autores foram endeusados. Os que tiveram somente sutileza sem utilidade foram a pintura, o estatuário, a arquitetura e a perspectiva. Como dão exemplo a vinha de Zeuxis, a Vênus de Apeles, a estátua de Menon, o cavalo de bronze, a bomba de madeira de Architas, a vaca de Myron, a mosca e a águia de Montroyal, a esfera de Sapor Rei dos persas, aquela e outras máquinas de Arquimedes. A arte e a invenção parecem não somente imitar a natureza, mas ultrapassá-la, e isto não somente no particular e individualmente (pois não se encontra corpo de homem ou animal na natureza tão universalmente bem feito, como se pode representar pelos operários), mas ainda, várias coisas que não se fazem pela natureza se fazem pela arte. Refiro-me para além das composições e misturas que são o verdadeiro alvo e assunto próprio da arte. Disto testemunham as exações e destilações das águas e dos óleos feitos de ervas medicinais, que a natureza não faz. Mas em tudo isso não há lugar para tão grande admiração quanto pensamos. Falando propriamente e lealmente só há invenção revelada por Deus. As que estimamos e chamamos tais não são senão observações das coisas naturais, argumentações e conclusões tiradas delas, como a pintura e a ótica das sombras, os relógios solares das sombras das árvores e a impressão das marcas e selos das pedras preciosas.

Por tudo isso vemos facilmente quanto o espírito humano é temerário e perigoso mesmo quando vivo e vigoroso. Sendo tão turbulento, livre e universal, fazendo suas turbulências com tanto desregramento e usando sua liberdade com tanta ousadia em todo lugar sem se sujeitar a nada, chega facilmente a sacudir as opiniões comuns e todas as regras pelas quais queremos freá-lo e constrangê-lo, como a uma injusta tirania. Empreenderá examinar tudo e julgar a maior parte das coisas plausivelmente recebidas no mundo ridículas e absurdas. Encontrando aparência em todo lugar passará por cima de tudo. Fazendo isso, deve-se temer que se extravie e se perca. E de fato vemos que os que têm alguma vivacidade extraordinária e excelência rara, como os que estão no mais alto escalão da classe mediana acima citada, são com frequência os mais desregrados em opinião como em hábito. Há muitos poucos em cuja conduta possamos confiar e que possam sem temeridade vogar na liberdade de seu julgamento além das opiniões comuns. É um milagre encontrar um grande e vivo espírito bem regrado e moderado. Para quem não sabe conduzi-lo bem, ele se torna um perigoso gládio. De onde vêm todas as desordens, revoltas, heresias e perturbações no mundo, senão daí?

Magni errores non nisi ex magnis ingeniis: nihil sapientiae odiosius acumine nimio.

Tucídides afirma que quem tem o espírito medíocre ou até mesmo abaixo da mediocridade tem sem dúvida melhor tempo, uma vida mais longa, é mais feliz e muito mais próximo do regime da república do que quem o elevou e transcendeu, que só serve para dar tormento a si e aos outros. Das grandes amizades nascem as grandes inimizades, das saúdes vigorosas as doenças mortais. Também das raras e vivas agitações de nossas almas as mais excelentes e mais desequilibradas manias. A sabedoria e a loucura são muito vizinhas. De

uma à outra existe somente uma meia volta. Podemos vê-lo nas ações dos homens insensatos. A filosofia nos ensina que a melancolia é própria a ambos. De que se faz a súbita loucura, senão da mais sutil sabedoria? É por isso, diz Aristóteles, que não há grande espírito sem alguma mistura de loucura, e Platão que em vão o espírito duro bate às portas da poesia. È neste sentido que os sábios e mais bravos poetas aprovaram enlouquecer e sair fora de si algumas vezes. *Insanire jucundum est; dulce desipere in loco: non potest grande et sublime quidquam nisi mota mens, et quamdiu apud se est.*

Por isto tiveram razão em lhe dar barreiras estreitas. É freado e garrotado pela religião, pelas leis, pelos costumes, pelas ciências, pelos preceitos, pelas ameaças e pelas promessas imortais. Mas apesar disso vemos que ele tem a natureza áspera, orgulhosa, opiniática que por sua desordem transpõe tudo, escapa de tudo e que é preciso levá-lo pelo artifício que somente obterá pela força. *Natura contumax est animus humanus, in contrarium atque arduum nitens, sequiturque, facilius quam ducitur, ut generosi et nobiles equi melius facili freno reguntur.*

É bem mais seguro colocá-lo sob tutela, e adaptá-lo do que deixá-lo ir segundo sua vontade. Pois se não é bem nascido, forte e regrado como os da mais alta classe citados acima, ou fraco, mole e embotado como os do mais baixo nível, certamente se perderá na liberdade de seus julgamentos. Deve então ser retido e tem mais necessidade de chumbo do que de asas, de freio do que de esporas. Para isso se atentaram principalmente os grandes legisladores e fundadores de estados. Os povos espiritualmente medíocres vivem em maior repouso do que os engenhosos. Em dez anos houve mais perturbações e sedições em dez anos somente na cidade de Florença do que em quinhentos anos nos

países dos suíços e grãos. Os homens que têm suficiência comum são particularmente gente de bem, melhores cidadãos, mais flexíveis e fazem com mais boa vontade jugo às leis, aos superiores e à razão do que os muito vivos e clarividentes que não conseguem permanecer em sua pele. O depuramento dos espíritos não equivale ao tornar-se sábio.

O espírito tem suas doenças, seus defeitos e suas taras tanto quanto o corpo; senão em maior quantidade, mais perigosos e mais incuráveis. Mas, para conhecê-los, é preciso distingui-los. Uns são acidentais, e vêm do exterior. Para estes podemos observar três causas: a primeira é a disposição do corpo, por causa das doenças corpóreas que alteram o temperamento alteram também manifestadamente o espírito e o julgamento, por causa da substância mal composta do cérebro e dos órgãos da alma racional, ou por causa da primeira formação. Como acontece nos que, por acidente ou por ferimento, têm a cabeça mal feita, toda redonda, ou pontuda, ou pequena demais.

A segunda é o contágio universal das opiniões populares e errôneas recebidas do mundo. Em função delas o espírito prevenido e atingido (ou, o que é pior, embebido e penteado por algumas opiniões fantásticas) avança e julga sem olhar mais na frente ou recuar para trás. Ora, nem todos os espíritos têm força e vigor suficientes para se garantir e salvar de tal dilúvio.

A terceira e mais próxima é a doença ou corrupção da vontade e a força das paixões: é um mundo transtornado. A vontade nasceu para seguir o entendimento como guia e chama. Mas, corrompida e tomada pela força das paixões, força e corrompe o entendimento: daí vem a maioria dos falsos julgamentos. A inveja, a malícia, o ódio, o amor e o medo nos fazem olhar, julgar e tomar as coisas outras de outra forma, totalmente diferente da que se deve. Por isso se grita tanto:

julgar sem paixão. Por isso escurecemos as ações alheias belas e generosas por vis interpretações. Forjamos causas, ocasiões e intenções más ou vãs, o que é grande vício e prova de natureza maligna e julgamento doente. Não há grande sutileza nem suficiência nisto, mas muita malícia. Isto ocorre pela inveja que têm da glória de outrem, por julgarem que os outros segundo eles mesmos, ou por terem o gosto alterado e a vista tão transtornada que não podem conceber o esplendor da virtude em sua pureza ingênua.

Desta mesma causa e fonte decorre o fato de fazemos valer e estendemos mais do que deveríamos as virtudes e vícios de outrem: das particularidades tiramos conseqüências e conclusões gerais. Se é um amigo, tudo lhe cai bem e até mesmo seus vícios serão virtude. Se é um inimigo, particular ou de partido contrário, nada haverá de bom. A tal ponto que passamos vergonha a nosso julgamento para aliviar nossas paixões. Mas isto vai ainda muito mais longe, pois pensando bem, a maioria das impiedades, heresias, erros na crença e na religião, nascem da vontade má e corrompida, de uma paixão violenta e voluptuosa que em seguida chama para si o entendimento mesmo. *Sedit populus manducare et bibere, etc. quod vult non quod est credit, qui cupit errare.* Isto ocorre de tal forma que aquilo que se fazia no começo com algum escrúpulo e dúvida, foi em seguida sustentado e mantido como uma verdade e revelação do céu. O que existia somente na sensualidade tomou lugar no mais alto do entendimento. O contágio das faculdades da alma entre elas é tão forte e perigoso que o que era somente paixão e volúpia se tornou crença religiosa e artigo de fé. Eis três causas externas dos erros e enganos do espírito, do julgamento e do entendimento humano. O corpo, especialmente a cabeça doente, ferida ou mal feita. O mundo, com suas opiniões antecipadas e suposições. O mau estado das outras faculdades da alma racional, que são todas inferiores a esta. Os primeiros enfraquecidos são

lastimosos: alguns deles são curáveis, outros não. Os segundos são desculpáveis e perdoáveis. Os terceiros são acusáveis e puníveis: eles sofrem tal desordem neles mesmos que os que deveriam receber a lei, empreendem dá-la.

Existem outros defeitos que lhe são mais naturais e internos pois nascem dele e dentro dele. O maior e a raiz de todos os outros é o orgulho e a presunção, (erro primeiro e original do mundo, peste de todo espírito, e causa de todos os males). Por ela ficam tão contentes de si, que não querem ceder ao outro, desdenham suas opiniões e empreendem julgar e condenar os outros, mesmo com repeito àquelas opiniões que não entendem. Dizemos com verdade que a partilha mais bela e feliz que Deus tenha feito é a do julgamento pois cada um se contenta com o seu e pensa ter o suficiente. Esta doença vem do desconhecimento de si. Nós nunca sentimos o bastante e verdadeiramente a fraqueza de nosso espírito. Assim a maior doença do espírito é a ignorância (não das artes, da ciência e do que está nos livros, mas de si mesmo) e por isto este primeiro livro foi feito.

Da memória.

Capítulo XV.

A memória é com frequência tomada pelo vulgar pelo sentido e entendimento, mas isto está errado. Como foi dito tanto pela razão quanto pela experiência, a excelência de um acompanha comumente a fraqueza do outro. É na verdade uma faculdade muito útil para o mundo, mas ela está muito abaixo do entendimento e é de todas as partes da alma a mais delicada e mais frágil. Sua excelência não é muito requisitada, a não ser para três tipos de pessoas: para os negociadores, para os que ambicionam falar (pois a loja da memória se enche e se

aprovisiona de bom grado e melhor do que a da invenção; quem não a possui permanece curto e deve forjá-la e falar de si) assim como para os mentirosos. *Mendacem oportet esse memorem*. O defeito de memória é útil para não mentir, não falar e esquecer as ofensas. A mediocridade é suficiente em todo lugar.

Da imaginação e da opinião.

Capítulo XVI.

A imaginação é coisa muito poderosa, pois é ela quem faz todo o barulho e o esplendor. A agitação do mundo vem dela (como dissemos acima, é a faculdade da alma, sozinha, a mais ativa e agitada). Seus efeitos são maravilhosos e estranhos: ela age não somente em seu próprio corpo e alma, mas também nos dos outros e produz efeitos contrários. Faz enrubescer, ficar pálido, tremer, agitar, suas abundantemente, sendo que este são os menores e mais doces. Ela tira a potência e o uso das partes genitais, até mesmo quando se tem maior necessidade destes e quando se está mais ardente: não somente de si mas mesmo dos outros, como testemunham as ligações das quais o mundo está cheio, que são em sua maioria impressões da apreensão e do medo. Por outro lado sem esforço e sem objeto, no sonho ela sacia os desejos amorosos e faz mudar de sexo como testemunha Lúcio Cossitius que Plínio diz ter visto se transformar de mulher em homem no dia de suas núpcias, e tantos outros. Marca vergonhosamente, mata e aborta o fruto dentro do ventre, faz perder a palavra e a dá àqueles que nunca a tiveram, como ao filho de Creso. Tira o movimento, o sentimento e a respiração. Isto no que diz respeito ao corpo. Ela faz perder os sentidos, o conhecimento, o julgamento e torna louco e insensato como testemunha Gallus Vibius que por ter vendado em demasia seu espírito para compreender a essência e os movimentos da loucura, deslocou e desatou seu

juízo de tal forma que não pôde se restabelecer. Faz adivinhar as coisas secretas e que estão para acontecer, causa os entusiasmos, as predições, as maravilhosas invenções e arrebatada em êxtase. Realmente mata e faz morrer como testemunha aquele que teve os olhos tampados para ouvir Ihe dizerem sua graça e que se encontrou duro morto sobre o cadafalso. Enfim é dela que vem a maioria das coisas que o vulgar chama milagres, visões e encantamentos.

Não é sempre o diabo ou espírito familiar (como incontinente o ignorante pensa quando não pode encontrar o motor daquilo que vê) nem também o espírito de Deus (não abordamos aqui estes movimentos sobrenaturais), mas no mais das vezes é o efeito da imaginação: a do agente que diz e faz tais coisas, ou do paciente e espectador que pensa ter visto o que não existe. O que é requerido em tal caso e excelente seria saber discernir com prudência que motor está em jogo; se o natural ou o sobrenatural, o verdadeiro ou o falso), *Discretio spirituum*, e não precipitar seu juízo como faz a maioria dos populares que não a possuem.

Nesta parte e faculdade da alma se coloca e se aloja a opinião que é um juízo das coisas vã, ligeiro, cru e imperfeito, tirado e buscado nos sentidos exteriores e no barulho comum e vulgar. A opinião para e se agarra na imaginação e não chega nunca ao entendimento para ser examinado, digerido, elaborado e transformado em razão: juízo das coisas verdadeiro, inteiro e sólido. Ela é inconstante, incerta, volúvel e enganadora, um guia muito ruim e perigoso que bate de frente com a razão (da qual é sombra e imagem, mas vã e falsa). Ela é mãe de todos os males, confusões e desordens. Dela vêm todas as paixões e perturbações. É o guia dos loucos, dos tolos e do vulgar, como a razão o é dos sábios e dos hábeis.

Não é a verdade nem o natural das coisas que sacode e agita assim nossa alma. É a opinião, segundo um dito dos antigos: os homens são atormentados pelas opiniões que têm das coisas, não pelas coisas mesmas. *Opinione sepius quam re laboramus: plura sunt quae nos tenent, quam quae praemunt.*

A verdade e ser das coisas não entra nem se aloja em nós por nós mesmos, por sua própria força e autoridade. Se assim fosse, todas as coisas seriam recebidas por todos semelhantemente e da mesma forma (com exceção do mínimo). Todas teriam a mesma crença e a verdade una e uniforme seria abraçada por todo o mundo. Ora, há tão grande diversidade e até mesmo contrariedade de opiniões pelo mundo e não há coisa alguma com a qual todos estariam de acordo, nem mesmo os sábios e os melhor nascidos. Isto mostra que as coisas entram em nós por composição, se rendem à nossa mercê e devoção, e se alojam em nós como nos compraz, de acordo com o humor e têmpera de nossa alma. Naquilo em que creio não posso fazer acreditar meu companheiro. Mais ainda, naquilo que creio hoje com tanta firmeza não posso responder que acreditarei ainda amanhã. É até mesmo certo que o acharei e julgarei de outra forma e uma outra vez ainda diferentemente. Certamente as coisas tomam em nós o lugar, o gosto e a cor que nós lhe damos, conforme a constituição interna da alma. *Omnia munda mundis, immunda immundis.* Como as roupas nos esquentam não por seu calor, mas pelo nosso que conservam, assim também nutrem o frio da neve e do gelo; nós os esquentamos primeiramente com nosso calor e em seguida, como recompensa, ele conserva o nosso.

Só sabemos por autoridade quase todas as opiniões que temos. Cremos, julgamos, vivemos e morremos pela fé de outrem, de acordo com o que uso

público nos ensina. E fazemos bem, pois somos muito fracos para julgar e escolher nós mesmos. Mas os sábios não são assim, como será dito.

Da vontade.

Capítulo XVII.

A vontade é uma grande peça, de grande importância, e o homem deve estudar sobretudo para mantê-la bem, pois dela depende quase todo seu estado e seu bem. Somente ela é verdadeiramente nossa e está verdadeiramente em nosso poder. Todo o resto (entendimento, memória e imaginação) pode ser tirado de nós, alterado, perturbado por mil acidentes; mas não a vontade. Em segundo lugar, é ela que arrasta e leva o homem inteiramente. Quem deu sua vontade não se possui mais, não tem mais nada de próprio. Em terceiro, é ela que nos torna e nos denomina bons ou maus, que nos dá o temperamento e a pintura. De todos os bens do homem, a prudência é o primeiro e principal, e ultrapassa de muito a ciência e a habilidade. Da mesma forma é preciso dizer que a vontade onde se aloja a bondade e a virtude é a mais excelente de todas. De fato, o homem não é bom ou mau nem honesto ou desonesto por entender e conhecer as coisas belas, boas e honestas ou más e desonestas, mas por querê-las e amá-las. O entendimento tem outras preeminências, pois está para a vontade como o marido para a mulher ou o guia e a chama para o viajante, mas nestas ele cede à vontade.

A verdadeira diferença destas faculdades está em que pelo entendimento as coisas entram na alma, que as recebe, e levam as palavras aprender, conceber e compreender, seus verdadeiros ofícios. E não entram aí inteiras, tais quais são, mas na proporção e segundo a capacidade que o entendimento suporta. As grandes e altas não se encurtam e abaixam para esta entrada assim como o

oceanos não entram inteiramente no mar Mediterrâneo, mas na proporção da embocadura do estreito de Gibraltar. Pela vontade, ao contrário, a alma sai fora de si, vai se alojar e viver em outro lugar, na coisa amada. Ela se transforma nesta e dela carrega o nome, o título e a libré; sendo chamada de virtuosa, viciosa, espiritual, carnal. Daí segue-se que a vontade se enobrece amando as coisas dignas e altas e se envilece se entregando às menores e indignas. Da mesma maneira que a mulher, de acordo com o partido e marido que ela toma.

A experiência nos ensina que três coisas aguçam nossa vontade. A dificuldade, a raridade e a ausência; ou então o medo de perder a coisa. Assim também os três contrários: a facilidade, a abundância ou a saciedade, a assídua presença e gozo assegurados a relaxam. Os três primeiros dão preço às coisas, os outros três engendram o desprezo. Nossa vontade se aguça pelo contraste, se despista contra a denegação. Ao contrário nosso apetite despreza e ultrapassa o que está em suas mãos, para correr atrás daquilo que não possui. *Permissum fit vile nefas: quod lices ingratum est, quod non licet acrius urit.* Isto se vê em todos os tipos de volúpia. *Omnium rerum voluptas ipso quo debet fugare periculo, crescit.* De tal forma que as duas extremidades: a falta e a abundância e o desejo e o gozo nos trazem as mesmas penas. Isto faz com que as coisas não sejam estimadas justamente, como é preciso, e que ninguém é profeta em seu país.

Como devemos levar e regradar a vontade será dito em seguida.

Das paixões e das afeições.

Aviso.

A matéria das paixões do espírito é muito grande e abundante e tem grande lugar na doutrina da sabedoria. Saber bem conhecê-las e distingui-las bem é o

que faremos agora neste livro. Os remédios para freá-las, regê-las e moderá-las em geral é matéria do segundo livro. Os remédios particulares de uma cada é a do terceiro livro, seguindo o método indicado no prefácio. Para ter aqui o conhecimento delas falaremos primeiramente neste capítulo em geral, depois particularmente de cada uma nos capítulos seguintes. E não vi ninguém descrevê-las mais ingenuamente e ricamente que o Sr. Du Vair em seus pequenos livros morais, dos quais eu me servi muito nesta matéria apaixonada.

Das paixões em geral.

Capítulo XVIII.

A paixão é movimento violento da alma em sua parte sensitiva e se faz para seguir o que a alma pensa ser bom para si ou para fugir daquilo que pensa ser ruim. Mas devemos saber como estes movimentos se fazem, como eles nascem e se esquentam em nós; o que pode representar por diversos meios e comparações, primeiramente para o olhar de sua emoção e impetuosidade. A alma (que se faz uma com o corpo) tem vários e muitos diversos poderes segundo o vaso onde é retida, instrumentos dos quais se serve e objetos que lhe são propostos. Quando as partes onde está fechada não a retêm e só ocupam a proporção de sua capacidade de acordo com o que é necessário para seu uso reto, seus efeitos são doces, benignos e bem regrados. Quando, pelo contrário, suas partes tomam mais movimento e calor do que lhes é necessário, elas se alteram e se tornam prejudiciais. Como os raios do sol que, vagando em sua liberdade natural, esquentam devagar e mornamente. Se eles são recolhidos e recolocados na cavidade de um espelho ardente, queimam e consomem o que estavam acostumados a nutrir e vivificar. Além disso elas têm diversos graus em sua força e emoção e são nisto distintas em maior ou menor grau. As medíocres se deixam

degustar e digerir, se exprimindo por palavras e por lágrimas. As grandes e extremas surpreendem toda a alma, acabrunham-na e lhe impedem a liberdade de suas ações. *Curae leves loquuntur, ingentes stupent.*

Em segundo lugar, ao olhar o vício, o desregramento e a injustiça que estão em suas paixões. Podemos comparar mais ou menos o homem a uma república, e o estado de alma ao estado real onde o soberano tem magistrados para o governo de tantos povos, aos quais dá leis e regras para o exercício de seus encargos, se reservando o conhecimento dos maiores e importantes acidentes. Desta ordem depende a paz e prosperidade do estado. Contrariamente, se os magistrados (intermediários entre o príncipe e o povo) se deixam enganar por facilidades ou por favores e sem desferrar a seu soberano e às leis por ele estabelecidas empregam sua autoridade à execução dos negócios, preenchem tudo com desordem e confusão. Da mesma forma no homem, o entendimento é o soberano que tem sob uma potência estimativa e imaginária um magistrado. Este conhece e julga (pela relação dos sentidos) todas as coisas que se apresentarão e mover nossas afeições para a execução de seus julgamentos. A lei e luz da natureza lhe foi dada para sua conduta e regramento no exercício de seu encargo. Em qualquer dúvida ele tem meios de recorrer ao conselho de seu superior e soberano, o entendimento. Eis a ordem para ser feliz. Mas o infortúnio é que a potência abaixo do entendimento e acima dos sentidos, à qual pertence o primeiro julgamento das coisas, se deixa na maior parte do tempo corromper ou enganar. Isto porque julga mal e temerariamente, em seguida manipula e remói nossas afeições de maneira intempestiva, nos enchendo de perturbação e de inquietude. O que perturba e corrompe esta potência são primeiramente os sentidos, que não compreendem a natureza verdadeira e interna das coisas mas a face e a forma externa. Com isso trazem para a alma a imagem das coisas com

alguma recomendação favorável, e quase um preconceito no que diz respeito à suas qualidades, se as acham agradáveis para seu particular e não úteis e necessárias para o bem universal do homem. A isso se mistura o julgamento com frequência falso e indiferente do vulgar. Destas duas falsas opiniões e relatórios dos sentidos e do vulgar, forma-se na alma uma opinião irrefletida que tomamos das coisas: são boas ou más, úteis ou prejudiciais, devem ser seguidas ou evitadas. Guia muito perigoso e senhora temerária, pois tão logo é conhecida, sem mais nada submeter ao discurso e ao entendimento se apodera de nossa imaginação. Então, como se estivesse dentro de uma cidadela resiste com força à reta razão; em seguida, desce para nosso coração e remói nossas afeições com movimentos violentos de esperança, medo, tristeza e prazer. Enfim faz levantar todos os loucos e sediciosos da alma: as paixões.

Desejo ainda declarar a mesma coisa por uma similitude com a polícia militar. Os sentidos são as sentinelas da alma velando para sua conservação, e mensageiros ou correio para servir de ministros e instrumentos para o entendimento: parte soberana da alma. Para isso receberam o poder de perceber as coisas, deduzir suas formas, abraçá-las ou rejeitá-las. Se parecem agradáveis ou deploráveis, consentem ou concordam com sua natureza. Exercendo seu encargo devem se contentar em reconhecer e dar opinião sobre o que se passa, sem querer empreender revolver os poderes altos e fortes, colocando tudo em alarme e confusão. Da mesma forma que em um exército com frequência as sentinelas, por não saberem a intenção do chefe que comanda, podem estar enganados e socorrer os inimigos disfarçados que vêm à eles, ou tomar por inimigos os que vêm à seu socorro, também os sentidos (por não compreenderem tudo o que é da razão), são com frequência desiludidos pela aparência e julgam ser amigo o que é nosso inimigo. Quando estão sob este pensamento e sem

esperar o comando da razão mexem na potência concupiscível e irascível, fazem uma sedição e um tumulto em nossa alma durante o qual a razão não é ouvida e o entendimento obedece.

Vejamos agora seus regimentos, postos, gêneros e espécies. Toda paixão se comove com a aparência e opinião de um bem ou de um mal. Se de um bem que a alma simplesmente considera tal, este movimento se chama amor. Se está presente e a alma goza dele em si mesma, se chama prazer e alegria. Se está por vir, se chama desejo. Se de um mal simplesmente como tal, é o ódio. Se está presente em nós mesmos, é tristeza e dor; se no outro é piedade. Se está por vir é o medo. As que nascem em nós pelo objeto do mal aparente, das quais fugimos e que nos aborrecem, descem antes para nosso coração e são tiradas com mais dificuldade. Eis a primeira faixa dos sediciosos que perturbam nossa alma na parte concupiscível. Ainda que seus efeitos sejam muito perigosos, não são tão violentos quanto os dos que os seguem. Estes primeiros movimentos formados nesta parte pelo objeto que se apresenta passam incontinenti na parte irascível; lugar onde a alma busca os meios de obter ou evitar o que lhe parece bom ou mal. Assim como uma roda que já está em movimento recebendo um novo movimento roda com grande velocidade, também a alma já comovida pela primeira apreensão, acrescentando um segundo esforço ao primeiro, se maneja com muito mais violência que antes e excita paixões muito mais poderosas e mais difíceis de serem domadas. São duplas e já acopladas às primeiras, se ligando e sustentando umas às outras por um mútuo consentimento; pois as primeiras paixões que se forma sobre o objeto do bem aparente quando entram em consideração sobre os meios de adquiri-la, excitam em nós a esperança ou a desesperança. As que se formam sobre o objeto do mal que está por vir fazem nascer o medo ou, ao contrário, a audácia. Do mal presente, a cólera e a ira. Estas

paixões são estranhamente violentas e derrubam inteiramente a razão que já encontram abalada. Eis os principais ventos de onde nascem as tempestades de nossa alma. E a caverna de onde saem não é outra senão a opinião (em geral falsa, vaga, incerta, contrária à natureza, à verdade, à razão e à certeza) que temos de que as coisas que se apresentam a nós são boas ou más. Pois se as apreemos tais as buscamos ou fugimos delas com veemência: isto são nossas paixões.

Das paixões em particular.

Aviso.

Trataremos aqui seu natural para aí vermos a loucura, a vaidade, a miséria, a injustiça e a feiura que está nelas, para conhecê-las e aprender a odiá-las com justiça. Os avisos para evitá-las estarão nos livros seguintes. São as duas partes do médico, declarar a doença e dar os remédios. Eis as doenças do espírito. Falaremos aqui primeiramente de todas as que dizem respeito ao bem aparente, que são o amor e suas espécies, o desejo, a esperança, a desesperança e a alegria. Em seguida de todas que dizem respeito ao mal, que são várias: a cólera, o ódio, a inveja, o ciúme, a vingança, a crueldade, o medo, a tristeza e a compaixão.

Do amor em geral.

Capítulo XIX.

O amor é a primeira mestre e capital de todas as paixões. Ele possui diversos motivos, tipos e graus. Há três principais gêneros aos quais todos dizem respeito (referimo-nos ao vicioso e violento, pois o virtuoso, que é amizade, caridade e dileção será abordado junto à virtude da justiça). São eles a ambição

ou soberba que é o amor da grandeza e da honra, a avareza que é amor dos bens e o amor voluptuoso e carnal. Eis os três abismos e precipícios dos quais poucas pessoas se salvam, as três pestes e corrupções de tudo o que temos em manejo: espírito, corpo e bens. As armaduras dos três inimigos capitais da salvação e do repouso humano são o diabo, a carne e o mundo. São na verdade três potências, as paixões mais comuns e universais. O apóstolo reparte tudo o que está no mundo entre estas três. *Quicquid est in mundo, est concupiscentia oculorum, aut carnis, aut superbia vitae.* A ambição, espiritual, é mais nobre e altiva que as outras. O amor voluptuoso, mais natural e universal (pois está até mesmo nos animais, onde as outras não se encontram) é mais violento e menos vicioso. Digo violento ingenuamente, pois algumas vezes a ambição ganha; mas é doença particular. A avareza é a mais tola e doentia de todas.

Da ambição.

Capítulo XX.

A ambição (fome de honra e de glória, desejo de grandeza glutão e excessivo) é uma doce paixão que escorre facilmente nos espíritos generosos e só é tirado com dificuldade. Acreditamos dever abraçar o bem e entre os bens estimamos a honra mais do que tudo: eis porque nós a perseguimos violentamente. O ambicioso quer ser o primeiro, nunca olha para trás, mas sempre para a frente para os que o precedem. Para ele é mais doloroso deixar alguém passar à sua frente do que seria prazeroso deixar mil para trás. *Habet hoc vitium omnis ambitio, non respicit.* Ela é dupla, uma diz respeito à glória e à honra, a outra à grandeza e ao comando. Aquela é útil para o mundo e em certos sentidos permitida, como será dito. Esta por sua vez é perniciosa.

A ambição tem semente e raiz natural em nós. Há um provérbio que diz que *a natureza se contenta com pouco*; um outro diz todo o contrário: *a natureza nunca se embriaga nem se contenta*, mas sempre deseja, quer subir e se enriquecer. E não vai devagar mas corre abatida e se precipita à grandeza e à glória. *Natura nostra imperii est avida, et ad implendam cupiditatem praeceps*. E forçosamente, como correm, com frequência quebram o pescoço como tantos grandes homens, na véspera e à ponto de alcançar e gozar da grandeza que tanto lhes havia custado. É uma paixão natural, muito poderosa, que nos deixa bastante tarde. Por isso alguém a chama de camisa da alma: é o último vício do qual se despoja. *Etiam sapientibus cupido gloriae novissima exuitur*.

A ambição, paixão mais forte e poderosa que existe, também é a mais nobre e altiva. Sua força e potência se mostram no fato de dominar e ultrapassar todas as outras coisas, inclusive as mais fortes do mundo assim como todas as outras paixões e cupidez, até mesmo a do amor que todavia parece disputar a primazia com esta. O vemos em todos os grandes, Alexandre, Cipião, Pompeu e tantos outros, que corajosamente recusaram tocar as mais belas mulheres que estavam em seu poder, ardendo por outro lado de ambição. Sem dúvida esta vitória do amor servia para sua ambição – sobretudo no caso de César, pois nunca homem foi tão dado aos prazeres amorosos (a todo sexo e todos os tipos como testemunham tantas façanhas em Roma como nos países estrangeiros), nem também tão cuidadoso e preocupado com sua pessoa. Todavia, a ambição o ganhava sempre: os prazeres amorosos nunca lhe fizeram perder uma hora do tempo que podia empregar para sua grandeza. A ambição regia nele soberanamente, possuía-o plenamente. Em Marco Antônio e outros, pelo contrário, a força do amor faz esquecer o cuidado e a conduta dos negócios. Mas quando ambas estão igualmente na balança, a ambição ganha o prêmio. Os que

pensam ser o amor mais forte dizem que ele vem da alma e do corpo, que todo homem é possuído por ele e que até mesmo a saúde depende dele. A ambição, pelo contrário, parece ser mais forte, porque ela é totalmente espiritual. Como o amor vem também do corpo, ele é mais fraco que ela por estar sujeito à saciedade e por ser capaz de remédios corporais, naturais e estrangeiros, como a experiência mostra de vários que por diversos meios suavizaram e até mesmo apagaram o ardor e a força desta paixão. A ambição todavia não é capaz de saciedade e até mesmo se aguça pelo gozo; não há remédio para apagá-la por estar inteiramente na alma e na razão.

Ela não só vence o amor por sua saúde e seu repouso (a glória e o repouso são coisas que não podem estar juntas), mas ainda de sua própria vida. Isto mostrou Agripina mãe de Nero: desejando e consultando para fazer seu filho imperador, tendo ouvido que ele o seria mas que isto lhe custaria a vida, respondeu à verdadeira palavra da ambição. *Occidat modo imperet.* Em terceiro a ambição força todas as leis e até mesmo a consciência. Os doutores dizem dela que é preciso ser em todo lugar homem de bem, e perpetuamente obedecer às leis, exceto quando se está reinando, única situação à merecer dispensa: sendo um pedaço tão apetitoso, vale bem a pena que se rompa seu jejum. *Si violandum est jus, regnandi causa violandum est, in caeteris pietatem colas.*

Ela ainda pisa e despreza a reverência e o respeito da religião como testemunha Hieroboam Maomé, que não se preocupa e permite qualquer religião, desde seja ele o rei. E também todos os heréticos que preferiram ser chefes de partido dentro do erro e da mentira – com mil desordens – do que ser discípulos da verdade. O apóstolo disse que os que se deixam enrolar nesta paixão e cupidez naufragam e se perdem da fé, se embaraçando em diversas penas. Ela

força e vence enfim as próprias leis da natureza. Os assassinatos de pais, filhos e irmãos vieram daí; como testemunham Absalão, Abimeleque, Atalias, Rômulo, Sei rei dos persas que matou seu pai e seu irmão, Solimão turco os seus dois irmãos. Nada pode resistir à força da ambição que, ativa, move tudo para o chão, e só se aloja nas grandes almas, até mesmo nos anjos.

A ambição não é vício nem paixão dos pequenos companheiros, dos esforços pequenos e comuns ou das ações cotidianas. O renome e a glória não se prostituem por um preço vil. Ela se dá e segue somente as ações boas e úteis, as raras, altas, difíceis, estranhas e inusitadas. É vil e vergonhosa a grande fome de honra e de reputação baixa e mendicante, que a faz seduzir todo tipo de pessoas, por todos os meios, objetos, por qualquer preço vil que seja. É vergonhoso ser honrado assim. Não se deve ser mais ávido de glória do que se é capaz. Inchar-se e elevar-se por uma ação útil e boa é mostrar o traseiro acreditando estar mostrando a cabeça.

A ambição tem numerosos e diversos caminhos, se exerce por diversos meios. Um dos caminhos é reto e aberto: tomaram-no Alexandre, César, Temístocles e outros. Um outro é oblíquo e coberto: este tomaram vários filósofos e professores de piedade que vêm à frente por trás; semelhantes aos atiradores de remo que atiram e tendem ao porto lhe dando as costas. Estes querem se tornar gloriosos por desprezarem a glória. E certamente há mais glória em pisar e recusar as grandezas do que em desejá-las e gozar delas, como disse Platão à Diógenes. Ela nunca não se conduz melhor segundo ela mesma, a não ser por uma via perdida e inusitada.

A ambição é uma verdadeira loucura e vaidade, porque significa correr e tomar a fumaça pela luz, a sombra pelo corpo, ligar o contentamento de seu

espírito à opinião do vulgar, renunciar voluntariamente à sua liberdade para seguir a paixão dos outros, constranger-se a desagradar a si mesmo para agradar aos espectadores, fazer pender suas afeições aos olhos de outrem, amar a virtude somente enquanto ela agrada ao vulgar e fazer o bem não por amor dele mas por reputação. É parecer ao barril que se fura: não podemos tirar nada dele, que só lhe é dado vento. Ela não tem limites. É um abismo sem fundo nem margem. É o vazio que os filósofos ainda não puderam encontrar na natureza. Um fogo que aumenta com a comida que lhe damos. Nisto ela paga justamente seu mestre, pois a ambição é justa somente por ser suficiente para sua própria pena, e se colocar ela mesma na perturbação. A roda de Ixion é o movimento de seus desejos que rodam e retornam continuamente do alto para baixo sem dar repouso algum para seu espírito.

Os que querem lisonjear a ambição dizem que serve à virtude e é um agulhão para as belas ações, na medida em que deixamos os outros vícios e enfim ela mesma pela virtude. Mas é preciso que ela esconda algumas vezes os vícios, sem com isso tirá-los, se limitando a cobri-los por um tempo sob enganosas cinzas de uma maliciosa preguiça, com esperança de inflamar-se totalmente quando eles tiverem adquirido autoridade suficiente para reinar publicamente e com impunidade. As serpentes não perdem seu veneno por estarem entorpecidas do frio, nem o ambicioso seus vícios ao cobri-los com fria simulação. Quando ele conseguiu ou se perguntou(?), ele faz sentir o que é. E se a ambição deixasse todos seus vícios, não abandonaria nunca ela mesma. Ela leva às grandes e belas ações, o proveito volta ao público. Mas quem as faz não vale mais, pois não são obras de virtude mas de paixão. Ela se vangloria também desta bela palavra: “não nascemos para nós, mas para o público”. Os meios que queremos levantar, e depois ter chegado aos estados e encargos, mostram bem como é, que aqueles

que estão na dança abandonam e compreenderão que se trata tanto quanto ou mais do particular do que do público.

Avisos e remédios contra este mal serão expostos no livro 3, capítulo 42.

Da avareza e de sua contra paixão.

Capítulo XXI.

Amar e ter afeição pelas riquezas é avareza. Não somente o amor e a afeição, mas ainda todo cuidado excessivo com as riquezas mostra sua avareza; assim como sua recusa e uma liberdade atenta, ordenada e artificial em demasia. Elas não valem sequer a atenção ou o cuidado trabalhoso. O desejo de bens e o prazer de possuí-los só tem raiz na opinião. O desejo desregrado de possuí-los é uma gangrena em nossa alma. Com um ardor venenoso ele consome nossas afeições naturais e nos enche de humores virulentos. Tão logo ela está alojada em nosso coração foge a afeição honesta e natural que devemos a nossos pais, amigos e à nós mesmos. Comparado a nosso interesse todo o resto não nos parece nada. Enfim, esquecemos e desprezamos nós mesmos, nosso corpo e nosso espírito para estes bens. Como se diz, vendemos nosso cavalo para ter feno.

Avareza, vã e covarde, é uma paixão de tolos populares que estimam ser a riqueza o soberano bem do homem. Eles temem a pobreza como seu maior mal, não se contentando nunca dos meios necessários que não são recusados a ninguém. Eles pesam os bens nas balanças dos ourives, mas a natureza nos ensinou a medi-los segundo a necessidade. Não é loucura adorar o que a natureza colocou sob nossos pés e escondeu na terra, indigno de ser visto, e devendo ser pisado e desprezado? Aquilo que o vício do homem arrancou das

entranhas da terra é colocado à luz para que eles se matem uns aos outros. *In lucem propter quae pugnaremus excutimus: non erubescimus summa apud nos haberi, quae fuerunt ima terrarum.*

No nascimento do ouro a natureza parece ter pressagiado a miséria daqueles que o amariam. Ela fez com que na terra onde ele crescesse, não houvesse nem erva, nem planta, nem nada que valha. E nos anunciou que nos espíritos em que nascesse o desejo deste metal não permaneceria nenhuma luz de honra ou de virtude. Degradar-se até aí é servir e permanecer escravo daquilo que deveria ser sujeitado por nós. *Apud sapientem divitiae sunt in servitute, apud atultum in imperio.* O avaro existe para as riquezas e não elas para ele, e ele tem os bens como tem febre. É ela quem agarra e domina o homem, não ele a ela. Amar o que não é bom nem pode tornar o homem bom, mas está comumente nas mãos dos piores do mundo, os que pervertem os bons hábitos e nunca corrigem os maus. Sem elas muitos sábios tornaram sua vida feliz, e por causa delas muitos homens maus tiveram uma morte infeliz. É ainda acorrentar o vivo com o morto, como fazia Mezentius, para fazê-lo se consumir e morrer cruelmente. É ainda acorrentar o espírito com o excremento e a lia da terra, e embaraçar a alma em mil tormentos e contrariedades trazidos pela paixão pelos bens; travar-se às redes e cordames do diabo, como os chama a Santa Escritura. Ela os ataca chamando-os de iníquos, espinhos, os ladrões do coração humano, lacaios e redes do diabo, idolatria, raiz de todos os males. Se víssemos a ferrugem dos problemas que engendram as riquezas dentro dos corações tão bem como seu brilho e esplendor, elas seriam odiadas como são amadas. *Desunt inopiae multa, avaritiae omnia: in nullum avarus bonus est, in se pessimus.*

Odiar e rejeitar os bens e riquezas é uma paixão viciosa contrária. Não seria recusar os meios de fazer o bem e praticar inúmeras virtudes, recusar o trabalho muito maior de comandar e usar bem as riquezas do que não tê-las, governar-se melhor na abundância do que na pobreza? Nesta só existe uma virtude: sem diminuir a coragem, mas manter-se firme. Na abundância existem várias: a liberalidade, a diligência, a prudência, etc. Naquela só se pode resguardar-se, nesta além de resguardar deve-se agir. Quem se despoja dos bens está muito mais livre para entregar-se às coisas altas do espírito e por isso muitos filósofos e cristãos a praticaram com grande coragem.

Ele se desfaz também de vários deveres e dificuldades que existem no governar-se bem e lealmente para os bens, para sua aquisição, conservação, distribuição, uso e emprego. Quem o faz por esta razão segue a necessidade e, ao contrário dos outros, é fraco de coração. Diria-lhes de bom grado: não as deixais porque elas são inúteis mas porque não sabeis vos servir delas e usar-las bem. Não suportar as riquezas é antes fraqueza de alma do que sabedoria, nos diz Sêneca.

Primeira edição

Quem se despoja dos bens, se livra de muitos deveres e dificuldades que há em governar-se bem e lealmente para os bens, sua aquisição, conservação, distribuição, uso e emprego. É fugir do trabalho.

Do amor carnal.

Capítulo XXII.

O amor carnal é uma febre, uma paixão furiosa e muito perigosa para quem se deixa transportar, pois até onde ele levará? Aquele que se deixa levar não está

mais em si, seu corpo terá mil penas para buscar o prazer, seu espírito mil torturas para servir seu desejo. Este crescendo se torna furor. Sendo natural ele é violento e comum a todos. Em sua ação ele iguala e acopla loucos e sábios, homens e animais. Ela animaliza e embrutece toda sabedoria, resolução, prudência, contemplação e operação da alma. Graças à ela Alexandre sabia que era mortal, como também graças dormir, já que ambos suprimem as faculdades da alma.

A filosofia entra e fala livremente de todas as coisas, para encontrar suas causas, julgá-las e regrá-las. A teologia faz bem em ser mais tímida e retida. Porque não, já que tudo é de sua jurisdição e conhecimento? O sol ilumina o estrume sem tomar nada dele nem senti-lo. Amedrontar-se ou ofender-se com palavras é prova de grande fraqueza, ou de estar doente. Que isto seja dito para o caso que se segue e outros parecidos existirem. A Natureza, por um lado, leva-nos com violência para esta ação. Todo o movimento do mundo leva à esta cópula entre macho e fêmea e nela se desfaz. Por outro lado a Natureza nos deixa acusar, esconder e enrubescer por causa dela, como se fosse insolente e desonesta. Nós a chamamos vergonhosa e vergonhosas as partes que a servem. Ora, porque vergonhosa já que ela é tão natural; e, guardando seus limites tão justa, legítima e necessária?

Porque vergonhosa já que animais são isentos desta vergonha? Seria por causa da atitude que parece feia? Mas porque feia se que natural? Ao chorar, rir, andar, bocejar, o rosto se desfigura mais ainda. Seria para servir de freio e de interrupção para tal violência? Porque então a natureza causa esta violência? Será, pelo contrário, porque a vergonha serve de estimulante e de ascendedor para que seus instrumentos se movam sem nosso consentimento, e até contra nossa

vontade? Se assim fosse, os animais também deveriam ter vergonha. Tantas outras coisas internas e escondidas se movem por si mesmas em nós, sem nosso consentimento, que não são viciosas nem vergonhosas. Por exemplo a pulsação e os movimentos do coração, das artérias, dos pulmões, as ferramentas e partes que servem para o apetite, o comer, o beber, descarregar o cérebro, o ventre, com compressões e dilatações além e contra nossa opinião e vontade? Disso testemunham os desmaios, os bocejos, os sangramentos, as lágrimas, os soluços e os fluxos que, com relação ao corpo, não dependem de nossa liberdade. E ainda o espírito que se esquece, se lembra, crê, descrê; e a vontade que quer muitas vezes o que nós gostaríamos que ela não quisesse. Há também as externas e aparentes: o rosto enrubesce, empalidece, se torna lívido, o corpo engorda e emagrece, o pelo embranquece, escurece, branqueia, cresce, se arrepia, a pele estremece, sem e contra nosso consentimento. Será que nisso a pobreza e a fraqueza humanas se mostra mais verdadeiramente do que no comer, beber, sentir dor, cansar, se descarregar e morrer dos quais não temos vergonha? Ela não é em si e por natureza vergonhosa, ela é, ao contrário da vergonha, verdadeiramente natural. Os animais, que digo, a natureza humana testemunharia, segundo a teologia, se tivesse mantido seu estado primeiro e original pois não teria sentido nenhuma vergonha, como de fato sente. De onde vem a vergonha senão da fraqueza, e a fraqueza senão do pecado, já que não há nada por natureza e em si de vergonhoso? Não estando a causa desta vergonha na natureza, é preciso buscá-la em outro lugar. Ela é então artificial. Não seria uma invenção forjada no gabinete de Vênus para dar valor à tarefa, e aumentar a vontade? É ascender ainda mais o fogo com um pouco de água, como faz o marechal, é esconder para convidar e abraçar a vontade de ver, é falar baixo para a de ouvir e saber, tratar as coisas misteriosamente com respeito e pudor se torna

dar-lhes gosto e trazer-lhes estima. Ao contrário, uma permissão e comodidade covarde, fácil, livre e aberta enfadonha, tira o gosto e a suspeita.

Tomada em si e simplesmente esta ação não é vergonhosa nem viciosa mas natural e corporal, não mais do que as outras ações semelhantes. Se ela é bem conduzida torna-se tão justa, útil e necessária quanto o beber e o comer. O que a faz desacreditar-se tanto é que a moderação muito raramente é guardada; e que para se fazer valer e alcançar suas façanhas, ela se agita demasiadamente, se servindo de meios escusos e acaba acarretando e dando lugar a uma grande série de males, todos piores que a ação voluptuosa. As custas sobem mais que o principal: como dizem, é pescar em redes de ouro e púrpura. Tudo isso é puramente humano, os animais que seguem a simples natureza são limpos de toda esta balbúrdia. Mas a arte humana que por um lado faz um grande alvoroço e planta a vergonha na porta para distanciá-la; por outro lado, Que enganação! esquenta e afina a vontade, inventa, remói, perturba e derruba tudo para alcançá-la (como testemunha a poesia que não ri, como neste assunto, e suas invenções são grumetes em todas as outras coisas); achando melhor qualquer outra entrada que não seja a porta e via legítima e qualquer outro meio que não seja o comum do casamento.

Avisos e remédios particulares contra este vício se encontram no livro 3, capítulo 41.

Dos desejos, da cupidez.

Capítulo XXIII.

Não nascem nem se elevam tantos fluxos e ondas no mar quanto desejos no coração do homem. É um abismo. Ele é infinito, diverso, inconstante, confuso,

irresoluto, com frequência horrível e detestável, comumente vão e ridículo em seus desejos. Mas antes de tudo devem ser bem distinguidos. Uns são naturais: estes são justos e legítimos e se encontram até mesmo nos animais. Eles são limitados e curtos e podemos ver sua extremidade: segundo este ninguém é indigente. Falaremos destes desejos em seguida, pois não são verdadeiramente paixões. Os outros estão além da natureza e procedem de nossa opinião e fantasia. Eles são artificiais e supérfluos. Para distingui-los por nome dos outros nós podemos chamá-los de cupidez. Estes são puramente humanos e os animais não sabem o que é. O homem sendo o único desregrado em seus apetites, estes desejos não têm extremidade, são sem fim, e se limitam à confusão. *Desideria naturalia finita sunt, ex falsa opinione nascentia, ubi desinant non habnet. Nullus enim terminus falso est: via eunti aliquid extremum est, error immensus est.* Segundo eles ninguém pode ser rico e contente. O que dissemos no começo deste capítulo e que entendemos nesta matéria das paixões lhes serve muito bem. É para estes que suamos e trabalhamos, *ad supervacua sudatur*, que viajamos por terra e por mar, que guerreamos, que nos matamos, que nos afogamos, nos traímos e nos perdemos. Disseram muito bem que a cupidez é a raiz de todos os males. Advém com frequência (uma punição justa) que buscando saciar a cupidez e embriagar-nos dos bens e prazeres da fortuna, perdemo-nos e nos privamos daqueles da natureza. Diógenes dizia a Alexandre depois de ter recusado seu dinheiro, que todo o bem que desejava era que aquele se retirasse da frente de seu sol.

Da esperança, da falta de esperança.

Capítulo XXIV.

Os desejos e a avidez se aquecem e redobram com a esperança que ascende, com seu doce vento, nossos loucos desejos. Eles abraçam em nosso espírito um fogo de fumaça espessa que deslumbra nosso entendimento, leva com ela nossos pensamentos e prende-os nas nuvens, fazendo-nos sonhar acordados. Enquanto nossas esperanças duram não queremos abandonar nossos desejos. É um jogo com o qual a natureza nos diverte. Ao contrário, quando o desespero se aloja em nós, ele atormenta tanto nossa alma com a opinião de não poder obter o que desejamos que é preciso que tudo lhe seja cedido. Pelo amor daquilo que pensamos não poder obter perdemos o resto do que possuímos. Esta paixão se assemelha às crianças que por despeito de lhe terem tirado os brinquedos jogam os outros no fogo. Ela se zanga consigo mesma e exige de si a dor por sua desgraça. Depois das paixões que olham o bem aparente, venhamos àquelas que olham o mal.

Da cólera.

Capítulo XXV.

A cólera é uma paixão louca, que nos deixa inteiramente fora de nós buscando o meio de empurrar o mal que nos ameaça ou que já nos atingiu. Ela faz ferver o sangue em nosso coração e leva para nosso espírito os vapores furiosos que nos cegam e nos precipitam em tudo o que puder contentar o desejo de vingança. É uma raiva curta, um caminho para a mania. Por sua impetuosidade e violência pronta ela carrega e ultrapassa as paixões, *repentina et universa vis eius est.*

As causas que dispõem à cólera são a fraqueza de espírito e por isso vemos as mulheres, os velhos, as crianças, os doentes ser mais coléricos. *Invalidum*

omne natura quaerulum est. Enganamo-nos em pensar que há coragem onde há violência. Os movimentos violentos assemelham-se muito aos esforços das crianças ou velhos que correm pensando caminhar. Não há nada tão fraco quanto um movimento desregrado. Encolerizar-se é covardia e fraqueza. É uma doença de espírito que o torna maleável e frágil aos golpes assim como as partes ulceradas no corpo ou a saúde alterada se surpreendem e machucam com pouca coisa. *Nusquam sine quaerela aegra tanguntur.* A perda de um centavo ou a omissão de um ganho deixa um avaro colérico. Um riso ou olhar de sua mulher irrita um ciumento. O luxo, a delicadeza vã ou amor particular que torna o homem desgostoso e despeitado o deixa colérico, por pouco que lhe aconteça de avesso. *Nulla res magis iracundiam alit quam luxuria.* Este amor por pequenas coisas, por um copo, um cachorro ou um pássaro é uma espécie de loucura que com frequência trabalha-nos e joga-nos na cólera. É uma curiosidade muito grande, *qui nimis inquirat, se ipsum inquietat.* É ir buscar e se jogar com alegria de coração se jogar na cólera, sem esperar que ela venha. *Saepe ad nos ira venit, saepius nos ad illam.* Ela é leveza à acreditar o primeiro vindo. Mas a cólera principal e mais formal é a opinião de ser desprezado e de não ser tratado como deveríamos, seja de fato ou de palavra e continência. É daí que as cóleras pretendem se justificar.

Seus sinais e sintomas são bastante manifestos e tão estranhos que alteram e mudam mais do que qualquer outra paixão o estado inteiro da pessoa. Transformam e desfiguram, *ut sit difficile, utrum magis detestabile vitium, aut deforme.* Uns são externos como a face vermelha e disforme, os olhos inflamados, o olhar furioso, o ouvido surdo, a boca espumante, o coração resfolegando, o pulso muito agitado, as veias inchadas, a língua gaguejando, os dentes apertados, a voz forte e enferrujada e o falar precipitado. Enfim ela deixa

todo o corpo em fogo e em febre. Alguns tiveram as veias arrebetadas, em outros a urina foi suprimida, seguindo a morte. Qual deve ser o estado de espírito que causa uma tal desordem exterior? No primeiro golpe a cólera caça e expulsa a razão e o julgamento, para que o lugar permaneça inteiramente para ela. Em seguida ela preenche tudo de fogo, de fumaça, de trevas e de barulho. Como aquele que expulsou o mestre de casa, colocou fogo e se queimou vivo dentro dela; como um navio sem governo nem patrão, nem vela nem remo que corre fortuna à mercê das ondas, dos ventos e das tempestades no meio do mar irado.

Os efeitos são grandes, com frequência miseráveis e lamentáveis. A cólera primeiramente nos leva à injustiça, porque decepiona e amola em oposição justa, e por saber que nos irritamos impropriamente. Quem é abalado e irritado por uma falsa causa se despeita com a verdade e a inocência se lhe apresentamos boa defesa ou desculpa. *Pertinaciores nos facit iniquitas irae, quae argumentum sit juste irascendi, graviter irasci.* O exemplo de Piso, aliás excelente em virtude, é bem notável, quando (história bastante conhecida) movido pela cólera fez morrer três injustamente, e com uma acusação sutil demais os tornou culpados por ter encontrado um inocente, contrariamente à sua primeira sentença. Ela se disfarça também pelo silêncio e a frieza, quando pensamos ser desdenhados. Isto é próprio das mulheres que se irritam com frequência para que nos iritemos à nossa vez, e redobram sua cólera até a raiva quando vêm que não nos damos ao trabalho de alimentar sua irritação. A cólera mostra ser um animal selvagem já que nem para defesa e desculpa nem para não defesa e silêncio ela se deixa ganhar e suavizar. Sua injustiça está no fato de querer ser juiz e parte, de querer que todos estejam em seu partido, e incrimina todos que não aderem. Em segundo, porque é inconsiderada e estouvada, nos joga e precipita em grandes males, com frequência naqueles de que queremos fugir, ou fazemos aos outros.

Dat poenas dum exigit. Ou outros piores. Esta paixão se parece com as grandes ruínas que se rompem sobre aquilo em cima do que caem. Ela deseja tão violentamente o mal de outrem que não se preocupa em evitar o seu. Ela nos entrava e nos amarra, fazendo-nos dizer e fazer coisas indignas, vergonhosas e chocantes. Por fim nos leva tão longe que leva-nos a fazer coisas escandalosas e irreparáveis: assassinatos, envenenamentos e traições, das quais se seguem grandes arrependimentos. Testemunho disso Alexandre o Grande depois de matar Clitus. Pitágoras já dizia que o fim da cólera era o começo do arrependimento.

Esta paixão se apascenta, se idealiza e se agrada, querendo persuadir que tem razão e que é justa, se desculpando com a malícia e indiscrição dos outros. Mas a injustiça de outrem não poderia torná-la justa, nem o dano recebido de outrem torná-la útil. Ela é muito estouvada para fazer algo de bom. Ela quer sarar o mal com mal. Dar a correção da ofensa à cólera seria corrigir o vício por si mesmo. A razão que deve comandar em nós não quer estes oficiais que fazem o que querem sem esperar a ordem. Ela quer fazer tudo em regra como a natureza e por isto a violência não lhe é própria. Mas o quê? direis, a virtude verá a insolência do vício sem decepcionar? Ela tem tão pouca liberdade que não ousa se irritar contra os maus? A virtude não quer liberdade indecente, não é preciso que ela vire sua coragem contra si, nem que o mal de outrem a perturbe. O sábio deve suportar tanto os vícios dos maus sem cólera quanto sua prosperidade sem inveja. Ele deve suportar as indiscrições dos temerários com a mesma paciência com que o médico suporta as injúrias do frenético. Não há maior nem mais útil sabedoria no mundo do que suportar a loucura alheia. De outra forma, para não suportá-la nós a faríamos nossa. O que foi dito para a cólera convém igualmente às paixões seguintes: o ódio, a inveja e a vingança, que são cóleras formadas.

Aviso e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 31.

Do ódio.

Capítulo XXVI.

O ódio é uma paixão bizarra, que nos perturba estranhamente e sem razão. O que no mundo nos atormenta mais do que isso? Por esta paixão damos poder àquilo que odiamos de nos afligir e vexar. A vista nos comove os sentidos, a lembrança agita nosso espírito tanto dormindo quanto acordados. Nós no-lo representamos com um despeito e rangido de dentes que coloca-nos fora de nós e rasga nosso coração. Assim recebemos em nós mesmos a pena do mal que desejamos ao outro. Aquele que odeia é paciente, o odiado é agente, contrariamente ao som das palavras. O que odeia se atormenta e o odiado está tranquilo. Mas quem odiamos? Os homens? Os negócios? Certamente não odiamos nada daquilo que deveríamos. Pois se há algo para ser odiado neste mundo, é o ódio mesmo, e semelhantes paixões contrárias àquilo que deve comandar em nós. Este é o maior mal existente no mundo para nós.

Avisos particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 32.

Da inveja.

Capítulo XXVII.

A inveja é irmã gêmea do ódio, miserável paixão e animal feroz que ultrapassa em tormento todas as torturas. É um desejo dos bens possuídos pelos outros que nos corrói muito o coração. Ela transforma o bem de outrem em nosso mal. Quantos de nós ela atormenta, já que tanto o bem quanto o mal contribuem

para isso? Enquanto os desejosos olham atravessado os bens de outrem, eles deixam estragar os seus e perdem seu prazer.

Avisos e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 33.

Do ciúme.

Capítulo XXVIII.

O ciúme é paixão muito parecida por natureza e por efeito com a inveja. Na inveja só consideramos o bem que acontece com um outro, e que desejamos para nós. O ciúme é o temor que um outro participe de nosso bem. O ciúme é a doença de uma alma fraca, tola e inepta. Uma doença terrível e tirânica que se insinua sob o título da amizade mas depois de entrar em possessão constrói um ódio capital sobre os mesmos fundamentos da benevolência. A virtude, a saúde, o mérito e a reputação são os incendiários desta raiva. É também um fel que corrompe todo o mel de nossa vida. Ela se mistura ordinariamente nas mais doces e prazerosas ações. Ela as torna mais azedas e amargas do que qualquer outra coisa. Ela muda o amor em ódio, o respeito em desdenho e a segurança em desconfiança. Ela engendra uma curiosidade perniciosa de querer se livrar de seu mal para o qual todo remédio só o piora e gangrena. Pois tudo se resume à publicá-lo, arrancá-lo da sombra e da dúvida para colocá-lo sob a luz, e esparramá-lo em todo lugar, e estender sua desgraça até seus filhos.

Avisos e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 35.

Da vingança.

Capítulo XXIX.

O desejo de vingança é primeiramente uma paixão covarde e efeminada, de alma fraca e baixa, pressionada e calcada, como testemunha o fato de que as mais fracas almas são as mais vingativas e maliciosas, como as das mulheres e crianças. As fortes e generosas não a sentem, a desprezam e desdenham se sentem muito acima de tudo isso seja porque a injúria não as toca, seja porque o injuriador não é digno que nos remoamos. *Indignus Caesaris ira*. Os granizos, trovões, tempestades e todo o barulho que se faz no ar não perturba nem toca os corpos superiores e celestes, mas somente os inferiores e caducos. Da mesma forma as indiscrições e petulâncias dos loucos não ferem as almas grandes e elevadas. Todos os grandes, Alexandre, César, Epaminondas, Cipião estiveram tão distantes da vingança que, pelo contrário, fizeram bem à seus inimigos.

Em segundo ela é dolorosa e corrosiva como um verme que rói o coração daqueles que são infectados por eles; que os agita de dia e os acorda de noite. Ela é também cheia de injustiça porque atormenta o inocente e aumenta a aflição. Cabe àquele que fez a ofensa sentir o mal e a pena que o desejo de vingança traz ao coração. O ofendido se encarrega dele como se não tivesse mal suficiente com a injúria recebida. Tanto é que com frequência e ordinariamente enquanto o ofendido se atormenta buscando meios de vingança, o ofensor ri e se dá bom tempo. Mas ela é bem mais injusta pelos meios de sua execução do que, com frequência, se faz por traições e artifícios vis.

Enfim, além de penosa a execução é muito perigosa. A experiência nos ensina que quem busca se vingar não faz o que quer e seu golpe não acerta, mas advém ordinariamente o que ele não quer. Pensando furar o olho de seu inimigo, ele fura os seus e ei-lo por sua vez com medo da justiça e dos amigos, com

trabalho de se esconder e fugir no lugar no outro. No mais, matar e acabar com seu inimigo não pode ser vingança, mas pura crueldade, que vem da covardia e do medo. Vingar-se é bater nele, fazê-lo sofrer e não acabar com ele. Matando-o não fazemos-lo ressentir a ira, que é o fim da vingança. Eis porque não se ataca uma pedra, pois elas são incapazes de provar nossa revanche. Na verdadeira vingança é preciso que o vingador esteja presente para receber prazer, e o vingado para sentir e sofrer o desprazer e o arrependimento. Estando morto ele não pode se arrepender, ele está até mesmo ao abrigo de todo mal ou ao contrário o vingador está com frequência com pena e com medo. Matar é o testemunho da covardia e do medo, que o ofendido ressentindo desprazer busca igualmente. Queremos desfazer-nos do todo, mas isto é abandonar o fim da vingança e ferir sua reputação, é um golpe de precaução e não de coragem, é proceder sozinho e não com honra. *Qui occidit longe non ulciscitur, nec gloriam assequitur.*

Avisos e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 34.

Da crueldade.

Capítulo XXX.

A crueldade é um vício vilão e detestável, contra a natureza, e por isso é chamado de desumanidade. A crueldade vem da fraqueza e covardia. *Omnis ex infirmitate feritas est.* Ela é filha da covardia já que a valentia se exerce somente contra a resistência e para vendo o inimigo à sua mercê. *Romana virtus, parcere subjectis, debellare superbos.* A covardia não podendo tomar este lugar, para dizer que aí está, toma por sua vez o sangue e o massacre. Os assassinatos das

vitórias se exercem normalmente pelo povo e oficiais do exército. Os cruéis, ásperos e maliciosos são covardes e poltrões. Os tiranos são sanguinários porque temem e só podem se assegurar exterminando aqueles que poderiam ofender. Assim atacam todos, até mesmo as mulheres, porque temem todos, *cuncta ferit dum cuncta timet*. Os cães covardes mordem e rasgam em casa as peles dos animais selvagens que não ousaram atacar nos campos. O que tornaria as guerras civis e populares tão cruéis, se não fosse a canalha e ralé do povo que as conduzem? O imperador Maurício avisado que um soldado Focas devia matá-lo, se informou sobre quem ele era e qual seu natural. Como se genro Filipe lhe disse que era pusilânime e covarde concluiu que era assassino e cruel. Ela também vem da malignidade interna da alma que se apascenta e deleita com o mal de outrem. Monstros, como Calígula.

Da tristeza.

Capítulo XXXI.

A tristeza é um langor de espírito e um desencorajamento engendrado pela opinião que temos de ser afligidos por grandes males. É um inimigo perigoso de nosso repouso, se nós não tomamos cuidado murcha incontinenti nossa alma, tira-nos o uso do discurso e o meio de prover-nos a nossos negócios. Com o tempo enferruja e mofa nossa alma, abastarda todo homem, adormece e torna sonolenta sua virtude quando seria preciso acordar-se para se opor ao mal que o carrega e oprime. Mas seria preciso descobrir a feiura e loucura, os efeitos perniciosos e até mesmo a injustiça que existe nessa paixão covarde, baixa e fraca para aprender a odiá-la e fugir de todo o seu poder? Ela é muito indigna dos sábios, segundo a doutrina dos estoicos, o que não é tão fácil de fazer, já que se desculpa e se cobre das belas cores da natureza, da piedade, da bondade e até

mesmo a maioria do mundo se esforça em honrá-la e favorecê-la. Eles vestem com ela a sabedoria, a virtude e a consciência.

Primeiramente, ela está longe de ser natural, como quer fazer-nos crer, já que é parte formal e inimiga da natureza, o que é fácil de mostrar. Quanto às tristezas cerimoniais e lutos públicos tão afetados e praticados pelos antigos e ainda no presente, (isto não diz respeito à honestidade e moderação dos obséquios e funerais, nem o que diz respeito à piedade e religião) onde poderíamos encontrar uma maior impostura e mais vão apego? Quantos fingimentos, e aspectos contrafeitos e artificiais com custo e despesa, naqueles que o fato toca e que jogam o jogo, e nos outros que se aproximam e fingem ser serviçais? Mais ainda, para aumentar a hipocrisia alugam-se pessoas para vir chorar e jogar gritos e reclamações sabidos por todos, fingidos e extorquidos com dinheiro e lágrimas que não são jogadas a não ser para ser vistas, e secam tão logo elas não são mais olhadas. Onde é que a natureza aprende isso? Mas o que é que a natureza detesta e condena mais? É a opinião (mãe nutriz, como dizem, da maior parte das paixões) tirânica, falsa e popular que ensina ser preciso chorar em tal caso. E se não podemos encontrar lágrimas e aspectos tristes em si, é preciso comprá-los com muitos tostões em um outro, a tal ponto que para satisfazer bem esta opinião, é preciso entrar em grande despesa, da qual a natureza, se queremos acreditar, nos descarregaria de bom grado.

Forçar e corromper a natureza, prostituir a virilidade, rir do mundo e de si mesmo, se tornando escravo do vulgar, que só produz erro e só estima o dissimulado e fantasiado não seria trair, voluntariamente, totalmente e publicamente a razão? As outras tristezas particulares também não pertencem à natureza como parece a muitos. Se procedessem da natureza seriam todas

comuns aos homens e os tocariam mais ou menos igualmente. Vemos que as mesmas coisas que entristecem uns alegam os outros, que uma província e uma pessoa ri daquilo pelo que a outra chora. Aqueles que estão perto dos que se lamentam os incentivam a decidir abandonar suas lágrimas. Quando falamos com eles ou quando eles mesmos tomam o tempo de falar sobre sua paixão a maioria dos que se atormentam confessa que é loucura se entristecer assim. E louvarão aqueles que em sua adversidade terão enfrentado a fortuna e oposto uma coragem masculina e generosa a suas aflições. Os homens não medem seu luto pela dor, mas pela opinião daqueles com os quais eles vivem. Se olharmos bem, observaremos que para nos aborrecer a opinião nos representa as coisas que nos atormentam por antecipação, medo e apreensão do futuro, andes do que deveriam ou mais do que deveriam.

Na medida em que torna feio e apaga tudo o que a natureza colocou de belo e amável em nós e o desfaz com a força desta paixão, como a beleza de uma pérola se dissolve dentro do vinagre é certo ser contra a natureza. É triste ver-nos andar com a cabeça baixa, os olhos fixados no chão, a boca sem palavra, os membros sem movimentos e os olhos só servindo para chorar. Dir-se-ia que não passamos de estátuas suando, como Níobe que os poetas dizem ter sido transformado em pedra de tanto chorar.

Ela não só é contrária e inimiga da natureza mas ainda se volta contra Deus, pois não é outra coisa senão uma reclamação temerária e ultrajante contra o senhor do universo e a lei comum do mundo que faz com que todas as coisas debaixo do céu e da lua sejam mutáveis e perecíveis. Se nós conhecemos esta lei, porque nos atormentamos? Se não a conhecemos de que reclamamos, senão de nossa ignorância de não saber o que a natureza escreveu em todos os cantos do

mundo? Nós estamos aqui não para dar a lei, mas para recebê-la e seguir o que encontramos estabelecido. Se nos atormentamos pelo contrário isto só serve para nos atribuir uma dupla pena.

Após tudo isso, ela é muito perniciosa e prejudicial ao homem. Tão perigosa, que prejudica parecendo proveitosa. Sob a falsa aparência de socorrer-nos, ela ofende-nos, fingindo tirar-nos o ferro da ferida e afundando-o até o coração. É tão difícil de remediar a seus golpes e de romper suas empresas de romper que se torna um inimigo doméstico, alimentado e criado em nós mesmos, que engendramos para nossa própria pena.

De fora, totalmente alterada e disforme por causa de sua nova deformidade e extensão, ela desonra e torna o homem malfamado. Todo cuidado é pouco quando ela rompe nosso interior porque nos enche de vergonha a ponto de não ousarmos mostrar-nos em público, e até mesmo em particular, para nossos amigos. Uma vez atingidos por esta paixão não buscamos mais do que um canto onde encolher-nos, escondendo-nos da vista dos homens. Que significa isso, a não ser que ela condena-se a si mesma e reconhece o quão indecente é? Não diríamos que se assemelha à mulher surpresa em depravação, que se esconde e teme ser reconhecida? Observem suas vestimentas e roupas de luto estranhas e afeminadas: elas mostram que a tristeza tira todas as posturas e enfermidades das mulheres. Os trácios vestiam de mulher os homens estavam de luto. Alguém diz ainda que a tristeza torna os homens eunucos. As primeiras leis romanas, mais masculinas e generosas, proibiam estes lamentos afeminados, considerando horrível desnaturar-se desta forma e fazer coisa contrária à virilidade. Elas permitiam unicamente as primeiras lágrimas vindas do ápice da dor fresca e recente; lágrimas que podem cair até mesmo dos olhos dos filósofos, uma vez

que podem cair dos olhos sem que a virtude caia do coração, mantendo a dignidade junto à humanidade.

Além de murchar o rosto, de mudar e disfarçar o homem por fora de maneira desonesta, ela penetra ainda até à moela dos ossos. *Tristitia exsiccat ossa*. Ela murcha também a alma, perturba seu repouso, torna o homem inapto às coisas boas e dignas de honra. E retira-lhe o gosto, a vontade e a disposição para fazer algo que valha para si como para outrem, não somente para fazer o bem, mas ainda para recebê-lo. Isto porque até mesmo as boas fortunas que acontecem a ela desagradam-lhe; em seu espírito tudo irrita, como as carnes em um estômago devasso. Enfim, ela enche nossa vida de fel e envenena todas as nossas ações.

Ela possui graus; a grande e extrema, aquela que não vem de si mas que chega subitamente por surpresa e por alarme febril. Ela agarra, transe, tolhe o movimento e o sentimento como se fosse uma pedra, à semelhança da miserável mãe Níobe.

Dirigiut visu medio, calor ossa reliquit,

Labitur, et longo vix tandem tempore fatur.

O pintor que representou, no sacrifício de Efigênia, o luto dos parentes e amigos de forma diversa e gradual, chegando ao pai, pintou-o com o rosto coberto, como se a arte não pudesse exprimir suficientemente este último grau do luto. Nesse sentido ela pode às vezes até mesmo matar. A medíocre ou maior, que por algum lapso de tempo se soltou, se exprime por lágrimas, soluços, suspiros e reclamações. *Curae leves loquuntur, ingentes stupent.*

Avisos e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 29.

Da compaixão.

Capítulo XXXII.

Nós suspiramos com os aflitos e compartilhamos seus males; seja porque participamos ao mal uns dos outros por um consentimento secreto, seja porque tememos para nós o que acontece aos outros. Isto acontece de duas formas, assim como existe uma dupla misericórdia. Aquela muito boa, graças à vontade, socorre os aflitos sem perturbar-se ou afligir-se a si mesma, sem amolecer ou afrouxar a justiça e a dignidade. Trata-se da virtude tão recomendada pela religião, encontrada nos santos e nos sábios. A outra é uma paixão das almas fracas, uma piedade tola e feminina vinda da moleza perturbadora do espírito. Ela se aloja de bom grado nas mulheres, nas crianças, nas almas cruéis e nas maliciosas (que, por consequência, são temerosas e covardes, como no caso da crueldade) que se apiedam dos maus que sofrem. Ela produz efeitos injustos olhando unicamente a fortuna, o estado e a condição presentes, ao invés de olhar o fundo e o mérito da causa.

Avisos e remédios contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 30.

Do medo.

Capítulo XXXIII

O medo é a apreensão do mal a vir, perpetuamente presente em nosso cérebro, adiantando os males com os quais a fortuna nos ameaça. Não falamos aqui do medo de Deus, tão recomendado pela escritura; nem daquele vindo do

amor, que é um doce respeito pela coisa amada; nem do medo louvável nos sujeitos e nos inferiores, com relação a seus superiores. Falamos daquele vicioso que perturba e aflige, categoria do pecado e trabalho da vergonha, ambos de uma ninhada que resulta do maldito e clandestino casamento do espírito humano com a persuasão diabólica. *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me.*

É uma paixão falsa e maliciosa, que só tem poder sobre nós enganando-nos e seduzindo-nos. Ela se serve do futuro, que não vemos, jogando-nos em seu interior como em um lugar obscuro. Da mesma forma como fazem os ladrões, à noite: visando atacar sem ser reconhecido e exercer grande pavor com pouca força. Desta maneira atormenta-nos com máscaras de males, como fazemos com as fadas para as crianças; males de aparência simples que nada têm em si capaz de prejudicar : só são males porque os pensamos ser tais. Nossa apreensão transforma em um mal para nós o que não o é, tirando do nosso bem um mal com propósito de afligir-nos. Quantos vemos, todos os dias, que pelo medo de se tornar miseráveis, se tornaram efetivamente miseráveis e transformaram seus vãos medos em misérias reais? Quantos perderam seus amigos desconfiando deles, e quantos ficaram doentes pelo medo de sê-lo? Tal temeu tanto que sua mulher falsificasse sua lealdade, que secou de langor. Tal outro temeu tanto a pobreza que adoeceu. Outros ainda morrem por causa do medo que têm de morrer. Podemos dizer o mesmo de tudo o que tememos ou da maioria de nossos temores. O medo se limita assim a fazer-nos encontrar aquilo de que fugimos. O medo é certamente, de todos os males, o maior e mais infeliz. Os outros são males enquanto existem, a pena só resiste enquanto dura a causa. Já o medo, é medo daquilo que é, daquilo que não é, daquilo que talvez nunca será e até mesmo daquilo que nunca poderia ser. Eis uma paixão engenhosamente maliciosa e tirânica, que tira do mal imaginário dores verdadeiras e bem pungentes; se

mostrando ainda ambiciosa por correr na frente dos males e precedê-los pelo pensamento e pela opinião.

O medo nos preenche não somente de males e de falsas provas, mas estraga o bem que possuímos assim como o prazer da vida. É um inimigo do nosso repouso. Não pode haver prazer em gozar de um bem que tememos perder; a vida não pode ser aprazível se tememos morrer. Só pode trazer prazer, dizia um antigo, o bem para a perda do qual estamos preparados.

Essa estranha paixão, indiscreta e desconsiderada, decorre tanto do erro do julgamento, quanto do erro do coração. Ela vem dos perigos e nos joga nos perigos; porque engendra um anseio desconsiderado de sair do perigo que nos espanta, perturba e impede de manter a ordem necessária para sair do medo. Este traz uma violenta perturbação que faz a alma amedrontada se fechar em si mesma e se debater, cega ao meio de evitar o perigo que se apresenta. Além do grande desânimo que ele traz, nos envolve com tamanho espanto que perdemos o juízo e o discurso. E faz-nos fugir sem que ninguém nos persiga, com frequência de nossos amigos e do socorro. *Adeo pavor stiem auxilia formidat.* Alguns se tornaram insensatos e até perderam uso dos sentidos: têm olhos abertos mas não vêem, falam-lhe mas não escutam, querem fugir mas não podem caminhar.

O medo medíocre dá asas às nossos sapatos, o medo maior prega nossos pés e os embarça. Ele derruba e corrompe o homem por inteiro: o espírito – *Pavor, sapientiam omnem mihi ex animo expectorat* – assim como o corpo – *Obstupui, ateteruntque comae, vox faucibus haesit.* Algumas vezes acontece que o medo nos remeta à valentia, jogando-nos no desespero; como no caso da legião romana sob o cônsul Semprônio, contra Aníbal. *Auducem fecerat ipse*

timor. Há medos e temores sem nenhuma causa aparente que são como um impulso celeste, chamados de terrores pânticos. *Terrores de caelo, arescentibus hominibus prae timore*. Assim adveio uma vez à cidade de Cartagena; algumas vezes povos e exércitos inteiros são atingidos por ele.

Avisos e remédios particulares contra este mal se encontram no livro 3, capítulo 28.

Segunda consideração acerca do homem, em sua comparação com os outros animais.

Capítulo XXXIV.

Consideramos até aqui o homem inteira e simplesmente. Consideremo-lo agora em comparação com os outros animais: um belo meio de conhecê-lo. Esta comparação é muito extensa, possui muitas partes e requer grande ciência, mas é de grande importância e muito útil quando bem feita. Mas quem a fará? O homem? Ele é parte, é suspeito, e de fato não procederá de boa fé. Isto se vê pelo fato de não se aterem à medida nem à mediocridade. Algumas vezes se coloca acima de tudo como um mestre desdenhando todo o resto, talhando nos outros pedaços e distribuindo a porção de faculdades e de forças que lhe parece. Outras vezes, como por despeito, coloca-se muito abaixo, murmura, reclama, injúria a natureza como se fosse uma madrasta cruel, se vê como o refugo e o mais miserável do mundo. Ambos são igualmente contra a razão, a verdade e a modéstia. Como exigir que ele caminhe reta e igualmente com os outros animais se não o faz com o homem seu companheiro, nem com Deus? Esta comparação é também problemática pela dificuldade humana em conhecer os impulsos internos e secretos dos animais, o que se remói dentro deles. Estudemos e procuremos fazer esta comparação sem paixão.

Primeiramente, a polícia do mundo não é tão desigual, disforme e desregrada, e nem há tão grande desproporção entre suas peças. Tanto é que aquelas que se aproximam e se tocam se parecem umas com as outras. Há pois grande vizinhança e parentesco entre o homem e os outros animais. Eles têm várias coisas semelhantes e comuns, e têm também diferenças, mas não tão distantes e dessemelhantes que elas não se possam ligar de alguma maneira. O homem não se encontra acima ou abaixo de forma absoluta: diz a sabedoria de deus que tudo o que se encontra sob o Céu corre mesma fortuna.

Falemos primeiramente das coisas que lhes são comuns e mais ou menos iguais como: engendrar, alimentar, agir, mover, viver e morrer. *Idem interitus hominis et jumentorum: et aequa utriusque conditio.* E nos posicionaremos contra aqueles que reclamam, dizendo que o homem é o único animal desgraçado por natureza, abandonado, nu sobre a terra nua, sem cobertura, sem armas, atado, esganado, sem instrução sobre o que lhe é próprio; enquanto os outros seriam revestidos de conchas, frutos, cascas, pelos, lã, tufo, plumas ou escamas. E estariam também armados com grandes dentes, chifres, garras para assaltar e se defender. E instruídos para nadar, correr, voar, cantar, buscar seu pasto sendo que o homem não sabe caminhar, falar, comer ou fazer nada sem aprendizado e pena a não ser chorar. Todas estas reclamações dizendo respeito à composição primeira e condição natural são injustas e falsas. Nossa pele é tão provida contra as injúrias do tempo quanto à deles, como testemunham muitas nações que ainda não sabem o que é a vestimenta. Podemos levar descobertas as partes que desejamos, até mesmo as mais ternas e sensíveis como a face, a mão, o estômago e o peito, até mesmo nas damas mais delicadas. As ligaduras e enfaixamentos não são necessários como testemunham os lacedemônios e agora os suíços e alemães, que moram em países frios ou os bascos e os vagabundos

que se dizem egípcios. O chorar também é comum aos animais. A maior parte deles reclama e geme algum tempo depois de seu nascimento. Quanto às armas naturais, temos mais movimentos nos membros e tiramos deles mais serviços; naturalmente, e sem lição. Se alguns animais nos ultrapassam neste ponto, nós ultrapassamos outros. A alimentação é totalmente natural e sem instrução tanto em nós como neles. Quem duvida que uma criança, tendo alcançado a idade para se alimentar, não saiba buscar sua comida? A terra produz o alimento e oferece o suficiente para sua necessidade, sem cultura ou artifício, como testemunham tantas nações que, sem lavra, indústria e cuidado algum vivem abundantemente. Quanto ao falar, podemos dizer que, se não for natural, também não é necessário, mas é comum ao homem e aos animais. O falar não é outra coisa do que a faculdade que vemos neles de reclamar, se regozijar, pedir por socorro, se convidar ao amor. Nós falamos por gestos, pelos movimentos dos olhos, da cabeça, das mãos, dos ombros (em que se fazem sábios os mudos) e assim fazem os animais, como vemos naqueles que, mesmo não tendo voz fazem os ofícios mútuos. Assim como em certa medida os animais nos entendem, também nós os entendemos. Eles nos lisonjeiam, nos ameaçam, nos requerem, e nós a eles. Nós lhes falamos, e eles à nós, e se nós não nos entendemos perfeitamente, de quem a culpa? A eles ou a nós? Adivinhem. Eles podem considerar-nos idiotas por causa disto, como nós os estimamos. E podem ainda censurar-nos porque não nos entendemos entre nós mesmos. Não entendemos os bascos, os bretões, e eles se entendem todos, não somente entre uma mesma espécie, mas ainda entre as diversas. Com certo latir do cachorro o cavalo entende que há cólera, e em outra voz ele sabe que não há.

No mais eles se entendem conosco. Na guerra, nos combates, os elefantes, os cachorros, os cavalos se entendem conosco, fazem seus movimentos

concordando em perseguir, parar, dar, recuar. Pagamos soldo e parte do despojo, como se praticou na nova conquista das Índias. Eis coisas comuns a todos e mais ou menos semelhantes.

Venhamos às diferenças e vantagens de uns sobre os outros. Em algumas coisas o homem é singular e excelente com relação aos animais, em outras coisas os animais estão acima do homem. E assim todas coisas entrelaçam-se e encadeiam-se no governo geral do mundo e da natureza. As vantagens certas do homem são as grandes faculdades da alma, a sutileza, vivacidade e suficiência de espírito para inventar, julgar e escolher. A palavra para pedir e oferecer ajuda e socorro, a mão para executar o que o espírito inventa, e aprende com outros. A forma do corpo, a grande diversidade de movimento dos membros, dos quais obtém mais serviço.

As vantagens certas e indiscutíveis dos animais são gerais ou particulares. As gerais são a saúde inteira, forte e constante e o vigor do corpo. Tanto é que entre eles não se encontram tantos zanolhos, surdos, mancos, mudos, doentes, defeituosos e mal nascidos como entre os homens. O sereno não lhes prejudica e não estão sujeitos à congestão responsáveis por quase todas as doenças, das quais o homem, coberto por teto e pavilhão mal pode se esconder. A moderação de apetites e ações, a inocência, a segurança, o repouso e a tranquilidade de vida, a liberdade plena, inteira, sem vergonha, sem medo nem cerimônia das coisas naturais e lícitas (o homem é o único a furtar-se e esconder-se em suas ações, cujos defeitos e imperfeições ofendem seus companheiros), assim como a isenção de vícios, de desregramentos, de superstição, de ambição, de avareza e de inveja. Nem mesmo os sonhos os perturbam à noite como ao homem, ou tantas fantasias e pensamentos. Vejamos então as vantagens particulares. Temos a habitação e a

moradia pura, alta, sã e prazerosa dos pássaros na região aérea. A suficiência em algumas artes, como a construção por parte das andorinhas e outros pássaros, tecer e costurar por parte das aranhas, a medicina por parte de vários animais, a música por parte dos rouxinóis. Os efeitos e propriedades maravilhosas, inimitáveis, até mesmo inimagináveis, como a propriedade do peixe de Remora em parar o maior dos navios do mar, como vemos sobre a galera capitã de Marco Antônio e o mesmo sobre a de Calígula. Ou a propriedade da enguia em adormecer os membros de outrem à distância e sem tocá-lo, a do ouriço de pressentir os ventos, a do camaleão e a do polvo de reproduzir as cores. Os prognósticos das aves em suas passagens de uma região à outra em função das diversas estações; os das mães animais em reconhecer qual o melhor dentre todos seus filhotes já que quando se trata de salvá-los do perigo, ou de trazê-los ao ninho, elas começam sempre pelo melhor, que sabem e prognosticam como tais. Em todas estas coisas o homem é muito inferior, em muitas ele não vale absolutamente nada. Se quisermos, podemos acrescentar o cumprimento da vida, que em certos animais passa sete ou oito vezes o mais longo termo do homem.

São várias as vantagens que o homem pretende ter sobre os animais. Ora, elas são discutíveis e talvez, pelo contrário, sejam na verdade vantagens dos animais sobre os homens. Primeiramente as faculdades racionais, ou seja os discursos, o raciocínio, a disciplina, o julgamento e a prudência. Devemos dizer aqui duas coisas, uma diz respeito à verdade do fato. É uma grande questão de saber se os animais são privados de todas estas faculdades espirituais: a opinião que sustenta que elas não são privadas destas faculdades mas que as possuem é a mais autêntica e verdadeira. Ela é sustentada pelos mais sérios filósofos como Demócrito, Anaxágoras, os Estoicos, Galeno, Porfírio e Plutarco. Ela é sustentada pela seguinte razão: a composição do cérebro, parte da qual a alma se serve para

raciocinar, é igual e a mesma nos animais e nos homens, o que é confirmado pela experiência. Os animais concluem os universais dos singulares, conhecem todos os homens se limitando unicamente ao olhar de um homem, sabem unir e dividir, distinguir o bem do mal para sua vida, para sua liberdade, e a de seus filhotes. Se quisermos ir mais longe, podemos inclusive ler e ver vários traços feitos pelos animais que ultrapassam a suficiência, a sutileza, e todo o engenho do comum dos homens. Desejo apontar aqui para alguns dos mais assinalados. A raposa, querendo passar sobre o gelo de um rio congelado, coloca a orelha contra o gelo para sentir se há barulho e se a água corre por baixo, para saber se é preciso avançar ou recuar. Destas se servem os trácios, quando querem passar um rio congelado. O cachorro, para saber por qual dos três caminhos teria ido seu mestre ou o animal que ele busca, depois de ter cheirado e ter se assegurado de que ele não passou por dois dentre eles por não sentir aí o vestígio, sem mais hesitar nem cheirar se lança ao terceiro. A mula do filósofo Tales carregando sal e atravessando um riacho mergulhava dentro dele com a carga para torná-la mais leve, tendo-o descoberto uma vez ao cair aí por acidente. Tendo depois sido carregada com lã, ela não mergulhava mais na água. Plutarco diz uma vez ter visto em um barco um cachorro jogando pedras em uma vasilha, para fazer subir o óleo que estava muito baixo. O mesmo se diz dos corvos da Barbária que, para fazer subir a água que querem beber quando ela está baixa. Da mesma forma, os elefantes enchem uma fossa onde um companheiro seu se encontra engajado carregando pedras e peças de madeira para dentro dela no intuito de lhe ajudar a sair. Os bois dos jardins reais de Suse ensinados, para tirar água e regar os jardins, a dar cem voltas de roda em volta de um poço, nunca queriam fazer mais e não erravam nunca a conta. Como poderiam fazer todas estas coisas sem discurso e raciocínio, conjunção ou divisão? Não percebê-lo é que designa a falta

de raciocínio. E a destreza para tirar e arrancar dardos e venábulo dos corpos com muito pouca dor por parte dos elefantes? E o cachorro de que fala Plutarco, em um jogo público imitava um morto sobre o andaime esticando-se, tremendo, endurecendo, e deixando-se levar; em seguida, pouco a pouco, voltando e levantando a cabeça imitava o ressuscitado? Quantas macaquices e golpes estranhos não fazem os cachorros dos saltimbancos? E as astúcias e invenções com que os animais protegem-se das empresas que fazemos contra eles? E o cuidado e grande previdência das formigas ao estender seus grãos de fora para ventilá-los e secá-los evitando o apodrecimento e a corrupção, e que ainda roem a ponta do grão para que ele não germine e nem se torne semente? E a polícia das moscas à mel, que possuem tão grande diversidade de ofícios e de cargos, assim como tão grande constância?

Para rebater tudo isto, alguns maliciosamente relacionam todas estas coisas a uma inclinação natural, servil e forçada. Como se os animais agissem por uma necessidade natural à maneira das coisas inanimadas, como a pedra caindo e o fogo subindo. Não só não poderia ser assim como não poderíamos imaginá-lo, pois é preciso saber enumerar as partes, comparar, discorrer por conjunção e divisão, e ainda tirar conclusões. Além do mais não saberiam dizer o que é esta inclinação e instinto natural. São palavras que usurpam de forma errônea para não permanecerem surdos e mudos. Mais ainda, dizer isto se volta contra eles pois agir pela natureza é incomparavelmente mais nobre, honrado e próximo à divindade do que agir por arte e por aprendizado. É melhor ser conduzido e levado pela mão de Deus do que pela sua, e mais regrado agir por condição natural e inevitável do que por liberdade fortuita e temerária.

Por esta oposição ao instinto natural eles os querem também privar de

instrução e disciplina ativa tanto quanto passiva, mas a experiência o desmente. Pois eles as recebem, como testemunham os corvos, os papagaios, o melro, os cachorros, os cavalos, os rouxinóis e sobretudo os elefantes, que ultrapassam todos os animais em docilidade e em todo tipo de disciplina ou suficiência.

Quanto à faculdade de espírito de que os homens se glorificam tanto, de espiritualizar as coisas corpóreas e ausentes despojando-as de qualquer acidente, concebendo-as à sua moda, *nam intellectum est in intelligente ad modum intelligentis*, os animais fazem o mesmo. O cavalo, acostumado com a gerra, quando está dormindo em sua liteira treme e estremece como se estivesse na peleja e concebe um exército do som de tambor ou trompeta. O labrador arquejando no sonho alonga o rabo e sacode o curvejão, concebendo uma lebre espiritual. Os cachorros de guarda sonhando murmuram e até latem imaginando um estranho chegar. Para concluir este primeiro ponto, é preciso dizer que os animais raciocinam, usam discurso e julgamento, mas mais fracamente e imperfeitamente do que o homem. Eles são inferiores nisto ao homem, e não porque elas não tenham nenhuma parte nisto. Eles são inferiores ao homem, da mesma forma que entre os homens uns são inferiores aos outros, existindo tal diferença também entre os animais. No entanto, existe mais diferença entre os homens. Como mostraremos em seguida, há uma maior distância do homem para o homem que do homem para o animal. Por tudo isso, não podemos inferir uma igualdade ou paridade do animal com o homem (apesar de que como diz Aristóteles, há homens tão fracos e abobados que só diferem do animal pelo rosto) nem que a alma brutal seja imortal como a humana ou a humana mortal como a brutal. Tudo isto são invenções maliciosas. Além de possuir por esta faculdade de raciocinar uma vantagem muito grande sobre os animais, o homem possui ainda outras faculdades mais elevadas e totalmente espirituais, pelas quais

é dito imagem e semelhança de Deus, e é capaz ainda de imortalidade. Os animais não participam destas faculdades que são significadas pelo intelecto, uma vez que representam mais do que o raciocínio simples. *Nolit é fieri sicut equus et mulus in quibus non est intellectus.*

Outro ponto a ser destacado acerca desta matéria é a preeminência e vantagem do entendimento, e outras faculdades espirituais que o homem pretende, vendidas muito caro porque lhe trazem mais males que bens e por serem a fonte principal dos males que oprimem os homens. Vícios, paixões, doenças, irresolução, perturbação, desespero, estão ausentes nos animais graças a esta desvantagem como testemunha o porco de Pirro que comia tranquilamente no navio durante a grande tempestade que transia de medo todas as pessoas que ali estavam. Parece que estas grandes partes da alma foram negadas aos animais ou pelo menos suprimidas e entregues débeis e fracas para seu grande bem e repouso, e dadas ao homem para seu grande tormento. Por elas ele agita-se, perturba-se, encoleriza-se com o passado, se espanta e se perturba com o futuro. Ele até mesmo imagina, apreende e teme males que não existem e não existirão. Os animais não apreendem o mal a não ser quando o sentem e quando escapam sentem-se em plena segurança e repouso. Eis porque o homem é o mais miserável quando pensa ser o mais feliz. Teria valido mais o homem não ter sido dotado e guarnecido com todas estas armas belas e celestes, já que ele as volta contra si para seu mal e sua ruína. De fato, os estúpidos e os fracos de espírito vivem mais em repouso, e têm melhor ajuste com os males e acidentes do que os muito espirituais.

Outra vantagem do homem sobre os animais é o senhorio e o poder no comando, que ele pensa ter sobre aqueles. Além de ser uma vantagem que os

homens mesmos têm e exercem uns sobre os outros, isto não é bem verdade. Onde está o comando do homem e esta obediência dos animais? Isto é uma quimera, e os homens temem mais os animais do que estes os homens. O homem tem na verdade grande preeminência acima dos animais, *ut praesit piscibus maris, volatilibus caeli, bestiis terrae*, por causa de sua bela e reta, de sua sabedoria e prerrogativa de seu espírito, não que ele comande, nem que eles obedeçam.

Outra vantagem semelhante, erroneamente pretendida pelo homem, consiste na plena liberdade, censurando a servidão, o cativeiro e a sujeição nos animais. Ora, existe muito mais razão e ocasião de censurá-lo no homem, como testemunham os escravos feitos à força, os que descendem deles, os voluntários, os que vendem por alguns tostões sua liberdade, ou os que a dão com felicidade no coração ou então por alguma comodidade, como os esgrimistas antigos em exagero, as mulheres à suas damas e os soldados a seus capitães. Não há nada disso entre os animais. Eles não se escravizam nunca uns aos outros. Não caminham para a servidão nem ativa nem passivamente, nem para escravizar nem para ser escravizado. Assim são em todas as formas mais livres do que os homens. O homem vai à caça, toma, mata e come os animais, mas também ele é tomado, morto, comido (e não somente por eles, mas por seu companheiro, por um outro homem, coisa muito vil) e de maneira mais nobre e viva, não por fineza e por arte como ele faz. Os animais não se unem em tropa para ir matar, destruir, assolar e tomar por escravo uma tropa de semelhantes como fazem os homens.

A quarta e grande vantagem pretendida pelo homem é a virtude, mas a moral é discutível. Entendo por moral a ação externa pois, formalmente, a moralidade boa ou má, virtude e vício (que somente existe com franco arbítrio,

sendo matéria de mérito e demérito) não existe no animal. O reconhecimento, a amizade prestativa, a fidelidade, a magnanimidade e tantas outras, que consistem em sociedade e conversação, são bem mais vivas, mais expressas e constantes neles do que no comum dos homens. Hircanos, cachorro de Lisímaco, permaneceu sobre a cama de seu mestre morto sem querer comer nem beber e se jogou ao fogo onde foi colocado o corpo de seu mestre, se deixando queimar com ele. O mesmo fez um outro pertencente a um certo Pirro. O do sábio Hesíodo descobriu o assassino de seu mestre. Um outro fez o mesmo na presença do rei Pirro e de todo seu exército. Um outro, afirma Plutarco, não cessou de ir de vila em vila até que tivesse levado em justiça o sacrílego e ladrão do templo de Atenas. É famosa a história do leão, visto por Apion em Roma, que hospedou e alimentou o escravo Androdo, que foi seu médico, e que ele não quis tocar quando este foi exposto. Um elefante que matou seu governador de raiva, arrependido não quis mais viver, beber ou comer. Pelo contrário não há no mundo animal injusto, ingrato, sem reconhecimento, traidor, pérfido, mentiroso e dissimulado como o homem. Aliás, como a virtude está na moderação dos apetites e no freio das volúpias, os animais são bem mais regrados do que nós, e se contêm melhor dentro dos limites da natureza. Eles não são tocados pela cupidez nem subjugados por paixões não naturais, supérfluas e artificiais, todas viciosas e infinitas, nos quais mergulhou a maioria dos homens. Nos apetites naturais como o beber e o comer, a ligação entre os machos e as fêmeas eles são muito mais moderados e retidos. Para ver quem é o mais virtuoso e o mais vicioso entre o homem e o animal, e causar vergonha no homem frente ao animal, tomemos a virtude mais própria e conveniente ao homem, e que leva seu nome: a humanidade; assim como o vício mais estranho e contrário: a crueldade. Os animais fazem facilmente enrubescer os homens com estas oito palavras: eles não

atacam e não ofendem os de seu gênero. *Major serpentum ferarumque concordia quam hominum*. Eles só combatem por causas grandes e justas, pela defesa e conservação da vida, por sua liberdade e a de seus filhotes. E o fazem com suas armas naturais e abertas, pela única força viva e pela valentia. Uma a uma, em duelos e não com tropas determinadas, seus combates são curtos e terminam tão logo um seja ferido ou ceda. Terminado o combate, a disputa, o ódio e a cólera também terminam. O homem só se disputa contra o homem por causas ligeiras, vãs, frívolas e com frequência injustas. Com armas artificiais e traidoras, pelas fraudes e por meios escusos, em tropa e assembleia feita com desígnio, suas guerras são longas e sem fim até a morte. Não podendo mais prejudicar, o ódio e a cólera ainda duram.

A conclusão desta comparação é que em vão o homem se glorifica com relação aos animais. Se o homem tem alguma coisa a mais que eles como a vivacidade de espírito, o entendimento, e as grandes faculdades da alma; por outro lado, está sujeito à mil males de que os animais não sofrem: como a inconstância, a irresolução, a superstição, o cuidado trabalhoso com as coisas futuras, a ambição, a avarizia, a inveja, a curiosidade, a detração, a mentira, um mundo de apetites desregrados, de descontentamentos e de aborrecimentos. O espírito que o homem festeja lhe traz um milhão de males e mais ainda quando agita-se e esforça-se. Não somente ele prejudica o corpo perturbando, rompendo e cansando sua força e suas funções, mas ainda impede-se a si mesmo. Quem joga os homens na loucura, na mania, senão a ponta, a agilidade e a força própria do espírito? As mais sutis loucuras e excelentes manias vêm das mais raras e vivas agitações do espírito, como das maiores amizades nascem as maiores inimizades, e das saúdes vigorosas as doenças mortais. Os melancólicos, diz Platão, são mais capazes de ciência e de sabedoria, mas também de loucura.

Quem olha bem percebe que, nas elevações e ímpetos da alma livre há um grão de loucura. Estas são, na verdade, coisas muito próximas.

Para viver simplesmente e bem, segundo a natureza, os animais têm vantagem pois vivem mais livres, seguros, moderados e contentes. Sábio é o homem que os considera, que tira deles lição e proveito. Ao fazê-lo ele se forma da inocência, da simplicidade, da liberdade e da doçura natural que reluz nos animais e que está toda alterada e corrompida em nós por invenções artificiais e por desordens. O espírito e o julgamento que dizemos ter a mais que eles é abuso. Deus com tanta frequência nos remete à escola e ao exemplo dos animais; da águia, da cegonha, da andorinha, da rola, da formiga, do boi, do asno e tantos outros. É preciso lembrar-se que existe um comércio entre nós, uma relação e obrigação mútua, no mínimo pelo fato de terem o mesmo mestre e de serem da mesma família que nós. É indigno usar a crueldade contra eles. Se devemos justiça aos homens, devemos graça e benevolência às outras criaturas também capazes delas.

Terceira consideração acerca do homem: por sua vida.

Da estimativa, da brevidade, da descrição da vida humana e de suas partes.

Capítulo XXXV.

Saber estimar a vida, mantê-la, conservá-la, perdê-la ou abandoná-la, guardá-la e conduzi-la na justa medida é um primeiro e grande ponto de sabedoria. Não há provavelmente nada em falhemos mais e de que sejamos mais afastados. O homem vulgar e imperito a considera um bem soberano e a prefere do que todas as coisas; a ponto de resgatá-la e alongá-la em todas as condições imagináveis, pensando que ela nunca seria comprada caro demais. Pois é tudo, é

sua palavra: *vita nihil carius*. Ele estima e ama a vida por amor dela mesma, e não vive senão para viver. Não é surpreendente que falhe em todo o resto, que seja cheio de erros já que desde a entrada e, neste primeiro ponto fundamental, ele se equivoca tão profundamente. Ela poderia também ser muito pouco estimada, por um desconhecimento insuficiente ou orgulhoso. Caindo em mãos boas e sábias, ela pode ser um instrumento útil para si e para outrem. Não posso concordar com esta opinião simples segundo a qual é muito bom não ser absolutamente, e que a melhor vida é a mais curta. *Optimum non nasci aut quam citissime aboleri*. Não dizem com suficiência nem sabiamente dito que e que pouco importa que tivéssemos existido? Podemos replicar perguntando onde estaria o bem que veio? E se não tivesse vindo, não teria sido mal? A falta do bem é um tipo de mal, qualquer que seja, mesmo que não necessário. Estas extremidades são muito extremas e viciosas, ainda que de forma desigual. Parece verdadeiro o que disse um sábio: a vida é um bem que ninguém desejaria se fôssemos avisados de que se trata antes de tomá-la. *Vitam nemo acciperet si daretur acientibus*. Ela agrada quando estamos nela, mas antes de ver a entrada somos levados cegamente. Encontrando-nos dentro dela, uns ligam-se apaixonadamente e de maneira muito forte de forma a não querer sair dela por qualquer preço que seja. Os outros não fazem mais do que murmurar e despeitar. Já os sábios, vendo que se trata de uma venda feita sem eles (não se vive nem se morre quando nem como se deseja), sabem que apesar de rude e difícil, não dura para sempre. Sendo assim, sem resistir ou perturbar-se, os sábios acomodam-se como podem, conduzem-se com muita suavidade e fazem da necessidade virtude: traço de sabedoria e habilidade. Fazendo isto vivem tanto quanto devem e não tanto quanto podem, como os tolos. Há o tempo de viver e o tempo de morrer. Morrer bem vale mais do que viver mal, e o sábio vive tanto que seu viver vale mais do que o morrer, já

que a vida mais longa nem sempre é a melhor.

Todos reclamam muito da brevidade da vida humana, não somente o simples e o popular, que não querem nunca sair dela mas, o que é mais estranho, também os grandes e os sábios fazem disso o principal assunto de suas reclamações. Na verdade a maior parte da vida se dispersa e se emprega em outro lugar, não restando quase nada; pois o tempo da infância, da velhice, do dormir, das doenças do espírito ou do corpo e de tantas outras coisas é inútil e impotente para fazer qualquer coisa que valha. Esta parte desfalcada e rebaixada, o resto é pouco. Sem trazer a posição contrária, que toma a brevidade da vida por um grande bem e por um dom da natureza, parece que esta reclamação não tem justiça nem razão, vindo antes da malícia. De que serviria uma vida mais longa? Para viver simplesmente, respirar, comer, beber, ver este mundo? Para que precisaríamos de tanto tempo? Vimos, soubemos, experimentamos tudo em pouco tempo. Isto posto, para quê serviria ainda querer recomeçar sempre? Quem não se entorpeceria em fazer sempre a mesma coisa? Se não é deplorável, pelo menos é supérfluo. É um círculo rolando onde as mesmas coisas não fazem senão se afastar e se aproximar, é sempre recomeçar e reiniciar a mesma obra. Seria para aprender e aproveitar mais dela, e chegar a um mais amplo conhecimento e virtude? Que boa gente somos, para quem não nos conhecesse, aproveitamos muito pouco o que nos dão e perdemos a maioria, empregando-o com a vaidade e a inutilidade, com a malícia e com o vício, gritando e reclamando em seguida que não nos dão o suficiente. De que nos serve aliás tanta ciência e experiência, já que no final é preciso desalojarmo-nos, e desalojando-nos de repente esquecemos e perdemos tudo; ou melhor ainda, de que nos serve de toda forma saber tudo? Mas, você diz, há animais que triplicam e quadruplicam a vida do homem. Deixo de lado as fábulas com relação a isto: que seja: existem também, e

em maior número, os que não aproximam e vivem um quarto do homem e poucos há que chegam a seu termo. Por que direito, razão ou privilégio seria preciso que o homem vivesse mais do que todos? Por ele empregar sua vida melhor do que os outros, para coisas mais elevadas e mais dignas? Se assim fosse ele deveria viver menos do que todos, pois não existe nada semelhante ao homem no mal uso da vida para a maldade, a ingratitude, a dissolução, a intemperança, e para todo o desregramento dos hábitos, como foi dito e mostrado acima em sua comparação com os animais. Desta maneira, como perguntava antes, para que serviria uma vida mais longa; e digo, quantos males não haveria a mais no mundo se a vida do homem fosse mais cumprida? O que ele não empreenderia, se a brevidade que corta-lhe o caminho e rompe-lhe o dado assim como a incerteza que tira toda coragem não conseguisse pará-lo, já que vive como se devesse sempre viver? É verdade que, por um lado, sentindo-se mortal ele teme; mas não pode evitar a cobiça, a espera, e os empreendimentos como se fosse imortal. *Tanquam semper victuri vobis fragilitas vestra succurrit: omnia tanquam mortales timetis, tanquam immortales concupiscitis.* E para quê a natureza precisaria de todos estes belos e grandes empreendimentos e ocupações, que fazem-no pensar que pertencer-lhe uma vida mais longa do que a de todos os animais? O homem não tem nenhuma razão para reclamar, mas sim para irritar-se. Temos vida suficiente, mas não somos bons governadores de nossas vidas. Ela não é curta, mas nós a tornamos tal. Não somos necessitados, mas pródigos. *Non inopes vitae, sed prodigi.* Nós a perdemos, dissipamos e desvalorizamos, como se fosse um nada que deborda. Caímos todos em um destes três erros: empregá-la mal, empregá-la para nada ou empregá-la em vão. *Magna vitae pars elabitur male agentibus, maxima nihil agentibus, tota aliud agentibus.* Ninguém estuda para viver pois somente nos ocupamos com as outras coisas. Não saberíamos fazer nada de bom por aquisição

se não empregássemos o cuidado e a atenção. Que loucura e miséria manter a vida até um ponto em que não se pode mais viver e gozar da vida quando nada mais resta do que borra e bagaço! Alguns ao invés de começar a viver terminam e partem sem ter pensado a vida. *Quidam vivere incipiunt cum desinentum, quidam ante desierunt quam inciperent, inter caetera mala hoc quoque habet stultitia, semper incipit vivere.*

A vida presente se limita à entrada e à saída de uma comédia, à um fluxo perpétuo de erros, à uma tecelagem de aventuras, à uma continuação de diferentes misérias acorrentadas por todos os lados. Dela somente verte o mal, nela somente se prepara o mal, uma vez que o mal leva ao mal, como uma onda empurra a outra. A pena está sempre presente e a sombra do bem nos decepciona. A bobagem e a cegueira possuem o começo da vida, a pena e o trabalho tomam conta do meio, o fim por sua vez é tomado pela dor: ela se encontra inteiramente no erro.

A vida humana tem suas incomodidades e misérias comuns, ordinárias e perpétuas. Ela as tem também particulares e distintas, segundo as diferentes partes, idades, e estações: infância, juventude, virilidade, velhice; cada uma com suas taras próprias e particulares. A maioria do mundo fala da velhice com mais honra e favoravelmente, como se fosse mais sábia, madura, moderada, para acusar e fazer enrubescer a juventude como se fosse viciosa, louca, devassa. Mas isto é injusto. Na verdade, os defeitos e vícios da velhice são mais numerosos, maiores nem mais importunos do que os da juventude. Ela prega muito mais rugas em nosso espírito do que em nosso rosto, e não existem almas que, ao envelhecer, tenham o cheiro do amargo e do mofo. Com o corpo o espírito se desgasta e piora, tornando-se enfim criancice *bis pueri senes*. A velhice é uma

doença necessária e poderosa que nos enche imperceptivelmente de inúmeras imperfeições. Queremos chamar de sabedoria uma dificuldade de humores, um pesar e desgosto das coisas presentes, uma impotência de fazer o que devemos. A sabedoria é muito nobre para se servir de tais ofícios. Envelhecer não significa tornar-se sábio nem abandonar os vícios, mas somente mudá-los, e para piores. Se a velhice condena a volúpia é porque ela é incapaz de prová-la; como o cachorro de Esopo ela diz que não quer mais porque não pode mais gozar daquilo. Ela não abandona propriamente as volúpias, são elas que a desdenham, pois estão sempre alegres e durante festa a impotência não deve corromper o julgamento, que na juventude conhece o vício pela volúpia, e na velhice a volúpia pelo vício. Os vícios da juventude são a temeridade, a prontidão indiscreta, a devassidão e o transbordamento nas volúpias: coisas naturais provenientes de um sangue fervente, vigor e calor naturais, e por isso desculpáveis. Mas os da velhice são outros. Os ligeiros são o orgulho caduco e vão, a tagarelice enfadonha, os humores espinhosos e insociáveis, a superstição, o cuidado com as riquezas quando seu uso se perdeu, uma tola avareza e medo da morte. Este não vem propriamente da falta de espírito e de coragem, como se diz, mas do fato que o velho acostumou-se, acomodou-se e de certa forma ligou-se demais a este mundo que ele tanto ama, o que não acontece com os jovens. Além disto há inveja, malignidade e injustiça. Mas o mais tolo e ridículo da velhice é que ela quer ser apreendida e temida, tomando para isso uma arrogância austera e desdenhosa, pensando extorquir com isto o medo e obediência, mas somente obtém o riso. Esta feição orgulhosa e tirânica é recebida com gozação e risada por parte da juventude que se exerce a enganá-la e diverti-la com o projeto e complô de ocultar-lhe e disfarçar dela a verdade sobre as coisas. Na velhice existem tantos erros e também tanta impotência, e ela é tão propícia ao desprezo que a

melhor aquisição que ela pode desejar e fazer é a afeição e a amizade, uma vez que o comando e o medo não são mais suas armas. Fazer-se temer cai-lhe tão mal que, mesmo que ela pudesse fazê-lo, deveria antes fazer-se amar e honrar.

Quarta consideração moral do homem: os seus hábitos, humores e condições; seu viver bem e de forma notável.

Prefácio

Todas as pinturas e descrições que os sábios e os que estudaram muito a ciência humana deram do homem parecem concordar e atribuir ao homem quatro coisas: a vaidade, a fraqueza, a inconstância e a miséria. Por isto o chamam de despojo do tempo, de brinquedo da fortuna, de imagem da inconstância, de inveja e de miséria, de sonho, de fantasma, de cinza, de vapor, de orvalho da manhã, de flor imediatamente desabrochada e murcha, de vento, de feno, de bexiga, de sombra ou de folhas de árvores levadas pelo vento. Chamam-no ainda de semente e de esponja de lixo em seu começo, de saco de misérias em seu meio, de fedor e de carne de vermes em seu fim. Enfim, é a coisa mais calamitosa e miserável do mundo. Jó, um dos mais suficientes nesta matéria em teoria e na prática, o o representou minuciosamente; e depois dele, em seus livros, o fez Salomão. Plínio, resumindo, parece tê-lo bem representado, dizendo que é o ser mais miserável e o mais orgulhoso de todos os que existem no mundo. *Solum ut certum sit nihil esse certi, nec miserius quicquam homine aut superbis.* Com a primeira palavra (miserável) ele recobre todas as pinturas precedentes e tudo o que os outros disseram. Com a segunda (o mais orgulhoso) ele toca um outro assunto muito importante, parecendo com estas duas palavras ter dito tudo. A miséria e o orgulho, a vaidade e a presunção são coisas que parecem chocar-se e impedir-se. O homem é uma costura estranha e monstruosa.

Por ser composto de duas peças muito diversas que são o espírito e o corpo, o homem é dificilmente bem descrito por inteiro e de uma vez. Alguns atribuem ao corpo tudo o que se pode dizer de ruim do homem, fazendo-o excelente pelo olhar do espírito que eleva-o acima de tudo. Pelo contrário, tudo o que há de mal, não somente no homem mas no mundo, é forjado e produzido pelo espírito. Existe muito mais vaidade, inconstância, miséria e presunção no espírito do que no corpo. Comparado ao espírito, o corpo tem pouca coisa a ser censurada, tanto é que Demócrito chama o espírito de mundo escondido de misérias, e Plutarco o prova com um livro específico sobre este assunto. Consideremos então o homem de forma mais profunda do que foi feito até agora e surpreendemo-lo em suas fraquezas. Trataremos tudo através de cinco pontos: a vaidade, a fraqueza, a inconstância, a miséria e a presunção, suas qualidades mais naturais e universais; sendo que as duas últimas lhe são mais próprias. Há ainda coisas comuns a várias dentre elas e que não podemos atribuir a uma só, especialmente no que diz respeito à fraqueza e à miséria.

Da vaidade.

Capítulo XXXVI

A qualidade mais essencial e própria da natureza humana é a vaidade. Não há outra coisa no homem. Seja malícia, infelicidade, inconstância, irresolução (encontramos sempre tudo isso com fartura) tanto como de vil inanição, tolice e vaidade ridícula. Demócrito tinha mais razão de rir e gozar com desdém da condição humana, do que Heráclito de chorar e afligir-se, testemunhando dar-lhe importância e estimá-la. E Diógenes com seu ar pretensioso mais do que Timon que tinha rancor e fugia dos homens. Píndaro expressou a vaidade mais profundamente do que qualquer outro com as coisas mais vãs do mundo,

chamando-o de sonho de sombra: σκευς ὄνειρος ἄνθρωπος.

Isto levou os sábios a um tão grande desprezo pelos homens. Ouvindo falar de um grande projeto ou um belo empreendimento, julgando-o tal, costumavam dizer que o mundo não valia que nos déssemos trabalho por ele (assim respondeu Statílio à Brutus lhe falava da conspiração contra César). O sábio só deve fazer as coisas para si, não há razão para que estes e a sabedoria se coloquem em perigo pelos tolos. Esta vaidade se demonstra e é testemunhada de várias maneiras. Primeiramente em nossos pensamentos e conversas privadas, com frequência mais do que vãos, frívolos e ridículos, apesar de consumirmos com eles grande parte do tempo sem percebê-lo. Entramos, permanecemos e saímos deles insensivelmente: sinal de dupla vaidade e grande desatenção consigo mesmo. Alguém passeando em uma sala busca medir com exagero seus passos de uma certa maneira sobre os ladrilhos ou tábuas do chão. Um outro delibera longa e atentamente em seu espírito como se comportaria se fosse rei, papa, ou outra coisa que sabe nunca poder ser. Assim se apascenta de vento e de menos ainda. Um outro pensa como poderá compor seu corpo, sua postura, sua atitude e suas palavras de maneira afetada, comprazendo-se em fazê-lo como se isso lhe caísse muito bem e agradasse a todos. Que vaidade e inanidade mais tola em nossos desejos e votos, que dão nascimento a crenças e a esperanças ainda mais vãs. Tudo isto não advém somente quando não temos nada para fazer e estamos entorpecidos pela ociosidade, mas com frequência no meio e no auge dos afazeres. A vaidade é tão natural e poderosa que nos subtrai e nos arranca das mãos da verdade, solidez e substância das coisas para nos colocar no vento e no nada.

Vaidade mais tola ainda seria o cuidado trabalhoso com aquilo que se fará

aqui, depois de nossa partida. Estendemos nossos desejos e afeições além de nós e de nosso ser. Queremos nos assegurar da execução das coisas para quando não mais existiremos. Que maior vaidade do que desejarmos ser louvados depois de nossa morte? Não é ambição, como poderíamos pensar que é um desejo de honra sensível perceptível. Se o louvor de nosso nome pode preparar e servir para nossos filhos, pais e amigos que nos sobrevivem, pode haver utilidade. Mas desejar como bem algo que não nos tocará e que não sentiremos é pura vaidade. É o caso dos que temem que suas esposas se casem depois de sua morte, desejando apaixonadamente que elas permaneçam viúvas e comprando-as muito caro em seu testamento ao deixar-lhes grande parte de seus bens com esta condição. Isto é vaidade, mas algumas vezes injustiça. Ao contrário, no tempo passado, alguns grandes homens ao morrer exortavam suas mulheres a casarem-se logo e a engendrarem filhos para a república. Outros ordenam que por amor a eles tragam tal e tal coisa sobre si, ou que façam tal coisa ao seu cadáver. Consentimos talvez de escapar da vida, mas não da vaidade.

Outra vaidade, que vivemos com relação à outrem é não nos preocuparmos tanto com o que somos internamente, com efeito e de verdade, como com o que somos ao conhecimento público. Tanto é que com frequência fraudamos e privamo-nos das comodidades e bens e torturamo-nos para formar aparências para a opinião comum. Isto vale tanto para as coisas externas e corpóreas, às custas e com o emprego de nossos meios, mas ainda quanto aos bens espirituais que parecem-nos sem frutos se não se produzem à vista, sob a aprovação alheia e se os outros não a desfrutam.

A vaidade não se limita aos pensamentos, desejos e discursos, mas agita, sacode e atormenta espírito como corpo. Os homens atordoam-se e atormentam-

se bem mais por tolices do que pelas grandes e importantes motivações. Nossa alma agita-se por pequenas fantasias, sonhos e sombras, por devaneios sem corpo e sem sujeito, enreda-se e perturba-se de raiva, de despeito, de tristeza ou de alegria, construindo castelos de areia. A lembrança de um adeus, de uma ação e graça particular fere-nos e aflige-nos mais do que o discurso sobre uma coisa importante. Assim como o som dos nomes ou certas palavras pronunciadas piedosamente, dos suspiros e exclamações que penetram profundamente, como sabem e praticam bem os oradores, opositores, e vendedores de vento e fumaça. Este vento, se não ficarmos com o pé atrás, surpreende e carrega até mesmo os mais firmes e seguros, tão poderosa é a vaidade sobre o homem. E não somente sacodem-nos e agitam-nos coisas pequenas e supérfluas, mas também as falsidades e imposturas que sabemos serem tais (coisa estranha). De forma que temos prazer em marcar-nos conscientemente, em alimentar-nos de falsidade e de nada (*ad fallendum nosmetipsos ingeniosissimi sumus*) como testemunham os que choram e se afligem ao ouvir contos e ao ver tragédias que sabem serem inventadas e feitas para o prazer, assim como as fábulas que nunca existiram. Um outro foi seduzido e morre por uma mulher que ele sabe ser feia, velha, suja, e ainda não amá-lo; mas o está por ela estar bem pintada e usar pó, por ela tagarelar ou por estar disfarçada com outra impostura, que ele sabe e reconhece integral e verdadeiramente.

Venhamos ao particular da vida comum de cada um, para ver o quanto a vaidade é apegada à natureza humana, não se limitando a um vício privado e pessoal. Quanta vaidade e perda de tempo nas visitas, nas saudações, nas acolhidas, nas entrevistas, nos ofícios de cortesia, nas arengas, nas cerimônias, nas oferendas, nas promessas e nos louvores? Quantas hipérboles, hipocrisia, falsidade e impostura à vista e ao conhecimento de todos, de quem os dá, de

quem os recebe e de quem os ouve? E isto se torna um mercado e um complô feito ao mesmo tempo para o escárnio, para a mentira e para a marca de uns com os outros. Aquele que tem consciência de lhe mentirem impudentemente deve ainda dizer um grande obrigado. Aquele outro que sabe que não acreditam em sua palavra deve fazer boa figura esperando e espreitando um ao outro para ver quem começará e quem terminará, ainda que ambos preferissem se retirar. Quanto se sofre por incômodo? Fingimos, contrafazemo-nos, fantasiemos, suportamos o sereno, o quente e o frio, perturbamos nosso repouso e nossa vida por causa destas vaidades cortesãs. E se deixamos negócios importantes em troco de vento? Somos vãos às custas de nossa comodidade, de nossa saúde e de nossa vida. O acidente e muito superficial pisa na substância, e o vento carrega o corpo por sermos tão escravos da vaidade. Quem agisse de outra forma seria tomado por tolo e ignorante do seu mundo. É uma habilidade poder representar direito esta farsa e uma tolice não ser vão. Tendo chegado aos assuntos e orçamentos conhecidos, quantas coisas vãs, inúteis, falsas e fabulosas inventam (sem falar dos maus e perniciosos que não entram em conta), quantas gabarolices e jactâncias vãs? Busca-se e apraz-se tanto com o falar de si e do que é seu quando acreditamos ter feito ou dito, ou possuir alguma coisa que valorizamos, que não ficamos à vontade se não o dissermos aos outros. Na primeira oportunidade contamos-lo, fazemos-lo valer, encarecemos-lo a ponto de irmos buscar a comodidade antes mesmo que ela chegue. Qualquer que seja o assunto, sempre nos intrometemos acreditando possuir alguma vantagem. Queremos que nos vejam por toda parte, que nos estimem assim como a tudo o que estimamos.

Mas para mostrar ainda melhor o quanto a inanição tem crédito e império sobre a natureza humana, lembremos que os maiores movimentos do mundo, as agitações mais gerais e temerosas dos estados e dos impérios, exércitos,

batalhas, assassinatos, processos e disputas têm causas muito frívolas, ridículas e vãs. Disto testemunham as guerras de Troia e da Grécia, de Sila e Mario, às quais se seguiram as de César e Pompeu, de Augusto e Antônio. Os poetas que colocaram a Grécia e a Ásia em fogo e em sangue por causa de um rosto o mostraram bem. As primeiras forças e motivos são vazios, em seguida crescem, testemunhando a vaidade e a loucura humanas. Com frequência o acidente faz mais do que o principal, as circunstâncias miúdas espetam e tocam mais vivamente que o grande da coisa e o sujeito mesmo. A veste de César perturbou mais Roma que sua morte, e os vinte dois golpes de punhal que lhe foram dados.

Finalmente o coroamento e a perfeição da vaidade do homem se mostram no fato de buscar comprazer-se e colocar sua felicidade em bens vãos e frívolos, sem os quais poderia viver bem e comodamente. Ao invés, não se preocupa com os bens verdadeiros e essenciais como deveria. Seu caso se limita a vento, todo o seu bem se encontra na opinião e no sonho, não há nada parecido em outro lugar. Deus possui todos os bens em essência e os males em inteligência. O homem inversamente possui os bens em fantasia e os males em essência. Os animais não contentam-se nem apascentam-se com opiniões e fantasias, mas com o que está presente, com o que é palpável e verdadeiro. A vaidade foi dada ao homem em partilha. Ele corre, faz alvoroço, morre, foge, caça, toma as sombras e adora o vento. Um festim é o ganho de seu dia. *Vanitati creatura subjeta est etiam nolesn, universita vanitas omnis homo vivens.*

Da fraqueza

Capítulo XXXVII

Eis o segundo artigo da consideração e conhecimento humanos. A vaidade não poderia ser outra coisa além de fraca e débil. Esta fraqueza é confessada e

admitida por todos já que carrega em si coisas facilmente percebidas por todos: mas não é vista como tal nem naquilo que seria preciso, como naquelas em que parece ser mais forte e menos fraco como no desejo, no gozo e no uso das coisas que tem e que conserva, para o bem como para o mal. Enfim aquelas em que glorifica-se, em que pensa prevalecer e ser alguma coisa, são as verdadeiras testemunhas de sua fraqueza. Vejamos isto mais detalhadamente.

Primeiramente o desejo. O homem não pode pousar seu contentamento em nada, tanto por causa do desejo quanto por causa da imaginação. Está fora de nosso poder escolher aquilo que é necessário apesar de termos desejado que isso acontecesse. Ele não satisfaz-nos e partimos desejosos atrás de coisas desconhecidas e futuras. Tanto é que as presentes não nos embriagam pois estimamos mais as ausentes. Ainda que entreguemos ao homem uma carta branca, que o coloquemos em condição de escolher, talhar e prescrever, fazê-lo sem logo desdizer-se está fora de seu alcance, pois sempre encontra algo a dizer, a acrescentar, a tirar ou a mudar. Ele deseja o que ele não poderia dizer. No final das contas nada o contenta, mas encoleriza-se e aborrece-se consigo mesmo.

Sua fraqueza é maior ainda e de várias maneiras no gozo e no uso das coisas. Primeiramente, pelo fato de que não pode manejar ou servir-se de nada em sua pureza e simplicidade natural. É preciso fantasiar as coisas, alterá-las e corrompê-las para acomodá-las às nossas mãos. Os elementos, os metais e todas as coisas em seu estado natural não são próprias para nosso uso. Quanto aos bens, às volúpias e aos prazeres, os homens não conseguem apreciá-los sem mistura de mal ou incômodo. *Medio de fonte leporum surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angat.* A extrema volúpia tem um ar de gemido e de reclamação, tendo vindo à sua perfeição se torna fraqueza, desfalecimento e langor. Um

contentamento extremo e pleno tem mais severidade dura do que alegria festiva. *Ipsa foelicitas se nisi temperat, premit.* Por isso dizia um antigo que Deus vende todos os bens que envia aos homens. Ou seja, não lhe dá nada de puro que este não compre pelo preço de algum mal. Também a tristeza não é pura sem nenhuma mescla de prazer. *Labor voluptasque dissimillima natura, societate quadam naturali inter se sunt juncta; est quoedam flere voluptas.* Todas as coisas neste mundo são misturadas e destemperadas com seu contrário. Os movimentos e dobras do rosto, que servem para o rir, servem também para o chorar. E assim nos ensinam as pinturas. E vemos que a extremidade do riso se mistura às lágrimas. Não há bondade em nós que não tenha alguma tintura viciosa. *Omnes justitiae nostra sunt tanquam pannus menstruatae.* Assim como também não existe nenhum mal sem algum bem. *Nullum sine authoramento malum est.* A infelicidade sempre serve para alguma coisa, nenhum mal sem bem e nenhum bem sem mal no homem: tudo está misturado pois nada há de puro em nossas mãos.

Em segundo, tudo o que nos advém, tomamo-lo e gozamo-lo com a mão errada. Nosso gosto é irresoluto e incerto. Ele não sabe nada segurar nem de nada gozar da maneira certa. Por isso a interminável questão acerca do soberano bem. Por causa de nossa fraqueza, vício e insuficiência com frequência as melhores coisas pioram, se corrompem, e viram nada em nossas mãos tornando-se inúteis, algumas vezes contrárias e prejudiciais.

A fraqueza humana se mostra ricamente ao bem e ao mal, na virtude e no vício. Isto se deve ao fato de o homem não poder ser, nem que quisesse, totalmente bom ou totalmente mal. Ele é impotente para tudo. Quanto ao bem e à virtude, consideremos três pontos.

O primeiro é que não podemos fazer todo o bem, nem exercer toda a virtude. Ainda mais que inúmeras virtudes são incompatíveis, não podendo permanecer juntas; pelo menos não em um mesmo indivíduo. É o caso da continência filial e de viuvez, inteiramente diferentes, ou do celibato e do casamento, sendo os segundos estados de viuvez e de casamento bem mais penosos e horríveis, e tendo mais dificuldade e virtude do que os de filiação e de celibato: que por sua vez têm mais pureza, mais graça e e são mais fáceis. *Virgo faelicior, vidua laboriosior, in illa gratia, in ista virtus conoratur*. Da constância da pobreza, da indigência e da adversidade face à da abundância e da prosperidade; ou ainda da paciência da mendicidade e da liberalidade. Isto é ainda mais verdadeiro quanto aos vícios opostos uns aos outros.

O segundo é que com muita frequência não podemos cumprir uma virtude sem atingir e ofender uma outra virtude, ainda mais que impedem-se mutuamente. Por que não podemos satisfazer uma a não ser às custas de outra? Não devemos culpar a virtude nem pensar que as virtudes contrariam-se, pois estão sempre em acordo. Sendo toda sua suficiência e sua indústria tão curta e fraca, a fraqueza e condição humanas não lhe permitem encontrar regra certa, universal e constante para tornar-se homem de bem. Este não pode considerar e prover aos meios de fazer o bem sem que não atrapalhem-se com frequência. Tomemos o exemplo da caridade e da justiça. Se encontro um parente ou amigo na guerra, no partido contrário, por justiça devo matá-lo, por caridade poupá-lo e salvá-lo. Se um homem é ferido mortalmente onde não há nenhum remédio, só restando-lhe um languescer muito doloroso, é obra de caridade matá-lo, como fez o que matou Saul por sua prece instante. Aquele seria punido pela justiça, como este o foi justamente por Davi que era ministro da justiça pública e não da caridade privada. É ainda perigoso encontrar-se perto de um ferido em um lugar

distante, onde haveria dúvida sobre o assassinato, ainda que fosse para fazer-lhe ofício de humanidade. E aconteceria no mínimo que seria incomodado pela justiça para responder por um acidente do qual é inocente. Eis como a justiça além de chocar-se com a caridade, entrava-a e impede-a, sendo verdadeiro e bem dito: *summum jus, summa injuria*.

O terceiro é o mais notável de todos. Somos com frequência obrigados servir-nos e usar meios maus para evitar e sair de um mal maior, ou para chegar a um fim bom. Tanto é que precisamos legitimar e autorizar não somente as coisas que não são boas mas ainda as más, como se para ser bom fosse preciso ser um pouco mau. Isto se vê em todo lugar: na polícia, na justiça, na verdade e na religião.

Na polícia, quantas coisas más são permitidas e estão no uso público, não somente por conveniência ou permissão, mas ainda por aprovação das leis? Como será dito oportunamente: *ex senatusconsultis et plebiscitis scelera exercentur*. Para desfazer-se em um estado e uma república das pessoas excedentes ou daquelas ardentes na guerra, que não pode abarcar assim como um corpo que possuiria humores em demasia, enviando-lhes alhures acomoda-se às custas de outrem. Foi o caso dos franceses, dos lombardos, dos godos, dos vândalos, dos tártaros e dos turcos. Para evitar a guerra civil fazemos a estrangeira. Para instruir na temperança, Licurgo embebedava os servos ilotas para que esta profusão trouxesse a aversão a este vício. Para endireitar o povo na valentia e no desprezo pelos perigos e pela morte, os romanos montavam espetáculos furiosos entre gladiadores e esgrimista. Isto, o fizeram inicialmente com os criminosos, depois com os servos inocentes, para no final fazê-lo com os homens livres que se submetiam a tal coisa. As mentiras nas grandes cidades, as usuras, os divórcios

na lei de Moisés e em várias outras nações e religiões, permitidos para evitar maiores males: *Ad duritiam cordis eorum*.

A justiça não subsiste nem se encontra em exercício sem a mistura com a injustiça. Isto acontece não somente a comutativa, e não é estranho que não saibamos viver e comercializar sem lesão, ofensa ou danos mútuos. As leis são coniventes com a lesão mencionada, parcela do preço justo. Também com a distributiva acontece o mesmo, como confessa: *Summum jus summa injuria: et omne magnum exemplum habet aliquid ex iniquo, quod contra singulos utilitate publica rependitur*. Platão permite, e isto acontece em vários lugares, que o criminoso desvende seu feito atraído fraudulentamente e falsamente com a esperança de obter favor ou perdão. Isto é querer chegar à justiça pela injustiça, pelo logro e pela impudência. O que diremos ainda da invenção das torturas que são um teste da paciência mais do que da verdade? Tanto o que as suporta quanto o que não as suporta esconderá a verdade. Porque a dor faria dizer o que é mais do que o que não é? Se pensamos que o inocente é paciente o suficiente para suportar os tormentos, porque não o seria o culpado, já que se trata de salvar sua vida? *Illa tormenta gubernat dolor, moderatur natura, cujusque tum animi tum corporis, regit quesitor, flectit libido, corrumpit apes, infirma metus, ut in tot rerum angustiis nil veritati loci reliquatur*. Desculpamo-nos dizendo que a tortura espanta o culpado, enfraquece-o e faz-lhe confessar sua falsidade. E pelo contrário que fortifica o inocente. Mas isto é capcioso já que com tanta frequência viu-se o contrário. É na verdade um meio pobre, cheio de incerteza e de dúvida. O que não diríamos e não faríamos para escapar de tais dores? *Etenim innocentes mentiri cogit dolor*. Acontece que um juiz que sentencie a tortura para não condenar à morte um inocente, o faça morrer inocente e torturado. Milhares encheram suas cabeças com falsas acusações. Mas no final das contas não seria

grande injustiça e crueldade atormentar e romper um homem de cujo erro se duvida? Para não matá-lo sem justificativa, fazemos pior do que matá-lo. Se é inocente e suporta a pena, que compensação é-lhe dada pelo tormento injusto? Ele será absolvido, muito obrigado. Este não é o menor mal que a fraqueza humana tenha inventado.

Se o homem é fraco quanto à virtude, o é ainda mais quanto à verdade, seja ela eterna e divina ou temporal e humana. Aquela espanta-o com seu relâmpago, aterroriza-o com seu esplendor, assim como a viva claridade do sol fere o olho fraco da coruja. Se ele teima, sucumbirá acabrunhado. *Qui scrutator est magestatis, opprimetur a gloria.* Tanto é que para apresentá-la a ele é preciso fantasiá-la, temperá-la e cobri-la com folhagens. Esta, humana, o machuca, e quem lha apresenta é com frequência tido por inimigo. *Veritas odium parit.* Coisa estranha que o homem deseje naturalmente saber a verdade e mexa em todas as coisas para alcançá-la, não conseguindo contudo alcançá-la. Se ela se apresenta, não consegue compreendê-la; se a compreende se ofende. Sendo ela muito bela, amável e conhecível, não é sua culpa mas resultado da fraqueza humana que não possa perceber tal esplendor. O homem é forte para desejar, fraco para tomar e segurar. Os dois principais meios que emprega para chegar ao conhecimento da verdade são a razão e a experiência. Ambos são tão fracos e incertos (se bem que a experiência mais), que não podemos tirar nada de certo deles. Como foi dito em outro lugar: a razão possui tantas formas, é tão vergada e ondulante. Mas a experiência o é mais ainda, os acontecimentos são sempre dissemelhante, não há nada tão universal na natureza quanto a diversidade, nada de tão raro, difícil e quase impossível do que a semelhança. Se não podemos observar a dissemelhança é ignorância e fraqueza que sentem como perfeita, pura e inteira semelhança e dissemelhança. Pois na verdade ambas estão por todo lado, não

nada que seja inteiramente semelhante ou diferente de outra coisa. Esta mistura e embebedamento da natureza é engenhosa e maravilhosa. Mas, afinal de contas, quem descobre melhor a fraqueza humana do que a religião? Esta busca ainda fazer ao homem sentir seu mal, sua fraqueza, seu nada e por aí fazê-lo receber seu bem, sua força, seu todo de Deus.

Primeiramente ela prega-lhe esta fraqueza, inculca-o, censura-o, chamando-o de pó, de cinza, de terra, de carne, de sangue e de feno. Insinua-lha para fazê-lo senti-la de forma bela e nobre, introduzindo Deus humilhado, enfraquecido, rebaixado pelo amor dele: falando, prometendo, jurando, irritando e ameaçando. Enfim, trata e age com o homem de forma baixa, fraca e humana, como um pai que gagueja e faz-se pequeno com seus filhos. Sendo a fraqueza humana tal, tão grande e invencível, para dar-lhe algum acesso e comércio com a divindade ou para aproximá-lo de Deus, foi preciso que este chegasse ao nível mais baixo. *Deus quia in altitudine sua a nobis parvulis apprehendi non poterat, ideo se atravit hominibus.*

Depois o faz por efeito comum, pois os exercícios principais e mais santos, as ações mais solenes da religião, são os verdadeiros sintomas e argumentos da fraqueza e da doença humanas. Os sacrifícios não somente de animais, mas também de homens vivos e mesmo inocentes em uso na antiguidade por todo o mundo, e que ainda o são em alguns lugares não constituem marcas vergonhosas da enfermidade e da miséria humanas? Primeiramente, como insígnias e testemunhos de sua condenação e maldição (pois eram protestos públicos ter merecido a morte e ser sacrificado como os animais), sem a qual nunca teria havido oferenda sangrenta, sacrifício propiciatório ou expiatório. Em segundo, por causa da baixeza do desígnio de tentar apaziguar, lisonjear e gratificar Deus

com o massacre e o sangue de animais e de homens. *Sanguine non colendus Deus, quae enim ex trucidatione immerentium voluptas est?* Nos primeiros séculos dada a fraca infância do mundo e a simplicidade da natureza, Deus certamente os aceitou das pessoas de bem, por causa deles e de sua devoção. *Respexit dominus ad Abel et ad munera ejus.* Por sua bondade tomava de bom grado o que se fazia na intenção de honrar-lhe e servir-lhe. Depois o fez ainda, estando o mundo em aprendizado e grosseiro *sub pedagogo*, totalmente inserido nesta opinião tão universal que quase se tornava natural. Passo o mistério particular da religião judaica que emprega-os como figuras. Um dos belos e frequentes traços da religião está em converter o que é humano, natural ou corporal para o uso santo e sagrado, tirando daí o fruto espiritual. Não que Deus tivesse prazer com isto, nem que fosse coisa boa em si por alguma razão, como testemunham os profetas e mais clarividentes que sempre o disseram francamente. *Si voluisses sacrificium dedissem, utique holocaustis non delectaberis sacrificium et oblationem novisti, holocaustum pro peccato non postulati, non accipiam de domo tua vitulos etc.* Estes lembraram e convidaram o mundo a um outro sacrifício: mais elevado, mais espiritual e mais digno da divindade. *Sacrificium deo spiritus: aures autem perforasti mihi ut facerem voluntatem tuam, et legem tuam in medio cordis mei: immola Deo sacrificium laudis, misericorsiam volo non sacrificium.* Enfim, o filho de Deus, doutor da verdade tendo vindo para privar e desembrutecer o mundo, aboliu-os totalmente: ele não o teria feito se isto fosse uma coisa boa em si e essencialmente, se agradasse a Deus seu pai. Pelo contrário, *pater non tales quaerit, sed tales qui adorent in apiritu et veritate.* E este é, depois a abolição dos ídolos, um dos mais belos efeitos e frutos da cristandade. Juliano o imperador e seu inimigo capital, por despeito o fazia mais do que qualquer outro o fez no mundo, esforçando-se

em colocá-los à luz junto com a idolatria. Vejamos as outras principais peças da religião. Os sacramentos pela matéria vil e comum que são o pão, o vinho, o óleo, a água e por ação externa também não dão testemunhos de nossa pobreza e baixaza? A penitência, remédio universal para nossas doenças, é em si vergonhosa, fraca e até mesmo má, pois são males o arrepender, a tristeza e a aflição do espírito. O juramento é um sintoma e uma marca vergonhosa da desconfiança, da infidelidade, da ignorância, da impotência humana, tanto naquele que o exige, quanto naquele que o faz e no que o ordena. *Quod amplius est. A malo est.* Eis como a religião cura e remedia a nossos males por meios não somente pequenos e fracos, mas o requerendo de nossa fraqueza. *Stulta et infirma mundi elegit Deus.* Como os remédios não têm valor nem são bons em si, mas são bons pelo fato de servirem e serem empregados contra o mal, eles destroem seu autor, são causados pelo mal, e expulsam o mal. São bens como os enforcamentos e os suplícios em uma República. Ou ainda como o espirro e outras descargas que vêm de causas más e de seus remédios. Enfim, são bens que seria melhor nunca terem existido e que não teriam existido se o homem fosse sábio, se tivesse se preservado no estado onde fora colocado por Deus, e que não existirão tão logo ele seja libertado deste cativeiro para alcançar sua perfeição.

O que foi dito acima mostra quão grande é a fraqueza humana para o bem, para o governo, para a justiça, para a verdade, para a religião e para com Deus. O estranho é que esta fraqueza também seja grande para mal. Querendo ser mal, o homem todavia não pode sê-lo totalmente. Existe sempre algum remorso ou uma consideração temerosa que amolece e afrouxa a vontade, deixando alguma coisa por fazer. Isto causou a muitos a ruína, apesar de terem projetado sua salvação sobre isso. O provérbio que vem daí é fraqueza e besteira: *Que nunca se deve*

enlouquecer pela metade. Palavra dita por julgamento, podendo ter um bom ou um mau sentido. Dizer ser preciso fazer sempre o pior sem reserva nem respeito é uma doutrina muito perniciosa. Diz muito bem o provérbio contrário: *As mais curtas loucuras são as melhores*. Em certos casos, a via mediana também é muito perigosa, como no caso do inimigo temível que detemos pela garganta, ou do lobo que seguramos pelas orelhas. Precisamos ganhá-lo pela cortesia ou matá-lo e desfazer-se dele, como praticaram com prudência os romanos, entre outros para com os latinos ou italianos, sob a censura de Camilus. *Pacem in perpetuum parere vel serviendo ignoscendo*. Em tal caso, fazer pela metade é perder tudo: foi o caso dos Samnitas que pagaram caro por não seguir este conselho dado por um velho experiente, com relação aos romanos. *Aut conciliandus aut tollendus hostis*. Devemos escolher o primeiro, da cortesia, que é mais nobre e honroso; só se deve chegar ao segundo no extremo em que o inimigo não seja capaz do primeiro. Isto mostra a extrema fraqueza humana para o bem e para o mal. Ele não pode nem fazer nem fugir de todo bem nem de todo mal. Além de não fazer nem fugir do bem ou do mal de forma inteira e pura, não está em seu poder ser totalmente bom, nem totalmente mal.

Observemos outros efeitos e testemunhos da fraqueza humana. É fraqueza relativa não ousar nem poder censurar outrem, nem ser censurado. Aquele que é fraco ou corajoso em um, o será também no outro. É grande delicadeza privar-se ou privar a outrem de tão grande fruto, por tão ligeira e superficial ofensa, que mal toca e belisca a orelha. Da mesma forma aquele que não poder recusar razoavelmente, nem receber e sofrer suavemente uma recusa.

Nas falsas acusações e suspeitas que correm e acontecem fora da justiça, encontra-se uma dupla fraqueza. A dos interessados, acusados e suspeitos tende

a justificar-se e desculpar-se demasiado fácil, cuidadosa e ambiciosamente. *Mendax infamia terret quem nisi mendosum?* Colocar sua consciência e direito em compromisso e em julgamento, ou seja, pleitear assim equivale a trair sua inocência. *Perspicuitas argumentatione alevatur.* Sócrates com justiça não quis fazê-lo nem para si nem para outrem, recusando empregar a bela defesa do grande Lísias. Preferiu morrer. O caso contrário seria quando o acusado e corajoso réu não se preocupa em desculpar-se ou justificar-se por desprezar a acusação e o acusador, considerando-os indignos de resposta e de justificação. Ele não quer causar a si mesmo o dano de descer na arena, ação praticada por homens generosos e por Cipião acima de todos, inúmeras vezes com maravilhosa firmeza. Em seguida os outros se ofendem, considerando isso uma grande confiança e orgulho, contrariados por ele sentir demasiado sua inocência e não desmentir-se, ou então imputando este silêncio e desprezo a uma falta de coração, uma desconfiança do direito ou uma incapacidade de justificar-se. Ó fraca humanidade! quer o acusado ou suspeito se defenda ou não, significa fraqueza e covardia. Nós lhe desejamos a coragem de não desculpar-se, mas quando a tem somos fracos e nos ofendemos.

Outro argumento para a fraqueza seria sujeitar-se e ligar-se demasiado a uma certa maneira particular de viver, isto seria uma moleza covarde, uma delicadeza indigna do homem honesto; o que nos torna incômodos e desagradáveis para a conversação, e tenros para o mal em caso de necessidade de mudança quanto à maneira de agir. Consideramos ainda vergonha não ousar ou por impotência deixar de fazer o que vemos nossos companheiros fazer. Tais pessoas devem esconder-se e viver em sua casa. A mais bela maneira é flexível e dobrável para tudo, até mesmo no excesso se preciso, poder ousar e saber fazer todas as coisas, mas só fazer as boas. É bom seguir as regras, mas não

escravizar-se a elas.

Parece pertencer à fraqueza aquela grande besteira popular de correr atrás dos exemplos estrangeiros e escolásticos e das alegações, só levar em conta os testemunhos impressos, não acreditar nos homens se não estiverem em um livro, nem na verdade se ela não for velha. Neste sentido, quando as besteiras se tornam modelos, passam a ser seguras e dignas. Acontecem todos os dias coisas que poderíamos chamar de milagres e exemplos maravilhosos, não cedendo em nada aos do tempo passado que tanto admiramos por serem velhos e escritos, se tivéssemos o espírito e a suficiência para recolhê-los, expurgá-los, julgá-los vivamente e trazê-los à luz.

Outro testemunho da fraqueza seria o fato do homem só ser capaz de coisas medíocres e de não pode sofrer coisas extremas. Quando são pequenas, e aparentemente vis são desprezadas, desdenhadas como indignas, e ofendemo-nos em considerá-las. Se são muito grandes e brilhantes as tememos, admiramos e escandalizamo-nos com elas. O primeiro diz principalmente respeito aos grandes e sutis, o segundo aos mais fracos.

Ela se mostra também claramente à audição, à vista e padece das coisas novas e inesperadas que nos surpreendem e nos tomam de imprevisto. Elas nos espantam tanto, que tiram-nos os sentidos e a palavra.

Diriguit visu in medio, calor ossa reliquit,

Labitur et longo vix tandem tempore fatur. Algumas vezes tiram-nos até mesmo a vida. Sejam elas boas como testemunham a senhora romana que morreu do gosto ao ver seu filho regressar da derrota, Sófocles e Denis o tirano; sejam elas más, como Diodoro que morreu de repente de vergonha ao não conseguir desenvolver um argumento.

Um outro testemunho deve ser dito duplo, de duas maneiras contrárias. Uns cedem e são vencidos pelas lágrimas e humildes súplicas de outrem, gabando-se de coragem e bravura. Outros, ao contrário, não se comovem nenhuma submissão ou queixas, mas são vencidos pela constância e resolução. Não há dúvida de que o primeiro não venha de fraqueza e se encontra de facilmente nas almas moles e vulgares. Mas o segundo não é sem dificuldade, encontrando-se em todo tipo de gente. Parece que render-se à virtude e ao vigor masculino ou generoso pertence também à alma forte e generosa, e é verdade se o fazemos por estima e reverência pela virtude. Assim fizeram Scanderbeg agraciando um soldado por tê-lo visto tomar partido de defender-se contra ele, Pompeu perdoando a cidade de Mammertins em consideração pela virtude do cidadão Zenão, o imperador Conrado perdoando o Duque da Baviera e outros homens sitiados em consideração pela magnanimidade das mulheres que os subtraíram deles e carregaram-nos sobre suas cabeças. Se acontece por espanto e susto pela magnificência; como o povo tebano que perdeu o coração ouvindo Epaminondas acusado contar seus belos feitos e acusar-lhe com altivez sua ingratidão, é fraqueza e covardia. O feito de Alexandre, desprezando a brava resolução de Betis tomado com a cidade de Gaza onde comandava, não foi fraqueza nem coragem, mas cólera, que nele recebe naquele freio nem moderação alguma.

Da inconstância.

Capítulo XXXVIII

O homem é um assunto maravilhosamente diverso e ondulante, sobre o qual seria muito difícil assentar um julgamento seguro; julgamento, digo, universal e inteiro; por causa da grande contrariedade e dissonância das peças de nossa vida. A maioria de nossas ações são impetuosas e apressadas, empurradas

por algumas ocasiões; não passam de peças recuperadas. A irresolução por um lado, em seguida a inconstância e a instabilidade são o vício mais comum e aparente da natureza humana. Nossas ações se contradizem certamente com frequência e de forma tão estranha que parece impossível que tenham saído do mesmo recipiente. Mudamos e não o sentimos, evadimo-nos e escondemo-nos. *Ipsi nobis furto subducimur.* Vamos atrás das inclinações de nosso apetite em função do vento e das ocasiões, não segundo a razão. *At nil potest esse aequabile, quod non a certa ratione proficiscatur.* Também nossos espíritos e humores movem-se com os movimentos do tempo. A vida é um movimento desigual, irregular, multiforme. Enfim mexemo-nos e perturbamos nós mesmos com a instabilidade de nossa postura. *Nemo non quotidie consilium mutat et voltum: modo uxorem vult, modo amicam; modo regnare vult, modo non est eo officiosior servus; nunc pecuniam spargit nunc rapit; modo frugi videtur et gravis, modo prodigus et vanus; mutamus subinde personam.*

Quod petiit; repetit quod nuper omisit.

Aestuat, et vitae disconvenit ordine toto.

Entre todos, o homem é o animal mais dificilmente a fundado e conhecido, pois é o mais duplo e contrafeito, o mais coberto e artificial, e existem nele tantos gabinetes quantos bastidores, de onde sai ora homem, ora sátiro. Tantos suspiros dos quais tira ora calor ora frio e de onde tira tanta fumaça. Todo seu oscilar e mover não passam de um perpétuo curso de erros. De manhã nascer, à tarde morrer. Ora nas cepas, ora em liberdade, ora um Deus, ora uma mosca. Ele ri e chora de uma mesma coisa. Se contenta e se descontenta. Quer e não quer, não sabendo por fim o que quer. Ora está cheio de regozijo e de alegria a ponto de não poder permanecer em sua pele, ora tudo o desagrada e não pode confiar em

si mesmo. *Modo amore nostri, modo taedio laboramus.*

Da miséria

Capítulo XXXIX

Eis o grande e principal traço de sua pintura. Como foi dito, é vão, fraco, frágil, inconstante para o bem, para a felicidade e para a comodidade; mas é forte, robusto, constante e endurecido para a miséria. Trata-se da miséria incarnada e totalmente viva, expressa em uma palavra: a humanidade. Nele encontra-se toda a miséria que no mundo e fora dele não existe. É próprio do homem ser miserável. *Homo natus de muliere brevi vivens tempore repletur multis miseriis.* Aquele que quisesse representar todas as partes da miséria humana, teria que discorrer sobre toda sua vida, seu ser, sua entrada, sua duração e seu fim. Não empreendo esta tarefa, que seria uma obra sem fim, além de ser um assunto comum e tratado por todos. Mas desejo considerar certos pontos, que não são comumente considerados como miséria, ou que não sentimos e não consideramos o suficiente, apesar de serem os mais urgentes, se soubéssemos julgar bem.

O primeiro artigo e prova da miséria humana é que sua produção e sua entrada são vergonhosas, vis, vilãs e desprezadas. Já sua saída, sua morte e ruína é gloriosa e honrável. Nesse sentido, parece ser um monstro e contra a natureza, porque existe vergonha em fazê-lo e honra em desfazê-lo. *Nostri nosmet poenitet et pudet.* Sobre isto, eis cinco ou seis pequenas palavras. A ação de plantar e fazer o homem é vergonhosa, todas as suas partes, as aproximações, os preparos, as ferramentas, e tudo o que serve para isso é tido e chamado de vergonhoso. Não há nada de tão vergonhoso na natureza humana. Por outro lado, a ação de perdê-lo e matá-lo é honrável e o que serve a ela glorioso. Fantasiamo-

lo, enriquecemo-lo, adornamo-nos com ela, carregamos-na a nosso lado, na mão e sobre os ombros. Nos desdenhamos ir ver nascer um homem mas cada um corre e se reúne para vê-lo morrer, seja no leito, seja em praça pública, seja em campo raso. Escondemo-nos, apagamos a vela para fazê-lo, fazemos-lo às escondidas. Desfazê-lo já é glória e pompa. Ascendemos as velas para vê-lo morrer, executamo-lo à luz do dia, soamos a trombeta, combatemo-lo e fazemos carnificinas em pleno meio dia. Só existe uma maneira de fazer os homens. Para desfazê-lo e arruiná-lo milhares de meios, invenções e artifícios. Não existe nenhuma recompensa, honra ou prêmio designado para os que sabem fazer, multiplicar e conservar a natureza humana. Todas as honras, grandezas, riquezas, dignidades, impérios, triunfos e troféus são concedidos aos que sabem afligi-la, perturbá-la e destruí-la. Os dois primeiros homens do mundo, Alexandre e César, desfizeram cada um deles (como diz Plínio) mais de um milhão de homens, e não fizeram, nem deixaram nenhum depois deles. Antigamente faziam-se carnificinas públicas de homens frente ao povo somente para o prazer e o passa-tempo. *Homo sacra res per jocum et lusum occiditur: satis spectaculi in homine mors est: innocentes in ludum veniunt ut publicae voluptatis hostiae fiant.* Há nações que amaldiçoam seu nascimento e abençoam sua morte. Que monstruoso animal teria horror de si mesmo? Nada disto tudo se encontra nos animais ou no mundo.

O segundo artigo e testemunho de sua miséria se encontra na supressão dos prazeres, tão pequenos e débeis, que lhe pertencem (pois dos maiores e mais inteiros não é capaz, como dissemos em sua fraqueza). Assim como no rebaixamento de seu número e de sua doçura. A não ser que o façam por Deus, que monstro é inimigo de si mesmo, esconde-se e trai-se a si mesmo, para quem seus prazeres pesam, agarrando-se à infelicidade? Há os que evitam a saúde, a alegria e o regozijo como coisa má. *O miseri quorum gaudia crimen habent.* Nós

somos engenhosos somente na busca do mal, que é o verdadeiro impulsor da força de nosso espírito.

Existe pior: além de desmancha-prazeres, perturbador de festas, inimigo de seus prazeres pequenos, naturais e justos, como acabo de dizer, o espírito humano também forja males. Ele pinta e figura, teme, foge e se aborrece ao interpretar como mal coisas que não são males em si e de verdade, e que os animais não temem, mas que fingiu com seu próprio discurso e imaginação serem tais, como por exemplo não ser coberto de honra, de grandeza ou de bens. A mesma coisa acontece com o adultério, a esterilidade de filhos e a morte. Na verdade, somente a dor é um mal e pode ser sentido. Quando algum sábio parece temer estas coisas não é por causa delas mesmas, mas por causa da dor que algumas vezes as acompanham de perto. Com frequência, a dor precede e é precursora da morte, e algumas vezes segue a escassez dos bens, do crédito e da honra. Mas tirem destas coisas a dor, o resto não passa de fantasia na cabeça do homem que produz coisas desagradáveis para si mesmo no intuito de ser miserável; imaginando nestes fins males falsos além dos verdadeiros, empregando e estendendo a miséria ao invés de castrá-la e encurtá-la. Os animais não sentem e são isentos destes males, assim a natureza não os julga por eles.

Quanto à dor, único verdadeiro mal, o homem nasce dela, sendo-lhe esta própria. As mexicanas cumprimentam as crianças saindo do ventre de suas mães com estas palavras: “criança, você veio ao mundo para suportar; suporta, sofre e cala-te”. Que a dor seja natural para o homem, e pelo contrário a indolência e o prazer coisa estranha, parece-nos claro com estas palavras: todas as partes do homem são capazes de dor, muito poucas capazes de prazer. As partes capazes

de prazer só podem recebê-lo por um meio ou por outro: mas todas podem receber um enorme número de dores, todas diferentes: quente, frio, picada, ruga, entorse, esfoladura, arranhão, equimose, inflamação, langor, extensão, opressão, distensão muscular, e outros infinitos que não têm nome próprio, sem contar os da alma. Tanto que o homem é mais poderoso para sofrer do que para exprimi-la. O homem não consegue durar quase nada no prazer. O prazer do corpo é fogo de palha e se durasse traria tédio e desprazer. Já as dores duram muito tempo, não têm certas estações como os prazeres. Mas ao mesmo tempo o império e comando da dor é muito maior, mais universal, mais poderoso, mais durável e em uma palavra mais natural do que o do prazer.

A estas palavras podemos acrescentar outras. A dor e o desprazer são bem mais frequentes e acontecem mais vezes; já o prazer é raro. O mal vem facilmente, por si mesmo e sem ser procurado; o prazer não vem de bom grado, devemos buscá-lo e com frequência comprá-lo mais caro do que vale. O prazer nunca é puro mas sempre embebido e misturado com alguma aspereza, havendo sempre algo a criticar. Mas a dor e o desprazer com frequência são inteiros e puros. Depois de tudo isso, o pior de nosso funcionamento, que mostra evidentemente a miséria de nossa condição, é que a extrema volúpia e prazer não nos tocam tanto quanto uma ligeira dor. *Segnius homines bona, quam mala sentiunt.* Não sentimos tanto a inteira saúde como a menor das doenças. *Pungit in cute vix summa violatum plagula corpus, quando valere nil quenquam movet.*

Não basta que o homem seja de fato e por natureza miserável, e que além dos males verdadeiros e substanciais, finja e forje outros falsos e fantásticos, como dissemos. É preciso ainda que os estenda e alongue; que faça tanto os verdadeiros quanto os falsos durar e viver mais do que podem, tão apaixonado se

encontra pela miséria. E o faz de diversas maneiras. Primeiramente, pela memória do passado e antecipação do futuro, não deixamos de ser miseráveis, já que nossos bens principais e dos quais nos glorificamos são instrumentos de miséria. Memória e providência, *futuro torquemur et praeterito, multa bona nostra nobis nocent, timoris tormentum memoria reducit, providentia anticipat, nemo praesentibus tantum miser est*. Não é uma grande vontade de ser miserável não esperar que o mal venha, mas ir buscá-lo, provocá-lo para vir, como os que se matam com o medo que têm de morrer, ou seja, preocupar por curiosidade ou fraqueza e apreensão vã os males e inconvenientes, e esperá-los com tanta pena e alarme, mesmo aqueles que porventura não devem nos tocar? Estas pessoas desejam ser miseráveis antes do tempo e duplamente miseráveis, por um real sentimento da miséria e por sua longa premeditação, com frequência cem vezes pior que o mal em si. *Minus afficit sensus fatigatio, quam cogitatio*. O ser da miséria não dura o suficiente, é preciso que o espírito alongue-a, a estenda e antes da hora a alimente. *Plus dolet quam necesse est, qui ante dolet quam necesse est. Quaedam magis, quaedam antequam debeant, quaedam cum omnino non debeant, nos torquent: aut augemus dolorem aut fingimus, aut praecipimus*. Os animais evitam esta loucura e miséria e têm muito a agradecer à natureza por não terem tanto espírito, memória e providência. César dizia que a melhor morte era a menos premeditada. Certamente a preparação para a morte deu a inúmeros mais sofrimento do que o próprio sofrimento. Não pretendo falar da premeditação virtuosa e filosófica que é a têmpera pela qual a alma se torna invencível, e é fortificada contra todos assaltos e acidentes, da qual falaremos. Mas da apreensão porosa e algumas vezes falsa e vã dos males que podem advir, que afligem e escurecem de fumaça toda a beleza e serenidade da alma, perturbando todo seu repouso e sua alegria, sendo bem melhor deixar-se

totalmente surpreender por ela. É mais fácil e natural não pensar de jeito nenhum. Deixemos esta outra antecipação do mal, que é o cuidado ou o pensamento terrível e ávido com as coisas que estão para vir, por esperança, por desejo e por temor; o que é uma miséria muito grande. Além de não termos nenhum poder sobre o futuro, menos ainda do que sobre o passado (e assim é vaidade, como dissemos), eles ainda nos trazem mal e dano. *Calamitosus est animus futuri anxius*, que subtrai-nos o sentimento, tira-nos o gozo tranquilo dos bens presentes e impede de acalmarmos-nos e contentarmos-nos.

Tudo isto inda não basta pois, para que nunca lhe falte matéria de miséria, e para que a tenha sempre em fartura, busca e procura incessantemente e com grande estudo as causas e alimentos da miséria. Mete-se nos assuntos de alegria do coração de tal forma que quando se oferecerem a ele, deverá dar-lhes as costas. Seja por causa da preocupação miserável de seu espírito, seja para fazer-se de perito, de impedido e de entendido. Ou seja, tolo e miserável, ele empreende e inventa trabalho novo ou se intercala no de outrem. Enfim, é incessantemente e em demasia agitado com o cuidado e com pensamentos não somente inúteis e supérfluos, mas espinhosos, penosos e prejudiciais. Atormentado pelo presente, entediado pelo passado, angustiado pelo futuro, parece não temer mais nada a não ser não poder ser miserável o suficiente. Podemos exclamar com justiça: ó pobres pessoas, quantos males voluntários suportais, além dos necessários que a natureza vos envia? Quê? O homem se apraz na miséria, teima em remastigar e recolocar continuamente na memória os males passados, é comum em queixar-se, encarece algumas vezes o mal e a dor e por coisas pequenas e leves afirma ser o mais miserável de todos. *Est quaedam dolenti voluptas*. Fazer valer de forma ambiciosa a miséria seria uma miséria maior do que não senti-la e não conhecê-la. *Homo animal querulum, cupide suis*

incubens miseriis.

Não contaremos como miséria humana o fato de que os homens não podem acomodar-se e fazer seu lucro sem o dano, o recuo, a doença, a loucura, a desordem, a perda e a morte uns dos outros; uma vez que é um mal comum e geral aos homens que não se encontra nos animais? Aborrecemo-nos, chocamo-nos e pressionamo-nos tanto uns aos outros que os melhores sem o pensar nem o querer, com um desejo quase insensível e inocente desejam a morte, o mal e a pena de outrem.

Ei-lo então miserável naturalmente e voluntariamente, na verdade e na imaginação, por obrigação e com alegria de coração. Ele o é em demasia e teme não sê-lo o suficiente, estando sempre em busca e trabalhando para tornar-se ainda mais miserável. Vejamos agora como faz para sair dela, quando chega a senti-la e se aborrece com alguma miséria certa (pois nunca se cansa de sê-lo de várias maneiras, sem senti-lo); e quais seriam seus remédios contra este mal. Certamente estes importunam mais do que o mal que querem curar, de forma que desejando sair de uma miséria, na verdade mudam para uma outra, talvez pior. Neste caso, pelo menos a mudança o agrada e o alivia. Acreditamos poder curar o mal com outro mal, o que vem de uma opinião manipuladora do mundo de forma a mantê-lo encantado e miserável, segundo a qual nada será útil se não for penoso, nada vale se não custa, tornando a facilidade suspeita. Isto vem de mais alto ainda: é estranho mas verdadeiro, e convence o homem de ser bem miserável, que os males só acabam com um outro mal, seja do corpo, seja da alma. As doenças espirituais e corporais só são curadas e caçadas pelo tormento, pela dor e pelo incômodo. As espirituais por penitências, vigílias, jejuns, mortificações, prisões e disciplinas que devem ser verdadeiramente aflitivas e

pungentes, não obstante a resolução e devoção de sofrer muito de bom grado. Se viessem com o prazer, proveito ou comodidade não teriam efeito, seriam exercícios de volúpia, de avareza ou de distração; não de penitência e constrição. As corpóreas, da mesma, forma com remédios, incisões, cautérios e dietas. Como sentem bem os que são obrigados às regras medicinais, surrados por um lado pelo mal que os perfura e por outro pela regra que os aborrece. Da mesma forma os outros males: a ignorância curada com um estudo amplo, longo e penoso. *Qui addit scientiam, addit et laborem*; a penúria e a pobreza com um cuidado grande e árduo, com vigília, trabalho e suor. *In sudore vultus tui*. Para o espírito e para o corpo, o labor e o trabalho são próprios ao homem, como o voar ao pássaro.

Todas as misérias mencionadas acima são corpóreas ou mistas, comuns ao espírito e ao corpo. Elas não alcançam além da imaginação e da fantasia. Consideremos as mais finas e espirituais, misérias mais pungentes, porque errôneas e malignas, mais ativas e mais próprias, mas muito menos sentidas e admitidas; o que torna o homem duplamente miserável, uma vez que só sente seus males medíocres e não os maiores. Ele se encontra tão cristalizado e aflito em sua miséria que não ousamos mencioná-la ou abordá-la. Por isso devemos mencioná-la casual e docilmente, vigiar e apontar de longe, dando-lhe a ocasião de vê-la e pensar sobre ela, já que por si mesmo não a considera. Primeiramente, no que diz respeito ao entendimento, o fato de ser cheio de erro e de cegueira é uma miséria estranha e triste da natureza humana. A maioria das opiniões comuns e vulgares, até mesmo as mais plausíveis e recebidas com reverência são falsas e errôneas; e o que é pior, a maioria perturbadoras da sociedade humana. Ainda que alguns poucos sábios sintam melhor que o comum, e julguem destas opiniões como devem, ainda que isto não ocorra todas as vezes e sempre, alguns algumas vezes deixam-se levar. É preciso ser firme e constante para não deixar

levar-se pela corrente, é preciso ser são e preparado para preservar-se livre de um contágio tão universal. As opiniões gerais recebidas com aplauso de todos e sem contradição são como uma torrente que tudo carrega. *Prob superi quantum mortalia pectora caecae noctis habent? O miseras hominum mentes et pectora caeca, qualibus in tenebris vita quantisque periculis degitur hoc aevi quodcunque est?* Seria demasiado longo especificar e nomear as loucas opiniões das quais todo o mundo se encontra irrigado. Eis algumas que serão tratadas em seguida em seus lugares.

1. Julgar as opiniões e os conselhos pelos acontecimentos que não estão em nossas mãos mas dependem do céu.

2. Condenar e rejeitar todas as coisas, os hábitos, as opiniões, as leis, os costumes e as observâncias como bárbaros e maus, sem saber o que são nem conhecê-los, por serem-nos inusitados e distantes do nosso comum e ordinário.

3. Estimar e recomendar as coisas por causa de sua novidade, raridade, estranheza ou dificuldade, quatro encantadores que possuem grande crédito com os espíritos populares. Com frequência, tais coisas são vãs e não deveriam ser estimadas, se a bondade e utilidade não estão ligadas. Aquele que glorificava-se por saber jogar e passar de longe os grãos de milho miúdo pelos buracos da agulha foi desprezado com justiça pelo príncipe.

4. As opiniões supersticiosas em geral, com as quais as crianças, as mulheres e os espíritos fracos são vestidos ridiculamente.

5. Estimar as pessoas pelos bens, riquezas, dignidades e honras; desprezando os que não as têm, como se julgássemos um cavalo pelo bridão e pela sela.

6. Estimar as coisas não por seu valor verdadeiro, natural e essencial, que com frequência é interno e secreto, mas segundo a aparência, a ostentação ou o

estardalhaço.

7. Acreditar ter uma boa vingança do inimigo matando-o. Isto seria colocá-lo ao abrigo e escondido de todo mal, jogando a si mesmo no mal. Seria tirar-lhe todo o ressentimento da vingança que é todavia seu principal efeito. Isto também pertence à fraqueza.

8. Tomar como grande injúria e menosprezar um homem traído. Existe maior loucura do julgamento do que desprezar uma pessoa pelo vício de outrem, que ele não aprova? Podemos dizer o mesmo de um bastardo.

9. Desprezar as coisas presentes e nossas, das quais gozamos tranquilamente, mas estimá-las quando não as possuímos ou quando pertencem a outrem, como se a presença e o possuir desbastassem seu valor e o não possuir o aumentasse.

Virtutem incolumem odimus,

Sublatam ex oculis quaerimus invidi;

Por isso não existe profeta em seu país. O domínio e a autoridade também engendram desprezo daquilo que temos e dirigimos. Os maridos olham desdenhosamente suas mulheres e vários pais seus filhos. Se quiseres, diz o bom companheiro, não mais amá-la mais, case-se com ela. Estimamos mais o cavalo, a casa, o criado de outrem do que os nossos por pertencerem a outrem. É estranho estimar mais as coisas pela imaginação do que na realidade, como fazemos com as coisas ausentes e estrangeiras, antes ou depois de tê-las. Nos dois casos, podemos dizer que a causa seria que antes de possuí-las estimamo-nas não pelo que valem, mas pelo que imaginamos que sejam ou pelo elogiado de outrem. Possuindo-as, estimamo-nas segundo o bem e o proveito que tiramos delas. Depois de terem sido tiradas de nós, as consideramos e lastimamos inteiramente e em bloco, sendo que antes só gozávamos e usávamos no detalhe e

em partes. Pensamos que sempre haveria tempo suficiente para gozarmos delas, mal percebendo possui-las e tê-las. Eis porque o luto e a lástima de possui-las são maiores do que o prazer de possui-las. Mas nisso há tanta fraqueza quanto miséria. Não temos suficiência para gozar, mas somente para desejar. Outro vício totalmente contrário seria nos prendermos tanto ao que possuímos e aceitarmos tanto a nós mesmos que o preferimos a todo o resto e acreditamos não existir nada melhor. Se estes não são mais sábios do que os outros, pelo menos são mais felizes.

10. Fazer-se de astuto com tudo, atacar tudo, ressentir-se e mostrar-se ultrajado e opiniático em todas as coisas, desde que haja algum pretexto aparente e belo de justiça, de religião, de bem público ou de amor pelo povo.

11. Fazer-se de entristecido, de aflito e chorar na morte ou acidente de outrem pensando que não comover-se ou comover-se muito pouco seria falta de amor e de afeição: nisto também se encontra vaidade.

12. Estimar e levar em conta as ações que se fazem com barulho, agitação e brilho. Desprezar aquelas feitas de outra forma pensando que os que procedem de maneira sombria, doce e morna não fazem nada; que seriam sonolentos e sem ação. Isto equivale a estimar mais a arte do que a natureza. As coisas dilatadas, empoladas e elevadas pelo estudo, brilhantes, barulhentas que chocam os sentidos (puro artifício) são mais visíveis e estimadas do que as coisas que são doces, simples, uniformes, ordinárias, ou seja, naturais. Aquelas nos acordam estas fazem-nos dormir.

13. Trazer interpretações más e sinistras às belas ações alheias, e atribui-las a causas ou ocasiões vis, vãs e viciosas; como os que referiam a morte do jovem Catão ao medo que tinha de César alardeado por Plutarco, outros atribuindo-a

mais tolamente à ambição. É uma grande doença de julgamento vinda da malícia, da corrupção da vontade e dos costumes, da inveja contra os que valem mais, do vício de trazer a crença à nosso alcance, e medir o outro pela nossa medida. Ou então, pior ainda, vinda da fraqueza de não ter a vista forte e segura o bastante para conceber o esplendor da virtude em sua pureza ingênua. Há os que se fazem de engenhosos e sutis depravando e escurecendo a glória das belas ações, nisto mostram possuir antes um natural mau do que suficiência. É coisa fácil, mas muito feia.

14. Desacreditar e castigar rigorosa e vergonhosamente certos vícios como crimes extremamente vilões e empesteados quando não passam de medíocres tendo raiz e causa na natureza; enquanto os realmente extremos e contra natureza não consideram tão vergonhosos nem os castigam com tanto clamor como no caso do assassinato premeditado, da traição, da perfídia e da crueldade.

15. Eis, depois de tudo, um verdadeiro testemunho da miséria espiritual, fino e sutil: o espírito humano em seu bom senso, tranquilo, sóbrio e são de estado só é capaz de coisas comuns, ordinárias, naturais e medíocres. Para ser capaz das divinas e sobrenaturais como a adivinhação, a profecia, a revelação, a invenção e como dizemos, para entrar no gabinete dos deuses, é preciso que esteja doente, deslocado, transferido de seu equilíbrio natural e de certa forma corrompido, *corruptus*; seja por extravagância, por êxtase, por entusiasmo ou por torpor. Tanto é que, como sabemos, as duas vias naturais de alcançá-la são o furor e o sono. O espírito nunca é tão sábio quanto quando louco, nem mais vigilante quanto quando dorme. Nunca encontra melhor quanto quando caminha de lado e do avesso. Não vai, não voa e não vê tão elevado quanto quando está abatido e no mais baixo. É preciso que esteja miserável, perdido e fora de si para ser feliz. Isto

não toca a disposição divina, pois Deus pode revelar-se a quem e quando lhe agradar ainda que o homem permaneça sóbrio, como a escritura conta de Moisés e de outros.

16. Por fim, poderia haver erro maior do julgamento do que não valorizar o julgamento, não exercê-lo, relevar e preferir a ele a memória, a imaginação ou a fantasia? Vejamos estas grandes, doutas e belas arengas, discursos, lições, sermões e livros que estimamos e admiramos tanto, produzidas pelos maiores homens deste século (faço exceção de alguns e poucos). O que significa tudo isso, senão um amontoamento e uma conexão de alegações, uma compilação e uma coleção do bem de outrem (obra de memória e lição diversa e coisa muito fácil, já que se encontra totalmente apartado e arrumado. Tantos livros são feitos disso)? Eis tudo? Com frequência isto não passa de vaidade, daí não reluz nenhum traço de grande julgamento nem de insígnia virtude. Também com frequência têm os autores um julgamento fraco e popular, corrompidos na vontade. Quão mais belo seria ouvir um camponês, um mercador falando em seu linguajar e dizendo belas proposições e verdades, totalmente secas e cruas, sem arte nem maneira, dando opiniões boas e úteis, produtos de um julgamento são, forte e sólido? Na vontade existem mais misérias ainda, e são bem mais miseráveis, incontáveis. Vejamos algumas:

a. Querer parecer homem de bem mais do que sê-lo, sê-lo para o outro mais do que para si.

b. Ser mais pronto e voluntário para a vingança da ofensa do que para o reconhecimento do bem feito, tanto que ser agradecido constitui mais trabalho e pesar. O prazer e o ganho da vingança são uma prova da natureza maligna. *Gratia oneri est, ultio in quaestu habetur.*

c. Ser mais ávido para odiar do que para amar, para maldizer do que para louvar; apascentar-se e morder de mais bom grado e com mais prazer ao mal do que ao bem de outrem. Fazer valer mais o mau, delongar-se mais a discorrer sobre isto e exercer seu estilo, como dão testemunho todos os escritores, oradores e poetas, que são covardes para recitar o bem, mas eloquentes para o mal. As palavras, as invenções, as figuras para maldizer e provocar são mais ricas, mais enfáticas e significativas do que para o bem dizer e louvar.

d. Fugir de fazer o mal e buscar o bem, não pelo bom impulso, pela razão natural e pelo amor pela virtude, mas por alguma outra consideração estranha, algumas vezes covarde e sórdida do ganho e proveito, da glória vã, da esperança, do temor, do costume ou da companhia; enfim, não por si e por seu dever simplesmente, mas por alguma ocasião e circunstância externa. Todos são gente de bem por ocasião e por acidente. Eis porque o são de forma desigual e diversa mas não perpétua, constante e uniformemente.

e. Amar menos o que ofendemos em função de o termos ofendido. O que é estranho e nem sempre acontece por temor que queiram ter sua revanche, pois talvez o ofendido não nos queira menos bem; mas porque sua presença acusa-nos e remete-nos a nosso erro e indiscrição. Se o que ofende não ama menos, é prova de que não quis ofender. Ordinariamente, quem teve a vontade de ofender, em seguida ama menos o ofendido. *Qui offende, mai non perdona.*

f. O mesmo podemos dizer daquele a quem somos muito obrigados, sua presença nos coloca diante da responsabilidade, remete-nos à obrigação, censura-nos nossa ingratidão e impotência. Gostaríamos que não existisse para sermos desobrigados: este é um mau natural. *Quidam quo plus debent, magis oderunt: leve aes alienum debitorem facit, grave inimicum.*

g. Tomar prazer com o mal, com a pena e com o perigo de outrem, assim como desprazer com seu bem, avanço e prosperidade (entendo que seja sem nenhuma causa certa e particular de ódio, que seria outra coisa, provindo do vício singular da pessoa). Menciono aqui a condição comum e natural, pela qual sem nenhuma malícia particular, os menos maus tomam prazer em ver as pessoas correrem fortuna sobre o mar, zangam-se de ser precedidos por seus companheiros ou que a fortuna diga melhor a outro do que a eles; nada quando algum pequeno mal acontece a um outro, isto testemunha de uma semente maliciosa em nós.

12. Por fim, para mostrar quão grande é nossa miséria, diria que o mundo é composto por três tipos de gente, que nele tomam grande lugar em número e reputação: os supersticiosos, os formalistas e os pedantes. Mesmo que se encontrem em diferentes assuntos, alçadas e teatros (os três principais são a religião, a vida ou a conversa e a doutrina), são feitos na mesma forma: espíritos fracos, mal nascidos ou muito mal instruídos, gente perigosa por seu julgamento e tocados por uma doença quase incurável. É pena perdida falar a estas pessoas para fazê-las reconsiderar, porque consideram-se as melhores e mais sábias do mundo, neles o opiniatismo se encontra em sua sede. Existe pouca esperança de convalescença para os que foram feridos e tocados no âmago por estes males. Existe algo mais inepto e ao mesmo tempo mais teimoso do que esta gente? Duas coisas os impedem, como foi dito: a fraqueza e a incapacidade naturais; em seguida a opinião antecipada de fazer melhor do que os outros. Me limito aqui a nomear e apontar, pois consideraremos e mostraremos em seguida, no lugar próprio, seu erro.

Os supersticiosos que injuriam Deus e inimigos da verdadeira religião cobrem-se de piedade, zelo e afeição para com Deus, à ponto de penar e

atormentar-se mais do que é-lhes pedido, pensando merecer muito e que Deus seja-lhes grato, ou até mesmo deva-lhes algo. Que fazer com isto? Se disser-lhes que excedem e tomam as coisas de maneira deformada, por não compreenderem-nas bem, não acreditarão em nada, dizendo que sua intenção é boa (com isso acreditam salvar-se), que o fazem por devoção. Aliás, não querem deixar seu ganho, nem a satisfação que recebem dele, que é tornar Deus obrigado a eles.

Os formalistas agarram-se inteiramente às formas e ao exterior; pensam estar quites e irrepreensíveis na caça de suas paixões e cupidez, graças ao fato de não fazerem nada contra o teor das leis nem omitirem nenhuma das formalidades. Um rico arruinou e colocou no desespero famílias pobres, pedindo o que pensava ser seu por via da justiça: quem poderia convencê-lo de ter mau feito? Quantos bem feitos são omitidos e maldades cometidas sob a cortina das formas e que não sentimos; verificado que o soberano direito é a extrema injustiça. Falou bem quem disse que Deus nos guarde dos formalistas.

Os pedantes que não cessam de protestar, depois de pelos livros terem procurado e guiado a ciência com grande estudo e pena, mostram-no com ostentação, de forma lucrativa e mercenária degolam-na e esparramam-na ao vento. Existe no mundo gente mais inepta para os negócios, mais impertinente para todas as coisas e ao mesmo tempo mais presunçosa e opiniática? Em toda língua e nação os termos pedante, escrevente e mestre-escola são palavras censuradas. Fazer alguma coisa como um escrevente equivale a fazer algo de maneira tola. São pessoas que têm a memória repleta do saber de outrem, não possuindo nada de próprio. Seu julgamento, vontade e consciência não valem muito mais, são desajeitados, nem um pouco sábios ou prudentes. Tanto é que a

ciência só lhes serve para torná-los mais tolos, mais arrogantes e tagarelas: ela deprava seu espírito e abastarda seu entendimento, mas incha sua memória. Aqui reside a última miséria que acabamos de colocar no entendimento.

Da presunção

Capítulo XL

Eis o último e mais vilão traço de sua pintura, a outra parte da descrição oferecida por Plínio. É a peste do homem e a ama de leite das mais falsas opiniões públicas e particulares, vício todavia natural e original do homem. Esta presunção deve ser considerada em todos os sentidos, do alto, de baixo, de lado, de dentro, de fora e no que diz respeito à Deus. As coisas elevadas e celestes ou as baixas e animais, as do homem seu companheiro ou as de si mesmo: tudo se resume a duas coisas: estimar-se em demasia e não estimar o outro o suficiente. *Qui in se considerabant et aspernabantur alios*. Falemos um pouco de cada um.

Primeiramente no que diz respeito à Deus, o que constitui uma coisa horrível. Toda superstição e falta de religião ou falso serviço a Deus vem de não estimarmos Deus o suficiente, de não sentirmos e não vermos as opiniões, as concepções e as crenças da divindade de forma bastante elevada e pura. Não me refiro com este bastante na proporção da grandeza de Deus, que não possui proporção por ser infinito. É impossível conhecermos o suficiente quanto a isto. Entendo o bastante quanto ao que podemos e devemos. Não tiramos nem elevamos alto o suficiente nem retesamos o bastante a ponta de nosso espírito quando imaginamos a divindade? Nós a concebemos de forma baixa, a servimos também muito indignamente e agimos com relação à ela de forma mais vil do que para com certas criaturas. Falamos não somente de suas obras, mas de sua majestade, vontade e julgamentos com mais confiança e ousadia do que

faríamos com um príncipe ou outro homem de honra. Vários homens recusariam tal serviço e reconhecimento, ofenderiam-se e sentiriam-se violados se falássemos deles e empregássemos seu nome de forma tão vil ou sórdida. Nós o dirigimos, adulamos, dobramos e compomos com ele, para não dizer que desafiamos, ameaçamos, reclamamos e aborrecemos. César dizia a seu piloto que não temesse vaguear e conduzi-lo contra o destino, contra a vontade do céu ou dos astros, confiando que era César quem o levava. Augusto abatido por uma tempestade no mar pôs-se a desafiar o deus Netuno e; na pompa dos jogos circenses, fez retirarem sua imagem da fileira onde estava junto dos outros deuses para vingar-se dele. Os trácios, quando trovoa e relampeja, atiram flechas contra o céu para submeter deus à razão. Xerxes chicoteou o mar e escreveu um desafio ao monte Atos. Conta-se ainda que, um rei cristão vizinho do nosso, tendo recebido um suplício de Deus jurou vingar-se e quis que por dez anos não rezassem nem falassem dele.

Audax Japeti genus.

Nil mortalibus arduum.

Caelum ipsum petimus stultia, neque

Per nostrum patimur scelus

Iracunda Jovem ponere fulmina.

Deixando estas estranhas extravagâncias, o homem comum também não demonstra claramente que não há nada ao mesmo tempo mais miserável e mais glorioso do que o homem, como diz Plínio? Por um lado ele simula elevadas e ricas opiniões sobre o amor, o cuidado e a afeição que Deus lhe concede, como se fosse seu preferido e único, mas todavia o serve muito indignamente. Como poderiam concordar e subsistir juntos uma vida e um lugar tão débeis e

miseráveis por um lado, e uma opinião e crença tão gloriosos e tão altivos de outra? Isto equivaleria a ser anjo e porco ao mesmo tempo. Um grande filósofo censurava aos cristãos não existir ninguém mais orgulhoso e glorioso ao escutá-los falar, e de fato mais covardes e maus. É um inimigo que fala pela injúria, mas que toca com justiça os hipócritas.

Parece-nos ainda que pesamos e importamos muito para Deus, para o mundo e para toda a natureza, que sofrem e se cansam com nossos assuntos, não ajudam outros além de nós, e por isso admiramos os acidentes que nos acontecem. Isto mais claro ainda na morte. Poucas pessoas são determinadas e creem que seja sua última hora: quase todos deixam-se enganar pela esperança. Isto vem da presunção, pois adoramos demais nós-mesmos, e parece-nos que o universo tem grande interesse em nossa morte, que as coisas nos faltam na medida em que falhamos, ou que falham na medida em que falham conosco. Ou ainda que sofrem o mesmo tumultuo que sofremos, como os que vão sobre a água. Que o céu, a terra, as cidades o deslocam, acreditamos arrastar tudo conosco. Nenhum de nós acredita ser sozinho.

O homem acredita ainda que o céu, as estrelas, todo o grande movimento celeste e a oscilação do mundo são feitos unicamente para ele. *Tot circa unum caput tumultuantes deos*. E o pobre miserável é bem ridículo. Está aqui em baixo alojado no último e pior estágio deste mundo, mais distante da abóbada celeste, na cloaca e sentina do universo, com o lodo e a borra, com os animais da pior condição, sujeito a receber todos os excrementos e lixos que chovem e caem do alto sobre sua cabeça. E vive somente disto, e de sofrer os acidentes que chegam para ele de todas as partes. Faz crer a si mesmo que é o mestre comandando tudo, que todas as criaturas e até os grandes corpos luminosos incorruptíveis

(dos quais não pode conhecer a menor virtude, forçado a admirá-los paralisado), movem-se exclusivamente para ele e para seu serviço. E como mendiga, débil que é, seu viver, sua manutenção e comodidades dos raios, da claridade, do calor do sol, da chuva e de outras repugnâncias do céu e do ar, diz que goza do céu e dos elementos como se tudo tivesse sido feito e se mexesse exclusivamente para ele. Nesse sentido o gancinho poderia dizer o mesmo, talvez com mais justiça e constância. O homem que recebe com tanta frequência as incomodidades lá do alto não tem nada disso em seu poder e inteligência, não podendo adivinhá-los. Mas está em perpétua paralisia, febre e temor que os corpos superiores não se movimentem oportunamente e no momento desejado, causando-lhe esterilidade, doenças e tantas coisas contrárias. Ele treme sob o fato de que os animais recebem tudo o que vem do alto sem alarmar ou apreender com o que acontecerá e sem reclamar do que aconteceu como faz incessantemente o homem. *Non nos causa mundo sumus hyemem aestatemque referendi: suas ista leges habent, quibus divina exercentur; nimis nos suspicimus si digni nobis videmur, propter quos tanta moveantur. Nos tanta caelo nobiscum societas est, ut nostro fato sit ille quoque syderum fulgor.*

No que diz respeito às coisas baixas e terrestres, ou seja todos os animais, este os despreza e deprecia como se não pertencessem ao mesmo mestre operário, e não viessem da mesma mãe e da mesma família que ele, como se não o atingissem nem tivessem nenhuma participação ou relação com ele. Daí chega a abusar deles e exercer crueldade, coisa que recai contra o mestre comum e universal que as fez, que tem cuidado com elas e redigiu leis para seu bem e conservação, avantajando-os em algumas coisas, enviando o homem com frequência em direção a elas, como se fosse para uma escola: mas isto é o assunto do capítulo seguinte.

Nada disso degrada de forma alguma a doutrina comum segundo a qual o mundo é feito para o homem, e o homem para Deus. Além da instrução que o homem tira em geral de toda coisa elevada ou baixa para conhecer Deus, ele mesmo, seu dever; também tira proveito, prazer ou serviço de cada uma em particular. Sobre o que está acima dele, que conhece menos e não tem em seu poder: o céu azulado tão ricamente pintado com estrelas e tochas rolando sem cessar sobre nossas cabeças, tem este bem para contemplação. Sobe e se eleva de admiração, de temor, de honra, de reverência para seu autor e o mestre soberano de tudo. Nesse sentido, foi bem dito por Anaxágoras e pelos outros filósofos que o homem foi criado para contemplar o céu e as estrelas, chamando aquele de *ουρανόσκοπον*. Das coisas baixas ele tira o socorro, o serviço e a comodidade. Mas persuadir-se de que, fazendo todas estas coisas, só se tenha pensado no homem, e que este seja o alvo e a finalidade de todos os corpos luminosos e incorruptíveis, é uma presunção louca e ousada demais.

Por fim esta presunção deve ser considerada principalmente no próprio homem, ou seja, no que diz respeito a ele e ao seu companheiro, interiormente quanto ao progresso de seu julgamento e de suas opiniões; externamente quanto à comunicação e conversação com outrem. A respeito disso consideramos três coisas ou artigos que se seguem, nos quais a humanidade mostra bem sua fraqueza e sua louca presunção. A primeira está na cresça e na descrença (não se trata aqui de religião, ou da fé e crença divina, devemos lembrar-nos do aviso colocado no prefácio), onde devem ser notados dois vícios contrários, que são comumente encontrados na condição humana. O primeiro e mais comum é uma superficialidade, *qui cito credit levis est corde*, ou grande facilidade para crer e receber tudo o que é proposto com alguma aparência ou autoridade. Isto pertence à tola simplicidade, moleza e fraqueza do pequeno povo, dos espíritos

afeminados, doentes, supersticiosos, espantados, indiscretamente zelados que, como a cera, recebem facilmente qualquer impressão e deixam-se tomar e levar pelas orelhas. Isto consiste antes em um erro e fraqueza do que malícia, e aloja de bom grado nas almas bondosas. *Credulitas error est magis qual culpa, et quidem in optimi cujusque mentem facile irrepit.* Neste sentido vemos quase todo o mundo levado e carregado pelas opiniões e crenças, não por escolha e julgamento, com frequência até mesmo antes da idade e discricção, mas pelo costume do país, pela instrução recebida na juventude, ou por acaso como no encontro com uma tempestade. Tornam-se aí totalmente colados, hipotecados e assujeitados, não podendo mais desprender-se. *Veluti tempestate delati ad quamcunque disciplinam tanquam ad saxum adhaerescunt.* O mundo é conduzido assim, s confiamos e remetemos-nos aos outros. *Unusquisque mavult credere quam indicare; versat nos et praecipitat traditus per manus error, ipsa consuetudo assentiendi periculosa et lubrica.* Tal facilidade popular, ainda que seja na verdade fraqueza, não é desprovida de alguma presunção. Crer, aderir e tomar por verdadeiro e certo de forma tão superficial, investigar as causas, razões, consequências e não a verdade; e sem conhecê-la, seria atrever-se em demasia. Dizem de onde vem isto? Como isto se faz? Pressupondo que isto é bem verdadeiro; mas não o é. Tratamos, agitamos os fundamentos e efeitos de mil coisas que nunca foram, dos quais todo o *pro et contra* é falso. Quantas mentirolas, milagres falsos e supostos, visões e revelações recebidas no mundo nunca existiram? (Não tocamos nos verdadeiros milagres autorizados pela igreja, que estão à parte). E porque acreditaríamos em uma maravilha, uma coisa não humana nem natural, se podemos desviar-nos e omitir a verificação por via natural e humana? A verdade e a mentira têm rostos conformes, o porte, o gosto e o comportamento iguais. Olhamo-los com os mesmos olhos. *Ita sunt finitima*

falsa veris, tu in praecipitem locum non debeat se sapiens committere. Devemos acreditar em um homem somente no que diz respeito ao humano, a não ser que esteja autorizado por aprovação sobrenatural e sobre humana, que cabe unicamente a Deus: somente este deve ser acreditado no que diz, pelo que diz.

O outro vício contrário é uma temeridade forte e audaciosa para condenar e rejeitar como falsas todas as coisas que não compreendemos, que não agradam ou não se adaptam ao nosso gosto. Isto é próprio daqueles que têm boa opinião de si mesmos, hábeis e entendidos, especialmente os heréticos, os sofistas e os pedantes. Sentindo possuir alguma ponta de espírito ou ver um pouco mais claro que o comum, outorgam a si mesmos lei e autoridade para decidir e resolver todas as coisas. Este vício é muito maior e pior do que o primeiro, pois é loucura enraivecida pensar saber até onde vai a possibilidade, as alçadas, os limites da natureza, o alcance do poder e vontade de Deus. Mais ainda querer submeter a si e à sua suficiência o verdadeiro e o falso das coisas, que é exigido para cada coisa e com tal altivez e segurança resolvê-las e defini-las. Eis seu jargão: isto é falso, impossível, absurdo. Quantas coisas existem que, por um tempo rejeitamos com risada como impossíveis, sendo em seguida obrigados a admiti-las e passar para outras mais estranhas ainda. Ao contrário, quantas outras foram consideradas como artigos de fé, e depois vãs mentiras?

O segundo artigo, que segue comumente o primeiro e vem dele, consiste em afirmar ou reprovar com certeza e de forma opiniática o que acreditamos ou desacreditamos superficialmente. Este segundo grau acrescenta ao primeiro o opiniatismo e a presunção. A facilidade de crer, com o tempo, endurece e degenera em opiniatismo invencível e incapaz de emenda, e chegamos ao ponto de sustentar mais as coisas que sabemos e entendemos menos. *Majorem fidem*

homines adhibent iis, quae non intelligunt: cupiditate humaniingenii lubentius obscura creduntur. Falamos de todas as coisas por resolução. A afirmação e o opiniatismo são sinais ordinários de besteira e ignorância, acompanhados de loucura e arrogância.

O terceiro artigo que segue os dois primeiros, que é o festival da presunção, consiste em persuadir, fazer valer e oferecer a outrem o que acreditamos, induzi-los até mesmo de forma imperiosa com obrigação de crer e proibição de duvidar. Que tirania?! Qualquer um que acredita em algo estima ser obra de caridade persuadir o outro dela. Para isso não teme acrescentar sua invenção tanto quanto for necessário para suprir o defeito e a resistência, que pensa encontrar na concepção do outro. Não há nada a que os homens tendam mais do que dar forma à sua opinião. *Nemo sibi tantum errat, sed aliis erroris causa et author est.* Onde o meio comum falha, acrescentamos o comando, a força, o ferro e o fogo. Este vício é próprio dos dogmáticos e dos que querem governar e legislar o mundo. Para alcançá-lo e cativar as crenças usam de dois meios: pelo primeiro introduzem proposições gerais e fundamentais, que chamam de princípios e pressuposições que ensinam não ser permitido duvidar ou discutir. Sobre estes batizam em seguida tudo o que lhes agrada, e levam o mundo do seu jeito. Isto é um logro pelo qual o mundo se enche de erros e de mentiras. De fato, se chegamos a examinar estes princípios, encontraremos falsidade e fraqueza tanto ou mais do que em tudo o que querem tirar e arrancar. Encontraremos sempre a mesma aparência nas proposições contrárias. Alguns, em nossa época, mudaram ou derrubaram os princípios e regras dos antigos quanto à astrologia, à medicina, à geometria, à natureza e movimento dos ventos. Qualquer proposição humana tem tanta autoridade quanto uma outra, se a razão não fizer a diferença. A verdade não depende da autoridade ou do testemunho do

homem. Não existe princípios para os homens, se a divindade não os tiver revelado. Todo o resto não passa de sonho e fumaça. Ora, estes senhores querem que acreditemos e recebamos o que dizem, que confiemos neles sem julgar ou examinar o que nos entregam. Isto é uma injustiça tirânica. Somente Deus, como foi dito, deve ser acreditado em tudo o que diz, pelo que diz. *Qui a semetipso loquitur, mendax est.* O outro meio consiste na suposição de algum feito milagroso, revelação e aparição nova e celeste, e foi destramente praticado por legisladores, generais de exércitos ou chefes de partidos. A primeira persuasão do assunto apanha os simples, mas é tão tenra e frágil que o menor choque, engano ou inadvertência que sobreviessem arruinariam tudo. É grande maravilha, como de começos tão vãos e causas tão frívolas saíram tão famosas impressões. Uma vez esta primeira impressão transposta, torna-se pronta para inchar e crescer maravilhosamente, tanto que chega a estender-se até mesmo aos hábeis, pela multidão dos crentes, dos testemunhos, e dos anos, pelo que nos deixamos levar, se não formos muito bem preparados. Não há então mais necessidade de resistir e investigar, mais simplesmente de crer. O maior e mais poderoso meio de persuadir, e a pedra de toque da verdade, é a multidão dos anos e dos crentes. Os loucos ultrapassam de muito o penhor. *Sanitatis patrociniū est insanientium turba.* É coisa difícil decidir seu julgamento contra as opiniões comuns. Tudo isto pode ser conhecido pelas inúmeras imposturas e gracejos que vimos nascer como milagres arrebatando todo o mundo de admiração; incontinenti abafados por algum acidente, ou pelo exame minucioso dos clarividentes, que foram iluminados de perto e descobriram o velhaco. Se tivessem tempo para amadurecer e fortificar sua natureza, estaria feito para sempre e teriam sido recebidos e adorados de maneira geral. Assim acontece com muitos outros que por um favor da fortuna passaram e ganharam a crença pública, à qual em seguida nos

acomodamos sem fazer o reconhecimento da coisa no refúgio e em sua origem. *Nusquam ad liquidum fama perducitur.* Existem tantos tipos de religião no mundo, permaneceram do paganismo tantas formas de superstição até mesmo dentro da cristandade, das quais não pudemos livrar os povos de forma absoluta. Por todo este discurso, vemos em que ponto estamos, já que não somos levados por tais guias.

Quinta e última consideração acerca do homem, tendo em vista a variedade e a grande diferença existente nele; suas comparações.

Da diferença e da desigualdade dos homens em geral.

Capítulo XLI

Não há nada nesse baixo mundo em que encontremos tanta diferença quanto entre os homens. E são diferenças enormes em um mesmo sujeito e espécie. Se quisermos acreditar em Plínio, Heródoto e Plutarco, há formas de homens em certos lugares que têm muito pouca semelhança com a nossa. E existem ainda as mestiças e ambíguas, entre a humana e a brutal. Existem regiões onde os homens não possuem cabeça e têm os olhos e a boca no peito, outras onde são andróginos, outras ainda onde andam de quatro patas, ou onde possuem um só olho na testa ou a cabeça mais semelhante a de um cachorro do que à nossa, ou ainda onde são metade peixe e vivem na água, onde as mulheres parem aos cinco anos e só vivem oito, onde têm a cabeça e a testa tão duras que o ferro não consegue penetrar e ricocheteia, onde transformam-se naturalmente em lobos, jumentos em seguida voltam a ser homens, onde não têm boca e alimentam-se de certos odores, onde escurecem a semente, onde são muito pequenos e anões, ou muito fortes e gigantes, onde andam nus, onde são totalmente peludos e aveludados, e ainda onde não conhecem a palavra e vivem

pelos bosques como animais, escondidos em cavernas e dentro das árvores. Em nosso tempo descobrimos e tocamos com os olhos e dedos homens sem barba, que desconhecem o uso do fogo, do trigo ou do vinho, onde o que consideramos a maior feiura é tido pela maior beleza. Quanto à diversidade dos hábitos, isto será dito em outro lugar. Além de todas estas estranhezas mencionadas, sabemos que quanto ao rosto, não é possível encontrar dois rostos totalmente semelhantes. Acontece que nos enganemos e tomemos um por outro, em razão de uma grande semelhança, mas isto acontece na ausência de um, pois em presença de ambos é fácil observar a diferença, ainda que não possamos exprimi-la. Nas almas existe uma diferença muito maior, pois ela é sem comparação maior de homem para homem, do que de animal para animal. Mas seria facilmente demonstrável existir maior diferença do homem para o homem do que do homem para o animal. Um excelente animal é mais próximo do homem do mais baixo escalão, do que este homem de um homem grande e excelente. Esta grande diferença dos homens vem das qualidades internas e da parte que diz respeito ao espírito, onde existem tantas peças e tantas alçadas que se tornam uma coisa infinita e de inumeráveis graus. Por último, para aprender a conhecer o homem, devemos olhar para as distinções e diferenças nele existentes. Elas são diversas, na medida em que existem vários elementos no homem, várias razões e meios de considerá-los e compará-los. Apresentaremos aqui cinco principais, às quais todas as outras poderão referir-se, assim como tudo o que existe no homem como o espírito, o corpo, o natural, o adquirido, o público, o privado, o aparente e o secreto. Esta quinta e última consideração acerca do homem terá então cinco partes: as cinco grandes e capitais distinções entre os homens:

A primeira é natural, essencial e universal a todo homem, quanto ao espírito e ao corpo.

A segunda é natural e essencial principalmente, mas não adquirida, quanto à força e suficiência do espírito.

A terceira é acidental quanto ao estado, à condição e ao dever, tirada da superioridade e da inferioridade.

A quarta é acidental quanto à condição e à profissão de vida.

A quinta e última diz respeito aos favores e aos desfavores da natureza e da fortuna.

Primeira distinção e diferença entre os homens, natural e essencial, tirada da composição diversa do mundo.

Capítulo XLII

A primeira, mais notável e universal distinção entre os homens diz respeito ao espírito e ao corpo, ou seja à todo o ser do homem. É tomada e tirada da diversa composição do mundo, que se deve ao olhar e à influência do céu e do sol, do ar, do clima e da região de origem. São pois diversos não somente o a tez, o tamanho, a complexão, a continência, os hábitos, mas também as faculdades da alma. *Plaga coeli non solum ad robur corporum, sed et animorum facit. Athenis coelum ex quo etiam acutiores Attici, crassum Thebis ideo pingues Thebani et valentes.* Platão agradecia a Deus por ter nascido ateniense e não tebano.

Assim como os frutos e os animais nascem diversos segundo as diversas regiões, também os homens nascem mais ou menos belicosos, justos, temperantes, dóceis, religiosos, castos, engenhosos, bons, obedientes, belos, são e fortes. É por isso que Ciro não deixou que os persas abandonassem seu país áspero e corcovado, para morar em um outro doce e plano; dizendo que as terras gordas e moles fazem os homens moles, e as terras férteis fazem os

espíritos pouco férteis.

Seguindo este fundamento podemos repartir o mundo em três partes, e os homens em três tipos naturais. Repartiremos o mundo em três: as duas extremidades do sul e norte, e a intermediária. Cada parte e composição terá sessenta graus. A do sul está sob o equador, com trinta graus de um lado e trinta do outro, ou seja, mais ou menos tudo o que está entre os dois trópicos. Nela encontram-se as regiões ardentes e os meridionais, a África e a Etiópia no meio do oriente e do ocidente. A Arábia de Calecute, o arquipélago das ilhas Molucas, ilha de Java, a ilha Trapobana (Ceilão) em direção ao oriente. O Peru e os grandes mares em direção ao ocidente.

A outra intermediária possui trinta graus além dos trópicos de um lado como do outro dos polos. Nela se encontram as regiões médias e temperadas, toda a Europa com seu mar Mediterrâneo, em meio ao oriente e ocidente, toda a Ásia pequena e grande que se encontra em direção ao oriente, com a China e o Japão, e a América ocidental. A terceira também possui trinta graus e estes são os mais próximos dos dois polos de cada lado. Nela estão as regiões frias e glaciais e os povos setentrionais como a Tartária, a Moscóvia, Labrador, e Magalhães (Terra do fogo) que ainda não foi bem descoberta.

Seguindo esta divisão geral do mundo, também são diferentes os naturais dos homens em todas as coisas como no corpo, no espírito, na religião e nos hábitos; como podemos ver no pequeno quadro que segue:

	Os setentrionais são:	Os médios são:	Os meridionais são:
1. quando ao corpo	Altos, grandes, fleumáticos, loiros sanguíneos, voz forte, brancos, sociáveis, couro mole veloso, grandes comedores poderosos	medíocres e temperados em todas estas coisas, neutros, participando das duas extremidades	pequenos, melancólicos, frios e secos, negros. Solitários, voz aguda, couro duro com pouco pelo, crespo. Fracos, abstinentes
2. quando ao espírito	grosseiros, tolos pesados, fáceis estúpidos, ligeiros, inconstantes	medíocres e temperados	engenhosos, sábios, prudentes, finos, opiniáticos
3. quanto à religião	pouco religiosos e devotos	mais mantenedores da religião, da qual são mais vizinhos	supersticiosos, contemplativos
4. quanto aos hábitos	guerreiros, cruéis valentes, penosos, castos, sem inveja, desumanos	medíocres e temperados	não guerreiros, covardes, invejosos libertinos, cruéis, desumanos

Todas estas diferenças são facilmente provadas. Quanto às do corpo, são

visíveis aos olhos, e se acontecem algumas exceções são raras e vêm da mistura dos povos, ou dos ventos, das águas, e da situação particular dos lugares; uma montanha por exemplo faz uma diferença notável em um mesmo grau, em um mesmo país ou cidade. Os habitantes da cidade alta de Atenas tinham um humor diferente, diz Plutarco, daqueles do porto de Pireu. Uma montanha do lado do norte tornará o vale que está em direção ao sul totalmente meridional, e ao contrário também.

Quanto aos espíritos, sabemos que as artes mecânicas e obras manuais pertencem ao norte, onde eles são exaustivos. Já as ciências especulativas vieram do sul. César e os antigos consideravam os egípcios muito engenhosos e sutis. Moisés é considerado instruído em sua sabedoria, a filosofia veio daí para a Grécia, e a maioria começa mais cedo para eles por causa do espírito e da fineza. As guardas dos príncipes, mesmo dos príncipes do sul, vêm do norte, porque têm mais força e menos fineza e malícia. Assim os meridionais estão sujeitos a grandes virtudes e grandes vícios, como dizem de Aníbal. Os setentrionais têm a beleza e a simplicidade. As ciências médias e mistas, políticas, leis e eloquência pertencem às nações intermediárias, nas quais floresceram os grandes impérios e governos.

Quanto ao terceiro ponto, as religiões vieram do sul: Egito, Arábia e Caldeia. Existe mais superstição na África do que no resto do mundo, como testemunham os votos tão frequentes e os templos tão magníficos. Os do norte, diz César, pouco preocupados com a religião, estão atentos para a guerra e para a caça.

Quanto aos hábitos, primeiramente no que diz respeito à guerra, é certo que os grandes exércitos, artes, instrumentos e invenções militares, vieram do norte. Os povos que daí vieram como os Citas, Godos, Vândalos, Hunos, Tártaros,

turcos e germanos dominaram e venceram todas as outras nações e assolaram todo o mundo. Por isto dizem com frequência que todo o mal vem com o Aquilão (vento do norte). Os duelos e combates também vieram daí. Os homens do norte adoram a espada cravada na terra, diz Solino, são invencíveis com relação às outras nações e até mesmo com relação aos romanos que venceram o resto do mundo mas foram destruídos por eles.

Também se enfraquecem e definham com o vento do sul ou quando vão em direção ao sul, da mesma forma que os meridionais quando vêm para o norte redobram suas forças. Por causa de seu orgulho guerreiro não suportam que os comandem por ostentação pois desejam a liberdade, ou pelo menos comandos eleitos. No que diz respeito à castidade e à inveja, no norte, segundo Tácito, um homem tem uma única mulher, e segundo César esta ainda é suficiente para vários. Não existe nenhuma inveja, diz Münster, onde os homens e as mulheres se banham juntos com os estrangeiros. No sul, a poligamia é recebida por todo lado: toda a África adora Vênus, diz Solinus. Os meridionais morrem de ciúme, por isso eles têm os eunucos para serem guardiões de suas mulheres, que os grandes senhores têm em grande número como em um haras.

Quanto à crueldade as extremidades são semelhantes, mas por diversas causas, como veremos em seguida nas causas. As punições com a roda e os empalamentos dos vivos vieram dos homens do norte. As desumanidades dos moscovitas e tártaros são todas notórias. Os alemães, diz Tácito, não punem os culpados juridicamente, mas os matam cruelmente como inimigos. Aqueles do sul também esfolam vivos os criminosos, e seu apetite de vingança é tão grande que tornam-se furiosos quando não o saciam. No intermédio são benignos e humanos. Os romanos puniam os maiores crimes com o simples banimento, os

gregos usavam bebida doce de cicuta para fazer morrer os condenados. Cícero diz que a humanidade e a cortesia fazem parte da Ásia menor, e daí deriva para o resto do mundo.

A causa de todas estas diferenças corpóreas e espirituais é a desigualdade e diferença do calor natural interno, existente nestes países e povos. Ou seja, ele é forte e veemente nos homens do norte por causa do grande frio externo, que a aperta e fecha no interior; da mesma forma que as caves e lugares profundos são quentes no inverno, os estômagos também o são. *Ventres hyeme calidiores*. O calor interno é fraco nos homens do sul, uma vez que é dissipado e atirado para fora, pela veemência do calor externo, como no verão os ventres e lugares debaixo da terra são frios. Nos homens de lugares intermediários o calor interno é médio e temperado.

Da diversidade e da desigualdade no calor natural vêm estas diferenças não somente corporais, o que observamos facilmente, mas ainda as diferenças espirituais. Os homens do sul, por causa de seu temperamento frio, são melancólicos, decididos, constantes, contemplativos, engenhosos, religiosos e sábios. A sabedoria está nos animais frios como nos elefantes que, por causa do sangue frio, são os mais melancólicos, sábios, dóceis e religiosos de todos os animais. Deste temperamento melancólico advém também o fato de que os meridionais sejam libertinos, por causa da melancolia espumosa, abrasiva e impudica, como vemos nas lebres. E cruéis, porque esta melancolia abrasiva pressiona violentamente as paixões e a vingança. Os homens do norte, fleumáticos e sanguíneos, quanto ao temperamento são todo o contrário dos do sul. Estes têm as qualidades totalmente contrárias, exceto por concordarem em uma coisa: são tão cruéis e inumanos uns quanto os outros, mas por razões

diferentes, ou seja, pela ausência de julgamento, pois como os animais não sabem comandar-se nem conter-se. Os de terras intermediárias são sanguíneos e suas cóleras são temperadas, têm um belo humor, são alegres, dispostos e ativos.

Poderíamos ainda, de maneira mais requintada e sutil representar a diversidade natural destes três tipos de povos, pela aplicação e comparação de todas as coisas, como poderemos ver no pequeno quadro que segue. Nele vemos aquilo que pertence propriamente e se relaciona a cada povo:

	Setentrionais:	Médios:	Meridionais:
1. Qualidade da alma	senso comum	discursos e raciocínio	Intelecto
	força como dos ursos e animais	razão e justiça de homens	fineza de raposas e religião de gentes divinas
2. Planetas	Marte/guerra. Lua/caça	Júpiter/imperadores. Mercúrio/oradores	Saturno/contemplação. Vênus/amor
3. Ações e partes da república	arte e manufatura	prudência, conhecimento do bem e do mal	ciência do verdadeiro e do falso
	operários, artesãos e soldados	Magistrados bem dotados	Pontífices filósofos
	executar, obedecer	julgar, comandar	contemplar
	jovens inábeis	homens feitos manejadores de negócios	velhos graves, sábios e pensativos

As outras distinções mais particulares podem se dirigir à mais geral de sul e norte. Podemos dirigir às condições dos nórdicos às do ocidente, assim como às dos que vivem em montanhas, guerreiros, orgulhosos, amantes da liberdade, por causa do frio que existe nas montanhas. Também os que estão distantes do mar são mais simples e inteiros. Por outro lado, podemos atribuir as condições dos homens do sul aos orientais, os que vivem em vales, afeminados, delicados por causa da fertilidade de onde vem a volúpia. Também são assim os marinheiros enganadores e finos, por causa do comércio e do tráfico com diversos tipos de gente e nações.

Este discurso nos mostra que em geral os nórdicos são mais avantajados quanto ao corpo, e têm a força de seu lado. Já os homens do sul a possuem no espírito, e têm do seu lado a fineza. Os homens das terras intermediárias têm tudo e são temperados em tudo. Com isto também aprendemos que os hábitos não são na verdade nem vícios nem virtudes, mas obras da natureza: corrigi-la ou renunciar totalmente a ela é mais do que difícil. Mas suavizar, temperar e trazer mais ou menos as extremidades à mediania consiste no trabalho da virtude.

Segunda distinção e diferença mais sutil entre os espíritos e a suficiência dos homens.

Capítulo XLIII

A segunda distinção, que diz respeito ao espírito e à suficiência não é tão aparente ou perceptível quanto as outras, vindo seja do natural seja do adquirido. Segundo esta última existem três tipos de gente no mundo, três classes ou graus de espírito. No mais baixo estão os espíritos fracos e vulgares, com capacidade baixa e pequena, nascidos para obedecer, servir e serem conduzidos: estes são simplesmente homens.

Na segunda distinção ou no patamar intermediário estão os que têm o julgamento medíocre mas fazem profissão de suficiência, de ciência e de habilidade. Todavia não se conhecem nem se julgam suficientemente bem e param naquilo que comumente se acredita, e que lhe oferecem à primeira vista, sem mais inquirir acerca da verdade ou fonte das coisas, pensando até mesmo que aquilo não lhes seria permitido. Estes não olham além do lugar onde se encontram, pensam que para todo lado é da mesma maneira ou deveria ser; e quando as coisas acontecem de outra forma acreditam que falharam ou que são bárbaros. Se escravizam pois nas opiniões e leis municipais do lugar onde se encontram uma vez que se encontram nele, não somente por observância e uso, o que todos devem fazer, mas ainda de coração e de alma. Pensam que o que se crê em sua aldeia é o verdadeiro toque da verdade (isto não se refere à verdade divina revelada, nem à religião), a única ou a melhor regra do bem viver. Estas pessoas são da escola e da alçada de Aristóteles: afirmativos, positivos, dogmáticos, olham mais a utilidade do que a verdade, olham mais o que é comum ao uso e comércio do mundo do que o que é bom e verdadeiro em si. Nesta classe há grande número e diversidade de graus, os principais e mais hábeis dentre eles governam o mundo e têm o comando em suas mãos.

Na terceira e mais alta distinção estão os homens dotados de um espírito vivo e claro, de um julgamento forte, firme e sólido. Estes não se contentam em ouvir dizer, não param nas opiniões comuns e recebidas, não se deixam ganhar nem preocupar pela crença pública com a qual não se espantam, sabendo que há várias mentiras, falsidades e imposturas recebidas no mundo com aprovação, aplauso e até mesmo adoração e reverência pública. Eles examinam todas as coisas propostas, sondam de forma madura, buscam sem paixão as causas, motivos e alçadas até a raiz, preferindo duvidar e suspender sua crença do que se

alimentar de falsidade, afirmar ou manter-se seguro de algo que não conhecem por uma razão certa, tudo isto por uma facilidade demasiado mole e covarde, pela superficialidade ou precipitação do julgamento. Estes existem em pequeno número e são da escola e alçada de Sócrates e Platão: são modestos, sóbrios, retidos, considerando mais a verdade e a realidade das coisas do que a utilidade; quando são bem nascidos e acrescentam a isto a probidade e os hábitos regrados são verdadeiramente sábios, como buscamos aqui. Quanto as opiniões não concordam com o comum pois vêm mais claro, penetram mais à fundo. Não são tão fáceis, mas suspeitos e mal vistos pelos outros que são bem mais numerosos; por tudo isso são considerados extravagantes e filósofos, mas esta palavra é usada como injúria.

Na primeira das três classes existe um número bem maior do que na segunda, e na segunda do que na terceira. Os da primeira e da última, a mais baixa e a mais alta não perturbam o mundo, não movimentam nada; uns por insuficiência e fraqueza e os outros por grande suficiência, firmeza e sabedoria. Os do meio fazem todo o barulho e as disputas que existem no mundo, são presunçosos, estão sempre agitados e sempre agitam os outros. Os do grau mais baixo constituem o fundo, a lia, a sentina e se parecem com a terra; não fazem outra coisa além de receber e sofrer o que vem do alto. Os da média se parecem com a região do ar, na qual formam-se todos os meteoros, fazem-se todos os barulhos e alterações que depois caem sobre a terra. Os do mais alto patamar assemelham-se ao éter, a mais alta região vizinha do céu, serena, clara, limpa e pacífica. Esta diferença de homens vem em parte do natural da primeira composição e do temperamento do cérebro, que é diferente: úmido, quente ou seco e possui vários graus. Os espíritos e julgamentos são fortes, sólidos e corajosos, ou fracos, temerosos e vulgares. Em parte por causa da instrução e da

disciplina mas também da experiência e trato do mundo, que servem muito para tornar menos simplório e para libertar o espírito. Nas outras encontram-se os três tipos de gente, sob qualquer profissão, forma ou condição, tanto dos bons como dos maus, mas de forma diversa.

Fazemos ainda uma outra distinção entre os espíritos e as suficiências, pois uns abrem eles mesmos seu caminho, conduzindo-se sozinhos. Estes são felizes no mais alto grau e bem raros; os outros precisam de ajuda, mas são ainda de dois tipos: uns só precisam ser esclarecidos e basta que haja um guia e uma chama que caminhe à sua frente pois seguirão de bom grado e facilmente. Os outros querem ser puxados, têm necessidade de serem compelidos e tomados pelas mãos. Deixo de lado os que por grande fraqueza como os do mais baixo grau ou por malignidade de natureza como os do grau intermediário não são bons em seguir os outros nem em deixar-se puxar ou conduzir, estes são pessoas desesperadas.

Terceira distinção e diferença accidental entre os homens: quanto a seus graus, estados e cargos.

Capítulo XLIV

Esta distinção accidental, que diz respeito aos estados e encargos é fundamentada em dois princípios e fundamentos da sociedade humana, que são o comando e a obediência, poder e sujeição, superioridade e inferioridade, *imperio et obsequio mnia constant*. Esta distinção será vista primeiramente de forma geral e mais completa neste índice.

Todo poder e sujeição são:

1. Privados – Lar e família – Casamento, do marido

sobre a mulher: fonte da

sociedade humana.

– Paternal: dos pais sobre

os filhos

– Mestre:

– Senhores sobre seus escravos

– Mestres sobre seus servidores

– patronal, patrões

sobre seus libertos:

uso pouco frequente.

– Corpos e colegas, comunidades civis

sobre membros particulares da comunidade.

Ou

2. Públicos:

– Soberano : três tipos de estado;

– Monarquia de um.

cunctas nationes et urbes, populus

– Aristocracia de poucos.

aut primores aut singuli regunt :

– Democracia de todos.

– Subalterno, nos superiores e inferiores,

– Senhores particulares em vários

por diversas razões, lugares, pessoas:

graus.

–Oficiais da soberania; em grande diversidade.

O poder público, seja soberano, seja subalterno, recebe subdivisões que devemos conhecer. A soberana é tripla com relação à forma de governo que,

como foi dito, também é tripla. Cada uma das três é conduzida de três maneiras, uma real, ou senhorial, ou tirânica. Na real, o soberano (seja um ou vários, ou todos) obedecendo às leis da natureza guarda a liberdade natural e a propriedade dos bens aos súditos. *Ad reges potestas omnis pertinet, ad singulos proprietates: omnia rex imperio possidet, singuli dominio.* Na senhorial o soberano é senhor das pessoas e dos bens pelo direito das armas, governando seus súditos como escravos. Na tirânica o soberano despreza todas as leis de natureza, abusa das pessoas e dos bens de seus súditos, diferente do senhor, como o ladrão do inimigo de guerra. Dos três estados soberanos e dos três governos o monárquico e o senhorial são respectivamente os mais antigos, grandes, duráveis, augustos. Foram assim antigamente a Síria, a Pérsia, o Egito, e agora a Etiópia. As mais antigas são a Moscóvia, a Tartária, a Turquia e o Peru. Mas o melhor e mais natural estado e governo é a monarquia real. As aristocracias famosas de outrora são a Lacedemônia e agora Veneza, as democracias Roma, Atenas e Cartago, reais por seu governo.

O poder público subalterno, pertencente aos senhores particulares, tem várias formas e graus, sendo os principais cinco, a saber: 1. senhores tributários, que devem tributo somente; 2. feudatários, vassallos simples, que devem fé e homenagem para o feudo: estes três podem ser soberanos; 3. vassallos feudais que além da fé e da homenagem devem ainda um serviço pessoal, não podendo ser verdadeiramente soberanos; 4. súditos naturais ou vassallos ou que devem o sexto ou outros, que devem sujeição e obediência, e não podem dispensados do poder de seu soberano, e são senhores.

O poder público subalterno, dos oficiais da soberania, tem vários tipos, com relação à honra e ao poder, resumindo-se em cinco graus: 1. executores da

justiça: mais baixos entre os infames que devem permanecer fora da cidade; 2. Sargentos e trombeteiros que não possuem nem honra nem infâmia; 3. notários, recebedores, secretários que possuem honra sem conhecimento nem poder; 4. gentes do rei que possuem honra, poder e conhecimento, mas não jurisdição; 5. magistrados propriamente ditos que possuem jurisdição, e por assim todo o resto, possuindo várias distinções e principalmente estas cinco, todas duplas:

1. Majores, senadores, Minores, juízes.
2. Políticos, Militares.
3. Civis, Criminosos
4. Titulares em ofício formado, Comissários.
5. Perpétuos, como devem ser os menores e em número, Temporais e mutáveis, como devem ser os grandes

Dos estados e graus dos homens em particular, seguindo o índice precedente.

Aviso.

Falamos em particular das partes deste índice e da distinção entre poderes e sujeições (começando pelos privados e domésticos) ou seja, de cada estado e cada profissão dos homens, para conhecê-los. Este livro trata do conhecimento do homem, pois os deveres de cada um estarão no terceiro livro sob a virtude da

justiça, onde na mesma ordem todos estes estados e capítulos serão retomados. Antes de entrar é preciso sumariamente de falar sobre o comando e a obediência, dois fundamentos e causas das diversidades dos estados e encargos.

Do comandar e do obedecer

Capítulo XLV

São dois, como dito foi, os fundamentos de toda sociedade humana e da diversidade dos estados e das profissões. Ambos são relativos, dizem respeito um ao outro, requerem um ao outro, engendram-se e conservam-se mutuamente. E são da mesma forma requeridos em toda assembleia e comunidade. No entanto, são obrigados a uma inveja natural, a uma contestação e a uma maledicência ou queixa perpétuas. A popular coloca o soberano em pior condição do que um charreteiro. A monarquia o coloca acima de Deus. No comando se encontra a dignidade, a dificuldade (ambas andam comumente juntas), a bondade, a suficiência de todas as qualidades da grandeza. O comandar, ou seja, a suficiência, a coragem e a autoridade pertencem ao céu e à Deus. *Imperium non nisi divino fato datur: omnis potestas a Deo est.* Platão diz que Deus não estabelece os homens, ou seja, a sorte e a suficiência comuns e puramente humanas com relação às outras. Mas aqueles que por um toque divino e por alguma virtude singular e dom do céu ultrapassam os outros, são chamados de heróis. No obedecer encontra-se utilidade, a facilidade e a necessidade, tanto é que para a conservação do público ele é ainda mais requisitado do que o bom comando. A negação da obediência ou a má obediência são muito mais perigosas do que o mau comando. Acontece no casamento que, ainda que o marido e a mulher sejam igualmente obrigados à lealdade e à fidelidade, tendo-o ambos prometido pelas mesmas palavras, mesmas cerimônias e solenidades, resultam

inconvenientes sem comparação maiores do erro e adultério da mulher do que do marido. Da mesma forma o comando e a obediência são igualmente exigidos em todo estado e companhia, sendo os inconvenientes da desobediência dos súditos bem mais perigosos do que do erro dos comandantes. Vários estados funcionaram por muito tempo e duraram de forma suficientemente felizmente sob príncipes e magistrados terríveis, uma vez que os súditos se acomodaram a isto e obedeceram. Um sábio interrogado sobre a razão da república de Esparta ser tão florescente, respondeu que isto se devia aos reis comandarem bem. Mas isto se deve antes, disse ele, aos cidadãos obedecerem bem. Se os súditos recusam a obediência e sacodem o jugo, é preciso que o estado os dobre.

Do casamento.

Capítulo XLVI

Ainda que o estado do casamento seja o primeiro, o mais antigo, o mais importante fundamento e a fonte da sociedade humana, pois dele provêm as famílias e delas as repúblicas, *Prima societas in conjugio est, quod principium urbis, seminarium republicae*, foi desconsiderado e desacreditado por muitos grandes personagens, que o julgaram indigno das pessoas de coração e de espírito, endereçando-lhes estes objetos.

Primeiramente consideraram seu laço e sua obrigação injusta, um cativeiro duro e rude demais, visto que pelo casamento nos unimos e nos assujeitamos demasiado ao cuidado e aos humores de outrem. Se acontece termos encontrado mal, termos nos enganado na escolha e no contrato e termos pegado mais osso do que carne, permanecemos miseráveis por toda a vida. Que iniquidade e injustiça poderia ser maior, que por uma hora de contrato louco, por um erro cometido sem malícia e por inadvertência, com frequência para obedecer e seguir

a opinião de outrem, sejamos obrigados a uma pena perpétua? Seria melhor colocar-se a corda no pescoço e jogar-se no mar com a cabeça em primeiro para terminar logo seus dias, do que estar sempre nas penas do inferno e sofrer sem cessar a seu lado a tempestade de um ciúme, de uma malícia, de uma raiva, mania, de uma besteira opiniática e outras miseráveis condições. Alguém disse que quem inventou este nó e laço do casamento tinha encontrado um belo e especioso expediente para vingar-se dos humanos, uma armadilha ou uma rede para capturar os animais e depois fazê-los languescer a fogo baixo. Outro disse que casar um sábio com uma louca ou o contrário seria atar o vivo com o morto, a morte mais cruel inventada pelos tiranos para fazer languescer e morrer o vivo na companhia do morto.

Sob a segunda acusação dizem que o casamento é uma corrupção e um abastardamento dos espíritos bons e raros. Ainda mais que as lisonjas e graças da pessoa que amamos, a afeição pelos filhos, o cuidado com a casa e o progresso da família relaxam, destemperam e amolecem o vigor e a força até mesmo espírito mais vivo e generoso que possa existir. Testemunham disso Sansão, Salomão e Marco Antônio. No pior dos casos, deveriam casar-se somente os que têm mais carne que espírito, vigorosos no corpo e fracos na alma, ligá-los à carne e entregar-lhes o encargo das coisas pequenas e baixas, segundo seu alcance. Mas os que são fracos de corpo e têm o espírito grande, forte e poderoso, não seria uma grande pena acorrentá-lo e amarrá-lo à carne e ao casamento como se faz com os animais no estábulo? O mesmo acontece com os animais. Os nobres que possuem valor e de serviço como cavalos e cachorros são afastados da ligação com o outro sexo, e só colocamos no estábulo os animais de menor valor. Também os homens e mulheres destinados à mais venerável e santa vocação, que devem ser como o crisma e o âmago da cristandade, as pessoas da

Igreja e da religião, são excluídos do casamento. Porque o casamento impede e desvia das belas e grandes elevações da alma, da contemplação das coisas altas, celestes e divinas, que são incompatíveis com o tumultuo dos assuntos domésticos. Por isso o Apóstolo prefere a solidão da continência do que o casamento. O útil pode estar do lado do casamento, mas a honestidade está do outro lado.

Além disso ele perturba os empreendimentos belos e santos, como santo Agostinho recita. Tendo decidido com alguns de seus amigos, dentre os quais alguns eram casados, retirar-se da cidade e das companhias para vagar no estudo da sabedoria e da virtude, sua intenção foi logo rompida e invertida pelas mulheres dos que as tinham. Também um sábio disse que se os homens pudessem passar-se das mulheres seriam visitados e acompanhados pelos anjos.

Além disto o casamento impede de viajar pelo mundo e nas nações estrangeiras, seja para aprender a fazer-se sábio, seja para ensinar os outros a sê-lo e publicar o que sabemos. Enfim, o casamento não só deixa preguiçoso ou rebaixa os espíritos bons e grandes, mas priva o público de várias coisas belas e grandes que não podem ser exploradas permanecendo no seio e no colo de uma mulher ou em volta de crianças. Não é curioso e uma grande pena que aquele capaz de governar e policiar todo o mundo se divirta a conduzir uma mulher e crianças? Um grande personagem respondeu, quando lhe falaram em casamento, que nascera para comandar os homens e não a uma mulherzinha, para aconselhar e governar reis e príncipes, e não crianças.

A natureza humana não é capaz de perfeição e de obra que não possa ser redita, como dissemos em outro lugar. Seus melhores remédios e expedientes são sempre um pouco doentes e misturados com incomodidades. Todos são males

necessários: foi o melhor que conseguimos informar para sua conservação e multiplicação. Alguns como Platão e outros quiseram subtilizar e inventar meios para evitar estes espinhos. Mas além deles terem feito e forjado coisas no ar, que não podiam permanecer muito tempo em uso, também suas invenções quando fossem colocadas em prática não estariam sem vários incômodos e dificuldades. O homem as causa e produz ele mesmo por vício, intemperança e por suas paixões contrárias. Não se deve acusar o estado nem outra coisa além do homem, que nada sabe usar de forma correta. Podemos dizer ainda que por causa destes espinhos e dificuldades, é uma escola de virtude, um aprendizado e exercício familiar e doméstico. Sócrates doutor em sabedoria, dizia ao que criticava o rosto de sua mulher, que aprendia em sua casa a ser constante e paciente por toda parte e a achar doce as pontadas da fortuna. Enfim, não afirmamos que o que se abstém aja de forma melhor. Em honra ao casamento, o cristão diz que Deus o instituiu no paraíso terrestre antes de qualquer outra coisa, no estado de inocência e de perfeição. Eis quatro recomendações, a quarta ultrapassando todas e não admitindo réplica. Depois o filho de Deus o aprovou e honrou com sua presença quando de seu primeiro milagre feito em favor do dito estado e das pessoas casadas. Ele o honrou com este privilégio, servindo como figura de sua grande união com a igreja, e por isso foi chamado de mistério, e grande.

Na verdade o casamento não é coisa indiferente ou medíocre, nem de forma absoluta um grande bem ou um grande mal, um grande repouso ou uma grande perturbação, um paraíso ou um inferno. É uma vida doce e agradável se for bem feito. Um contrato rude e perigoso, uma ligação espinhosa e pesada se for mal encontrado. É uma convenção na qual se verifica bem o que se diz: *homo homini Deus, aut lupus*.

O casamento é uma obra construída com várias peças, é preciso um encontro de muitas qualidades e considerações, além e fora das pessoas casadas. O que quer que digam, não se casa somente por si na medida em que a posteridade, a família, a aliança e os meios pesam muito. Eis porque encontram-se tão poucos bons casamentos. E o que se encontra sendo tão pouco é digno de seu preço e seu valor, é a condição dos maiores encargos. A realidade é também cheia de dificuldades e poucos a exercem de forma boa e feliz. O que vemos sempre que não vai bem, é que isto vem da licença e do desregramento das pessoas e não do estado e da instituição do casamento. Ele se encontra mais cômodo nas almas boas, simples e populares onde as delícias, a curiosidade e a ociosidade o perturbam menos. Os humores desregrados, as almas turbulentas e perturbadas não são próprias para este contrato.

O casamento é um contrato sábio, uma ligação e costura santa e inviolável, uma convenção honrosa. Se for bem formado e arranjado, não há nada mais belo no mundo. É uma doce sociedade de vida, cheia de confiança, de fiança e de um número infinito de ofícios úteis, sólidos e obrigações mútuas. É uma companhia não de amor, mas de amizade. O amor e a amizade são coisas muito distintas, como o calor doentio da febre e o calor são natural. O casamento tem por parte a amizade, a utilidade, a justiça, a honra e a constância. É verdadeiramente um prazer calmo, mas são, firme e mais universal. O amor se funde somente ao prazer, e o tem mais vivo, agudo e pungente. Poucos casamentos iniciados e encaminhados pelas belezas e desejos amorosos sucedem bem. É preciso ter fundamentos mais sólidos e constantes. E é preciso vigiá-lo. Esta afeição fervente não vale nada, e na verdade o casamento é melhor conduzido por mão alheia.

Dissemos-lo sumaria e simplesmente. Para uma descrição mais exata,

saberemos que existem duas coisas essenciais ao casamento e parecem contrárias mas não o são. Ou seja, a igualdade social e entre semelhantes e a desigualdade: superioridade e inferioridade. A igualdade consiste na comunicação inteira e perfeita e comunidade de todas as coisas, almas, vontades, corpos e bens. Lei fundamental do casamento que em alguns lugares se estende até a vida e a morte, tanto é que uma vez morto o marido a mulher deve segui-lo incontinenti. Isto se pratica em alguns lugares por leis públicas do país, e com frequência com tão grande ardor que um marido tendo várias mulheres, elas contestam e litigam publicamente quem terá a honra de ir dormir (é sua palavra) com o esposo, alegando para obtê-lo seu bom serviço, ser a preferida, ser mais amada, ter tido dele o último beijo, ou ter tido crianças dele.

Et certamen habent lethi, quae viva sequatur

Conjugium, pudor est non licuisse mori.

Ardent victrices, et flammae pectora praebent,

Imponuntque suis ora perusta viris.

Em outros lugares, observavam-na não por leis públicas, mas pelos pactos e convenções do casamento, como foi entre Marco Antônio e Cleópatra. Esta igualdade também consiste no poder que têm sobre a família em comum, e a mulher é dita companheira do marido, dama da casa e da família, como o marido o mestre e senhor. Sua autoridade conjunta sobre toda a família é comparada à aristocracia.

A distinção entre superioridade e inferioridade consiste em que o marido tem poder sobre a mulher e a mulher é sujeita ao marido, segundo todas as leis e governos, mais ou menos em função de sua diversidade. Por todo lugar a mulher, ainda que muito mais nobre e rica, é sujeita ao marido. Esta superioridade e

inferioridade é natural, pois fundamentada na força e na suficiência de um e na fraqueza e insuficiência do outro. Os teólogos a fundamentam ainda sobre outras razões, tiradas da bíblia. O homem foi feito por Deus primeiramente, sozinho e imediatamente, deliberadamente, para Deus seu chefe e à sua imagem e perfeito pois a natureza começa sempre pela coisa perfeita. A mulher foi feita da substância do homem, em segundo lugar, depois dele, por acaso e para outra coisa, *mulier est vir occasionatus*, para servir de ajuda e companhia para o homem que é seu chefe, e por isso imperfeita. Eis em função da ordem da geração. A ordem da corrupção e do pecado provam o mesmo. A mulher foi a primeira em prevaricação e por sua própria autoridade pecou. O homem pecou em segundo e por causa da mulher. A mulher então foi última quanto ao bem e à geração, mas primeira a provocar o mal e motivo daquele. É sujeita com justiça ao homem, primeiro no bem e último no mal.

Esta superioridade e poder marital se deu em alguns lugares como o paternal, sobre a vida e a morte, como nos Romanos pela lei de Rômulo. O marido podia matar sua mulher em quatro casos: adultério, suposição de filhos, alarmes falsos e por ter bebido vinho. Também nos gregos, como diz Políbio, e nos antigos gauleses como diz César, o poder marital se dava sobre a vida e a morte da mulher. Em outros lugares este poder foi moderado. Mas por quase todo lado o poder do marido e a sujeição da mulher faz com que o marido seja mestre das ações e dos votos de sua mulher, podendo corrigi-la nas palavras e mantê-la na cepa (bater nela com golpes é indigno de mulher de honra, diz a lei) e a mulher tem que manter a condição, seguir a qualidade, o país, a família, o domicílio e lugar do marido. Deve acompanhar e seguir o marido por todo lado, em viagem, em exílio, na prisão, errando, vagabundo e fugitivo. Os exemplos são belos. Sulpitia seguindo seu marido Lentulo proscrito e relegado na Sicília, Eritreu

seguindo seu marido Phalaris banido, Ipsicrates mulher do rei Mitridato vencido por Pompeu partindo e errando pelo mundo. Alguns acrescentam à guerra e às províncias onde o marido é enviado com encargo público. A mulher não pode ter julgamento, seja com demanda ou defesa, sem autorização de seu marido, ou do juiz caso aquele recuse. Ela não pode chamar seu marido em julgamento sem permissão do magistrado. O casamento não se dá da mesma maneira e não tem as mesmas leis e regras por todo lado. Segundo as diversas religiões e nações tem suas regras mais frouxas, largas ou mais estreitas. Segundo a cristandade mais estreita de todas, o casamento é muito sujeito e mantido no freio. De livre ele só tem a entrada, sua duração é toda coagida, dependente em outras coisas de nosso querer. As outras nações e religiões para tornar o casamento mais fácil, livre e fértil, recebem e praticam a poligamia e o repúdio, liberdade de tomar e abandonar as mulheres. Acusam a cristandade de ter tolhido estes dois e por este meio prejudicado a amizade e a multiplicação, fins principais do casamento. Ainda mais que a amizade é inimiga de qualquer obrigação e se mantém melhor em uma liberdade honesta e que a multiplicação se faz pelas mulheres. A natureza no-lo mostra ricamente nos lobos, cuja raça é muito fértil na produção de seus filhotes que chegam ao número de doze ou treze, ultrapassando em muito os outros animais úteis que matamos em tão grande quantidade todos os dias e tão poucos lobos; todavia, é a mais estéril de todas. Isto decorre do fato de em tão grande número haver uma única fêmea, que na maioria da vezes aproveita pouco e não conceber, sufocada pela multidão de machos concorrentes e esfomeados, grande parte dos quais morre sem ter produzido por falta de fêmea. Assim vemos o quanto a poligamia é proveitosa para a multiplicação entre as nações que a admitem como judeus, maometanos e outros bárbaros que produzem uma massa de três à quatro cem mil combatentes. Ao contrário, o

cristianismo mantém várias pessoas ligadas juntas, uma das partes sendo estéril, algumas vezes ambas; se colocados uns com os outros deixaria grande posteridade. Mas no melhor das hipóteses, toda sua fertilidade consiste na produção de uma única mulher. Por fim, censuram ainda que esta restrição cristã produza desregramentos e adultérios. Mas à tudo isso respondemos que o cristianismo não considera o casamento por razões unicamente humanas, naturais e temporais mas o vê com outros olhos e tem suas razões mais altas e nobres, como foi dito. Acrescente-se que a experiência mostra, na maior parte dos casamentos, que a obrigação serve à amizade, principalmente às almas simples e bondosas que se acomodam facilmente onde se encontram ligadas. Quanto aos desregramentos, eles vêm do desregramento dos costumes que nenhuma liberdade pode assegurar. De fato, os adultérios encontram-se na poligamia assim como no repúdio. Testemunha disto entre os judeus Davi que não se isentou dele, por mais mulheres que tivesse. Ao contrário, foram por muito tempo desconhecidos em governos bem regrados onde não havia poligamia nem repúdio. Testemunham disso Esparta e Roma muito tempo depois de sua fundação. Não se deve pois culpar a religião, que só ensina pureza e continência.

A liberdade da poligamia, que não parece natural acontece diversamente segundo as diversas nações e governos. Em umas, todas as mulheres de um marido vivem em comum, têm o mesmo grau e lugar, assim como seus filhos. Em outros, uma é principal e senhora, seus filhos herdaram os bens, honras e títulos do marido enquanto as outras mulheres são mantidas à parte e não carregam em lugar nenhum título de mulheres legítimas. Em outros ainda, são concubinas, e seus filhos somente pensionistas.

O uso do repúdio também é diferente, pois em alguns, como no caso dos hebreus, gregos e armênios não se exprime a causa da separação. Não é permitido retomar a mulher uma vez repudiada, apesar de ser permitido se casar com outras. Na lei maometana, a separação se faz pelo juiz com o conhecimento de causa (exceto quando é feito por consentimento mútuo) que deve ser adultério, esterilidade, incompatibilidade de humores, empresa sobre a vida de sua parte, coisas diretamente e de forma capital contrárias ao estado e instituição do casamento. Neste é lícito retomar todas mulheres quantas vezes queiram. O primeiro parece melhor, para manter as mulheres soberbas e os maridos impertinentes à rédea curta. O segundo, exprimindo a causa, desonra as partes, impede de encontrar um novo par e descobre várias coisas que deveriam permanecer escondidas. Advindo que a causa não seja bem verificada e que seja preciso permanecer juntos, seguem envenenamentos e assassinatos com frequência desconhecidos dos homens. Em Roma, antes do uso do repúdio, foi surpreendida uma mulher por ter envenenado seu marido; esta acusou outras e estas outras ainda, até que setenta foram executadas pelo mesmo crime. Mas o pior é que o adultério permanece quase por todo lugar sem pena de morte. Somente houve divórcio e separação de companhia, introduzido por Justino, homem totalmente possuído por sua mulher que fez passar tudo o que ela pôde à vantagem das mulheres. Daí decorre o perigo de perpétuo adultério, desejo de morte de seu par, o delinquente não é punido, o inocente é injuriado e permanece sem reparação.

Sobre o dever dos casados, ver livro 3 cap. XII.

Dos pais e dos filhos.

Capítulo XLVII

Há vários tipos e graus de autoridade e poder humano, público e privado; mas não há mais natural nem maior do que aquela do pai sobre os filhos (digo pai, pois a mãe que está sujeita a seu marido não pode propriamente ter os filhos sob seu poder e sujeição), mas não foi sempre e em todos os lugares igual. Antigamente, por quase todo lugar era absoluta e universal sobre a vida, a morte, a liberdade, os bens, a honra, as ações e os excessos dos filhos, da mesma forma como é para pleitear, casar-se, adquirir bens; ou seja, nos romanos, pela lei expressa de Rômulo, *parentum in liberos omne jus esto religanti, vendendi, accidendi*, com exceção dos filhos abaixo de três anos, que não podem ainda ter maldito nem malfeito. Esta lei foi em seguida renovada pela lei das doze mesas, que permitia ao pai vender seus filhos até três vezes, dos persas segundo Aristóteles, dos antigos gauleses, como diz César e Prosper, dos moscovitas e tártaros, que podiam vender até a quarta vez. Parece que tal lei da natureza tenha existido, pelo fato de Abraão querer matar seu filho. Se isto fosse contra o dever e fora do poder do pai nunca teria nunca consentido, se fosse contra a natureza nunca teria pensado que fosse Deus quem lho exigiu. Vemos ainda que Isaac não resistiu nem alegou sua inocência, sabendo que isto estava no poder do pai. O que não derroga de forma alguma a grandeza da fé de Abraão, pois não quis sacrificar seu filho em virtude de seu direito ou poder, nem por demérito de Isaac, mas unicamente para obedecer ao comando de Deus. Na lei de Moisés acontece o mesmo com alguma modificação. Este poder foi assim praticado antigamente na maioria do mundo, e durou até os imperadores romanos. Com os gregos não foi tão grande e absoluto, nem com os egípcios, todavia acontecia que o pai matasse seu filho sem razão e sem causa e não fosse punido, se a não ser por ser trancado três dias perto do corpo morto.

As razões e frutos de tão grande e absoluto poder dos pais sobre os filhos,

muito bom para a cultura dos bons hábitos, para caçar os vícios e para o bem público, eram primeiramente conter os filhos pelo temor e pelo dever. Em seguida por acontecerem grandes erros dos filhos que permaneciam impunes para o grande prejuízo do público, se o conhecimento e punição fosse limitado à autoridade pública, seja por serem domésticas e secretas, seja por não haver parte e perseguidor. Os pais que o soubessem e fossem mais interessados não o subestimariam, além de haver vários vícios, excessos e insolências que nunca são punidos pela justiça. Acrescente-se a isso que sobrevêm várias coisas a deslindar, e várias diferenças entre os pais e os filhos, irmãos e irmãs, para os bens ou outras coisas, que não se deve publicar e que são suavizadas e apagadas pela autoridade paterna. A lei não pensou que o pai abusasse deste poder por causa do amor tão grande que carrega naturalmente por seus filhos, incompatível com a crueldade; este faz com que ao invés de puni-los com rigor, intercedem por eles, e quando estão na justiça não têm maior tormento do que ver seus filhos em apuros. Muito poucos ou nenhum se serviu deste poder sem justa causa, a ponto de constituir antes uma ameaça muito útil para os filhos do que um rigor de fato.

Este poder paterno (sendo muito áspero e perigoso) perdeu-se e aboliu-se quase por si mesmo (mais pela falta de costume do que pela lei expressa) e começou a declinar com a vinda dos imperadores romanos. Desde o tempo de Augusto ou logo depois já não estava mais em vigor, tornando-se os filhos tão orgulhosos e insolentes contra os pais, que Sêneca falando à Nero dizia que haviam visto punir mais parricídios nos últimos cinco anos do que nos setecentos anteriores, ou seja desde a fundação de Roma. Antes advinha que, se o pai matasse seus filhos, não era punido; como aprendemos com o exemplo de Fúlvio senador que matou seu filho porque participava da conjuração de Catilina, e com o de vários outros senadores que processaram seus filhos criminalmente em suas

casas e os condenaram a morte, como Cássio Trácio, ou ao exílio perpétuo, como Mânlio Torquato condenou seu filho Silano. Em seguida existiram leis que prescreviam que o pai devesse apresentar à justiça seus filhos delinquentes, para que fossem castigados. O juiz pronunciaria a sentença segundo o desejo do pai, um vestígio da antiguidade. Querendo tirar o poder do pai, só o ousaram fazer pela metade, e não abertamente. Estas leis posteriores não se aproximam da lei de Moisés, que exigia que com uma única reclamação do pai feita frente ao juiz, sem outro conhecimento de causa, o filho rebelde e contumaz fosse lapidado, requerendo a presença do juiz, afim de que a punição não se fizesse secretamente ou por cólera, mas exemplarmente. Segundo Moisés o poder paterno era mais livre e maior que do que o foi desde os imperadores. Mas sob Constantino o grande, em seguida com Teodósio e finalmente sob Justiniano ela foi quase totalmente apagada. E adveio que as crianças aprenderam a recusar obediência, os bens e o socorro a seus pais, pleiteando contra eles. Coisa vergonhosa de se ver nos palácios cheios de tais processos. Foram então dispensados disto sob pretexto de devoção e oferenda, como no caso dos judeus desde antes de Jesus Cristo, como ele lhes censura. Depois na cristandade segundo a opinião de alguns podiam matá-los, seja para defender-se seja no caso se tornassem inimigos da república. Ainda que nunca existiria causa justa o bastante para matar seus pais. *Nullum tantum scelus admitti potest a patre, quod sit parricidio vindicandum, et nullum scelus rationem habet.*

Não nos damos conta do mal e do prejuízo que adveio ao mundo do vazio e da extinção do poder paterno. As repúblicas nas quais esteve em vigor floresceram. Se víssemos aí um perigo ou um mal, podíamos moderá-lo e regrá-lo, mas aboli-lo como aconteceu, não é nem belo, nem honesto, nem expediente mas sim prejudicial, como acabamos de dizer.

Do dever recíproco dos pais e filhos, ver livro terceiro cap. 14.

Dos senhores e dos escravos, dos mestres e dos servidores.

Capítulo XLVIII

A escravidão e o poder pleno e absoluto dos senhores ou mestres sobre eles, ainda que usado por todo o mundo e em todos os tempos (apesar de ter cedido há quatrocentos anos, mas começa a recuperar-se) é monstruoso e vergonhoso na natureza humana, não se encontrando nos animais, que não perseguem nem consentem ao cativeiro de seus semelhantes, nem ativa nem passivamente. A lei de Moisés a permitiu como outras coisas *ad duritiam cordis eorum*, mas não como alhures, pois não de forma tão grande e absoluta, nem perpétua, mas moderada e limitada à no máximo sete anos. A cristã consentiu a ela, considerando-a universal, assim como obedecer aos príncipes e mestres idólatras assim como outras coisas que não se podiam apagar à primeira vista e com alarde mas aboliu com o tempo.

Há quatro tipos de escravidão: a natural, os nascidos escravos; os forçados e feitos escravos por direito de guerra; os ditos tais por pena, por causa de crime ou de dívida, que são escravos de seus credores, por no máximo sete anos segundo a lei dos judeus, mas sempre até o pagamento nas outras partes; os voluntários de vários tipos, como os que jogam aos três dados ou vendem sua liberdade, como outrora na Alemanha e ainda agora na própria cristandade, ou ainda os que se oferecem ou prometem escravos de outrem à perpetuidade, assim como praticavam antigamente os judeus que furavam a orelha à porta em sinal de perpétua servidão. Este tipo de cativeiro voluntário é o mais estranho de todos, e o mais contra a natureza.

A causa da escravidão forçada é a avareza, e a pusilanimidade a causa da

voluntária. Os senhores esperam mais ganho e proveito em manter do que em matar. E de fato a mais bela possessão e o mais rico bem consistia antigamente nos escravos. Por isso Casso se tornou o mais rico dos romanos, pois tinha além daqueles que o serviam quinhentos escravos que traziam todos os dias o ganho e o lucro de seus ofícios e artes mercenárias. Depois de ter tirado deles longo serviço e proveito, ainda ganhava dinheiro vendendo-os.

É estranho ler as crueldades exercidas pelos senhores contra seus escravos, com aprovação ou permissão das leis. Eles os faziam lavrar a terra acorrentados, como ainda acontece na Barbária, deitar dentro de buracos e fossas. Ao se tornarem velhos ou impotentes e inúteis eram vendidos ou afogados e jogados nos lagos para a alimentação dos peixes. Por erros leves e pequenos, como quebrar um copo, matavam-nos; mas também pela menor suspeita, ou até mesmo simplesmente para passar o tempo, como fez Flamínio, um dos homens de bem de seu tempo. Para fornecer prazer ao povo eram ainda obrigados a matar-se uns aos outros publicamente nas arenas. Se o mestre era morto em sua casa, por quem quer que fosse, os escravos inocentes eram todos condenados à morte. Tanto é que quando Pedanio Romano foi morto, mesmo sendo conhecido seu assassino, por ordem do Senado mataram quatrocentos escravos.

Por outro lado também é estranho ouvir falar das rebeliões, levantes e crueldades dos escravos contra os senhores quando estes têm poucos, não somente em particular por surpresa, traição, como uma noite na cidade de Tyr, mas em batalha ordenada por mar e por terra, de onde veio o provérbio: Tantos inimigos quanto escravos. Como a religião cristã e depois a maometana cresceu, o número dos escravos decresceu, e a servidão abrandou-se, ainda mais que os cristãos (e depois por inveja e como os macacos os maometanos) libertaram

todos os que passaram para sua religião. Era um meio para chamá-los a ela, tanto é que por volta do ano mil e duzentos quase não havia mais escravos no mundo, a não ser onde estas duas religiões ainda não tinham autoridade.

Mas como o número de escravos diminuiu, o número de pobres, mendigos e vagabundos cresceu, pois tantos escravos libertos saídos da casa e sujeição dos senhores não tendo de que viver e fazendo muitos filhos, preencheram o mundo de pobres. Pobreza esta que depois lhes fez retornar à servidão. E os fez escravos voluntários, jogando, trocando, vendendo sua liberdade afim de ter sua comida e vida asseguradas, ou oferecer comodidade a seus filhos. Além desta causa e da servidão voluntária, o mundo readmitiu o uso dos escravos porque os cristãos e maometanos, estando sempre em guerra uns com os outros e contra os pagãos e gentios orientais e ocidentais, apesar de à exemplo dos judeus não terem escravos de sua nação, os têm das outras nações, os quais ainda que passem para sua religião eram todavia retidos escravos pela força.

O poder e a autoridade dos mestres sobre seus servidores não é grande nem imperiosa, e não pode prejudicar a liberdade dos servidores, mas somente podem castigá-los e corrigi-los com discricção e moderação. Ela é ainda menor sobre os mercenários, sobre os quais não têm nenhum poder nem correção.

O dever dos mestres e servidores se encontra no livro 3 capítulo 15.

Do estado, da soberania e dos soberanos.

Capítulo XLIX

Depois do poder privado, é preciso chegar ao poder público do estado. O estado, ou seja, a dominação, ou ainda a ordem certa para o comando e a obediência é o apoio, o cimento e a alma das coisas humanas. É o laço da

sociedade que, sem isso, não poderia subsistir. É o espírito vital que faz respirar tantos milhares de homens e toda a natureza das coisas.

Não obstante ser o sustentáculo de tudo, é pouco seguro, muito difícil e sujeito à mudanças: *arduum et subjectum fortunae cuncta regenti onus*. Ele declina e algumas vezes tropeça por causas ocultas e desconhecidas, de repente do mais alto ao mais baixo, não gradativamente como tinha demorado para erguer-se. Ele é ainda exposto ao ódio dos grandes como dos pequenos por quem é observado, sujeito às emboscadas e perigos. Isto sucede com a mesma frequência com os maus costumes, com os soberanos e com o natural da soberania, que vamos descrever.

A soberania é um poder perpétuo e absoluto, sem restrição de tempo ou condição. Ela consiste em poder dar lei a todos em geral e a cada um em particular, sem o consentimento de outrem, não a recebendo de ninguém. Como diz um outro, consiste ainda em poder derogar o direito ordinário. A soberania é absoluta, por não estar sujeita a nenhuma lei humana nem sua própria, pois é contra a natureza de todos dar-se uma lei e comandar a si mesmo em coisa que dependa de sua vontade. *Nulla obligatio consistere potest, quae a voluntate promittentis statum capit*. Também não está sujeita à de outrem, seja vivo seja de seus predecessores ou do país. O poder soberano é comparado ao fogo, ao mar, ao animal selvagem, é muito difícil de domar e tratar, não quer ser desdido nem atingido e, o sendo, é muito perigoso. *Potestas res est quae moneri docerique non vult, et castigationem aegre fert*.

Suas marcas e propriedades consistem no julgar em última instância, ordenar a paz e a guerra, criar e destituir magistrados e oficiais, dar graças e dispensas contra as leis, impor tributos, ordenar moedas, receber homenagens,

embaixadas e sermão. Tudo isso resulta e está incluído sob o poder absoluto de dar e fazer a lei a seu prazer. Nomeia-se ainda outras menores, como o direito do mar e o direito aos naufrágios, o confisco por crime de lesa-majestade, o poder de mudar a língua ou o título de majestade.

Se a grandeza e soberania é tão desejada por todos, é porque o bem aí existente aparece ao exterior, e seu mal encontra-se no interior. Comandar os outros é coisa tão bela e divina, tão grande e difícil. Por estas mesmas razões são mais estimadas e reverenciadas do que os homens. Esta crença é útil para extorquir dos povos respeito e obediência nutriz de paz e repouso. Todavia, são homens jogados e feitos na mesma forma que os outros, e com frequência pior nascidos e menos bem dotados de natureza do que vários do comum. Parece que suas ações, por serem de grande peso e importância, sejam produzidas por causas pesadas e importantes; o que não é verdade porque o são pela mesma competência que a do comum. A mesma razão que nos faz repreender um vizinho, dispõe uma guerra entre os príncipes, a que faz açoitar um laçao, caindo em um rei provoca a ruína de uma província. Eles desejam de forma tão superficial quanto nós, mas podem mais do que nós. Semelhantes apetites agitam uma mosca e um elefante. De resto, além das paixões, defeitos e condições naturais que têm em comum com o menor daqueles que os adoram, ainda têm vícios e incomodidades que a grandeza e a soberania lhes traz e que lhes são peculiares.

Os hábitos comuns dos grandes são o orgulho indomável, *durus et veri insolens, ad recta flecti regius non vult tumor*, e a violência demasiado licenciosa, *id esse regni maximum pignus putant, si quicquid aliis non licet, solis licet: uod potest vult posse qui nimium potest*. Sua palavra favorita é *quod livet, licet*.

Suspeita, inveja, *suapte natura, potentiae anxii*, até mesmo de seus filhos, *suspectus semper invisusque dominantibus quisquis proximus destinatur, adeo ut displiceant etiam civilia filiorum ingenia*. Por isso estão sempre em alarme e com temor, *ingenia regum prona ad formidinem*.

As vantagens dos reis e príncipes soberanos acima do povo, que parecem tão grandes e brilhantes, são na verdade leves e quase imaginárias. Mas são bem pagos pelas desvantagens e incômodos grandes, verdadeiros e sólidos. O nome e título de soberano, sua manifestação e exterior são belos, prazerosos e ambiciosos, mas o encargo e o interior são duros, difíceis e espinhosos. Há honra, mas pouco ou quase nenhum repouso ou alegria. É uma servidão pública e honrosa, uma miséria nobre, um cativo rico. *Aureae et fulgidae compedes, clara miseria*. Dão testemunho disso Augusto, Marco Aurélio, Pertinax e Deoclécio, e o fim que tiveram quase todos os doze primeiros césores e tantos outros depois deles. Mas para os que pouco creem nisto e deixam-se enganar pela bela aparência, classifico particularmente as incomodidades e misérias que acompanham os soberanos.

A primeira miséria seria a grande dificuldade em cumprir bem seu papel e desempenhar seu encargo: como deve ser reinar tanta gente se reinar a si mesmo traz já tanta dificuldade? É muito mais fácil e agradável seguir do que guiar, ter que seguir uma via já traçada do que traçá-la, obedecer do que comandar e responder somente de si do que dos outros. *Ut satius multo jam sit parere quietum, quam regere imperio res velle*. E ainda parece necessário que aquele que comanda seja melhor do que aquele a quem ele comanda, como dizia o grande comandante Ciro. Esta dificuldade se mostra pela sua raridade, já que tão poucos são como deveriam. Vespasiano foi o único, segundo Tácito, dentre seus

predecessores, que tornou-se melhor. Segundo o dizer de um antigo, a totalidade dos príncipes bons poderia ser gravada em um anel.

A segunda miséria diz respeito às volúpias e prazeres, dos quais pensamos que eles participam mais parte do que os outros. Nisto eles têm certamente uma condição pior do que os homens privados, pois além do brilho de sua grandeza atrapalhar no gozo de seus prazeres, por terem as luzes muito lançadas sobre eles e por serem muito expostos são controlados e vigiados até mesmo em seus pensamentos que desejam adivinhar e julgar. A grande desenvoltura e a facilidade em fazer o que lhes agrada, a ponto de tudo curvar-se frente a eles tira-lhes ainda o gosto e a picada agri-doce que deve vir dos prazeres, pois somente têm prazer os que os experimentam raramente ou com alguma dificuldade. Aquele que não chega a ter sede não conhecerá o prazer de beber: a saciedade é entediante e faz mal ao estômago.

Pinguis amor nimiumque potens in taedia nobis,

Vertitur: et stomacho dulcis ut esca nocet.

Nada interfere tanto nem dá tanto desgosto quanto a abundância. Ou seja, eles são privados de toda ação verdadeira e viva que só pode existir com alguma resistência e dificuldade. Eles não têm acesso ao ir, viver e agir, mas dormitam e escorregam insensivelmente.

O terceiro tipo de incomodidade está no casamento. Os casamentos populares são mais livres e voluntários, feitos com mais afeição, franqueza e contentamento. Uma razão para isto pode estar no fato de que os populares encontram mais partidos de sua condição para escolher. Os reis e príncipes não existem aos montes, como sabemos, e não têm muita escolha. A melhor razão está no fato de que os povos, em seus casamentos, buscam somente resolver seu

assunto e se acomodar. Os casamentos dos príncipes são com frequência forçados pela necessidade pública; são peças grandes do estado e ferramentas que servem ao bem e ao repouso geral do mundo. Os grandes e soberanos não se casam por eles, mas pelo bem do estado que devem amar mais e com o qual devem ter mais cuidado do que com suas mulheres e filhos. Por causa disto com frequência devem assentir a casamentos onde não existe nem amor nem prazer, feitos entre pessoas que não se conhecem nem nunca se viram, e que não têm nenhuma afeição. Assim tal grande homem toma como esposa uma grande mulher que, caso ele fosse menos importante não quereria, mas a toma para servir ao público, para assegurar seus estados e deixar os povos em paz.

A quarta miséria está em não poderem tomar parte verdadeira nos ensaios que os homens fazem uns contra os outros por ciúmes quanto à honra ou ao valor nos exercícios do espírito ou do corpo: uma das coisas mais agradáveis no comércio entre os homens. Isto acontece porque todos cedem frente à eles, todos os poupam e preferem dissimular seu próprio valor e trair sua própria glória do que atingir e ofender a de seu Soberano, se souberem que ele tem afeição pela vitória. Na verdade tratar-lhes desdenhosamente e injuriosamente se torna obrigatoriamente respeito. Por isto alguém dizia que os filhos dos príncipes não aprendem nada direito além de lidar com cavalos, porque em qualquer outro exercício todos se curvam frente a eles e lhes oferece a vitória. Mas o cavalo, que não é adulator nem cortesão, joga ao chão tanto o príncipe quando seu escudeiro. Muitos grandes homens recusaram os louvores e as aprovações oferecidas, dizendo: Eu as estimaria, aceitaria e experimentaria se partissem de pessoas livres que ousassem dizer o contrário e impor-me o assunto contrário.

A quinta consiste em serem eles privados da liberdade de ir e viajar pelo

mundo, sendo prisioneiros de seus países e até mesmo de seus palácios, cercados pelas pessoas faladoras e observadoras, onde quer que estejam, em todas as suas ações e perscrutados em seus púlpitos. O rei Afonso dizia que quanto à isto os asnos têm uma condição melhor do que os reis.

O sexto tipo de miséria é que são privados de qualquer amizade ou sociedade mútua, que é o mais doce e mais perfeito fruto da vida humana, podendo existir somente entre iguais ou quase iguais. Uma disparidade tão grande os coloca fora do comércio com os homens. Todos estes serviços, humildades e cerimônias são feitos por pessoas que não lhas podem recusar, e não vêm de amizade mas de sujeição, ou ainda com o intuito de engrandecimento, por costume e continência. Prova-o bem o fato de os reis maus serem tão bem servidos e reverenciados quanto os bons; os odiados tanto quanto os amados recebem a mesma operação e a mesma cerimônia. O imperador Juliano respondia a seus cortesões que louvavam sua boa justiça que se orgulharia dos louvores se fossem ditos por pessoas que ousassem acusá-lo e vituperar suas ações contrárias, quando elas o fossem.

O sétimo ponto de suas misérias, talvez pior do que todos os outros e mais pernicioso para o público é que não têm liberdade na escolha das pessoas nem no conhecimento verdadeiro das coisas. Não lhes é permitido saber o verdadeiro estado dos assuntos, nem conhecê-los e empregar e chamar aqueles que gostaria e que seriam mais apropriados. São cercados e sitiados por pessoas que têm a autoridade, a força e o manuseio dos assuntos, seja por possuírem o mesmo sangue, por causa da grandeza de suas famílias, de seus cargos, ou por prescrição. De tal forma que não possível descontentá-los, fazê-los recuar ou enciumá-los sem criar um caos. Estas pessoas que cobrem e escodem o príncipe

impedem que qualquer verdade sobre as coisas chegue até ele, e que outros melhores e mais úteis se aproximem dele ou se façam conhecer. É um prejuízo que estes somente vejam pelos olhos e escutem pelos ouvidos de outrem, como acontece no caso dos príncipes. O que completa esta miséria; o fato de que comumente e como por destino os príncipes e grandes sejam possuídos por três tipos de gente, que são a peste do gênero humano: bajuladores, inventores de impostos e delatores, que sob o belo e falso pretexto de zelo e de amizade pelo príncipe no caso dos dois primeiros e de prudomia e reforma no caso dos últimos contaminam e arruínam tanto o príncipe quanto o estado.

A oitava miséria é que são menos livres e mestres de sua vontade do que qualquer outra pessoa, pois são forçados pelos procedimentos, por mil considerações e respeitos, pelos quais tentam alcançar seus propósitos, desejos e vontades, *in maxima fortuna minima licentia*. E ao invés de terem piedade deles, são tratados de forma mais rude e mais duramente julgados do que todos os outros, porque querem adivinhar seus propósitos, penetrar seus corações e intenções. E quando não conseguem, *Abditos principis sensus et si quid occultius parat exquirere, illicitum, anceps, nec ideo assequare*. Olhando para as coisas por outro lado, ou não entendendo bem dos assuntos de estado, exigem de seus príncipes o que lhes parece, censuram suas ações, não aceitam se sujeitar ao que é necessário e lhes causam mil dificuldades.

Por fim, acontece com frequência que tenham um fim miserável, não somente os tiranos e usurpadores, a quem isto cabe, mas também os verdadeiros titulares. Disto dão prova muitos imperadores romanos depois de Pompeu o grande, e César; mas também de nossos dias a rainha Maria da Escócia que passou pelas mãos do carrasco, assim como Henrique III assassinado em meio a

quarenta mil homens armados por um pequeno monge, e mil outros exemplos. Parece que da mesma forma como as tormentas e tempestades arrebatam-se contra o orgulho e o tamanho de nossas edificações, também os espíritos invejosos o fazem com os grandes deste mundo.

Usque adeo res humanas vis abdita quaedam

Obterit, et pulchros fasces saevasque secures

Proculcare, ac ludibrio sibi habere videtur.

Enfim, a condição dos soberanos é dura e perigosa. Para ser inocente sua vida é extremamente laboriosa, se for má eles têm o ódio e a maledicência do mundo. Em ambos os casos são expostos a mil perigos. Quanto maior o senhor, menos ele pode confiar nos outros e mais deve ser desconfiado. Eis porque a traição é algo por assim dizer anexado à soberania.

Sobre seus deveres, ver o livro terceiro, cap. 16.

Dos magistrados.

Capítulo L.

Existe grande distinção e diversos graus entre os magistrados; com relação à honra como ao poder: duas distinções consideráveis que nada têm em comum. Com frequência os mais honrados têm menos poder, por exemplo os conselheiros do conselho privado ou os secretários de estado. Alguns só possuem um dos dois, outros possuem ambos, todos em diferentes graus; mas são propriamente magistrados os que possuem a honra e o poder.

Os magistrados intermediários entre o soberano e os particulares, quando na presença de seu soberano, não têm poder de comandar. Assim como os rios perdem seu nome e poder na foz do mar, e os astros na presença do sol. Todo o

poder dos magistrados é temporariamente adiado na presença do soberano, da mesma forma que o poder dos magistrados inferiores e subalternos na presença dos superiores. Não existe poder ou superioridade entre iguais, mas uns podem impedir outros com oposições e barreiras.

Todo o magistrado julga, condena e comanda; segundo a lei, e então sua sentença não passa de execução da lei; ou segundo a equidade e tal julgamento leva o nome de dever do magistrado.

Os magistrados não podem mudar nem corrigir seus julgamentos, e o soberano não o permite sob o risco de perjúrio. Eles podem revogar os mandamentos ou apoiá-los, mas não podem revogar o que julgaram ou pronunciaram com conhecimento de causa.

Sobre o dever dos magistrados, ver livro terceiro.

Dos legisladores, dos doutores, dos instrutores.

Capítulo LI

A prescrição de leis e regras que excedem o uso e a forma humana, como fazem alguns filósofos e doutores é uma das vaidades e loucuras do homem. Propõem imagens de vidas demasiado elevadas, difíceis e austeras, cuja prática por muito tempo seria impossível e cuja tentativa para muitos seria perigosa. São pinturas no ar, como as Repúblicas de Platão e de Morus, o Orador de Cícero, o Poeta de Horácio, belas e excelentes imaginações: mas busquem quem as colocará em prática! O soberano e perfeito legislador ou doutor sabe evitá-lo: em si mesmo, em sua vida assim como em sua doutrina não busca estas extravagancias e formas distantes do alcance e da capacidade comuns aos homens, chamando seu jugo e sua tarefa doce e fácil. *Jugum meum suave, et onus meum leve*. Os que ergueram sua companhia sob seu nome, foram

perspicazes e prudentes pois, apesar de terem como profissão singular a virtude, a devoção e o serviço ao público acima de qualquer outra coisa, demonstraram pouca diferença com vida comum e civil. Primeiramente existe aqui uma injustiça, pois é preciso manter a proporção entre o comando e a obediência, entre o dever e o poder e entre a regra e o feito. Estes colocam a si mesmos e aos outros em erro, exigindo conscientemente da tarefa mais do que saberiam fazer. Com frequência os belos fazedores de regras são os primeiros escarnecedores, pois com frequência não fazem nada, à moda Farisaica, ao contrário do que prescrevem aos outros. *Imponunt onera garvia, et nolunt ea digito movere.* Assim fazem alguns médicos e teólogos; o mundo vive desta forma: instruímos, prescrevemos certas regras e preceitos a serem seguidos, mas os homens se agarram a outras pelo desregramento de suas vidas e hábitos, mas com frequência por opinião e julgamento contrário.

Outro erro que traz injustiça é que são mais escrupulosos, exatos e rigorosos com as coisas livres e acidentais do que com as necessárias e substanciais, mais com as positivas e humanas do que com as naturais e divinas. Parecem com os que querem tomar emprestado, mas não pagar suas dívidas, à moda farisaica, como lhes grita e censura o grande doutor celeste: tudo isto é hipocrisia e escárnio.

Do povo ou do vulgar.

Capítulo LII

O povo (entendemos com isto o vulgar, a multidão e ralé popular, pessoas sob um alojamento qualquer, de condição baixa, servil e mecânica) é um animal estranho com muitas cabeças, que não se pode descrever satisfatoriamente em poucas palavras. Inconstante, variável, que como as ondas do mar nunca para. Ele

se perturba, se acalma, aprova e reprova em um instante a mesma coisa. Nada mais fácil do que empurrá-lo para a paixão que desejamos. Ele não gosta da guerra em seu fim, nem da paz pelo repouso, a não ser na medida em que de um ao outro sempre ocorrem mudanças. A confusão lhe faz desejar a ordem, e quando aí está, ela lhe desagrada. Ele corre sempre de um contrário a outro, de todos os tempos, somente o futuro o deleita. *Hi vulgi mores odisse praesentia, ventura cupere, praeterita celebrare.*

Leviano ao crer, recolher e apanhar todas as novidades, sobretudo as deploráveis, tomando todas as relações por verdadeiras e seguras. Com um assobio ou campainha de novidade, nós o reunimos como as moscas com o som do tonel. Não possui julgamento, nem razão ou discricção. Com seu julgamento e sua sabedoria aleatória e aventureira julga brusca e impensadamente todas as coisas; por opinião, por costume ou pela maioria andando em fila como os carneiros que correm atrás dos que vão na frente e não por razão ou pela verdade. *Plebi non iudicium, non veritas: ex opinione multa: ex veritate pauca iudicat.*

Invejoso e malicioso, inimigo das pessoas de bem ele despreza a virtude, olha com maus olhos a felicidade alheia, favoriza o mais fraco e o pior e quer mal às pessoas de honra sem saber porque, a não ser por serem pessoas de honra, e por se falar muito e bem delas. Pouco leal e verdadeiro, aumenta o barulho, pleiteando a verdade e fazendo sempre as coisas maiores do que realmente são, sem fé nem postura. A fé de um povo e o pensamento de uma criança são de mesma duração: mudam não somente de acordo com a mudança dos interesses, mas também segundo a diferença dos barulhos que cada hora do dia pode lhes trazer.

É rebelde porque busca somente a novidade e a agitação, sedicioso, inimigo da paz e do repouso. *Ingenio mobili, seditiosum, discordiosum, cupidum rerum novarum, quieti et otio dversum*. O é sobretudo quando encontra um chefe, pois então assim como o mar tranquilo por natureza, quando agitado pelo furor dos ventos ronca, espuma e se enraivece. Desta forma é que o povo se dilata, se levanta e se torna indomável. Tire dele os chefes, ei-lo abatido, amedrontado, e totalmente plantado de medo. *Sine rectore praeceps, pavidus socors: nihil ausura plebs principibus amotis*. Sustenta e favoriza os agitadores e perturbadores de lares, considera a modéstia como covardia e a prudência como estupidez. Ao contrário dá à impetuosidade mordaz o nome de valor e de força. Prefere aqueles que têm a cabeça quente e as mãos buliçosas do que os que têm o senso sóbrio e que pesam os negócios, os que se gabam e os tagarelas do que os simples e retidos.

Não se preocupa nem com o público nem com a honestidade, mas somente com o particular e se gaba sordidamente dos benefícios. *Privata cuique stimulatio, vile decus publicum*. Sempre censura e murmura contra o estado, todo empolado com maledicência e com propósitos insolentes contra os que governam e comandam. Os pequenos e pobres não têm outro prazer além de maldizer os grandes e os ricos, não com razão mas por inveja. Não estão nunca contentes com seus governadores nem do estado presente. Mas ele só tem a boca. São línguas que não cessam, espíritos que não se movem, monstro cujas partes se resumem à língua: fala de tudo mas não sabe nada, olha tudo mas não vê nada, ri de tudo e chora de tudo; pronto para amotinar-se e rebelar-se mas não para combater. É próprio dele tentar balançar o jugo mais do que manter sua liberdade. *Procacia plebis ingenia impigrae linguae, ignavi animi*.

Nunca sabe ter medida nem guardar uma mediania honesta. Ou é escravo de forma muito baixa e vil, ou sem medida domina de forma insolente e tirânica. Ele não pode sofrer o freio doce e temperado, nem gozar de uma liberdade regrada mas corre sempre nas extremidades, confiando ou desconfiando em excesso, com demasiada esperança ou temor. Eles vos farão medo se não lhes fizeres. Quando estão atemorizados podeis zombar deles, e saltar sobre seu ventre com dois pés; se lhes mostramos o bastão tornam-se audaciosos e soberbos. Por isto o provérbio: unte-o e ele te ferirá, fira-o e ele te untará. *Nihil in vulgo modicum, terrere ni paveant, ubi pertimuerint impune contemni: audacia turbidum nisi vim metuat aut servit humiliter, aut superbe, dominatur: libertatem, uae media, nec spernere nec habere.*

É ainda muito ingrato para com seus bem-feitores. A recompensa de todos aqueles que mereceram o bem do público sempre foi o banimento, a calúnia, a conspiração e a morte. São célebres as histórias de Moisés e de todos os profetas, de Sócrates, de Aristides, de Fócio, de Licurgo, de Demóstenes e de Temístocles. E a verdade disse que nenhum daqueles que procuraria o bem e a salvação do povo escaparia. Pelo contrário, ele adora os que o oprimem pois teme tudo e tudo admira. Por fim, o vulgar é um animal selvagem; tudo o que pensa não passa de futilidade, tudo o que diz é falso e errôneo, o que reprova é bom, o que ele aprova é ruim, o que louva é infame, o que faz e empreende não passa de loucura. *Non tam bene cum rebus humanis geritur ut meliora pluribus placeant: argumentum pessimi turba est.* A população é mãe da ignorância, da injustiça, da inconstância; é idólatra da futilidade, e nunca se consegue agradá-la. Sua palavra é: *vox populi vox Dei*, mas seria preciso dizer *vox populi vox stultorum*. Ora, o começo da sabedoria é manter-se puro e não se deixar levar pelas opiniões populares. Veremos isto no segundo livro, do qual nos aproximamos.

Quarta distinção e diferença entre os homens, tirada de suas diversas profissões e condições de vida.

Prefácio

Outra diferença entre os homens é tirada da diversidade de suas profissões, de condições e gêneros de vida. Uns seguem a vida civil e social, os outros fogem dela para se salvar-se na solidão. Uns amam as armas, outros as odeiam. Uns vivem em comum, outros no privado. A uns agrada possuir encargos e levar uma vida pública, os outros se escondem e permanecem privados. Uns são cortesões de outrem, os outros não cortejam a não ser eles mesmos. Uns permanecem nas cidades, os outros nos campos amando a vida rústica. Quem faz melhor e que vida deve ser preferida? Difícil dizer de forma simples, e talvez impertinente. Todas têm suas vantagens e desvantagens, seus bens e seus males. O que deve ser visto e considerado quanto à isto, como será dito, é que cada um saiba escolher bem em função de seu natural, para se comportar mais facilmente e de maneira mais feliz. Diremos uma pequena palavra de cada uma destas vidas, comparando-as; mas depois de ter falado da vida comum a todos, que possui três graus.

Das distinções e comparações entre os três tipos de graus de vida.

Capítulo LIII

Há três tipos de vida, como três graus. Uma primeira seria privada a cada um em seu interior, em seu peito, onde tudo está escondido e tudo é lícito. A segunda estaria em casa e em família, nas ações privadas e comuns, onde não há estudo nem artifício, desta não precisamos dar satisfação. A terceira é pública e se oferece aos olhos do mundo. Ora, manter a ordem e a regra naquele primeiro patamar baixo e obscuro é bem mais difícil e mais raro do que nos dois outros, segundo e terceiro. A razão é que aí não temos nenhum juiz ou controlador

observando-nos, não imaginamos pena nem recompensa mas nos portamos de forma mais covarde e indolente na vida privada onde só a consciência e a razão nos guiam do que na vida pública onde estamos em reprovação e somos alvo dos olhos e do julgamento de todos; onde a glória, o temor da censura e da má reputação ou de alguma outra paixão nos leva (ora, a paixão nos comanda bem mais vivamente que a razão) a nos mantermos prontos e de sobre-guarda. Por isto advém que inúmeros sejam estimados e tidos como santos, grandes e admiráveis em público, ainda que em sua vida privada não tenham nada de louvável. O que se faz em público é uma farsa, um fingimento, no privado e em segredo se encontra a verdade. Quem quiser bem julgar alguém, deveria vê-lo todos os dias em seu ordinário e natural, o resto é todo disforme. *Universus mundus exercet histrioniam*. Por isto dizia um sábio que aquele é excelente por dentro e por si mesmo também o é por fora por temor das leis e do dizer do mundo. As ações públicas às quais estamos atentos quando as fazemos são célebres, como as façanhas de guerra, como dar opinião em um conselho, como reger um povo, ou conduzir uma embaixada. Já as privadas e domésticas como o repreender, o rir, o vender, o pagar, o conversar com os seus são sombrias e mornas. Nós não as consideramos mas fazemos-las sem pensar. As ações secretas e internas como o amar, o odiar e o desejar o são ainda mais.

Uma outra consideração seria a respeito daquilo que se faz por uma hipocrisia natural dos homens: fazemos mais caso e somos mais escrupulosos nas ações externas e aparentes, mas livres e pouco importantes, sendo todas de fachada e de cerimônia, que têm pouco custo e também pouco efeito; do que nas internas, secretas, que não aparecem mas são bem mais requeridas e necessárias e por isto muito difíceis. Destas depende a reformação da alma, a moderação das paixões e o regramento da vida. Podemos até mesmo chegar a uma indolência

das ações internas pela aquisição das externas.

Ora, das três vidas interna, doméstica e pública, aquele que deve levar somente uma como os ermitões, tem mais facilidade em conduzir e ordenar sua vida do que aquele que possui duas; e o que só tem duas está em condição mais fácil do que aquele que possui todas as três.

Da comparação da vida civil ou social com a solitária.

Capítulo LIV

Aqueles que estimam e recomendam tanto a vida solitária e retirada, como uma se fosse uma grande estadia e um retiro seguro do tumulto e da desordem do mundo, e um meio próprio para resguardar-se e manter-se limpo e livre de vários vícios, ainda mais que a pior parte é a maior e que de mil não existe um bom, por ser o número de loucos infinito e por ser o contágio muito perigoso na aglomeração, até este ponto parecem ter razão. A má companhia é coisa muito perigosa. Neste sentido raciocinam bem aqueles que vão para o mar e que não deixam subir em seu barco nenhum blasfemador, dissoluto ou mau. Um único Jonas com quem Deus estava irritado pensou perder a todos; Bias disse tranquilamente àqueles do barco, que no grande perigo gritavam pedindo o socorro dos deuses: Calem-se para que não percebam que estão aqui comigo. Albuquerque Vice rei das Índias para Emanuel rei de Portugal: em um extremo perigo sobre o mar, colocou sobre seus ombros algum jovem para que sua inocência lhe servisse de garantia e de favor para com Deus. Mas pensar que a vida solitária é melhor, mais excelente e perfeita, mais própria para o exercício da virtude, mais difícil, áspera, laboriosa e penosa, como querem fazer-nos crer, seria enganar-se pesadamente. Pelo contrário, é uma grande absolvição e uma facilidade de vida, e não passa de uma bem medíocre profissão, cujo aprendizado

é simples e fácil a disposição para a virtude. Isto exige não entrar em negócios, nas penas e nas dificuldades, mas fugir delas, esconder-se e praticar o conselho de Epicuro (esconde tua vida). Equivale à esconder-se e recorrer à morte para fugir de bem viver. É certo que o estado de rei, padre, pastor é muito mais nobre, mais perfeito, mais difícil do que aquele de monge e de ermitão, e de fato outrora as companhias dos monges eram seminários e aprendizagens, de onde tiravam pessoas para elevar aos cargos eclesiásticos, eram preparativos para maior perfeição. Aquele que vive civilmente possuindo mulher, filhos, servidores, vizinhos, amigos, bens, negócios, e tantas partes diversas às quais é preciso satisfazer e responder de maneira regrada e leal, tem sem comparação mais tarefa do que aquele que não tem nada disso, e que só tem que cuidar de si. A multidão e a abundância são bem mais atarefadas do que a solidão e a escassez. Na abstinência só existe uma coisa; na conduta e no uso de coisas diversas existem inúmeras considerações e diversos deveres. É muito mais fácil passar-se dos bens, das honras, das dignidades, dos encargos do que se governar-se bem e absolver-se. É muito mais fácil passar-se totalmente de mulher do que viver e manter-se com sua mulher, filhos e todo o resto que disto depende de forma boa e devida, e assim o celibato é mais fácil do que o casamento.

Pensar ainda que a solidão seja um asilo e um porto seguro contra todos os vícios, tentações, e danos seria iludir-se e enganoso em todos os sentidos. Contra os vícios do mundo e o alvoroço da multidão, as ocasiões que vêm de fora seriam boas. Mas a solidão tem seus assuntos e suas dificuldades internas assim como espirituais. *Ivit in desertum ut tentaretur a diabolo*. Para os jovens imprudentes e mal avisados, a solidão é um perigoso bastão, e é temível que ao entreter-se sozinhos, eles entretendam pessoas más; como dizia Crates a um jovem que passeava sozinho e afastado. É aí que os loucos maquinam maus desígnios,

urdem desastres, aguçam e amolam suas paixões e maus desejos. Com frequência para evitar Caribde caímos em Sila, fugir não é escapar, é algumas vezes piorar seu lugar e perder-se. *Non vitat sed fugit: magis autem periculis patemus aversi.* É preciso ser fortemente sábio e seguro para ser deixado entre suas próprias mãos. Com frequência não saberíamos estar em mãos mais perigosas do que as nossas. Como diz o excelentemente provérbio espanhol: *Guarda me, Dios, de mi. Nemo est ex imprudentibus qui sibi relinqui debeat; solitudo omnia mala persuadet.* Para alguma consideração privada ou particular, ainda que boa em si (pois com frequência é covardia, fraqueza de espírito, despeito ou outra paixão), fugir e esconder-se quando se tem a possibilidade de beneficiar a outrem e de socorrer o público, seria tornar-se desertor, sepultar o talento e esconder a luz, erro este sujeito ao rigor do julgamento.

Comparação da vida levada em comum e da vida voltada para o privado.

Capítulo LV

Alguns pensaram que a vida levada em comum na qual não existe meu ou teu, mas onde todas as coisas são comuns a todos, tende mais à perfeição e carrega mais caridade e concórdia. Isto pode acontecer em companhia de certo número de pessoas, conduzida por certa regra, mas não em um estado ou república. Platão uma vez tendo-o desejado para caçar toda avareza e dissensão, reconsiderou-o. Como mostra a prática, não somente não há afeição cordial no que é comum à todos, e como diz o provérbio: *O asno comum é sempre mal submisso.* Mais ainda, a comunidade atrai para si sempre querelas, murmúrios e ódios, como sempre se viu, até mesmo dentro da igreja primitiva. *Crescente munero discipulorum, factum est murmur graecorum adversus hebraeos.* A

natureza do amor é como os grandes rios que carregam grandes cargas, se divididos não carregam nenhuma; também sendo dividido entre todas as pessoas e todas as coisas, perde sua força e vigor. Mas existem diferentes graus de comunidade: viver, ou seja, comer e beber juntos é muito bom, como acontecia nas melhores e mais antigas repúblicas da Lacedemônia e de Creta. Além da modéstia e da disciplina serem melhor retidas, acontece uma comunicação muito útil. Mas pensar ter tudo comum como o queria Platão uma vez, o que depois reconsiderou, seria perverter tudo.

Comparação da vida rústica e da vida nas cidades.

Capítulo LVI

Esta comparação não é muito penosa a para o amador da sabedoria, pois quase todos os bens e vantagens espirituais e corpóreos como a liberdade, a sabedoria, a inocência, a saúde e o prazer estão de um lado. Nos campos o espírito é bem mais livre e voltado para si. Nas cidades as pessoas, os negócios seus e de outrem, as querelas, as visitas, os orçamentos, a conversação; quanto tempo não tomam? *Amici fures temporis*. Quantas perturbações, desvios e desordens não trazem? As cidades são prisões para os espíritos como as gaiolas para os pássaros e animais. Este fogo celeste que está em nós não quer ser encerrado, ele ama o ar, os campos. Columelle diz que a vida campestre é parente da sabedoria, *consanguinea*, e não pode existir sem os belos e livres pensamentos e meditações. Ora, é difícil tê-los e alimentá-los junto ao barulho e tumulto das cidades. Além disso uma vida rústica é bem mais limpa, inocente e simples. Em cidade os vícios existem aos montes e não são percebidos, eles passam e se introduzem por todo lado por causa da desordem, do uso, do olhar e do encontro tão frequente e contagioso. Para o prazer e saúde todo o céu

estendido aparece, o sol, o ar, as águas e todos os elementos são livres, expostos e abertos por todas as partes, nos sorriem, a terra se mostra totalmente descoberta, seus frutos estão frente a nossos olhos. Nada disso acontece nas cidades, no aperto das casas; tanto é que viver nas cidades é estar banido no mundo e excluído do mundo. Mais ainda, a vida campestre está toda em exercício e em ação, ela aguça o apetite, mantém a saúde, endurece e fortifica o corpo. A vantagem das cidades seria a utilidade: seja a privada para os mercadores e artesãos, seja pública para o manuseio da qual são chamadas poucas pessoas, e antigamente eram tirados da vida rústica para onde retornavam tendo terminado seu encargo.

Da profissão militar.

Capítulo LVII

A ocupação e profissão militar é nobre em sua causa, pois não há utilidade mais justa nem universal do que a proteção do repouso e da grandeza de seu país, e também nobre em sua execução, pois a coragem é a mais forte, mais generosa e heroica de todas as virtudes. Honrosa, porque a maior e mais pomposa das ações humanas é a guerreira, à qual todas as honras são concedidas. Agradável ainda a companhia de tantos homens nobres, jovens, ativos e a visão comum de tantos acidentes e espetáculos; a liberdade e conversação sem arte, a maneira de vida masculina e sem cerimônia, a variedade de tantas ações diversas e a corajosa harmonia da música guerreira que nos entretém e nos esquentam as orelhas como a alma e dos movimentos guerreiros que nos arrebatam por seu horror e assombro, a tempestade de sons e gritos, a pavorosa ordenança de milhares de homens, com tanto furor, ardor e coragem.

Mas ao contrário do que podemos dizer, a arte e a experiência de nos

desfazermos uns aos outros, de matarmos uns aos outros, arruinar e perder nossa própria espécie parece desnaturada e vir de uma alienação dos sentidos. É um grande testemunho de nossa fraqueza e imperfeição e não se encontra nos animais nos quais a imagem da natureza permanece muito mais inteira. Que loucura e raiva fazer tanta agitação, colocar em pena tantas pessoas, correr tantos perigos e acasos por mar e por terra para coisa incerta e duvidosa, como o é o fim da guerra. Correr com tanta fome e aspereza atrás da morte que se encontra por toda parte. E sem esperança de sepultura, ir matar aqueles que não odiamos, que não vimos nunca? E de onde vem este grande furor e ardor se não te fizemos nenhuma ofensa? Que frenesi e mania de abandonar seu corpo, seu tempo, seu repouso, sua vida e sua liberdade à mercê de outrem. Se expor a perder seus membros e se expor à coisas mil vezes piores do que a morte, ao ferro e ao fogo, ser furado, torturado, cortado, rasgado, rompido, cativo e prisioneiro para sempre? Tudo isto para servir à paixão de outrem, por uma causa que não sabemos se é justa, sendo comumente ordinariamente injusta. Pois as guerras são na maior parte das vezes injustas. E por um que não conheces, que não se preocupa nem pensa nunca em ti, mas quer montar sobre teu corpo morto ou estropiado, para ser mais alto e ver mais longe? Sem mencionar o dever dos sujeitos a seu príncipe e à sua pátria, mas limitando-nos aos voluntários livres e mercenários.

Quinta e última distinção e diferença entre os homens, extraída dos favores e desfavores da natureza assim como da fortuna.

Prefácio.

Esta última distinção e diferença é toda aparente e notória, possui vários membros e considerações que se resumem a dois chefes que podemos chamar

com o vulgar felicidade e infelicidade, grandeza e pequenez. À felicidade e à grandeza pertencem a saúde, a beleza e os outros bens do corpo, a liberdade, a nobreza, a honra, a dignidade, a ciência, a riqueza, o crédito e os amigos. À infelicidade e pequenez pertencem todos os contrários, que são as privações de todos estes bens. Destas coisas advém uma diversidade muito grande, pois somos felizes em uma destas coisas: ou em duas, ou em três, e não em outras e “isto mais ou menos”, por uma infinidade de graus: existem poucos ou nenhum homem feliz ou infeliz em todos. Quem tem a maioria destes bens, especialmente três (a nobreza, a dignidade ou a autoridade e a riqueza) é estimado grande, quem não tem nenhum dos três é estimado pequeno. Mas vários possuem somente um ou dois, e são médios entre os grandes e os pequenos. Seria bom um pouco de cada um.

Da saúde, beleza e outros bens naturais do corpo, foi dito acima: também de seus contrários como a doença e a dor.

Da liberdade e da servidão.

Capítulo LVIII

A liberdade é estimada por alguns um bem soberano, e a servidão um mal extremo, tanto que vários preferiram morrer e cruelmente que se tornar escravos do que correr o risco de ver a liberdade pública ou a deles perturbada. Pode haver nisso um excesso como em todas as outras coisas. Existe uma dupla liberdade: a verdadeira, do espírito está nas mãos de cada um e não pode ser arrebatada ou prejudicada por outrem, nem mesmo pela fortuna. A servidão do espírito, servir as cobiças, deixar-se reprimir pelas paixões, levar-se pelas opiniões, ao contrário, é a mais miserável de todas: ó lastimoso cativo! A liberdade corpórea é um bem muito estimável, mas sujeita à fortuna. Não é justo nem razoável (se

não está acrescentada alguma outra circunstância) preferi-la à vida, como os antigos, que escolhiam e preferiam dar-se a morte do que perder a liberdade do corpo, e eram reputados possuir grande virtude, uma vez que a servidão era considerada um mal muito grande. *Servitus obedientia est fracti animi et abjecti, arbitrio carentis suo*. Muitos grandes e muitos sábios foram servos como Regulus, Valeriano, Platão, Diógenes, também muitos maus e iníquos: e não pioraram por isso sua própria condição, permanecendo com efeito e na verdade mais livres do que seus mestres.

Da nobreza.

Capítulo LIX

A nobreza é uma qualidade rara por todo lado, mas honrosa, introduzida com grande razão e utilidade pública. Ela é diversa, tomada e entendida de forma diferente segundo as nações e os julgamentos, e podemos dividi-la em várias espécies. Segundo a opinião e o uso mais geral e comum, é uma qualidade de raça. Aristóteles diz que é a antiguidade da raça e das riquezas. Plutarco a chama de virtude de raça *ἀρετή γένους*, entendendo uma certa qualidade e hábito contínuo da raça. Sobre esta qualidade ou virtude não estão todos de acordo, exceto no fato de que ela seja útil ao público. Para a maioria seria a militar, para outros ainda a política, a literária dos sábios, a palatina dos oficiais do príncipe. Mas a militar tem a vantagem, pois além do serviço que assim como as outras ela traz para o público, é ainda árdua, laboriosa, perigosa e por isso seria mais digna e recomendável. Ela também foi trazida para nós como por *preciput*, o título honroso de coragem. Segundo esta opinião, é preciso então duas coisas na nobreza verdadeira e perfeita: profissão da virtude e qualidade útil ao público. Seria então como a forma, e a raça seria como o sujeito e a matéria, ou seja, a

continuação longa desta qualidade por vários graus e raças, e por tempo imemorial. Por isso são chamados em nosso jargão de gentios, ou seja, de raça, casa, família, trazendo por longo tempo o mesmo nome, e exercendo a mesma profissão. Por isso ainda é verdadeiro e inteiramente nobre aquele que faz profissão singular de virtude pública, servindo bem seu príncipe e sua pátria, descendendo de parentes e ancestrais que fizeram o mesmo.

Alguns separam os dois e pensam que um deles seria suficiente para a nobreza. Ou somente a virtude e a qualidade, sem nenhuma consideração da raça e dos ancestrais. Seria uma nobreza pessoal e adquirida, e se a tomarmos com rigor é rude que alguém vindo da casa de um açougueiro e vinhateiro seja considerado como nobre, não importando o serviço que possa fazer para o público. Todavia esta opinião existe em várias nações, notadamente nos turcos que desprezam a nobreza de raça e de casa, levando em conta unicamente a coragem militar pessoal e atual. Ou então unicamente a antiguidade da raça, sem profissão de qualidade, que estaria no sangue e seria puramente natural.

Se é preciso comparar estas duas nobrezas simples e imperfeitas, a bem julgar a pura natural é menor, ainda que vários digam o contrário, mas por grande vaidade. A natural é uma qualidade de outrem e não sua. *Genus et proavos et quem non fecimus ipsi, vix ea nostra puto: nemo vixit in gloriam nostram; net quod ante nos fuit nostrum est.* E o que sereia mais inepto do que glorificar-se de algo que não é seu? Ela pode cair em um homem vicioso, vagabundo, muito mal nascido e verdadeiramente mau em si. E também seria inútil a outrem, por não entrar em comunicação nem em comércio como o fazem a ciência, a justiça, a bondade, a beleza e as riquezas. Aqueles que não têm em si nada desta nobreza de carne e de sangue, a fazem valer, a têm sempre na boca,

incham as bochechas e o coração (eles querem poupar o pouco que têm de bom). A isto conhecemos-nos, está escrito que não há nada além disso, já que sempre param por aí. Isto é pura vaidade, toda sua glória lhes vem por instrumentos débeis, *ab utero, conceptu, partu*, e está sepultada sob o túmulo dos ancestrais. Assim como os criminosos perseguidos têm recurso aos altares e sepulcros dos mortos, e antigamente às estátuas dos imperadores, da mesma forma estes destituídos de todo mérito e matéria de verdadeira honra, têm recurso à memória e às armas de seus predecessores. De que serviria a um cego que seus pais tivessem vista boa, e a um gago a eloquência de seu avô? Contudo, são pessoas ordinariamente gloriosas, altivas e que desprezam os outros. *Contemptor animus et superbia commune nobilitatis malum.*

A pessoal e adquirida tem suas condições totalmente contrárias e muito boas. Ela é própria daquele que a possui, está sempre em um sujeito digno, além de ser muito útil aos outros. Podemos ainda dizer que ela é mais antiga e mais rara do que a natural, pois é por ela que a natural começou. Em uma palavra, é a verdadeira nobreza que consiste em efeitos bons e úteis, não em sonho ou imaginação vã e inútil, pois provém do espírito e não do sangue, que não é diferente nos nobres e nos outros. *Quis generosus? Ad virtutem a natura bene compositus animus facit nobilem, cui exquacunque conditione supra fortunam licet surgere.*

Mas elas estão facilmente e com frequência juntas, o que é perfeito. A natural é um encaminhamento e uma ocasião para a pessoal. As coisas retornam facilmente para seu princípio e seu natural. Como a natural tomou seu começo e seu ser da pessoal, ela também traz e conduz os seus à ela. *Fortes creantur fortibus: hoc unum in nobilitate bonum ut nobilibus imposita necessitudo*

videatur, ne a majorum virtute degenerent. Saber que se provém de pessoas de bem e que mereceram do público é uma obrigação e uma incitação poderosa para as belas façanhas da virtude. É feio negligenciar e desmentir sua raça.

A nobreza dada e outorgada pelo benefício e autorizada pelo príncipe, se está só, é vergonhosa e mais censurável do que honrosa. É uma nobreza em pergaminho, comprada por dinheiro ou favor e não pelo sangue, como se deve. Se ela é outorgada pelo mérito e serviços notáveis, então ela é reputada pessoal e adquirida, como foi dito.

Da honra.

Capítulo LX

A honra, dizem, ou é ruim quando é o preço e a recompensa da virtude, ou é menos mal quando é o reconhecimento da virtude, ou é uma prerrogativa de boa opinião e do dever externo para com a virtude. É um privilégio que tira sua essência principal da virtude. Outros disseram ser ela a sombra que segue a virtude e algumas vezes a precede, como faz o corpo. Mas a bem dizer, é o esplendor de uma ação bela e virtuosa que ressalta de nossa alma à vista do mundo e pelo reflexo em nós mesmos nos traz um testemunho daquilo que os outros acreditam de nós, se transformando em um grande contentamento de espírito.

A honra é tão estimada e buscada por todos que, para alcançá-la, empreendemos, resistimos e desprezamos qualquer outra coisa, até mesmo a vida. Todavia é uma coisa muito exilada, fina, mal assegurada, estranha e muito distante da coisa honrada. Não somente ele não entra nela e ela não lhe é interna ou essencial, mas também nem a toca (estando aquela o mais das vezes morta ou ausente, não sentindo nada). Ele para e permanece de fora à porta do seu nome

que recebe e carrega todas as honras e desonras, louvores ou censuras, e por isto dizemos ter o nome bom ou ruim. Todo o bem ou todo o mal que podemos dizer de César é carregado pelo seu nome. O nome não é nada da natureza ou substância da coisa, é somente a imagem que a representa, sua marca que a confronta e separa de outros, um sumário que a compreende em pequeno volume, que o tira e carrega inteiramente, o meio de gozar e usar (pois sem os nomes só haveria confusão, o uso das coisas se perderia, o mundo pereceria, como ensina ricamente a história da torre de Babel). Enfim, é o encaixe e o meio entre a essência da coisa e sua honra ou desonra, pois toca a coisa e recebe todo o bem ou mal que dizemos dela. A honra, antes de chegar ao nome da coisa, faz uma volta quase circular, como o sol, atingida em três pontos principais: a obra, o coração e a língua. Ela começa e é concebida como na matriz e na raiz, no que sai e é produzido pela coisa honrada de belo, de bom e de útil. É, como foi dito, o esplendor de uma bela ação. *Coeli enarrant gloriam Dei: pleni sunt coeli et terra gloria tua.* Não importa o valor, o mérito e a perfeição que a coisa tenha em si e em seu interior; se ela não produz nada de excelente, não é capaz de honra e é como se não o fosse. Daí ela entra no espírito e na inteligência, onde toma vida e se forma em uma opinião boa, elevada e grande, saindo finalmente daí, é levada pela palavra verbal ou escrita, volta pela reflexão e retorna fundir-se e terminar no nome do autor da bela obra, onde havia começado, como o sol no lugar de onde havia partido. Ela carrega então o nome de honra, de louvor, de glória e de renome.

A principal questão é para que ações a honra seria devida. Alguns pensam que geralmente seria por fazer bem seu dever e aquilo que cabe à sua profissão, ainda que não seja brilhante nem muito útil, assim quem sobre o cadafalso representa bem o personagem de um pagem não é menos louvado do que o que

representa o rei. Quem não pode trabalhar com estátuas de ouro não falha com as de cobre ou terra, nas quais pode mostrar a perfeição de sua arte da mesma maneira. Nem todos podem empregar-se ou serem chamados ao manejo dos grandes assuntos, mas o louvor está em fazer bem o que temos que fazer. Isto seria desbastar e aviltar demasiado a honra, que não é um lugar comum nem ordinário para qualquer pessoa ou qualquer ação justa e legítima. Nem toda mulher casta nem todo homem de bem possuem honra. Os sábios exigem para isso duas outras coisas, ou três. Uma estaria na dificuldade, na pena ou no perigo; a outra na utilidade pública. Pertence aos que administram e cumprem bem os grandes encargos que suas ações sejam boas e úteis. Terão assim aprovação, um bom renome entre os conhecedores e a segurança e proteção das leis; mas não a honra, que é pública e tem mais dignidade, esplendor e brilho. Alguns acrescentam uma terceira: que a ação não seja uma obrigação, mas um grande esforço.

O desejo de honra e de glória e a busca pela aprovação de outrem é uma paixão viciosa, violenta e poderosa, da qual falamos com a paixão da ambição. Apesar disto é muito útil para o público na medida em que contém os homens em seu dever, despertando-os e esquentando-os para as belas ações. Testemunho da fraqueza e insuficiência humanas que, na falta de uma boa moeda, emprega uma curta ou falsa. Diremos mais tarde em que medida e até onde seria desculpável ou digna de censura, e como a honra não é uma recompensa para a virtude.

As marcas da honra são muito diversas, mas as melhores e mais belas são aquelas sem proveito e sem ganho, e é tal que os homens maus e os que fizeram um serviço para o público com um trabalho mal feito, não podem inaugurá-la

nem fazer parte dela. Elas são melhores e mais respeitadas. Quando são vãs em si, não têm outro preço além de simplesmente marcar as pessoas com a honra e a virtude, como acontece em quase todos os governos com as coroas de louro, de carvalho, com certos trajes, com prerrogativa de algum sobrenome, com a presença nas assembleias ou com as ordens de cavalaria. Algumas vezes ainda há mais honra em não ter estas marcas de honra, tendo-as merecido, do que em possuí-las. Considero mais honroso, dizia Catão, que me perguntem porque não ergueram minha estátua na praça, do que se me perguntassem porque a ergueram.

Da ciência.

Capítulo LXI

A ciência é sim um belo ornamento, uma ferramenta muito útil para quem sabe fazer um bom uso dela, mas nem todos estão de acordo quanto ao lugar em que devemos colocá-la. Assim cometem dois erros contrários: uns estimam-na demasiado, outros muito pouco. Alguns a estimam tanto que preferem-na a qualquer coisa, pensando que é um bem soberano, uma espécie de raio da divindade: estes buscam-na com voracidade, com despesa e com grande pena; os outros desprezam-na e não consideram os que fazem dela sua profissão; a moderação é mais justa e segura. Coloco-a bem abaixo da prudomia, da saúde, da sabedoria, da virtude e ainda abaixo da habilidade nos negócios. Depois disso, a colocaria nas mãos e em concorrência com a dignidade, a nobreza natural e a valentia militar. E as deixaria de bom grado concorrer com a condição. Se fosse forçado a dar minha opinião a colocaria logo ao lado delas, ou imediatamente a seguir.

Como as ciências são diferentes quanto ao assunto, à matéria, ao

aprendizado e à aquisição, também o são quanto à utilidade, à honestidade, à necessidade, à glória e ao ganho. Umas são teóricas ou pura especulação, outras práticas ou em ação. Da mesma forma, umas são reais, ocupadas com o conhecimento das coisas fora de nós (sejam elas naturais ou sobrenaturais); outras particulares ensinam as línguas, a fala e o raciocínio. Sem nenhuma dúvida, que possuem mais honestidade, utilidade, necessidade, menos glória, vaidade, ganho mercenário são muitíssimo preferíveis às outras. Por isso as práticas são melhores porque olham o bem do homem, ensinam a bem viver e bem morrer, à bem comandar, à bem obedecer, e devem ser seriamente estudadas por quem busca a sabedoria. Esta obra é um compêndio e um sumário destas ciências práticas, ou seja Morais, Econômicas e Políticas. Depois delas estão as naturais, que servem para conhecer tudo o que está no mundo para nosso uso, levando-nos a admirar a grandeza, a bondade, a sabedoria e o poder do mestre Arquiteto. Todas as outras são vãs, ou deveriam ser estudadas sumaria e superficialmente, porque não servem em nada para a vida nem para tornar-nos pessoas de bem. Seria então uma pena e uma loucura empregar nisto tempo, tanta despesa e tanta pena, como fazem. É verdade que servem para acumular dinheiro e trazem reputação entre o povo, mas naqueles governos que já não se encontram são.

Das riquezas e da pobreza.

Capítulo LXII

Estes são os dois elementos e a fonte de todas as desordens, perturbações e movimentos encontrados no mundo. A excessiva riqueza de uns os levanta e leva ao orgulho, às delícias, aos prazeres, ao desdém dos pobres, à empreender e à perturbar. A extrema pobreza de outros os leva à inveja, ao ciúme extremo, ao

despeito, ao desespero e à tentar a fortuna. Platão os chama de peste das Repúblicas. Mas não se sabe ainda qual dos dois é o mais perigoso. Segundo Aristóteles seria a abundância, pois o estado não deve temer os que não não pedem mais do que viver e sim os ambiciosos e os opulentos. Segundo Platão seria a pobreza pois os pobres desesperados são animais terríveis e furiosos. Não tendo mais pão, não podendo exercer suas artes e ofícios, ou excessivamente carregados de impostos, aprendem da mestre de escola necessidade o que nunca teriam ousado por eles mesmos, e ousarão, pois são numerosos. Mas existe remédio melhor para estes do que para os ricos, e é fácil impedir este mal, pois não se movimentarão enquanto tiverem pão e enquanto puderem exercer seu ofício e viver dele. Nesse sentido, enquanto os ricos devem ser temidos por causa deles mesmos, de seu vício e de sua condição, os pobres devem ser temidos por causa da imprudência dos governadores.

Inúmeros legisladores e educadores de estado quiseram acabar com estas duas extremidades e com a grande desigualdade de bens e de fortunas, trazendo o meio termo e a igualdade que chamaram de mãe nutriz da paz e da amizade. Outros ainda quiseram colocar a comunidade nesta igualdade, o que só poderia acontecer pela imaginação. Além de ser impossível trazer igualdade por causa do número das crianças que crescem em uma família e não em outra, e que ela não pôde ser colocada em prática apesar do esforço e do custo colocados na tentativa; isto não seria conveniente nem oportuno, seria recair no mesmo mal por outro caminho. O ódio mais profundo se encontra entre iguais. A inveja e o ciúme dos iguais é a escola das perturbações, sedições e guerras civis. É preciso uma desigualdade moderada, a harmonia não está nos sons iguais, mas nos diferentes e nos bem sintonizados.

Nihil est aequalitate inaequalius.

A desigualdade grande e disforme dos bens vem de várias causas, especialmente duas. Uma se encontra nos empréstimos pecaminosas, como as usuras e os interesses pelos quais uns comem, roem e engordam com a substância de outros. *Qui devorant plebem meam sicut escam panis.* A outra está nas disposições, seja entre heranças, vendas, doações, doações por causa de casamento, ou testamento por causa de morte. Por todos estes meios, uns têm excessiva vantagem sobre os outros, que permanecem pobres. As filhas ricas e herdeiras são casadas com os ricos, e assim algumas casas se desmembram e se arrasam enquanto outras se elevam e enriquecem. Estes assuntos deveriam ser regrados e moderados, para que se saísse das pontas e extremidades excessivas, aproximando-se de algum modo do meio termo e da igualdade razoável. Porque igualdade inteira, não seria possível nem bom nem oportuno como foi dito. Isto será tratado na virtude da justiça.